



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

RAQUEL ALVES DOS SANTOS NASCIMENTO

**Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha**

São Paulo  
2016

RAQUEL ALVES DOS SANTOS NASCIMENTO

**Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha**

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Orientador: Prof. Dr. João Azenha Junior

São Paulo  
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

N244e Nascimento, Raquel Alves dos Santos  
Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha / Raquel Alves dos Santos Nascimento ; orientador João Azenha Junior. - São Paulo, 2016. 225 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos da Tradução.

1. Carolina Maria de Jesus. 2. Alemanha. 3. Recepção. 4. Tradução. 5. Linguística de Corpus. I. Junior, João Azenha, orient. II. Título.

Nome: Nascimento, Raquel Alves dos Santos

Título: Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Com amor e gratidão

A meus pais Edir e Maria Aparecida pelo carinho, exemplo de vida e apoio incondicional. Sem vocês nada disso seria possível.

A Fábio, meu companheiro, amigo, esteio e porto seguro pelo apoio, paciência e presença constante em mais essa etapa de minha vida.

A meus antepassados e familiares.

À Carolina Maria de Jesus.

## AGRADECIMENTOS

O período de mestrado foi marcado por muitas mudanças. Presenças positivas, foram fundamentais no processo de realização de mais essa etapa. Familiares, amigos e professores ajudaram de diversas formas, direta e indiretamente fornecendo a força necessária para a conclusão desse trabalho. É chegada a hora de agradecer:

A meus pais, Edir e Maria Aparecida, e irmãs Viviane e Edmila pelo carinho, compreensão, torcida, apoio incondicional e presença mesmo na distância.

A meu professor e orientador João Azenha, por quem tenho enorme admiração, pelo apoio, serenidade e palavras de compreensão quando a ansiedade parecia tomar conta da cena, pela valiosa orientação que superou a distância, pelos muitos ensinamentos que vão para além da academia.

À professora Lenita Esteves e à professora Stella Tagnin pelas contribuições fornecidas no Exame de Qualificação.

Às professoras Karin Volobuef, Stella Tagnin, Tinka Reichmann e aos professores Tércio Redondo e José Pedro Antunes por aceitarem gentil e prontamente compor minha banca.

À professora Juliana Perez por me encorajar a seguir com a vida acadêmica mesmo precisando conciliá-la a outras atividades e à professora Tinka Reichmann pelas orientações durante a graduação.

Ao professor Klaus Küpper pelo fornecimento de parte do meu *corpus* de pesquisa e pela forma atenciosa com que o fez.

À Lea K Ostmann da editora Fischer-Verlag pelas trocas de e-mails e indicações que me levaram ao Instituto de Pesquisa Jornalística (IZF), órgão que também agradeço pelo fornecimento da maior parte de meu *corpus* de pesquisa.

À Moema Augel e à professora Elzira Divina Perpétua pelas trocas de e-mail e auxílio no direcionamento da pesquisa.

Aos colegas e amigos da Pós-Graduação por dividirem temores e inseguranças e em especial ao Thales de Castro, por dividir suas experiências e fontes na pesquisa sobre recepção de literatura brasileira na Alemanha; ao Marcelo Moreira pelas palavras de incentivo sempre e pela valiosa leitura e considerações sobre o arcabouço teórico; à Gisele Rosa e Maysa Alves pelo apoio e conversas frutíferas sobre o processo de pesquisa.

Ao Departamento de Letras Modernas e ao programa de Estudos da Tradução por acolherem minha pesquisa, pela organização e atendimento atencioso sempre que precisei.

A todos os meus amigos, de perto e de longe, que tornaram minha vida, muitas vezes mais leve, pelas risadas, suporte, torcida e carinho. Em especial cito aqueles que foram diretamente essenciais para realização desse trabalho: Marciano Ventura por me apresentar Carolina Maria de Jesus; Angela Grillo pelo auxílio desde a escrita do pré-projeto; Fernanda Miranda pelas trocas sobre Carolina; Núbia Rinaldini, pelas valiosas leituras e sugestões durante todo o processo de escrita; Christiane Wolf, pela revisão dos textos em alemão e suporte nos bloqueios de escrita, Francine Camelim pela revisão final do trabalho; Nora Jacobs, Sandra Albuquerque, Samara Marreiro, Aline Fátima, Marina Sodré pela auxílio e conforto psicológico.

À Fabiana Carneiro, Ivanete Sampaio, Carlos Ximenes e Natalia Monte pelas conversas de incentivo no período final de redação do trabalho.

À Cidinha da Silva pelas palavras de encorajamento sobre o processo de escrita.

À Tati e Sara pela torcida e por preencherem meus primeiros dias em Salvador de forma tão carinhosa e amiga.

À pessoa que transformou minha realidade e a preencheu de amor, carinho, companheirismo, amizade e compreensão, meu marido Fábio Nascimento, pela paciência e presença em meus momentos de crise, pelas leituras e trocas sobre o meu trabalho, pelo incentivo em todas as esferas da vida.

À Deus, sobretudo.

## RESUMO

NASCIMENTO, Raquel A. S. **Do exotismo à denúncia social:** sobre a recepção de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha. 2016. 225f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

Esse trabalho visa examinar o potencial e o impacto da recepção, na Alemanha, do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, valendo-se para tanto de resenhas de jornais alemães publicadas sobre a obra e a autora para reunir elementos que nos possibilitem entender como e por meio de quais recursos e agentes, a tradução de *Quarto de despejo* alcançou sete edições naquele país. A moldura teórica para a esta pesquisa fundamenta-se nos Estudos Descritivos da Tradução - (TOURY 1995), (LÉFEVÈRE, 1992) e a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1979); bem como o conceito de paratexto de Genette (1987) - que marcam na década de 1970 uma mudança na maneira de estudar e entender a tradução de literatura, depositando seu foco no produto do traduzir, em seu público alvo e recepção. Também pilar dessa pesquisa é o trabalho com o *corpus* que tem por base a Linguística de Corpus que viabilizou a identificação de palavras-chave nos textos estudados. Estas nos permitiram mapear eixos temáticos, a partir dos quais apontamos aqui algumas condicionantes da recepção da obra, tanto em uma perspectiva sincrônica ao examinar cada texto em particular, quanto diacrônica ao estudar a evolução de conceitos no tempo. Estas condicionantes evidenciaram, a partir da repercussão de *Quarto de Despejo* e de Carolina de Jesus, um deslocamento do interesse na recepção da literatura brasileira traduzida na Alemanha do exotismo para a denúncia social.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Quarto de Despejo*, Carolina Maria de Jesus, Estudos Descritivos da Tradução, Linguística de Corpus, Recepção de Literatura Brasileira na Alemanha, Literatura Brasileira traduzida, Estudos de Recepção



## ABSTRACT

NASCIMENTO, Raquel A. S. **From exotism to social denounce:** reception of *Quarto de despejo*, by Carolina Maria de Jesus, in Germany. 2016. 225f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

This paper aims to examine the potential and impact of the reception of the book *Quarto de despejo* (*Child of the Dark*) by Carolina Maria de Jesus in Germany, making use of German newspaper reviews published about the work and the author, in the search of elements to understand how and by which resources and agents, the translation of *Quarto de despejo* hired seven editions in that country. The theoretical framework for this research is based on the Descriptive Translation Studies - (TOURY 1995), (LÉFEVÈRE, 1992), Even-Zohar's (1979) polysystems theory, Genette's (1987) paratext concept - and working with the corpus that is based on the Corpus Linguistics. The latter enabled the identification of key words in the studied texts, which allowed us to map out possible themes, from which we point out some conditions of the work's reception, both in a synchronic perspective to examine each text in particular, and in a diachronic one to study the evolution of concepts in time. This conditions showed, based on the repercussion of *Quarto de Despejo* and its authors Carolina Maria de Jesus, a transition in the brasilian literature reception interest, in Germany, from exotism to social denounce.

**KEYWORDS:** *Child of the dark*, Carolina Maria de Jesus, Descriptive Translation Studies, Corpus Linguistics, reception of Brazilian literature in Germany, translation of Brazilian literature, Reception Studies

## ZUSAMMENFASSUNG

NASCIMENTO, Raquel A. S. **Vom Exotismus zur sozialen Anklage**: die Rezeption von Carolina Maria de Jesus' Buch *Quarto de Despejo* in Deutschland. 2016. 225f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

Diese Arbeit beschäftigt sich mit dem Rezeptionspotenzial von Carolina Maria de Jesus' Buch *Quarto de Despejo* (dt. Titel *Tagebuch der Armut*) anhand der in deutschen Zeitungen erschienenen Rezensionen zu Buch und Leben der Autorin. Den theoretischen Rahmen für diese Forschung stellen die Deskriptive Translationswissenschaft - (TOURY 1995), (LÉFEVÈRE, 1992), Polysystem-Theorie von Even-Zohars (1979), Konzept der *Paratexte* von Genette (1987) - und die Arbeit mit dem Textkorpus basierend auf der Korpuslinguistik. Diese ermöglichte die Identifizierung von Schlüsselwörtern in den untersuchten Texten, die wiederum Themenstränge offenlegten, von denen ausgehend die Kontexte der Textrezeption sowohl in einer synchronen, jeden Text einzeln betrachtend, als auch in einer diachronen Perspektive, die Entwicklung der Konzepte mit der Zeit, aufgezeigt werden. Diese Themenstränge zeigten anhand der Resonanz von *Quarto de Despejo* and Carolina Carolina Maria de Jesus, eine Änderung in der deutschen Interesse an der brasilianischen Literatur, vom Exotismus zur sozialen Anklage.

**STICHWÖRTER:** *Tagebuch der Armut*, Carolina Maria de Jesus, Deskriptive Translationswissenschaft, Korpuslinguistik, RezeptionbrasilianischerLiteratur in Deutschland, Übersetzung brasilianischerLiteratur, Rezeptionsforschung

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Holmes's 'map' of translation studies .....	23
Figura 2 - imagem da página de Laurence Anthony: Baixando o AntConc.....	40
Figura 3 – AntConc: abrindo os arquivos do <i>corpus</i> 1 .....	41
Figura 4 - AntConc: abrindo os arquivos do <i>corpus</i> 2 .....	41
Figura 5 - AntConc: Selecionando códigos de idioma .....	42
Figura 6 - AntConc: gerando a lista de palavras .....	43
Figura 7 - BootCat: criando um corpus de referência .....	44
Figura 8 - AntConc: fazendo o upload do <i>corpus</i> de referência .....	44
Figura 9 - AntConc: gerando lista de palavras-chave de todo o <i>corpus</i> de estudo .....	45
Figura 10 - AntConc: linhas de concordância .....	47

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO I – MARCO TEÓRICO</b> .....	22
1.1. enquadramento do trabalho e discussão dos resultados.....	22
1.2. Para o tratamento do corpus .....	30
<b>CAPÍTULO 2 – MATERIAIS E MÉTODO</b> .....	35
2.1. Apresentação do corpus.....	35
2.2. O passo a passo da pesquisa .....	37
2.2.1. Preparação dos textos .....	30
2.2.2. Análise dos dados do corpus.....	46
<b>CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO</b> .....	51
3.1. Reflexões sobre a recepção de <i>Quarto de despejo</i> de Carolina Maria de Jesus na Alemanha.....	51
Resenha 1: Poetisa do lixo – diário de um bairro de miséria brasileiro.....	52
Resenha 2: Augias em São Paulo – Diário de uma negra da favela torna-se <i>bestseller</i> .....	56
Resenha 3: A mãe coragem preta do Canindé – sobre os diários de Maria Carolina de Jesus.....	61
Resenha 4: Cinderela negra – sobre o livro de cabeceira de uma negra brasileira .....	76
Resenha 5: Crônicas de uma negra brasileira .....	85
Resenha 6: Poetisa da Pobreza – as anotações de uma negra brasileira .....	88
Resenha 7: Nas Favelas .....	95
Resenha 8: Favelas, Sambas,Candomblé – dois livros de bolso do Brasil .....	101
Resenha 9: Carolina Maria de Jesus .....	107
Resenha 10: 50.000 em barracos .....	113
Resenha 11: Relato da miséria .....	117

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	123
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	129
I – Obras de Carolina Maria de Jesus .....	129
II – Referência utilizadas sobre Carolina Maria de Jesus .....	130
III – Resenhas que compõem o <i>Corpus</i> .....	131
IV – Obras que serviram de base à constituição do Marco Teórico .....	132
V – Referências gerais .....	134
VI – Outras fontes de consulta .....	135
IV – Sites visitados .....	135
<b>ANEXOS</b> .....	137
Anexo I – As resenhas .....	137
Anexo II – As listas de palavras-chave .....	167
Anexo III – Prints do processo metodológico.....	200
Anexo IV – Capas das edições brasileiras e alemãs de <i>Quarto de despejo</i> .....	205
Anexo V – Tabela-Síntese de análise.....	209

*“Alimentei, eduquei e amei meus três filhos.*

*Catei papel, revirei lixo.*

*Do papel também tirei meu alimento:  
a escrita.”*

*(Carolina Maria de Jesus)<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

O impacto que a leitura de *Quarto de despejo* suscitou em mim, instigou-me a estudar, enquanto pesquisadora da língua alemã, a recepção da obra de Maria Carolina de Jesus, na Alemanha. Para tanto, esta pesquisa dedica-se a investigar a obra pelo viés dos Estudos da Tradução.

Antes de adentrar no estudo da obra, julgo necessário dizer que o meu interesse pelos Estudos da Tradução nasceu ao frequentar disciplinas sobre o tema desde o bacharelado em Letras e participação em colóquios sobre o tema. Além disso, considero fundamental minha experiência, durante dois anos, como monitora no CITRAT (Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia), onde pude vivenciar cotidianamente diferentes discussões sobre o tema. A tradução tem se mostrado indispensável tanto para o desenvolvimento da própria área, como matéria de estudo, quanto para a contribuição a outras áreas do conhecimento. Esse conjunto de elementos, torna a tradução relevante ao desenvolvimento das línguas e culturas e, ainda, segundo Eckerman (1950, p. 103), leva à aproximação entre os povos, bem como à formação do indivíduo. Ilustrativo disso, é a ideia de Deslile e Woodsworth (1998) no prefácio de *Os tradutores na história*:

As pessoas têm traduzido desde época imemorial. (...) os tradutores serviam como elos vitais na vasta cadeia de transmissão do conhecimento entre sociedades separadas por barreiras linguísticas. Desde que os primeiros homens utilizaram a escrita, os tradutores têm construído pontes entre nações, raças, culturas e continentes. (DESLILE e WOODSWORTH, 1998, p. 9).

---

<sup>1</sup>As citações de Carolina muitas vezes aparecem sem referências precisas de onde foram retiradas, não ficando claro portanto, se é parte dos escritos inéditos dela ou entrevista.

Essa ideia converge para o artigo sexto do estatuto da FIT (Federação Internacional de Tradutores), que proclama a responsabilidade de “ajudar a difusão da cultura por todo o mundo”, o que nos remonta ao caráter humanístico e universal da tradução pregado por Goethe no séc. XIX<sup>2</sup> (ECKERMAN, 1950, p. 103).

Para Reiß & Vermeer (1991), “o aspecto dominante de toda tradução é o seu objetivo”<sup>3</sup>, o que desloca o foco da tradução do texto em si para o público-alvo e os diferentes objetivos almejados por ela, ou seja, a “tradução será tão diversa quanto diversas forem as circunstâncias de sua recepção e quanto forem diversos os seus objetivos” (COELHO, 2008, p. 33). Nessa mesma direção, caminham também os Estudos Descritivos da Tradução, os quais propõem a análise do texto traduzido de acordo com o modo como ele se manifesta no mundo (MUNDAY, 2001).

Servindo-me dessa discussão, a presente pesquisa dedica-se, portanto, a mapear o potencial da recepção das edições de *Tagebuch der Armut*<sup>4</sup> (1962, 1963), tradução do título original *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Embora não seja o foco desta pesquisa, vale ressaltar também, a obra *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), traduzida em 1964 sob o título *Haus aus Stein* (tradução direta.).

O ponto de partida desta pesquisa é o papel dominante da recepção e os objetivos envolvidos no ato tradutório. Assim, para mapear o potencial de recepção da autora e de uma de suas obras - *Quarto de despejo* -, pretende-se identificar e discutir aqui possíveis eixos temáticos presentes em resenhas de jornais da época e escritos sobre a autora a partir das traduções de sua obra na Alemanha.

Considerada, no Brasil, um fenômeno literário que atingiu o recorde de vendas de 10 mil exemplares na primeira edição, a escritora autografou mais livros do que recordistas anteriores como Jorge Amado<sup>5</sup> e ultrapassou o marco nacional com a tradução de sua obra para 13 idiomas (entre eles o alemão, inglês, japonês, polonês e turco) e publicada em mais de 40 países.

A obra em questão é o diário autobiográfico de uma catadora de papel que contempla, na transfiguração literária, seu cotidiano e o dia a dia de uma comunidade - a extinta favela

<sup>2</sup>A reflexão de Goethe sobre a tradução como diálogo entre culturas em diferentes momentos do tempo pode ser conferida em Heidermann (2010) e também em Azenha (2006), entre outros.

<sup>3</sup>Die Dominante aller Translation ist deren Zweck (p. 96)

<sup>4</sup>Nas traduções dos excertos utilizaremos a tradução literal do título em alemão *Tagebuch der Armut*, ou seja, *Diário da Pobreza* e não o título original.

<sup>5</sup>Dados recolhidos do jornal *Folha da Manhã* de 20 de agosto de 1960

do Canindé em São Paulo. Para além disso, a obra também registra fatos relevantes da vida social e política do Brasil entre 1955 e 1960.

Em diversas passagens, a autora trata de questões sociais e políticas de sua época, mencionando e criticando lugares, políticos e mídias. Apesar da pouca instrução, a autora mescla hostilidade e lirismo em suas narrativas. *Quarto de despejo*, que utilizou como suporte para sua escrita papeis encontrados no lixo, foi considerado um dos mais expressivos documentos sociais já produzidos em São Paulo.

Considerando a trajetória da autora, é necessário mencionar seu encontro com o repórter do jornal *A Folha da Noite*, Audálio Dantas, um dos mais importantes jornalistas brasileiros com forte atuação no sindicalismo e na política.

Em 1975, Audálio Dantas esteve à frente de protestos contra o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, ponto de partida para a reconquista das liberdades democráticas do país. Além disso, foi escritor de vários livros, entre eles *Ochão de Graciliano*, em 2007, com o qual recebeu o prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte).<sup>6</sup>

Em 1958, o jornalista assistira a uma discussão de Carolina de Jesus com adultos que utilizavam o recém-inaugurado *playground* da favela. Durante a discussão, a autora teria dito que denunciaria todos eles no livro que estava escrevendo. Após presenciar o ocorrido, o jornalista se aproximou da mulher e descobriu que ela escrevia, há mais de um ano, um diário no qual retratava o cotidiano da comunidade do Canindé. A partir de então, o repórter passou a ser detentor dos manuscritos e selecionou trechos dos textos que julgou mais relevantes para a preparação da edição da obra, promovendo o lançamento de *Quarto de despejo* em 1960. (No anexo IV-A é possível conferir as capas das edições brasileiras.)

Importante, porém, é ressaltar que não houve alteração do texto por Dantas, como pude verificar na análise dos manuscritos disponíveis no Museu Afro Brasil de São Paulo. Há, sim, a seleção de trechos e alguns cortes das partes mais repetitivas, como o próprio jornalista informa no prefácio do livro. Esses cortes foram, no entanto, também responsáveis, segundo estudiosos, por moldar texto e autora, bem como direcionar determinadas formas de leitura.

O sucesso-relâmpago da obra fez com que Carolina de Jesus se tornasse uma espécie de celebridade à época. Ela foi manchete em vários jornais que a chamaram de “escritora favelada” (*Folha da Manhã*, agosto de 1960), “favelada que escreve livro” (*Folha da Tarde*, maio de 1960) e “A catadora de papeis” (*Folha de S. Paulo*, fevereiro de 1977). Além disso, foi encenada, no início dos anos 1960, a peça *Quarto de despejo* que tinha a

---

<sup>6</sup>Disponível em: <http://www.ube.org.br/biografias-detalhe.asp?ID=129> (acesso em 10/10/2015)



atriz Ruth de Souza no papel da escritora. Em 2003, Jeferson De lançou o curta *Carolina*, premiado como o melhor curta-metragem em Gramado.

Na Alemanha, a tradução da obra foi realizada em um momento em que outros diários de cunho político-social eram traduzidos, como os diários de Erwin Behrens (*Diário de Moscou*), de Thilo Koch (*Diário de Washington*) e de Josef Müller-Marein (*Diário do Oeste*)<sup>7</sup>, revelando certa tendência da época por obras literárias voltadas para esse viés de denúncia política e social.

*Quarto de despejo*, traduzido para o alemão por Johannes Gerold, teve sete edições no período de 1962 a 1993. Segundo o quadro comparativo das edições no mundo de Perpétua (2014, p. 89), a Alemanha foi o país com o maior número de edições<sup>8</sup>(uma seleção das capas das edições em alemão pode ser encontrada no anexo IV-B). Além disso, em 1971, a cineasta alemã Christa Gottmann-Elter realizou um curta de 16 minutos sobre a vida da autora, utilizando a própria Carolina como protagonista. Impedido de ser exibido no Brasil por apresentar a miséria da favela paulistana do Canindé, o filme, restaurado pelo Instituto Moreira Salles (IMS) do Rio de Janeiro, só foi exibido pela primeira vez no país por ocasião do centenário de nascimento da autora, em 14 de março de 2014.

No ano de 2014, as comemorações do centenário de vida de Carolina Maria de Jesus trouxeram à tona várias pesquisas, documentos e textos inéditos. Algumas mereceram inclusive destaque na publicação de março de 2015 da revista FAPESP como a tese de doutorado da historiadora Elena Pajaro Peres intitulada “*Exuberância e invisibilidade. Populações moventes e cultura em São Paulo, 1942 ao início dos anos 70*” e defendida em 2007. Em sua tese, a pesquisadora descreve Carolina como “escritora, lavradora, catadora de papel, compositora, sambista, poetisa, dramaturga, cantora, atriz circense e raizeira”<sup>9</sup>.

Além de apresentarem um outro perfil da escritora, essas pesquisas revelaram uma produção escrita inédita e volumosa de Carolina: “mais de cinco mil páginas manuscritas, totalizando 58 cadernos que contêm 7 romances, mais de 60 textos com características de crônicas, fabulas, autobiografia e contos, mais de 100 poemas, quatro peças de teatro e 12 marchinhas de carnaval, segundo levantamento feito pela doutoranda Raffaella

---

<sup>7</sup>Informações retiradas das últimas páginas da edição traduzida para o alemão de *Casa de Alvenaria “Das Haus aus Stein”*, Christian Wegner Verlag, Hamburg, 1964.

<sup>8</sup>Segundo Levine, o número de cópias na Alemanha pode ter excedido 70 mil cópias (Cf. LEVINE, 1994<sup>a</sup>, p. 65 apud PERPÉTUA, 2014, p. 90)

<sup>9</sup>Raizeira é um termo utilizado para se referir a mulheres que usam raízes em tratamento médico. Revista FAPESP, nº 231, maio de 2005, p. 78

Fernandez”.<sup>10</sup> Isso sem mencionar os outros três livros publicados em vida – *Casa de Alvenaria*, *Provérbios e Pedacos da Fome* e *Diário de Bitita*, publicado postumamente.

2014 foi também o ano em que a Prof. Dra. Elzira Perpétua, da Universidade Federal de Ouro Preto, lançou seu livro *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*, resultado de sua tese de doutorado, onde comparou os diários publicados e os manuscritos originais de Carolina. Segundo a reportagem por ocasião do lançamento do livro, *A vida escrita* mostra como foram construídos dois “personagens”: o livro *Quarto de despejo* e a escritora Carolina Maria de Jesus. Em entrevista, Perpétua (2014) conclui que houve a intenção de compor a imagem de uma Carolina “vítima social – objeto, e não sujeito –, desamparada por todos e resignada com sua sorte”. Sobre *Quarto de despejo*, a autora observa na mesma entrevista que

o projeto de *Quarto de despejo* realizou-se como ato intencionalmente predeterminado de conferir à publicação um valor de representação coletiva da miséria e do abandono do favelado. Para cumprir esse objetivo, foi necessário que o editor adaptasse a narradora a um modelo de sujeito que convergisse para uma personagem que, além de íntegra, forte, resignada e atenta aos problemas da comunidade, fosse também submissa, passiva, sem capacidade de julgamento, sem liberdade interior — enfim, produto e não produtora de um destino”.<sup>11</sup>

Vemos, portanto, que o que conhecemos de Carolina Maria de Jesus é insuficiente diante de sua vasta produção e pelo processo de edição sofrido por seus textos. Assim, podemos afirmar que a fortuna crítica carolineana, iniciada como já mencionado nos anos 1990, está em seu momento de auge e que várias pesquisas têm sido feitas no sentido de complementar ou alterar a imagem “moldada” da autora e a leitura direcionada da obra, para o que a análise dos manuscritos tem sido fundamental.

Não podemos deixar de mencionar as pesquisas de Robert Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy, considerados precursores na investigação do fenômeno Carolina, que publicaram em 1994 o ensaio *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* pela Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e em 1996 *Meu estranho diário* pela editora Xamã. Sobre a trajetória de Carolina os dois autores escreveram:

É a fome não silenciada, o não-ter, o não-ser nada, além de miserável, o ser preta [sic] e mulher, além de outros vazios sociais que a vergam e desesperam que a escritora põe no livro que marcou sua trajetória “incomum e perturbadora”. (MEIHY e LEVINE, 1994)

<sup>10</sup>Idem, p. 78

<sup>11</sup>[http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/05/10/noticia\\_pensar.154505/em-busca-de-uma-voz.shtml](http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/05/10/noticia_pensar.154505/em-busca-de-uma-voz.shtml) (Último acesso: 18/11/2015)

Há ainda outras publicações que merecem destaque, como por exemplo: *O estranho diário de uma escritora vira-lata* de Germana Henrique Pereira, professora da Universidade de Brasília; a biografia *Muito bem, Carolina!*, de Marília Novais da Mata Machado; *Carolina Maria de Jesus – Uma escritora improvável*, de Joel Rufino dos Santos. São apenas alguns exemplos que ilustram o interesse de pesquisadores pelo tema, já que um levantamento exaustivo de toda a fortuna crítica sobre Carolina e sua obra extrapolaria o escopo de um trabalho que, como este, se ocupa do potencial de recepção da obra de Carolina traduzida na Alemanha.

Para os Estudos da Tradução, esta pesquisa se justifica pela contribuição no sentido de mostrar e reafirmar que o ato tradutório vai além da pura e simples transcodificação, mas tem antes, como elemento motivador, um objetivo e uma finalidade. A identificação desse elemento motivador nos paratextos (GENETTE, 2006) de *Quarto de despejo*, bem como das influências político-culturais e literárias trazidas à tona pelos articulistas dos textos de jornais analisados, vem somar às pesquisas já realizadas e em curso até o momento o ângulo de visão estrangeiro, mais especificamente alemão, sobre uma obra de Carolina: *Quarto de despejo*.

Nesse sentido, o exame do potencial da recepção, conforme detalharemos a seguir, pode nos trazer elementos para entender como e por meio de quais recursos e agentes, a tradução de *Quarto de despejo* na Alemanha alcançou sete edições. Em sua teoria dos polissistemas literários, Even Zohar (1978), acredita que a literatura traduzida pode vir a preencher uma lacuna no sistema literário de destino. Interessa-nos, dessa forma, identificar que lugar no polissistema literário alemão teria sido preenchido por *Quarto de despejo*.

Outra contribuição deste trabalho diz respeito à originalidade. Apesar de existirem diversas pesquisas, dissertações e teses sobre o livro *Quarto de despejo*, nenhuma delas se voltou ainda à análise do potencial de recepção da obra e da autora a partir de resenhas de jornais publicadas na Alemanha. Portanto, este estudo de caso contribui, também, para incrementar um pouco o mapeamento das mudanças que ocorreram paulatinamente no modo como a literatura brasileira traduzida na Alemanha vem sendo recebida ao longo do tempo.

Assim, partindo da hipótese de que a tradução do livro de Carolina Maria de Jesus resulta de um interesse alemão pela dimensão social de sua obra enquanto reflexo de uma situação brasileira, acreditamos que a recepção da obra de Carolina de Jesus ilustra um deslocamento do interesse dos alemães pelo Brasil, inicialmente motivado por uma imagem associada à exuberância da natureza, para questões sociais marcadas de maneira peculiar

por favelas, lixões, catadores de lixo etc. Procuramos, então, confirmar tal hipótese pelo estudo das resenhas de jornais alemães escritos sobre a autora e sua obra traduzida na Alemanha.

Por último, mas não menos importante, esta pesquisa soma-se às demais no sentido de contribuir para o resgate e o cultivo da memória de Carolina e de sua obra, num país que, como o nosso, possui tantas lacunas no que respeita à preservação de sua história.

Para tanto, são objetivos desta dissertação, em síntese:

- (1) examinar o potencial de recepção da autora e da obra na Alemanha a partir da análise de resenhas de jornais publicadas entre os anos de 1962 a 1996;
- (2) analisar e comparar as palavras-chave dos artigos de jornais publicados sobre a obra e a autora, a fim de identificar possíveis eixos temáticos de recepção;
- (3) contribuir, a partir de um estudo de caso, para a reflexão acerca do modo como a literatura brasileira, ao longo da história de suas traduções para o alemão, foi sendo percebida e recebida por ângulos diferentes; e
- (4) contribuir para o resgate da memória da autora e de sua obra.

A fim de cumprir esses objetivos, essa dissertação está dividida nas seguintes seções:

O capítulo 1 apresenta, num primeiro momento, as teorias que fundamentam o trabalho e a discussão dos resultados. São elas: os Estudos Descritivos da Tradução (TOURY, 1995), (LÉFEVÈRE, 1992) e a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1979); bem como o conceito de paratexto de Genette (1987). Os conceitos desses referenciais teóricos, considerados de forma articulada, permitiram-nos olhar para o produto da tradução em relação à sua cultura-alvo, inferir as condicionantes de recepção de literatura traduzida no polissistema literário alemão e identificar os agentes que atuaram na recepção da obra de Carolina Maria de Jesus na Alemanha. Ainda neste capítulo são apresentadas, num segundo momento, as diretrizes da vertente teórico-metodológica que serviu de embasamento ao tratamento do corpus: a Linguística de Corpus.

O capítulo 2 apresenta, na descrição dos materiais e métodos, as 11 resenhas de jornal sobre a tradução alemã de *Quarto de despejo* com título, nome do articulista, data de publicação e meio de veiculação. A essa apresentação segue-se, então, a descrição do

passo a passo da pesquisa: os primeiros contatos com o corpus, a demonstração da metodologia baseada na Linguística de Corpus (seleção das palavras-chave, verificação das concordâncias, entre outros procedimentos) até chegar à seleção dos eixos temáticos de recepção.

O capítulo 3 traz a discussão de cada resenha a partir de seus eixos temáticos. De acordo com as concordâncias, foram selecionados excertos de cada resenha, os quais são apresentados em paralelo com suas traduções.

As considerações finais apresentam uma síntese das conclusões parciais acerca do potencial e do impacto da recepção, propõem algumas respostas possíveis e, dada a grande possibilidade de formas de observações e estudos, abrem espaço para outras investigações.

Seguem-se as Referências Bibliográficas e os Anexos, assim divididos: (I) Resenhas na íntegra, (II) Listas de palavras-chave, (III) *Prints* de diferentes passos do processo metodológico, (IV) as capas das edições brasileiras e alemãs de *Quarto de despejo* e (V) Tabela de síntese das resenhas e Lista das referências utilizadas nas resenhas.

## 1 MARCO TEÓRICO

O marco teórico deste trabalho está dividido em duas partes: a primeira voltada ao enquadramento do trabalho e à discussão dos resultados e a segunda à descrição e ao tratamento do *corpus*.

A primeira parte tem como pilar os Estudos Descritivos da Tradução, a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1979) e o conceito de paratexto de Genette (1987). A articulação dessas três abordagens nos permitiu (1) lançar um olhar prospectivo sobre o produto da tradução e sua cultura-alvo, (2) inferir as condicionantes da recepção e a inter-relação constante do subsistema de literatura traduzida com outros subsistemas e áreas de conhecimento e (3) identificar os agentes, a partir de um estudo das normas de tradução de Toury (1995) e das reflexões de Genette (1987), que atuaram no monitoramento da recepção da obra de Carolina de Jesus na Alemanha.

Quanto à segunda, esta será destinada à descrição e ao tratamento do *corpus*. Para tanto, optamos por embasar nossas considerações em conceitos da Linguística de *Corpus*, essa considerada tanto como apoio teórico, quanto como ferramenta.

### 1.1. Para o enquadramento do trabalho e a discussão dos resultados:

Tendo como objetivo o estudo da recepção de literatura brasileira traduzida na Alemanha a partir de textos que se localizam no entorno do livro traduzido (paratextos), ou seja, de resenhas de jornal sobre a obra *Quarto de despejo* e sua autora Carolina Maria de Jesus, esta pesquisa se apoia, como citado anteriormente, no seguinte arcabouço teórico: conceitos dos Estudos Descritivos da Tradução (EDTs), dentre os quais nos aprofundamos na teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1979), base para os primeiros desenvolvimentos dos EDTs e pilar para os estudos de recepção dessa pesquisa; normas de tradução de Toury (1995) e conceito de paratextos de Genette (1987). Estes últimos responsáveis, nesta pesquisa, para a interface com o *corpus* propriamente dito.

Os Estudos Descritivos da Tradução (EDTs) marcam, na década de 1970, uma mudança na maneira de estudar e compreender a tradução de literatura. Eles colocam o foco, até então depositado no processo tradutório e no texto original, no produto do traduzir, em seu público alvo e na recepção de literatura. Nesse sentido, o caráter descritivo dos EDTs, que se opõe à postura prescritiva das teorias precedentes é vital para o presente estudo, que tem como intuito mapear e circunscrever as condições de recepção da obra

*Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. Além disso, o enfoque dos EDTs leva em consideração a maneira com que as traduções se "manifestam no mundo da experiência" (HOLMES, apud SHUTTLEWORTH, 1988, p. 71). De fato, Holmes (1972/1988), enquanto precursor da estruturação e nomeação do novo campo disciplinar voltado para a tradução, também define os EDTs como uma abordagem voltada aos fenômenos empíricos da tradução como objeto de estudo, o que mais uma vez, reforça a virada de olhar para o produto da tradução. O gráfico a seguir ilustra bem as diferentes abordagens:

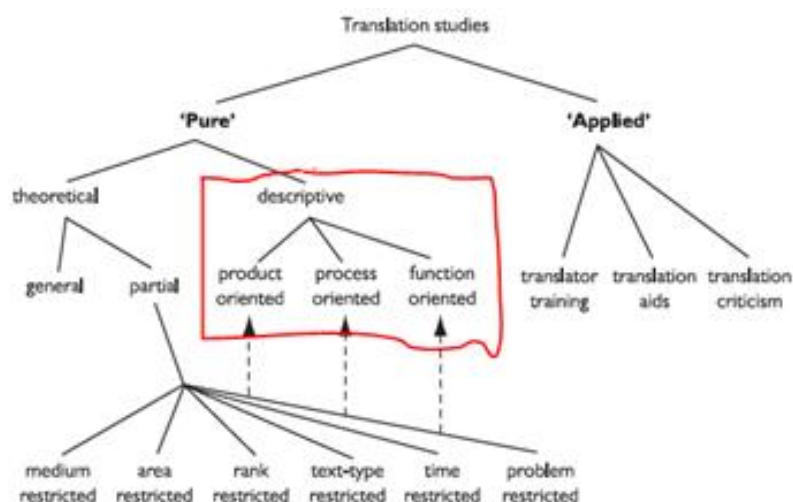


Figura 1 - Holmes's 'map' of translation studies (Toury, 1995, p. 10)

Seguindo nessa mesma direção, a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1979) vem fundamentar a pesquisa, no que diz respeito à posição que a obra de Carolina Maria de Jesus assumiu no sistema literário alemão, a partir da análise de sua fortuna crítica. Itamar Even-Zohar dedicou-se a examinar a posição da literatura traduzida em uma cultura alvo. A partir da noção de sistema de Iuri Tinianov, que vê a literatura de uma determinada cultura como parte de uma rede, ligada a aspectos culturais e sociais, Even-Zohar desenvolve o conceito de polissistema, definido como:

(...) um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com intersecções e superposições mútuas, que usa diferentes opções simultâneas, mas que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes (EVEN-ZOHAR, 1999a, p. 6)

Para o teórico, trata-se aqui de um sistema heterogêneo que sofre influência das várias áreas do conhecimento, muito além, portanto, da literatura. Nesse contexto, têm importância, por exemplo, a cultura em que o sistema literário está inserido e o seu mercado editorial, ambos condicionantes para a recepção de determinada obra traduzida. Em nosso caso, especificamente, tínhamos nos anos 1960 na Alemanha, uma abertura para literaturas

que explorassem a dimensão social. Como vimos na Introdução, a tradução de *Quarto de despejo* ocorreu em um momento em que outros diários de cunho social estavam sendo traduzidos e publicados, em especial, pela editora Christian Wegner. Constata-se, assim, que havia uma *lacuna*, no mercado editorial alemão da década de 1960, de um tipo de literatura caracterizada pelos relatos.

Contribui também para essa abertura, o fato de que, nesta mesma época, transcrições de relatos de imigrantes e refugiados estarem sendo publicadas. O texto de Carolina parece, portanto, ter surgido nesse contexto como algo autêntico, uma vez que não se tratava de uma transcrição de um relato, mas de um relato escrito em primeira pessoa.

Uma vez adentrado no polissistema literário da cultura meta, há que se considerar que nesse sistema heterogêneo, há espaço para as literaturas canônicas localizadas ao centro do sistema e, também, para as literaturas não canônicas, situadas na periferia. Sobre elas, Even-Zohar faz o seguinte esclarecimento e distinção:

Por 'canonizadas' entendemos aquelas normas e obras literárias (isto é, tanto modelos como textos) que nos círculos dominantes de uma cultura se aceitam como legítimas e cujos produtos mais sobressalentes são preservados pela comunidade para que formem parte da herança histórica desta. 'Não canonizadas' quer dizer, pelo contrário, aquelas normas e textos que estes círculos recusam como ilegítimas e cujos produtos, em larga escala a sociedade esquece com frequência, (a não ser que seu *status* mude). (EVEN-ZOHAR, 1999<sup>a</sup>, p. 10)

Ao contrário das obras canonizadas, que estão no centro do sistema, podemos entender como não canonizadas a literatura regionalista, panfletária, infantil e traduzida, as quais se localizam, geralmente, na periferia do polissistema. As tensões entre periferia e centro é que permitem que obras canonizadas saiam do centro e por vezes, também, que obras da periferia se desloquem para lá. Isso explicaria o fato de a literatura traduzida vir a fazer parte, de modo representativo, no polissistema literário de outra cultura, quando existem lacunas para que isso aconteça. Nas palavras de Even-Zohar:

quando um polissistema ainda não está cristalizado, a saber, quando uma literatura é 'jovem' este processo de construção; quando uma literatura é 'periférica' (dentro de um amplo grupo de literaturas inter-relacionadas), ou 'fraca', ou ambas as coisas; e quando existem pontos de inflexão, crises ou vazios literários em uma literatura. (EVEN-ZOHAR, 1999<sup>b</sup>, p. 84).



Portanto, não bastam apenas situações culturais favoráveis e interesse do mercado editorial para que uma literatura traduzida aja ativamente em uma cultura meta. Há que existir vazios literários no polissistema e um sistema literário cristalizado, forte e referencial como o alemão dificilmente os teria a menos que os “círculos dominantes” se interessassem o suficiente pela obra. O número de edições de *Quarto de despejo* na Alemanha revela esse interesse. A análise das resenhas de jornal, conforme veremos adiante, nos levou a crer que o ineditismo presente tanto no eixo temático social quanto no literário pode ter motivado esse interesse.

Coadunando com essa abordagem, Toury (1995, p.13) acredita que a tradução ocuparia uma posição no sistema social e literário da cultura de destino e essa posição determinaria as estratégias de tradução aplicadas. Em sua obra seminal, Toury (1995) propõe três fases metodológicas para a sistematização dos EDTs:

- (1) Situar o texto na cultura meta, observando seu significado ou aceitabilidade;
- (2) Comparar as mudanças do texto alvo e o texto meta, identificando relações entre os ‘pares acoplados’ de segmentos do texto fonte e texto meta;
- (3) tentar elaborar generalizações, reconstruindo o processo de tradução para os pares texto-fonte e texto-meta. (TOURY 1995 *apud* MUNDAY, 2008, p. 111, tradução nossa)<sup>12</sup>

Dessa forma, o teórico procura investigar as características que distinguem um texto traduzido de outros, produzidos no interior de um determinado polissistema (Even-Zohar, 1990) e desenvolve outro conceito basilar no desenvolvimento desta pesquisa: as normas de tradução. A partir das três fases apresentadas, ele propõe três tipos de normas de tradução: normas preliminares (*preliminar norms*), iniciais (*initial norms*) e operacionais (*operational norms*). Para o autor, normas nada mais são que:

A tradução de valores ou ideias gerais compartilhados por uma comunidade – quanto ao que é certo e o que é errado, adequado ou inadequado – em instruções de desempenho adequados para e aplicáveis a situações particulares. (TOURY, 1995, p.55).

As normas preliminares dizem respeito a uma política de tradução definida, ou seja, a fatores que determinam a tradução ou não de determinado texto para determinado sistema linguístico e cultural. Determinam, além disso, a estratégia de tradução a ser utilizada.

---

<sup>12</sup>(1) Situate the text the target culture system, looking at its significance or acceptability; (2) compare the ST and the TT for shifts, identifying relationships between ‘coupled pairs’ of ST and TT segments; (3) Attempt generalizations, reconstructing the process of translation for this ST-TT pair.

As normas iniciais são as normas que consideram as exigências de dois diferentes pólos: os textos fonte e meta. Elas determinam a escolha básica entre as exigências das duas culturas envolvidas: ou o tradutor se submete ao texto de partida e às normas presentes no processo de sua produção, ou então às normas atuantes na cultura alvo. No primeiro caso, preocupando-se com a adequação e, no segundo, com a aceitabilidade. A adequação seria então, para Toury (1995), a tendência do tradutor de se adequar às normas da língua e da cultura do texto fonte e aceitabilidade seria a tendência do tradutor de traduzir levando em consideração a cultura e normas da língua da cultura alvo.

As normas operacionais dizem respeito às tomadas de decisão durante o processo tradutório. Por sua vez, elas se subdividem em normas matriciais (*matricial norms*) e linguístico-textuais (*text-linguistics norms*): as primeiras determinam os acréscimos, omissões, alterações e segmentações no texto-meta em relação ao texto-fonte; as segundas governam a seleção de material linguístico – itens lexicais, frases e características estilísticas (MUNDAY, 2012, p. 174).

Para o teórico, o processo de traduzir visa um papel específico para o texto traduzido, moldando-o de forma que se torne um produto “apropriado” de acordo com suas normas, lembrando, porém, que “traduções são fatos das culturas-alvo” (TOURY, 1995, p. 29).

Como não trataremos da tradução da obra *Quarto de despejo* em si, isto é, do “miolo” do livro, mas das condicionantes de sua recepção, pudemos, em nosso estudo, verificar a atuação de ‘normas’ preliminares operando sob nosso objeto. Como veremos mais adiante, no capítulo de análise, será mais de uma vez citado o sucesso mundial e rápido do livro, a temática de uma miséria peculiar e a biografia da autora como fatores de interesse que poderiam ter aberto espaço para condições favoráveis à tradução da obra.

Somado a isso, a noção de reescritura de Léfevère (1992) também está em consonância com os objetivos desta pesquisa, uma vez que também temos por meta verificar nas resenhas sobre a tradução de *Quarto de despejo* para o alemão a interferência de agentes – nos termos de Léfevère (1992), a manipulação – de que resultou a integração da obra ao polissistema literário alemão. Também é de nosso interesse levantar as possíveis motivações que levaram a essa integração da maneira como ocorreu.

Para o teórico,

(re)escrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. As reescritas podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos recursos, e a história da tradução é também a história

da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra. Mas a reescrita também pode reprimir a inovação, distorcer e controlar, e em uma época de crescente manipulação de todos os tipos, o estudo dos processos de manipulação da literatura, exemplificado pela tradução, pode nos ajudar a adquirir maior consciência a respeito do mundo em que vivemos. (LÉFEVÈRE, 1992, p. vii)

Portanto, a reescritura também pode servir para direcionar a recepção de determinada obra e formar/manipular opiniões sobre ela. Isso se levarmos em consideração que a tradução da obra já pode imprimir traços de manipulação no sentido de adequar o produto (o livro traduzido) à sua cultura-alvo e às intenções do meio que a publica (suas tendências e crenças). Os paratextos podem ser considerados, nesse sentido, reescrituras que, de certo modo, vão atuar como agentes de manipulação da recepção e também como formadores de opinião de determinada obra.

Ao analisarmos as resenhas sobre *Quarto de despejo* e sua autora Carolina Maria de Jesus, percebemos uma tentativa de enquadrar a autora nos padrões da cultura alemã, ou mesma adequá-la às expectativas do público leitor de cada meio de veiculação das resenhas, ora recriando sobre fatos de sua biografia, ora comparando-a (ou sua obra) com autores e personagens importantes da literatura alemã.

A nosso ver, a recriação dos fatos sobre a biografia da autora é o fator que mais expressou a necessidade de adequação ao público alemão conservador. Foram acrescentados fatos que não puderam ser encontrados e nem reconstituídos nas fortunas críticas anteriores: o da existência de um marido doente, pai dos três filhos, por exemplo. Como veremos no capítulo dedicado à análise (capítulo 3, resenha I), Carolina nunca fora casada e nem cuidara de nenhum homem doente. No entanto, parece que para o público leitor da resenha seria natural pensar que se Carolina tinha filhos ela também teria um marido.

Esses exemplos coadunam também com o que Léfevère (1992) chamou de “corpo regulador” e “código de conduta, poética” do sistema literário (VENUTI, 2000, p. 236) – de certa forma essa noção da existência de reguladores e regras dentro do sistema literário parece ser um fator comum entre Even-Zohar, Toury e Léfevère, cada qual em seu enfoque. No caso de Léfevère (1992) a aplicação se estende aos textos produzidos pela crítica literária, nosso objeto de pesquisa. No que diz respeito à poética, o autor afirma:

O sistema literário também possui uma espécie de código de conduta, uma poética. Essa poética consiste tanto num inventário de referência (gênero, certos símbolos, caracteres, situações típicas) quanto num componente "funcional", uma ideia de como a literatura pode ou tem permissão para

funcionar na sociedade. Em sistemas com patronagem não diferenciados, críticos estabelecidos serão capazes de impor uma poética. Em sistemas com patronagem diferenciadas competirão várias poéticas, cada uma delas tentando dominar o sistema como um todo e cada uma terá seu próprio estabelecimento de crítica, aplaudindo o trabalho que foi produzido com base em sua própria poética e criticando o que a concorrência propõe, relegando-a ao limbo da “baixa” literatura, ao reivindicar o lugar elevado para si mesmo. A lacuna entre “alta” e “baixa” aumenta na medida em que aumenta a comercialização. (VENUTI, 2000, p. 236, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Essa tensão na regulamentação de uma poética a depender do sistema literário, refletiu de certa forma na tensão de diferentes opiniões de algumas resenhas acerca da obra de Carolina no que diz respeito à poética. Ainda assim, parece haver nelas um consenso de que mesmo quando se enxerga literariedade, esta deve ser considerada em “outro nível” da obra literária. Vejamos alguns exemplos:

“Se uma obra de arte nunca pode ser uma manifestação do acaso, mas sempre e tão somente o produto de uma vontade disciplinada, então Carolina é uma poetisa.” (Resenha 1)

“Talvez encontremos o sentido profundo de seu [de Carolina] documento humilde, quase analfabeto sobre a miséria humana em uma analogia desconfortante com a obra de Kafka – naturalmente em outro grau da manifestação literária”. (Resenha 3)

Alguns críticos afirmam ter encontrado no relato dela até mesmo “belezas literárias”. Para que esse absurdo? Não se trata aqui de literatura.” (Resenha 7)

No trecho da resenha 1, há a referência a uma poética da arte que determina o que viria ser uma obra de arte. Valendo-se desse argumento, o resenhista classifica Carolina como poetisa. No exemplo retirado da resenha 3, vemos que o texto também se baseia em uma poética, de tal modo que ao comparar a obra carolineana com a kafkiana, o articulista sente a necessidade de deixar claro que a comparação é feita em outro grau da

---

<sup>13</sup>The literary system also possesses a kind of code of behaviour, a poetics. This poetics consists of both an inventory component (genre, certain symbols, characters, prototypical situations) and a “functional” component, an idea of how literature has to, or may be allowed to, function in society. In systems with undifferentiated patronage the critical establishment will be able to enforce the poetics. In systems with differentiated patronage various poetics will compete, each trying to dominate the system as a whole, and each will have its own critical establishment, applauding work that has been produced on the basis of its own poetics and decrying what the competition has to offer, relegating it to the limbo of “low” literature, while claiming the high ground for itself. The gap between “high” and “low” widens as commercialization increases.

manifestação literária. Já o excerto referente à resenha 7 não enquadra a obra de nossa autora de maneira alguma no sistema literário alemão, amparada certamente na noção de poética que impera nele. Portanto, percebemos que os críticos se permitem buscar o enquadramento ou não de determinada obra com suas reescrituras, guiados talvez por ideologias e “poéticas” individuais.

Na tentativa de circunscrever essa dimensão individual de cada resenha, apoiamo-nos na perspectiva paratextual baseada na obra de Genette (1987). Ela nos permitiu, antes de tudo, justificar a utilização das resenhas de jornal sobre a obra, nosso *corpus* de pesquisa, como arcabouço para mapear o potencial de recepção de *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. Isso porque Genette (1987) define o lugar do paratexto como sendo “o lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público” (p. 8) e, ainda, “aquilo que por meio de um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (p. 9-10).

Segundo o teórico, os elementos paratextuais podem ser obrigatórios, como o título e o nome do autor ou opcionais, como ilustrações e prefácio, e teriam a função de anunciar o texto ao mundo, torná-lo público, além de induzirem o entendimento sobre o livro. No entanto, Genette (1987) não se atém somente aos textos e elementos presentes no livro, mas também àqueles que anunciam o texto fora dos limites do livro. Esses dois tipos de paratextos são por ele classificados como peritexto e epitexto respectivamente. Nas palavras do teórico, os epitextos seriam:

Todas as mensagens que se situam, pelo menos na origem, na parte externa do livro: em geral num suporte midiático (conversas, entrevistas) ou sob a forma de uma comunicação privada (correspondências, diários íntimos e outros). (GENETTE, 2009, p.12).

Dessa maneira, nosso *corpus* de pesquisa pode ser classificado como epitextos, pelo fato de se situarem fora dos limites do livro, e também por terem tido um suporte midiático, um meio de veiculação: o jornal. Portanto, lidamos aqui com textos de alcance público, voltados a um leitor geral, mas de certa forma também específico, uma vez que se destinam àqueles leitores de determinados jornais ou veículos midiáticos.

Este direcionamento do texto para um público específico de determinado jornal ou veículo midiático pôde também ser percebido na análise das resenhas. A depender do cunho ideológico de cada jornal e local de veiculação, o tom da resenha pendulava mais para o eixo temático literário ou político-social. Utilizando como exemplo as duas primeiras

resenhas, a primeira publicada em um jornal conservador e a segunda em um jornal socialdemocrata, vamos perceber que a primeira contém mais fatos sobre a vida da autora (inclusive inverídicos) e citações da obra, enquanto que a segunda faz uma descrição do entorno de miséria e contexto social em que o livro foi escrito.

Além dessa contribuição, a perspectiva dos paratextos nos permitiu, a partir da noção de que paratextos se localizam em uma zona de transição de valores e conceitos sobre a obra e operam sob códigos publicitários e reguladores, passíveis de formar a opinião de seu público alvo, revelar condicionantes de recepção de determinada obra.

Juntas, as três abordagens teóricas utilizadas - os Estudos Descritivos da Tradução, a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1979) e o conceito de paratexto de Genette (1987) – nos permitiram abarcar nosso objeto de estudo, de forma a olharmos a tradução de *Quarto de despejo* e suas interferências na cultura alvo, inferindo condicionantes de recepção ao localizarmos a literatura como parte de um sistema heterogêneo ligado a outras áreas do conhecimento e subsistemas sociais e culturais.

## **1.2. Para o tratamento do *corpus***

Além da abordagem paratextual pautada pelos conceitos de Genette (1987), para o tratamento do *corpus* lançamos mão, também, da Linguística de *Corpus*, que constitui uma abordagem recente nos estudos da linguagem e favorece uma análise mais objetiva de dados. Para isso, utilizamos as contribuições de Sardinha (2004); Tagnin (2004) para a compreensão geral do campo de estudo e Zyngier et al(2011) e Paul Backer (2006) para a aplicação da teoria em textos literários e análise do discurso, conteúdo de nosso corpus de estudo.

Partindo das contribuições de Berber Sardinha (2004), temos que a Linguística de *Corpus* é um conjunto de dados linguísticos (orais ou escritos) sistematizados segundo determinados critérios, representativos do uso linguístico, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador. Isso faz com que essa abordagem sirva também para explorar estatisticamente elementos lexicais, observar combinatórias de palavras, caracterizar gêneros textuais, depreender a sistematicidade através da observação, identificar perfis de práticas textuais, localizar padrões de uso (leitura vertical), compreender sentidos (leitura horizontal).

Na tentativa de compreender de maneira um pouco mais objetiva os sentidos presentes nas resenhas de jornal, nosso corpus de estudo, deparamo-nos com a Linguística de Corpus. Voltada ao estudo a partir de um *corpus* de pesquisa, ela trabalha com textos já produzidos e concentra o foco no uso da linguagem, o qual é medido pela frequência de ocorrências. Trata-se, portanto, de uma observação baseada em dados e não somente na intuição. Especificamente, um *corpus* é, segundo Tagnin (2004):

Uma coletânea de textos em formato eletrônico, compilada segundo critérios específicos, considerada representativa de uma língua (ou da parte de que se pretende estudar), destinada à pesquisa. (p.5)

Como veremos mais adiante, no capítulo de método, nosso material de pesquisa foi recebido de fontes e em formatos diferentes e precisou ser convertido em formato eletrônico, constituindo-se, então em um *corpus* de língua alemã composto por resenhas de jornal que tem em comum a temática: a autora Carolina Maria de Jesus e seu livro *Quarto de despejo*.

Amparada, como já vimos, nas noções de paratextos e em sua ação sobre o público, a pesquisa tem, portanto, nas resenhas de jornal, textos com um grande potencial discursivo e, nas palavras de Léfevère (1992), manipulador. Como conseguir, então, analisar tais textos com a imparcialidade necessária? As considerações de Baker (2006) sobre o uso de Linguística de Corpus na Análise do Discurso nos forneceram algumas respostas. Nas palavras do autor,

Para além de ajudar a restringir parcialidades, a Linguística de Corpus é uma maneira útil de abordar a análise do discurso por causa do efeito progressivo do discurso. Uma das maneiras mais importantes de reforçar os discursos na sociedade e fazê-los circular é através do uso da linguagem, e a tarefa dos analistas do discurso é descobrir como a linguagem é empregada, muitas vezes de formas muito sutis, para revelar discursos subliminares. Ao nos tornarmos mais conscientes de como a linguagem é desenhada na construção de discursos ou nas várias maneiras de olhar o mundo, nos tornamos mais resistentes a tentativas de escritores de textos de nos manipular, sugerindo-nos o que é 'senso comum' ou 'sabedoria aceitável'. (BAKER, 2006, p. 13, tradução nossa)<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup>As well as helping to restrict bias, corpus linguistics is a useful way to approach discourses analysis because of the *incremental effect* of discourse. One of the most important ways that discourses are circulated and strengthened in society is via language use, and the task of discourse analysis is to uncover how language is employed, often in quite subtle ways, to reveal underlying discourses. By becoming more aware of how language is drawn on to construct discourses or various ways of looking at the world, we should be more resistant to attempts by writers of texts to manipulate us by suggesting to us what 'common-sense' or 'accepted wisdom'. (BAKER, 2006, p. 13)

Deixando ainda mais evidente o uso direcionado das palavras para produção do discurso, Paul Baker traz a referência de outros autores como Hoey (2005) e Stubbs (2001). Para Hoey (2005) a palavra é criada para o uso no discurso como resultado do efeito cumulativo dos encontros individuais com a palavra. Stubbs (2001b, p. 215), por seu turno, conclui que pares repetidos mostram que significados de valor não são meramente pessoais e idiossincráticos, mas compartilham amplamente o discurso de uma comunidade.

É nesse sentido que se direciona nossa análise das resenhas. Nosso ponto de partida é o fato de que elas produzem discursos que reproduzem o discurso de uma comunidade: uma maior, gerenciadora da poética do polissistema literário alemão, uma média, que diria respeito aos propósitos do meio de veiculação e uma menor, que diria respeito ao indivíduo, ao resenhista propriamente dito, sendo as duas últimas partes da comunidade maior.

Não é nosso intuito identificar todas essas nuances. Interessa-nos aqui, a partir do uso da Linguística de *Corpus*, identificar o discurso predominante de cada resenha, uma vez que, segundo Baker (2006):

Uma associação entre duas palavras, ocorrendo repetidamente em uma linguagem natural é uma evidência muito melhor para um discurso hegemônico subjacente, que se torna explícito por meio de pares de palavras do que um caso isolado. (p. 13, tradução nossa)<sup>15</sup>

Convencidos da eficácia desse instrumento para a identificação de tais combinações em nosso *corpus*, buscamos, então, embasamento para metodologia a ser utilizada. Sobre esse contexto, o texto de Baker (2006) também nos apresenta algumas respostas. Primeiramente sobre os tipos de investigações feitas com o uso de *corpus*. Baseado em Tognini-Bonelli (2001) que segundo ele faz uma distinção bem útil entre investigações *corpus-driven* e *corpus-based* Baker (2016) afirmou que:

Uma pesquisa *corpus-based*] utiliza o corpus como fonte de exemplos, para verificar a intuição de pesquisadores ou para analisar a frequência e/ou plausibilidade da linguagem contida em uma amostra de dados menor. Uma análise *corpus-driven* prossegue de forma mais indutiva - o próprio *corpus* vai apontar para os dados e os padrões como uma forma de expressar regularidades (e exceções) na linguagem. (op. cit, p. 16, tradução nossa)<sup>16</sup>

<sup>15</sup>An association between two words, occurring repetitively in naturally occurring language, is much better evidence for an underlying hegemonic discourse which is made explicit through the word pairing than a single case.

<sup>16</sup> [Corpus-based] uses a corpus as a source of examples, to check researcher intuition or to examine the frequency and/or plausibility of the language contained within a smaller data set. A corpus-driven analysis proceeds in a more inductive way – the corpus itself is the data and the patterns in it are noted as a way of expressing regularities (and exceptions) in language.



Portanto, uma pesquisa direcionada pelo *corpus* (*corpus-driven*) vai utilizar essa ‘compilação de textos eletrônicos’ como ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa e escolher seu foco a partir do que o corpus revelar (repetições de binômios, ou desvios da norma etc.), ao passo que uma pesquisa baseada em corpus (*corpus-based*), utiliza o *corpus* como suporte para uma investigação de objetivo já pré-definido. Se tomarmos como exemplo nosso *corpus* de pesquisa – as resenhas de jornal alemães sobre *Quarto de Despejo* e Carolina Maria de Jesus –, veremos que são *corpus based*, uma vez que são suporte para a investigação do potencial de recepção da obra e da autora mencionados.

Sobre a natureza do corpus, eles podem ser, segundo a perspectiva da Linguística de *Corpus*, comparáveis ou paralelos. O *Glossário de Linguística de Corpus* de Stella Tagnin<sup>17</sup> nos fornece as seguintes informações: *corpora* comparáveis podem se dividir em bi- ou multilíngues e monolíngues. O primeiro, “composto por dois ou mais subcorpora com textos originais nas respectivas línguas” e o segundo, comparável monolíngue, é “composto por textos originais numa língua e traduções nessa mesma língua. Tem por objetivo comparar a linguagem produzida por falantes nativos ou fluentes e por tradutores.” Já o *corpus* paralelo é um “corpus constituído de originais e suas respectivas traduções.” No capítulo de métodos e materiais veremos, no entanto, que nosso corpus é monolíngue, por ser constituído somente por textos originais da língua alemã.

Utilizando, então, esse corpus monolíngue para identificar possíveis temáticas de discurso de cada resenha, percebemos que a melhor forma seria buscar a frequência da ocorrência das palavras no texto, uma vez que, para Stubbs (1996:107), “nenhuma palavra é neutra. A escolha das palavras expressa uma posição ideológica.”

Em nosso caso específico, foi a partir da análise dessas frequências que pudemos identificar as cinco temáticas possíveis para as resenhas que posteriormente foram agrupadas em dois eixos temáticos. Para isso, valemo-nos de ferramentas computacionais para extrair palavras-chave do *corpus* de estudo quando comparado a um *corpus* de referência<sup>18</sup>. Segundo Gonçalves (2007), as palavras-chave são especialmente interessantes por poderem indicar temas ou estilos. No caso dos epitextos sobre *Quarto de despejo* – as resenhas de jornal – nosso intuito foi justamente o de extrair os temas, ou como os chamamos aqui, os eixos temáticos que nortearam a recepção da obra.

<sup>17</sup> [http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5\\_glossario/glossario\\_423.pdf](http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5_glossario/glossario_423.pdf) (último acesso 01/10/2015)

<sup>18</sup> Corpus de referência: corpus que serve de termo de comparação para o corpus de estudo. Em geral, deve ter três a cinco vezes o tamanho do corpus de estudo. (Glossário de Linguística de Corpus, Stella Tagnin)

Num primeiro momento essas temáticas identificadas foram: Carolina, Favela, Tagebuch (diário), Kinder (Crianças) e Hunger (fome) e acabaram por ser reduzidos em 2 eixos temáticos: literário e político-social. Todo esse processo pode ser conferido no capítulo 2, ponto 2.2.2.

Para além de identificar os eixos temáticos presente nas resenhas de jornal estudadas, a pesquisa gira em torno também de literatura traduzida. Nesse sentido, buscamos contribuições da Linguística de *Corpus* para a Literatura. Sobre essa aplicação da LC na literatura, Zyngier (2011) diz:

A Linguística de *Corpus* pode fornecer ao crítico literário as ferramentas e os princípios necessários para que a literatura seja analisada sob uma nova perspectiva, mais objetiva do que a que tradicionalmente caracteriza a análise de base hermenêutica. Por exemplo, esta abordagem pode consubstanciar (ou não) as impressões intuitivas de um leitor, a partir do uso que o autor faz da linguagem. (ZYNGIER et al., 2011, p. 102)

Com o respaldo de todas essas contribuições teóricas, esperamos conseguir tratar nosso *corpus* com a objetividade e intuição necessárias para o estudo que nos propomos, identificando e circunscrevendo nuances do impacto/potencial de recepção de Carolina Maria de Jesus e sua obra *Quarto de despejo* na Alemanha, abrindo também caminho para que se identifiquem outras nuances e temáticas dessa recepção.

## 2 MATERIAIS E MÉTODO

Este capítulo, que está subdividido em duas partes, apresenta e descreve o *corpus* da pesquisa, bem como o passo a passo dos procedimentos realizados.

### 2.1. Apresentação do *corpus*

O corpus de análise é composto de resenhas de jornais escritas sobre *Quarto de Despejo* e sua autora Carolina Maria de Jesus entre 1962 e 1996. Oito dessas resenhas foram conseguidas no Instituto para Pesquisa Jornalística de Dortmund (*Institut für Zeitungsforschung - IZF*) e as demais foram fornecidas pelo professor Klaus Küpper, autor de *Bibliographie der brasilianischen Literatur. Prosa, Lyrik, Essay und Drama in deutscher Übersetzung (Bibliografia da literatura brasileira. Prosa, Lírica, Ensaios e Drama em tradução alemã)*. Sob a perspectiva da Linguística de *Corpus*, trata-se aqui de um *corpus* monolíngue composto por onze subcorpora, uma vez que é constituído por textos originais de apenas uma cultura linguística; neste caso, a alemã.

A seguir serão apresentadas as onze resenhas utilizadas neste trabalho, dez delas publicadas em jornais e uma publicada em um livro, com data, meio de divulgação, título e autor, respectivamente. Todas as resenhas estão disponíveis na íntegra em alemão no Anexo I:

Bonn, 20.04.1962 - Rheinischer Merkur, *Die "Dichterin des Kehrichts" – Tagebuchblätter aus den brasilianischen Elendsvierteln* (Poetisa do lixo – diário de um bairro de miséria brasileiro), Guillermo Baumfeld;

Leipzig, 16.05.1962 - Vorwärts, *Augias in Sao Paulo –Tagebuch einer Negerin aus den Slums wurde Bestseller* (Augias em São Paulo – Diário de uma negra da favela torna-se bestseller), Rosemarie Vossberg;

Bonn, 13.07.1962 - Christ und Welt, *Die Schwarze Mutter Courage aus Canindé – Zu den Tagebüchern der Maria Carolina de Jesus* (A mãe coragem negra do Canindé – sobre os diários de Maria Carolina de Jesus), Leo Gilson Ribeiro;

Frankfurt, 04.08.1962 - Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ), *Das Schwarze Aschenputtel – Zu dem Kopfkissenbuch einer brasilianischen Negerin* (A cinderela negra – sobre o livro de cabeceira de uma negra brasileira), Helene Henze;

Berlim, 19.08.1962 - Der Tagespiegel, *Chronik einer brasilianischen Negerin* (Crônicas de uma negra brasileira), Usch;

Stuttgart, 27.11.1962 - Stuttgarter Zeitung, *Dichterin der Armut – Die Aufzeichnung einer brasilianischen Negerin* (Poetisa da Pobreza – As anotações de uma negra brasileira), Ana Maria Schmitz;

Frankfurt, 1963 - Frankfurter Heft, *In den Favelas* (Nas Favelas), Regina Bohne;

Frankfurt, 05.06.1984 - Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ) *Favelas, Sambah, Candomble – Zwei Taschenbücher aus Brasilien* (Favelas, Sambah, Candomblé – dois livros de bolso do Brasil), Karsten Garscha;

Hamburgo, 1989 - Editora VSA, (Linke Literatur) - *Carolina Maria de Jesus*. In: *Brasilien. Ein politisches Reisebuch* (Brasil, um diário de viagem político), Hart/Ramalho (ed.), Moema Parente Augel;

Hamburgo, 08.04.1996 - Sonntagsblatt, *50.000 in Bretterbuden* (50.000 em barracos), Eva Sielaff;

Munique, 09.09.1996 - Süddeutscher Zeitung, *Report aus dem Elend* (Relato da miséria), Roland Ziersch;

Um primeiro olhar sobre o conjunto de resenhas revela que elas foram publicadas tanto em jornais alemães de grande circulação e importância, quanto em jornais mais locais. O fato de algumas resenhas sobre o livro terem ganhado espaço em jornais como o *Frankfurter Allgemeiner Zeitung* e o *Süddeutscher Zeitung* aponta, de partida, para um elevado potencial de recepção.

Outro fator a ser considerado é o intervalo de quase 20 anos (entre 1963 e 1984) entre a terceira e quarta resenha, revelando um adormecimento da temática até a reedição do livro em 1984 pela editora Lamuv. No entanto, durante esse período, outras edições foram publicadas: em 1965, pela Deutsche Buchgesellschaft (Sociedade Alemã do Livro) em Berlin/Darmstadt; em 1966, pela Reclam de Leipzig; em 1968 pela Fischer de Frankfurt e em 1979 pela Reclam Stuttgart/Leipzig (Anexo IV-B), o que torna um tanto intrigante a falta de críticas publicadas sobre a obra nesse período. No entanto, como pudemos ler em Perpétua (2014: 22) que esse silêncio foi sentido também no Brasil. Passado o fulgor de *Quarto de Despejo*, somente em 1990 a obra de Carolina começa a despertar interesse em pesquisadores da área de letras. Sobre esse aspecto, tentamos esboçar uma explicação no capítulo referente às análises.

## 2.2. O passo a passo da pesquisa

Para a realização da pesquisa, o primeiro passo foi buscar informações sobre a tradução de *Quarto de despejo* para o alemão. Nessa etapa, entrei em contato com o editor do livro no Brasil, o jornalista Audálio Dantas, com a filha de Carolina Maria de Jesus, Vera Eunice, enviei e-mails para as editoras Fischer Bücherei, Reclam, Lamuv e Christian Wegner – esta última detentora dos direitos da obra na Alemanha –, mas não foi possível obter sucesso, uma vez que a Christian Wegner, detentora dos direitos, está fechada há anos. Assim, não encontrei informações sobre quem pudesse ter herdado os direitos de tradução do livro. Os retornos que obtive à minha busca foram os seguintes:

A obra *Diário da Pobreza*<sup>19</sup>. *Anotações de uma negra brasileira*“, de Carolina Maria de Jesus, foi sim publicada pela editora Fischer em 1968. Tratou-se, no entanto, de uma publicação sob licença da Christian Wegner de Hamburgo. Para obras publicadas sob licença, não arquivamos qualquer pasta com informações sobre a obra surgidas na imprensa. Como o leitor da nossa editora da época não trabalha mais aqui, infelizmente não temos nada a dizer à Senhora sobre o assunto. (Lea K Ostmann, Fischer-Verlag, via e-mail; tradução nossa)<sup>20</sup>

E ainda:

<sup>19</sup>Título em alemão para “Quarto de Despejo”.

<sup>20</sup>Der Titel *Tagebuch der Armut. Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin* von Carolina Maria de Jesus ist zwar 1968 in der Fischer Bücherei erschienen. Es ist allerdings ein Lizentitel aus dem Christian Wegner Verlag, Hamburg, gewesen. Für Lizentitel sammeln wir keine Pressemappe. Da auch der damalige Lektor nicht mehr im Haus ist, können wir Ihnen dazu leider gar nichts sagen. (Lea K Ostmann, Fischer-Verlag).

O Editor Christian Wegner faleceu nos anos 1960. Não tenho informações sobre quem possa ter herdado os direitos da editora. De todo modo, acredito ser bastante difícil conseguir ainda algum material de imprensa sob essas condições.” (Lea K Ostmann, Fischer-Verlag, via e-mail; tradução nossa)<sup>21</sup>

Em seguida busquei informações na Biblioteca Nacional Alemã com sede em Frankfurt. Por e-mail eles me enviaram trechos selecionados de coletâneas da época com informações sobre a editora Christian Wegner e sobre seu editor. Além disso, enviaram-me também algumas páginas com informações sobre a publicação da tradução de *Quarto de despejo* retiradas do livro *Bibliographie der brasilianischen Literatur. Prosa, Lyrik, Essay und Drama in deutscher Übersetzung (Bibliografia da literatura brasileira. Prosa, Lírica, Ensaios e Drama em tradução alemã)*, do Prof. Klaus Küpper, que mais tarde eu viria a contatar, por indicação do então mestrando Thales Augusto Barreto de Castro.

Juntamente com os arquivos recebidos por e-mail, eles me orientaram a fazer uma visita presencial para buscar outras fontes na Biblioteca Nacional. Em novembro de 2011 tive a oportunidade de fazer essa visita à biblioteca e coletar alguns dados sobre Christian Wegner.

Foi em meio a buscas não muito bem sucedidas que, por indicação de Lea Ostmann, da Editora Fischer, contatei o Instituto para Pesquisa Jornalística de Dortmund e pude, então, construir o corpus da minha pesquisa.

A análise desse corpus seguiu algumas etapas que viabilizaram a sua realização. Foram elas:

- Preparação dos textos;
- Criação de listas de palavras;
- Criação de um corpus de referência;
- Listas de palavras-chave (Anexo II);
- Definição dos eixos temáticos;
- Classificação dos textos do corpus a partir dos eixos temáticos.

Esses pontos serão abordados a seguir no tópico dedicado à preparação dos textos.

---

<sup>21</sup>Der Verleger Christian Wegner ist ja bereits in den 1960er Jahren verstorben. Über die Rechtsnachfolge des Verlages ist mir nichts bekannt. Auf jeden Fall dürfte es sehr schwer sein, unter diesen Umständen noch an Pressematerial zu kommen.” (Lea K Ostmann, Fischer-Verlag)

### 2.2.1. Preparação dos textos

A preparação dos textos é uma das primeiras etapas quando se utilizam ferramentas da Linguística de Corpus, uma vez que os programas como *WordSmithTools* e *AntiConc* trabalham com textos em .txt. Como os textos recebidos do Instituto para Pesquisa Jornalística de Dortmund (IZF) vieram como imagens, foi necessário primeiramente converter todo o material em texto e depois em .txt. Para tanto, foi utilizado o conversor online OCR<sup>22</sup> ([www.onlineocr.net](http://www.onlineocr.net)), que converte em Word, ou arquivos editáveis tanto arquivos em imagens, quanto em PDF.

Devido ao fato de os textos que compõem o *corpus* serem de uma extensão menor ou igual a 5mb, foi possível converter os oito textos do IZF sem inscrição prévia no site. Já as resenhas de livro e jornal (três) recebidas via correio do professor Klaus Küpper, precisaram primeiramente ser escaneadas e depois convertidas. Nesse momento, é decisiva a escolha de um scanner de alta qualidade, que forneça a melhor nitidez da imagem, a fim de evitar conversões para símbolos. Em nosso caso foi utilizada uma impressora multifuncional com scanner de resolução óptica (1200 x 2400 dpi) e Interpolada (19200 x 19200 dpi). Mesmo assim, alguns textos não foram convertidos corretamente e foi necessária, então, a digitação integral deles.

A lista de palavras-chave é a base da análise aqui proposta. Para gerar tais listas, foi utilizado o programa *AntConc*, desenvolvido pelo professor Laurence Anthony da Universidade de Waseda (Japão) e disponibilizado por ele gratuitamente na internet. Para sua utilização foi necessário baixá-lo observando as considerações para cada sistema operacional:

---

<sup>22</sup>OCR é uma sigla para *Optical Character Recognition*.

Laurence Anthony's Website



















Home	Software												
Resume	<b>AntConc</b>												
Publications >>	A freeware concordance program for Windows, Macintosh OS X, and Linux.												
Software >>	<a href="#">The AntConc Homepage</a> (including previous versions, tutorials, and help)												
Classes	<table border="1"> <thead> <tr> <th style="background-color: #ffff00;">Platform</th> <th style="background-color: #ffff00;">Download</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td style="text-align: center;"></td> <td> <a href="#">AntConc 3.2.4w</a>  <a href="#">AntConc 3.2.4 - Readme</a>  <a href="#">Screenshots</a>  <i>Tested on Windows 98, 2000, ME, XP, Vista, Win 7, Win 8</i>   <i>The classic version of AntConc. This runs quickly but with a non-native interface.</i> </td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"></td> <td> <a href="#">AntConc 3.4.1w</a>  <a href="#">AntConc 3.4.1 - Readme</a>  <a href="#">Screenshots</a>  <i>Tested on Windows XP, Vista, Win 7, Win 8</i>  <i>A modern version of AntConc that runs a little slower than the classic version but has more features.</i>  <i>Note that your old user settings file will not work with this version and prevent AntConc from starting if it is in the same folder. Delete it and export it again from the AntConc file menu.</i> </td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"></td> <td> <a href="#">AntConc 3.2.4m</a>  <a href="#">AntConc 3.2.4 - Readme</a>  <a href="#">Essential guide to installing AntConc on Macintosh OS X</a>  <a href="#">Download X11 (for OS X 10.4)</a>  <a href="#">Screenshots</a>  <i>The classic version of AntConc. This runs quickly but with a non-native interface.</i>  <i>Tested on Macintosh OS X up to 10.9 (Mavericks)</i> </td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"></td> <td> <a href="#">AntConc 3.4.1m</a>  <a href="#">AntConc 3.4.1 - Readme</a>  <a href="#">Screenshots</a>  <i>A modern version of AntConc that runs a little slower than the classic version but has more features.</i>  <i>There are reports of problems running on Mavericks. These will be addressed shortly.</i>  <i>Tested on Macintosh OS X up to 10.8 (Mountain Lion)</i>  <i>Note that your old user settings file will not work with this version and prevent AntConc from starting if it is in the same folder. Delete it and export it again from the AntConc file menu.</i> </td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;"></td> <td> <a href="#">AntConc 3.2.4u</a>  <a href="#">AntConc 3.2.4 - Readme</a>  <a href="#">AntConc3.2 - Linux Quick Install Guide</a> Written by Laurence Anthony  <a href="#">Brief guide to installing AntConc on Linux</a> Written by Graham Ranger  <a href="#">Screenshots</a>  <i>The classic version of AntConc. This runs quickly but with a non-native interface.</i>  <i>Tested on Ubuntu 10 (Linux Mint 10)</i> </td> </tr> </tbody> </table>	Platform	Download		<a href="#">AntConc 3.2.4w</a> <a href="#">AntConc 3.2.4 - Readme</a> <a href="#">Screenshots</a> <i>Tested on Windows 98, 2000, ME, XP, Vista, Win 7, Win 8</i>  <i>The classic version of AntConc. This runs quickly but with a non-native interface.</i>		<a href="#">AntConc 3.4.1w</a> <a href="#">AntConc 3.4.1 - Readme</a> <a href="#">Screenshots</a> <i>Tested on Windows XP, Vista, Win 7, Win 8</i> <i>A modern version of AntConc that runs a little slower than the classic version but has more features.</i> <i>Note that your old user settings file will not work with this version and prevent AntConc from starting if it is in the same folder. Delete it and export it again from the AntConc file menu.</i>		<a href="#">AntConc 3.2.4m</a> <a href="#">AntConc 3.2.4 - Readme</a> <a href="#">Essential guide to installing AntConc on Macintosh OS X</a> <a href="#">Download X11 (for OS X 10.4)</a> <a href="#">Screenshots</a> <i>The classic version of AntConc. This runs quickly but with a non-native interface.</i> <i>Tested on Macintosh OS X up to 10.9 (Mavericks)</i>		<a href="#">AntConc 3.4.1m</a> <a href="#">AntConc 3.4.1 - Readme</a> <a href="#">Screenshots</a> <i>A modern version of AntConc that runs a little slower than the classic version but has more features.</i> <i>There are reports of problems running on Mavericks. These will be addressed shortly.</i> <i>Tested on Macintosh OS X up to 10.8 (Mountain Lion)</i> <i>Note that your old user settings file will not work with this version and prevent AntConc from starting if it is in the same folder. Delete it and export it again from the AntConc file menu.</i>		<a href="#">AntConc 3.2.4u</a> <a href="#">AntConc 3.2.4 - Readme</a> <a href="#">AntConc3.2 - Linux Quick Install Guide</a> Written by Laurence Anthony <a href="#">Brief guide to installing AntConc on Linux</a> Written by Graham Ranger <a href="#">Screenshots</a> <i>The classic version of AntConc. This runs quickly but with a non-native interface.</i> <i>Tested on Ubuntu 10 (Linux Mint 10)</i>
Platform	Download												
	<a href="#">AntConc 3.2.4w</a> <a href="#">AntConc 3.2.4 - Readme</a> <a href="#">Screenshots</a> <i>Tested on Windows 98, 2000, ME, XP, Vista, Win 7, Win 8</i>  <i>The classic version of AntConc. This runs quickly but with a non-native interface.</i>												
	<a href="#">AntConc 3.4.1w</a> <a href="#">AntConc 3.4.1 - Readme</a> <a href="#">Screenshots</a> <i>Tested on Windows XP, Vista, Win 7, Win 8</i> <i>A modern version of AntConc that runs a little slower than the classic version but has more features.</i> <i>Note that your old user settings file will not work with this version and prevent AntConc from starting if it is in the same folder. Delete it and export it again from the AntConc file menu.</i>												
	<a href="#">AntConc 3.2.4m</a> <a href="#">AntConc 3.2.4 - Readme</a> <a href="#">Essential guide to installing AntConc on Macintosh OS X</a> <a href="#">Download X11 (for OS X 10.4)</a> <a href="#">Screenshots</a> <i>The classic version of AntConc. This runs quickly but with a non-native interface.</i> <i>Tested on Macintosh OS X up to 10.9 (Mavericks)</i>												
	<a href="#">AntConc 3.4.1m</a> <a href="#">AntConc 3.4.1 - Readme</a> <a href="#">Screenshots</a> <i>A modern version of AntConc that runs a little slower than the classic version but has more features.</i> <i>There are reports of problems running on Mavericks. These will be addressed shortly.</i> <i>Tested on Macintosh OS X up to 10.8 (Mountain Lion)</i> <i>Note that your old user settings file will not work with this version and prevent AntConc from starting if it is in the same folder. Delete it and export it again from the AntConc file menu.</i>												
	<a href="#">AntConc 3.2.4u</a> <a href="#">AntConc 3.2.4 - Readme</a> <a href="#">AntConc3.2 - Linux Quick Install Guide</a> Written by Laurence Anthony <a href="#">Brief guide to installing AntConc on Linux</a> Written by Graham Ranger <a href="#">Screenshots</a> <i>The classic version of AntConc. This runs quickly but with a non-native interface.</i> <i>Tested on Ubuntu 10 (Linux Mint 10)</i>												
Photo Albums >>													
Links													
Contact													

Figura 2 – imagem da página de Laurence Anthony: Baixando o AntConc



Feito isso, foram abertos todos os textos do *corpus* - já em TXT - no programa *AntiConc* para gerar a lista de palavras total:

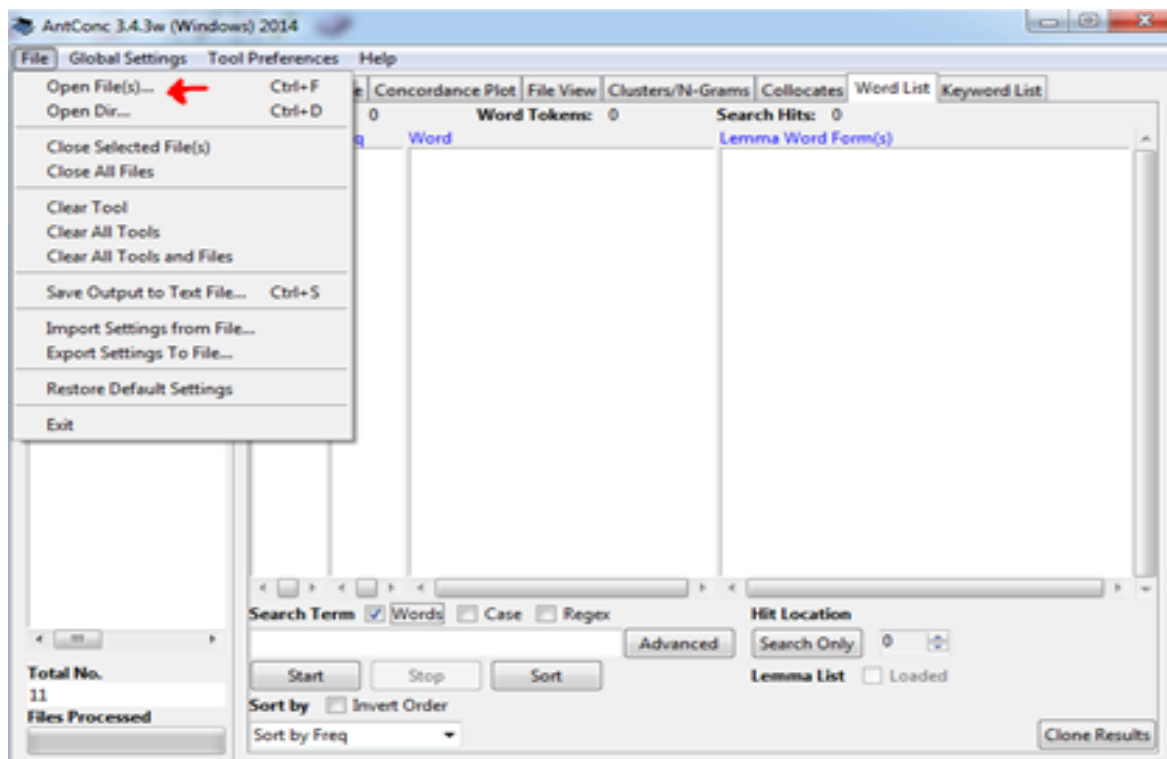


Figura 3- AntiConc: Abrindo arquivos do Corpus 1

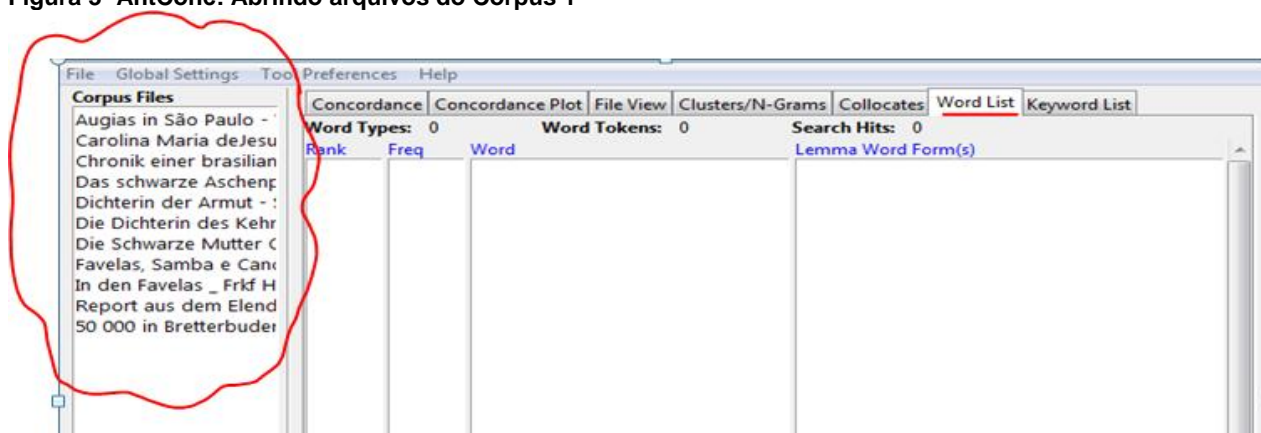


Figura 4 - AntiConc: abrindo os arquivos do corpus 2

Após abrir todos os textos no programa, foi necessário verificar se os códigos de idioma eram compatíveis com o idioma alemão e com as peculiaridades ortográficas do mesmo, como mostra a figura abaixo:

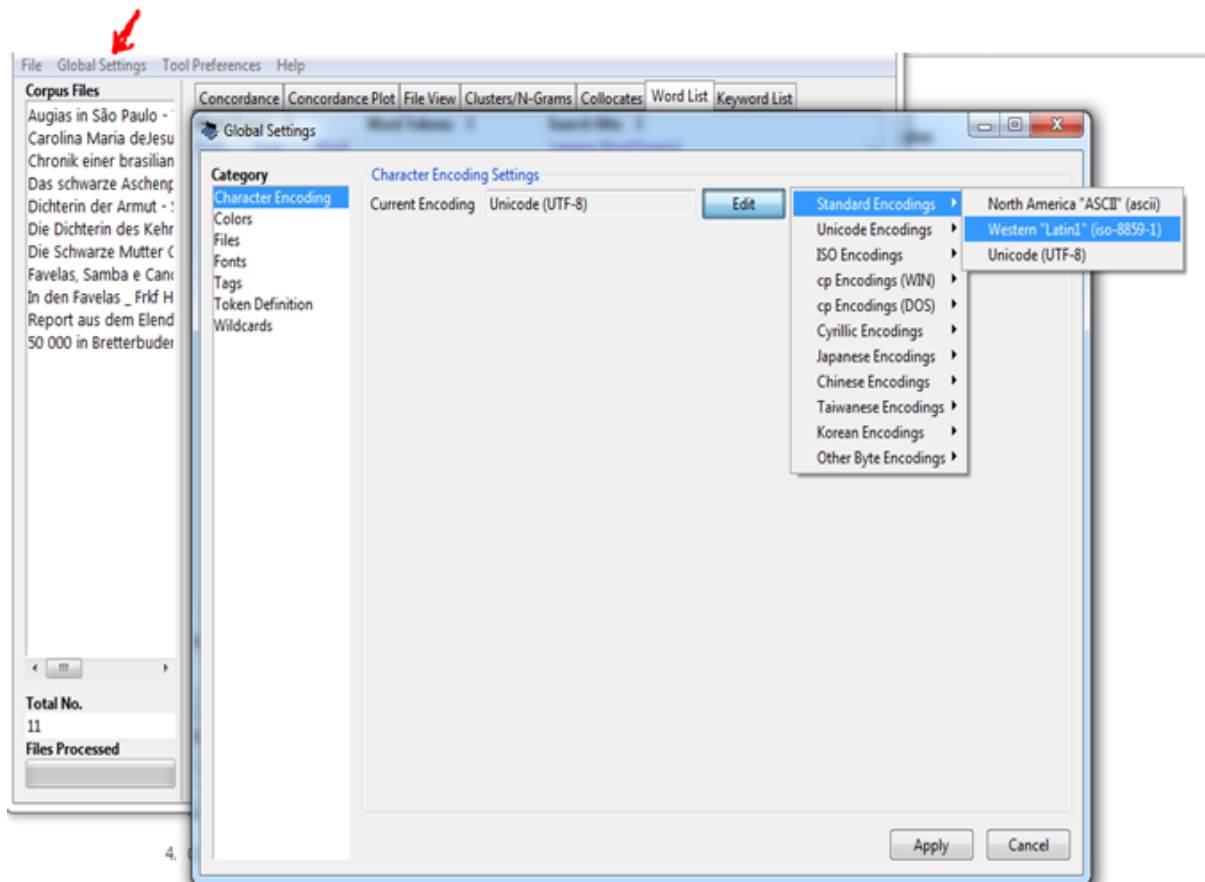


Figura 5 - AntConc: Selecionando códigos de idioma

Em seguida foram geradas as listas de palavras, nas quais as mais frequentes, ou seja, as que aparecem no topo, foram as gramaticais. No entanto, as palavras “Carolina” e “Favela” já aparecem nas posições 22 (vinte e dois) e 24 (vinte e quatro) com uma frequência de 79 (setenta e nove) e 74 (setenta e quatro) ocorrências respectivamente, deixando claro sobre quem se fala e o contexto em que isso ocorre.

Rank	Freq	Word	Lemma Word Form(s)
9	137	ist	
10	131	ein	
11	129	es	
12	127	ich	
13	123	von	
14	108	sich	
15	107	mit	
16	97	nicht	
17	89	dem	
18	84	de	
19	84	eine	
20	81	hat	
21	81	wie	
22	79	carolina	
23	78	aus	
24	74	favela	
25	69	als	
26	69	im	

Figura 6 - AntConc: gerando a lista de palavras

Para gerar as listas de palavras-chave, fez-se necessária a utilização de um *corpus* de referência. Tendo em vista o tamanho do *corpus* de pesquisa (13.080 *tokens*) e também a dificuldade de encontrar *corpora* em alemão na *web*, foi compilado um *corpus* de referência próprio com a ajuda do *BootCat*, uma interface que serve como guia na criação de *corpora* simples a partir da *web* e que pode ser baixada gratuitamente na *internet*. Um breve passo a passo desse processo pode ser encontrado no Anexo III.

O *corpus* de referência foi compilado conforme as necessidades da pesquisa e restrito a partir das seguintes entradas: Verlag (editora), Author (autor), Schriftsteller (escritor), brasilianisch (brasileiro), Übersetzung (tradução), Veröffentlichung (publicação), Buch (livro), Literatur (literatura) e Fremdliteratur (literatura estrangeira). Essas entradas foram selecionadas primeiramente de acordo com as temáticas, gêneros e classificações do próprio *corpus* de pesquisa: artigos de jornal que têm como tema a publicação da tradução de uma literatura estrangeira, cuja autora é brasileira. Além dessas, foram escolhidas entradas mais gerais pertinentes ao assunto literatura, como livro, editora e escritor.

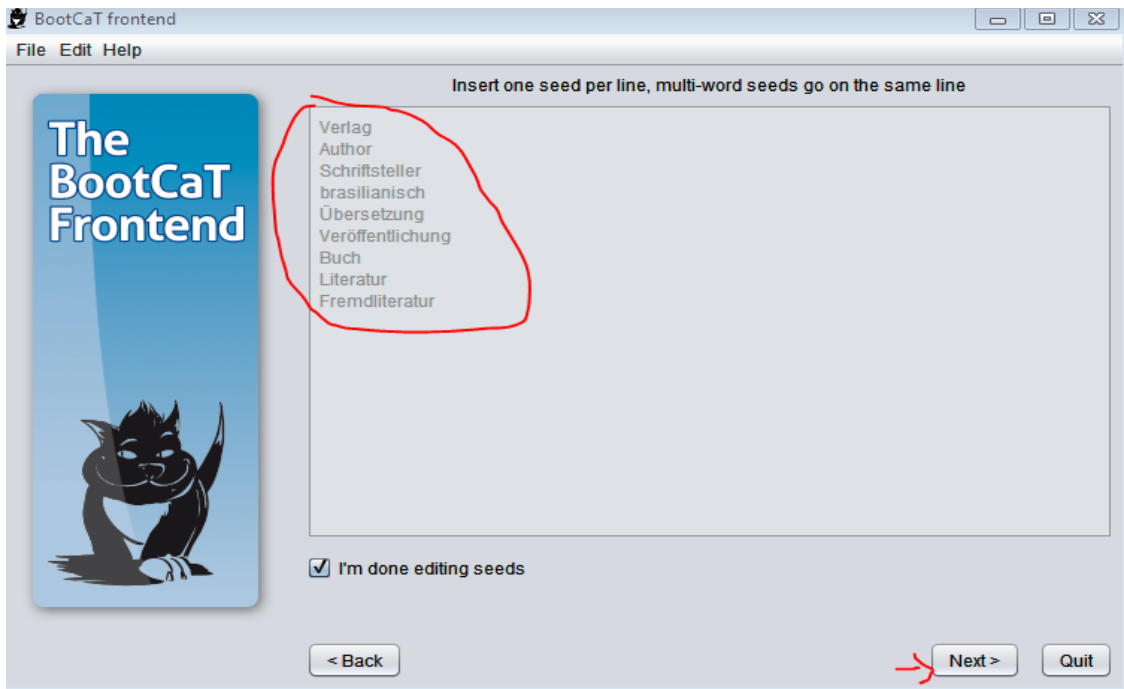


Figura 7 - BootCat: criando um corpus de referência

Depois de criado, o *corpus* de referência foi aplicado ao programa em *Tool Preferences* como ilustra a figura a abaixo. Em versões anteriores era necessário a criação de uma *WordList* do *corpus* de referência, nesse caso (Versão 2014) pudemos utilizar os arquivos ainda em *.txt*:

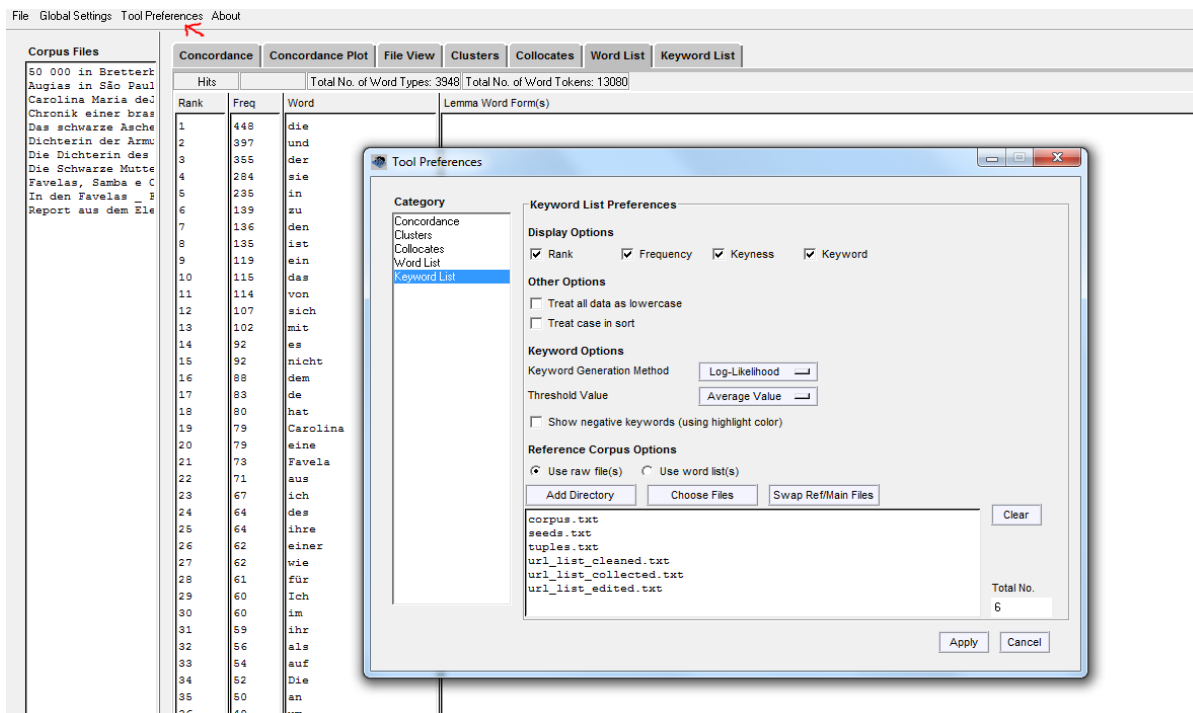


Figura 8 - AntConc: fazendo o upload do corpus de referência

Uma vez carregado o *corpus* de referência, foi possível gerar a lista de palavras-chave e elencar a partir dela os possíveis temas do *corpus* de estudo. A saber: Carolina, Favela, Tagebuch (Diário), Kinder (Crianças) e Hunger (Fome) como ilustrado abaixo:

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

50 000 in Bretterk  
Augias in São Paul  
Carolina Maria de  
Chronik einer bras  
Das schwarze Asche  
Dichterin der Armu  
Die Dichterin des  
Die Schwarze Mutte  
Favelas, Samba e C  
In den Favelas - F  
Report aus dem Ele

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List **Keyword List**

Hits Keyword Types Before Cut: 3948 Keyword Types After Cut: 521

Rank	Freq	Keyness	Keyword
1	284	460.690	sie
2	79	313.003	carolina
3	73	281.019	Favela
4	45	174.901	Tagebuch
5	44	141.305	Kinder
6	448	132.492	die
7	38	130.285	São
8	29	118.745	Hunger
9	26	106.461	Favelas
10	26	106.461	Negerin
11	38	106.449	Maria
12	64	105.704	ihre
13	35	101.216	Paulo
14	26	98.183	Armut
15	59	80.259	ihr
16	32	74.346	daß
17	80	66.808	hat
18	15	54.215	Aufzeichnungen
19	15	54.215	Elend
20	41	51.218	Und
21	34	51.145	ihren
22	28	50.798	Frau
23	60	47.609	Ich
24	11	45.041	Caninde
25	10	40.947	Dantas
26	10	40.947	Nachbarn
27	10	40.947	Reporter
28	119	39.199	ein
29	13	38.617	Caroline
30	16	37.173	Rio
31	9	36.852	Cruzeiros
32	9	36.852	Dichterin
33	19	36.681	schreibt
34	62	35.506	einer
35	11	34.432	Fleisch
36	8	32.757	Artigo
37	8	32.757	Carolinas
38	8	32.757	Rande
39	16	32.056	leben
40	10	30.686	Politiker
41	30	30.154	ihrer
42	13	29.268	Kindern
43	7	28.663	Abfall

Search Term  Words  Case  Regex

Display Options  Treat all data as lowercase

Reference Corpus  Loaded

Total No. 11

Files Processed

Hit Location  0

Sort by   Invert Order

Figura 9 - gerando lista de palavras-chave de todo o corpus de estudo.

O mesmo processo foi feito para gerar a lista de palavras e de palavras-chave de cada resenha, com a diferença de que desta vez foi utilizado como *corpus* de referência o próprio *corpus* de pesquisa, exceto o texto em análise. Foram geradas, dessa forma, as onze listas de palavras-chave dos onze textos, as quais estão disponíveis para conferência no Anexo II.

### **2.2.2. Análise dos dados do *corpus***

A partir da análise das primeiras 100 palavras-chave do *corpus* geral, foi possível determinar cinco temas, que chamaremos aqui de eixos temáticos, a partir das palavras Carolina, Favela, Tagebuch (diário), Kinder (crianças) e Hunger (fome). São eles: o eixo temático da autora, do local e da comunidade em que vivia, do livro em si, das crianças (sua condição e as pessoas à sua volta) e da situação de fome e pobreza.

No entanto, observando as concordâncias e a recorrência dos eixos temáticos elencados acima, foi possível perceber que ora o foco do texto estudado se voltava para uma abordagem político-social, ora para uma abordagem literária, o que nos fez repensar a classificação, sugerindo a existência de apenas dois eixos temáticos: o político-social e o literário. Consideremos a seguir os exemplos da entrada “Carolina” que está no limiar entre os dois campos mencionados:

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

50 000 in Bretterk  
Augias in São Paul  
Carolina Maria de  
Chronik einer bras  
Das schwarze Asche  
Dichterin der Armu  
Die Dichterin des  
Die Schwarze Mutte  
Favelas, Samba e C  
In den Favelas \_ E  
Report aus dem Ele

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

Hit	KWIC	File
1	Wort Hunger" im Tagebuch der <u>schwarzen</u> Carolina vorkommt, ist nicht zu zählen. Denn ihr ganzes Le	50 000 in E
2	nur einen Wasserhahn für 5000 Menschen! Carolina lebt in einem der <u>Elendsbezirke</u> am Rande von São	50 000 in E
3	o leben 50 000 Menschen in Bretterbuden. Carolina unterschied sich von ihnen, indem sie alles aufsc	50 000 in E
4	m, nicht aber lasterhaft waren, die, wie Carolina, arbeiteten und nicht bettelten und sich betranke	50 000 in E
5	und nicht bettelten und sich betranken. Carolina, die vitale, nie ganz Verzweifelte, hat mehr als	50 000 in E
6	en, wenn man ihr Buch kauft. Eva Sielaff Carolina Maria de Jesus: Tagebuch der Armut. Aufzeichnunge	50 000 in E
7	er Armut" der <u>farbigen</u> Schriftstellerin Carolina Maria de Jesus. Die brasilianische Autorin hat im	Augias in S
8	n ent- deckt und einem Verleger gegeben. Carolina Maria de Jesus, eine 46jährige Negerin und Mutter	Augias in S
9	ft ein, um bei ihrem Geschäft zuzusehen. Carolina Maria de Jesus schreibt im Tagebuch (28. Mai): .	Augias in S
10	Frauen. Es sind <u>skandalöse Zustände</u> , die Carolina Maria de Jesus beschreibt. Ob sich das jemals änd	Augias in S
11	aus dem Buch lernen? Rosemarie Vossberg Carolina Maria de Jesus: Tagebuch der Armut". Wegener Ver	Augias in S
12	Carolina Maria de Jesus Von Moema Parente Angel Aus: Klaus	Carolina Ma
13	tarb in São Paulo im Alter von 62 Jahren Carolina Maria de Jesus, eine <u>schwarze</u> Brasilianerin, die	Carolina Ma
14	Leben in Dreck und Not dramatisch war. Carolina Maria de Jesus war eine Frau aus dem Volk, die ih	Carolina Ma
15	er tiefsten Verzweiflung geschrieben. Carolina Maria de Jesus wurde 1914 in Minas Gerais geboren	Carolina Ma
16	rsprechende Großstadt. Hier arbeitete Carolina als <u>Hausmädchen</u> in verschiedenen Familien. Als si	Carolina Ma
17	geboren, von verschiedenen Vätern; aber Carolina heiratete nicht. Mit drei kleinen Kindern, ohne A	Carolina Ma
18	<u>ohne Ausbildung und ohne Arbeit</u> , suchte Carolina ihren Lebensunterhalt zu verdienen, indem sie wie	Carolina Ma
19	bärmliche Mahlzeit am Tag möglich war. Carolina gewöhnte sich nie daran, in der Favela zu leben.	Carolina Ma
20	lkammer gestellt worden sind. " Es ist Carolina bewusst, dass der Mangel an Schulbildung und die	Carolina Ma
21	Kindheit und Jugend aufzeichnet, erzählt Carolina, dass sie als Kind den Gouverneur um ein Stipendi	Carolina Ma
22	Abends erscheinen glitzernde Sterne ... Carolina fährt dann aber wieder realistisch fort: Nur eins	Carolina Ma
23	nger kreisen die Gedanken und Sorgen der Carolina Maria de Jesus immer wieder. Der Hunger ist allge	Carolina Ma
24	sehenen Zeitung die erste Reportage über Carolina Maria de Jesus. Anfang 1989 veröffentlichte die p	Carolina Ma
25	Titel Quarto de Despejo (Rumpelkammer). Carolina wurde von einem Tag zum anderen berühmt. Die erst	Carolina Ma

Search Term  Words  Case  Regex Concordance Hits 79 Search Window Size 50

Carolina Advanced

Start Stop Sort

Kwic Sort

Level 1 1R  Level 2 2R  Level 3 3R

Total No. 11

Files Processed

Reset

Save Window

Exit

Figura 10 - AntConc: linhas de concordância

Levando em consideração as linhas de concordância da palavra "Carolina", selecionadas na imagem acima, podemos notar que ela transita entre os dois eixos temáticos. Um exemplo disso é a linha 7 do quadro de concordâncias: ... "Tagebuch der Armut" der farbigen Schriftstellerin Carolina Maria de Jesus. Die brasilianische Autorin..." [... "Diário de Pobreza" da escritora de cor Carolina Maria de Jesus. A autora brasileira...]. Apesar de se tratar de uma concordância, que aponta mais para o aspecto literário (Carolina é referida aqui como autora), o simples fato de caracterizá-la como "farbig(en)" (de cor / negra) já faz com que um série de redes associativas do eixo temático político social sejam acionadas.

Após a redução dos cinco eixos temáticos propostos acima para dois – o político-social e o literário –, a classificação dos textos do *corpus* ficou um pouco mais fluida, uma vez que esses cinco eixos mesclavam-se muito em cada texto. Cabe ressaltar, porém, que não se trata de uma classificação estanque, pois em alguns casos continua possível essa mescla também nos dois campos. A classificação foi feita na medida em que três ou mais palavras-chave pertenciam a um ou outro eixo temático, como, por exemplo, na resenha *Die "Dichterin des Kehrichts"* (*Poetisa do lixo*) que teve como palavras-chave Favelados (favelados), Kerhricht (lixo), Tagebuchblätter (páginas de diário), Dichterin (poetisa), Stimme(voz) e dessas as palavras Tagebuchblätter (páginas dediário), Dichterin (poetisa), Stimme(voz) foram identificadas, a partir das linhas de concordância, como termos que se referiam à escrita e ao produto da escrita. O eixo temático da resenha, nesse caso, recebeu a classificação de Literário. Quando houve dúvida, voltamos ao texto e refizemos a leitura.

A seguir serão listados os textos e suas respectivas classificações:

**Resenha 1:** *Die "Dichterin des Kehrichts" – Tagebuchblätter aus den brasilianischen Elendsvierteln* (*Poetisa do lixo – diário de um bairro de miséria brasileiro*), Guillermo Baumfeld; 20.04.1962, Rheinischer Merkur

**Palavras-chave:** Favelados (favelados), Kerhricht (lixo), Tagebuchblätter (páginas do diário), Dichterin (poetisa), Stimme (voz).

**Eixo Temático:** Literário

**Resenha 2:** *Augias in São Paulo – Tagebuch einer Negerin aus den Slums wurde Bestseller* (*Augias em São Paulo – Diário de uma negra da favela torna-se bestseller*), Rosemarie Vossberg; 16.05.1962, Vorwärts

**Palavras-chave:** Bestseller, Kleinen (crianças), Autorin (autora), Ausgabe (edição), Augias.

**Eixo temático:** Literário

**Resenha 3:** *Die Schwarze Mutter Courage aus Canindé –Zu den Tagebüchern der Maria Carolina de Jesus* (*A mãe coragem negra do Canindé – sobre os diários de Maria Carolina de Jesus*), Leo Gilson Ribeiro; 13.07.1962, Christ und Welt.

**Palavras-chave:** Angst (medo), Erde (Terra), Leben (vida), Dokument (documento), kapitalistischen (capitalista).

**Eixo temático:** Político-social



**Resenha 4:** *Das Schwarze Aschenputtel – Zu dem Kopfkissenbuch einer brasilianischen Negerin* (A cinderela negra – sobre o livro de cabeceira de uma negra brasileira), Helene Henze; 04.08.1962, Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ)

**Palavras-chave:** Caroline, Aschenputtel (cinderela), Umgebung (arredores), Abgeordnete (deputados), poetisch(poético)

**Eixo temático:** Político-social

**Resenha 5:** *Chronik einer brasilianischen Negerin*(Crônicas de uma negra brasileira), Usch; 19.08.1962, Der Tagespiegel.

**Palavras-chave:** Bericht (relato), Reportage (reportagem), Dokument (documento), Aufzeichnungen (anotações), Chronik (crônica)

**Eixo temático:** Literário

**Resenha 6:** *Dichterin der Armut – Die Aufzeichnung einer brasilianischen Negerin* (Poetisa da Pobreza – As anotações de uma negra brasileira), Ana Maria Schmitz; 27.11.1962, Stuttgarter Zeitung

**Palavras-chave:** Regenbogen (arco-íris), schreibt (escreve), Bude (barraco), Gedanken (pensamentos), Weise (sábida).

**Eixo temático:** Literário

**Resenha 7:** *In den Favelas* (Nas Favelas), Regina Bohne; ano 1963, Frankfurter Heft,

**Palavras-chave:** Dona, Cruzeiros, Kapellenwagen (caminhão capela), Erfolg (sucesso), Abfallgruben (lixão)

**Eixo temático:** Político-social

**Resenha 8:** *Favelas, Sambas, Candomblé – Zwei Taschenbücher aus Brasilien* (Favelas, Sambas, Candomblé – dois livros de bolso do Brasil), Karsten Garscha; 05.06.1984, Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ)

**Palavras-chave:** Candomble, Übersetzung (tradução), Sambas, Musik (música), Dokumentarliteratur (literatura documental)

**Eixo temático:** literário

**Resenha 9:** *Carolina Maria de Jesus*. In: *Brasilien ein politisches Reisebuch* (Brasil, um diário de viagem político), Hart/Ramalho (Hrg.), Moema Parente Augel

**Palavras-chave:** Bevölkerung (população), Carolina, Brazilianer (brasileiros), Politiker (políticos), Land (país)

**Eixo temático:** Politico-social

**Resenha 10:** *50.000 in Bretterbuden* (50.000 em barracos), Eva Sielaff; 08.04.1996, Sonnenblatt

**Palavras-chave:** Elendsbezirk (distrito de miséria), Menschen (pessoas), Bretterbuden (barracos), Abgeordneten (deputados), Glück (sorte)

**Eixo temático:** Político-social

**Resenha 11:** *Report aus dem Elend* (Relato da miséria), Roland Ziersch; 09.09.1996, Süddeutscher Zeitung

**Palavras-chave:** Grenze (fronteira/limite), Meinung (opinião), Menschen (pessoas), Entdeckung (descoberta), Reporter (reporter), Schriftstellerin (escritora)

**Eixo temático:** Político-social/literário

A partir da análise das listas de palavras-chave e respectivas concordâncias, foi feita a seleção dos excertos que melhor identificavam e diferenciavam cada resenha. Esses trechos passaram por um processo de tradução, em que foi utilizada uma estratégia mais literal, sem aclimatizações ou adaptações. Entendemos que, para o objetivo desse trabalho, quanto mais próxima a tradução estiver do original, mais chances teremos de identificar o ponto de vista de cada articulista, especialmente no caso dos atributos, adjetivos e advérbios. Todas as traduções foram revistas e aprovadas pelo orientador da pesquisa. Depois disso, estabelecemos um quadro geral de síntese dos conteúdos das resenhas para perceber os pontos comuns e divergentes entre elas, o formato escolhido para dispor as observações da análise. Esse quadro está disponível na íntegra no anexo V.

*Ich glaube,  
man sollte überhaupt nur solche Bücher lesen,  
die einen beißen und stechen.  
(Franz Kafka )<sup>23</sup>  
[Acredito que  
deveríamos ler somente livros  
que mordem e espetam.]  
(Franz Kafka)*

### 3 DISCUSSÃO

#### 3.1 Reflexões sobre a recepção de *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus na Alemanha

Apresento a seguir uma proposta para a análise qualitativa dos dados. A divisão das resenhas em eixos temáticos e seus respectivos subitens é uma tentativa de organizar os dados de forma mais didática e compreensível. No entanto, não existe uma divisão estanque, os eixos possuem sobreposições. Além da divisão em dois eixos, subdividimos cada eixo conforme o entorno, a obra e a autora. Obtivemos então as seguintes classificações: eixo temático preponderantemente literário - sobre o entorno (LIT/ENT), sobre a autora (LIT/CAR), sobre a obra (LIT/OBR); eixo temático preponderantemente político-social - sobre o entorno (POL/ENT), sobre a autora (POL/CAR), sobre a obra (POL/OBR). Essas classificações também podem ocorrer independentemente do eixo preponderante, ou seja: uma resenha classificada como pertencente ao eixo temático preponderantemente literário poderá ter passagens classificadas com POL/ENT, por exemplo, como observaremos mais adiante.

A partir da análise das listas de palavras-chave e respectivas concordâncias, foi feita a seleção dos excertos que melhor identificavam e diferenciavam cada resenha. Esses trechos passaram por um processo de tradução. A versão bilingue de cada trecho é apresentada antes de cada comentário. Como já mencionado no Capítulo II, para a tradução foi adotada uma estratégia mais literal, sem aclimatizações ou adaptações.

<sup>23</sup><http://www.aphorismen.de/zitat/5339> (acesso em: 07/11/2015)

## Resenha 1 (Anexo I-A)

20.04.1962, Rheinischer Merkur, *Die "Dichterin des Kehrichts"-Tagebuchblätter aus den brasilianischen Elendsvierteln* (Poetisa do lixo – diário da favela brasileira),  
Guillermo Baumfeld

Eixo temático preponderante: Literário

### 1.1. Sobre o entorno

Alemão

#### **LIT/ENT**

Aber die Millionen der „favelados" selbst blieben stumm, bis ihnen Maria Carolina de Jesus, die außerordentlichste Erscheinung der südamerikanischen Literatur, eine Stimme gab.

#### **POL/ENT**

“Das Problem in der Favelas ist nicht für die Politiker, es verlangt Verständnis, Mitleid und Überzeugung aller”.

Português

#### **LIT/ENT**

Mas os milhões de “favelados”, eles mesmo, permaneceram mudos até que Maria Carolina de Jesus, um fenômeno extraordinário da literatura sul-americana, lhes deu voz.

#### **POL/ENT**

“O problema nas Favelas não é para políticos, requer compreensão, compaixão e consideração de todos”.

## Comentários

Observando primeiramente o título da resenha, percebemos que o entorno de sujeira e pobreza já está descrito: “Poetisa do lixo” e diário de um “bairro de miséria brasileiro” são elementos que localizam Carolina, seu entorno e sua temática.

Pertencente ao eixo temático preponderantemente literário, a resenha apresenta dois trechos de pontos de vista diferentes. O primeiro de cunho mais literário, identifica Carolina como alguém que “deu a voz aos favelados até então mudos” e a considera um fenômeno da literatura sul-americana. O segundo, classificado como político-social, aponta a visão da autora sobre seu entorno, ou seja: um problema que antes de requerer vontade política, carece da compreensão, compaixão e consideração de todos, responsabilizando, assim, cada um pela existência de bairros de miséria.

### 1.2. Sobre a autora

Alemão

#### **POL/CAR**

Vor 46 Jahren wurde sie in Sacramento geboren, zwei Jahre ging sie in die Schule, mit neun Jahren arbeitete sie als Magd. Als sie achtzehn war, heiratete sie, mit zwanzig war sie in der Favela Caninde von Sao Paulo. Das nackte Leben für einen kranken Mann und drei Kinder zu erhalten, war ihr Dasein. Sechszwanzig lange Jahre: beim Morgengrauen aufstehen.

#### **LIT/OBR/CAR**

Ist Carolina de Jesus eine Dichterin oder gehört sie zu den Erscheinungen, die Kometen gleich auftauchen, ein erschütterndes Buch schreiben, um dann wieder ins Dunkel zurückzukehren? Harriet Beecher Stowe rief vor hundert Jahren mit

Português

#### **POL/CAR**

Há 46 anos ela nasceu [Carolina] em Sacramento, frequentou a escola por dois anos e aos nove começou a trabalhar como empregada doméstica. Quando tinha dezoito anos, casou-se e, com vinte, já era moradora da Favela do Canindé em São Paulo. Sua existência resumiu-se em manter a vida de seu marido doente e de seus três filhos. Durante vinte e seis anos: levantar ao alvorecer.

#### **LIT/OBR/CAR**

Seria Carolina de Jesus uma poetisa ou faria ela parte desses fenômenos que, como cometa, aparecem, escrevem um livro impressionante e depois retornam para a escuridão? Harriet Beecher Stowe incitou, há cem anos, à libertação dos

„Onkel Toms Hütte" zur Befreiung der Negersklaven und rüttelte das Gewissen der Welt auf. Ihre anderen Bücher sind heute vergessen, aber dieses eine Werk hat sie unsterblich gemacht. Carolina de Jesús hat den Ehrgeiz, Schriftstellerin zu sein. Der Triumph ihres Buches ist die Unmittelbarkeit und Gedrängtheit der Darstellung, die demütige Ehrlichkeit des Berichts. Wenn ein Kunstwerk niemals eine Zufallserscheinung, sondern immer nur das Produkt eines disziplinierten Willens sein kann, ist sie eine Dichterin. Auch eine Anklägerin.

escravos com “A cabana do pai Tomás” e despertou a consciência do mundo. Seus outros livros são hoje esquecidos, mas essa única obra a tornou imortal. Carolina Maria de Jesus tem a ambição de ser uma escritora. O triunfo de seu livro está no imediatismo e na concisão da descrição, na humilde sinceridade do relato. Se uma obra de arte nunca pode ser uma manifestação do acaso, mas sempre e tão somente o produto de uma vontade disciplinada, então Carolina é uma poetisa. E também alguém que denuncia.

## Comentários

Podemos observar nos trechos destacados a descrição de uma Carolina sofrida que vive para dar o parco sustento a sua família, além da caracterização de uma poetisa que denuncia.

Intrigante, no entanto, é que na primeira descrição há a inclusão de informações equivocadas sobre a vida da autora, que nunca fora casada e muito menos teve um marido doente. Por ser a primeira resenha escrita sobre a autora, não é possível saber de onde essa informação foi tirada. No entanto, somos levados a pensar que se trata aqui de uma tentativa, embora baseada em dados equivocados, de moldar e caracterizar uma Carolina que os alemães se interessariam em ler.

Outro aspecto que pode contribuir para tais conjecturas é que o jornal em que foi publicada a resenha é de vertente conservadora da época e hoje é um suplemento extra do *Die Zeit*, jornal de grande circulação na Alemanha. Nesse caso, parece ser importante que Carolina, tendo filhos, tenha também um marido. E como esse marido não aparece na narrativa, é possível que o articulista tenha inferido o fato de ele ser doente.

Se considerarmos, a partir da perspectiva alemã, o caráter exótico da vida de Carolina, bem como o fato de o livro ser um diário (um registro autobiográfico, portanto), do qual ela é a autora, e se considerarmos, ainda, o fato de que ela mesma também pode ser vista como uma personagem do livro, é possível que o resenhista tenha se sentido autorizado a recriar fatos da vida da autora.

No segundo trecho encontramos um questionamento sobre o quão perene a poetisa Carolina poderia ser. O comentário está inserido no contexto da comparação com a autora Harriet Beecher Stowe que, após o sucesso de seu livro “A cabana do pai Tomás”, não conseguiu o mesmo feito com seus outros livros. Aconteceria isso também com Carolina? É a pergunta que o articulista se faz e finaliza enfatizando que Carolina é sim uma poetisa, mas uma poetisa que denuncia, o que - nas entrelinhas – parece apontar para um certo ineditismo.

### 1.3. Sobre a obra

Alemão

#### **LIT/OBR**

Aber das Buch ist nicht nur ein Dokument, sondern zwischen all der grauenhaften Wirklichkeit leuchten Stellen zarter Lyrik und die Kraft allgemein gültigen, menschlichen Gefühls. Sie selbst, die sich eine „Dichterin des Kehrichts“ nennt und sagt: „Die Stimme des Armen hat keine Poesie“, schreibt: „Ich träumte, ein Engel zu sein und suchte die Sterne, um sie zu betrachten und mit ihnen zu sprechen. Auch uns gibt die Natur von allem. Haben wir doch die glitzernden Sterne, die Sonne, die uns wärmt, und auch für uns fällt der tröstende Regen.

Português

#### **LIT/OBR**

Contudo, o livro não é somente um documento, mas em meio a toda realidade cruel destacam-se nele passagens de lírica suave e da intensidade de sentimentos humanos universais. Ela mesma, que se denomina “poetisa do lixo” e diz que “A voz dos pobres não têm poesia”, escreve: “Eu sonhava ser um anjo e procurava as estrelas para contemplá-las e conversar com elas. Também para nós a natureza dá de tudo. Temos, sim, as estrelas brilhantes, o sol que nos aquece e sobre nós também cai a chuva reconfortante.

## Comentários

Na perspectiva do resenhista o livro é mais que um documento. É um livro que, apesar da dura realidade, deixa transparecer também “trechos de uma lírica suave”. Essa afirmação leva Carolina de um extremo a outro: do relato documental e jornalístico da autora-personagem à dimensão da lírica, da prosa poética e da literatura.

O articulista faz isso utilizando passagens do livro de Carolina de Jesus que considera sensíveis e, talvez não por acaso, essas passagens são sobre a exuberância da natureza, uma das temáticas que perpassam as imagens do Brasil na Alemanha. Nesse sentido, o trecho em questão confirma os dois eixos em torno dos quais gira o potencial de recepção do livro e busca compensar o caráter documental da obra com a alusão à sua manifesta literariedade.

## Resenha 2 (Anexo I-B)

**Leipzig, 16.05.1962 - Vorwärts, *Augias in Sao Paulo – Tagebuch einer Negerin aus den Slums wurde Bestseller* (Augias em São Paulo – Diário de uma negra da favela torna-se bestseller), Rosemarie Vossberg;**

Eixo temático preponderante: Literário

### 2.1. Sobre o entorno

Alemão

#### **POL/ENT ou POL/POL**

„über den ganzen lateinamerikanischen Subkontinent, vom Rio Grande im Norden bis zur Spitze von Feuerland zieht sich wie eine eiternde Flechte der Aussatz der sozialen, moralischen und geistigen Not“, resümierte kürzlich ein Geistlicher seinen Eindruck von einer Reise durch mehrere Länder Lateinamerikas. Und in der Tat: Die soziale Not gehört zu den beschämendsten

Português

#### **POL/ENT ou POL/POL**

”Sobre todo o subcontinente latino-americano, do Rio Grande no Norte até a ponta da Terra do Fogo, estende-se como um líquen purulento a lepra da miséria social, moral e intelectual“, resumiu recentemente um religioso sobre sua impressão de uma viagem por vários países da América Latina. E, de fato, a miséria social está entre os problemas mais



Problemen jenes Kontinents und seinen krebsartig wuchernden Elendsquartieren am Rande der Millionenstädte wie Santiago de Chile, Rio de Janeiro, São Paulo.

Niemand kümmert sich um das Leben in den Favelas, schreibt die Autorin. Regierungsbeamte kommen nur, wenn Wahlen vor der Tür stehen. Dann versprechen sie viel. Sie lassen sich erst nach vier Jahren wieder sehen, wenn neue Wahlen veranstaltet werden . . .

### **POL/ ENT**

Ihre Tagebucheintragung vom 13. Mai 1959 ist nüchtern und traurig: „Mit dem Geld des Alteisens werde ich Reis und Wurst kaufen. Der Regen hat etwas nachgelassen. Ich gehe aus dem Haus. Meine Kinder tun mir so leid. Wenn sie Eßsachen sehen, rufen sie: Es lebe die Mutti! Nicht nur der Hunger nagt an Leib und Seele, auch die Streitigkeiten und der Klatsch der Nachbarn in den Favelas. Nachbarinnen schlagen ihre Kinder, gießen den Nachttopf über ihrem Kopf aus. Man prügelt sich, droht mit Pistole und Messer, trinkt literweise Zuckerrohrschnaps. Orgien werden in den elenden Hütten gefeiert. Die Prostituierten laden Kinder der Nachbarschaft ein, um bei ihrem Geschäft zuzusehen.

vergonhosos daquele continente e seus bairros de miseráveis que se proliferam feito câncer na periferia de megacidades como Santiago do Chile, Rio de Janeiro, São Paulo.

Ninguém se importa com a vida nas Favelas, escreve a autora. Os funcionários do governo só vêm quando as eleições estão batendo à porta. Aí eles prometem muito. Depois só são vistos de novo daqui a quatro anos quando acontecerão as novas eleições...

### **POL/ ENT**

O registro do diário de 13 de maio de 1959 é sóbrio e triste: "Com o dinheiro do ferro-velho vou comprar arroz e linguiça. A chuva estiou um pouco. Eu saio de casa. Meus filhos me dão tanto dó. Quando eles veem coisas de comer, eles exclamam: Viva a mamãe!" Não só a fome rói a carne e a alma, mas as brigas e fofoca dos vizinhos nas favelas. Mulheres que batem em seus filhos, despejam o penico na cabeça deles. As pessoas se espancam, se ameaçam com pistola e faca, bebem litros de cachaça. Orgias são celebradas nos barracos miseráveis. As prostitutas convidam as crianças da vizinhança para assistirem ao seu negócio.

## Comentários

Mais uma vez, o entorno já está explicitado no título. “...diário de uma negra da favela torna-se bestseller”. Nos trechos apresentados há uma abordagem político-social do tema, apesar de o eixo temático preponderante ser o literário.

No primeiro excerto, a resenhista procura caracterizar o entorno por meio das descrições de um religioso, embora o jornal de publicação não tenha cunho religioso, mas sim político e de orientação socialdemocrata. Esse fato demonstra também que o conhecimento acerca da realidade brasileira e/ou da América Latina é indireto, obtido por meio de relatos de viagem. Aliás, essa é a via pela qual esse conhecimento indireto ocorre na relação Brasil-Alemanha desde o séc. XVI.

Na tentativa, talvez, de obter uma descrição tão chocante quanto a de Carolina, há aqui uma viva comparação entre a situação de miséria das megacidades dos países latino-americanos com doenças contagiosas que começam silenciosamente, sem muitos sintomas aparentes, como a lepra, ou capazes de se proliferar até atingir o corpo todo, como o câncer. Uma afirmação que parece prenunciar a falta de solução para esse estado de miséria. Nesse mesmo sentido, o articulista insere, ainda, passagens da própria Carolina sobre o descaso dos políticos que aparecem na favela somente em época de eleição.

No segundo excerto há a descrição dessa miséria pelo lado de dentro, quer dizer, pelos olhos de Carolina. A resenhista utiliza-se, mais uma vez, de citações do diário e seus depoimentos. É possível perceber a descrição do entorno por meio das relações da autora com os outros: os filhos e a vizinhança. Uma relação que a resenhista considera “sóbria e triste”.

Seguindo a tradição de se informar através do relato de outros, percebe-se que a articulista toma não apenas o relato dos “viajantes” por realidade, como também o relato de Carolina. Isso demonstra uma mistura entre ficção e realidade. A escrita não é, segundo a jornalista, uma representação da realidade, vista sob a ótica de uma escritora, mas a realidade em si.

## 2.2. Sobre a autora

Alemão

### LIT/CAR

Die brasilianische Autorin hat im Armenvorort von Sao Paulo gewohnt, hat fünf Jahre lang Tagebuch geführt und rücksichtslos das Leben in dem „Mehr als Arme-Leute-Viertel“ geschildert.

Português

### LIT/CAR

A autora brasileira viveu na periferia pobre de São Paulo, escreveu um diário por cinco anos e retratou sem escrúpulos a vida “no bairro de pessoas mais que pobres”.

## Comentários

Podemos destacar no trecho supracitado o adjetivo “sem escrúpulos”. A autora do texto considera as descrições de Carolina de Jesus drásticas e duras e descreve seu entorno de forma generalizada e objetiva.

Interessante observar como a adjetivação “mais que pobres” sugere uma ênfase à extrema pobreza, esclarecendo que bairros de pessoas pobres já eram conhecidos, mas que a singularidade da obra estaria na descrição de uma situação além da pobreza. Há assim, uma tentativa permanente de marcar a diferença da obra e da autora; o novo, o estrangeiro, o exótico.

## 2.3. Sobre a obra

Alemão

### LIT/OBR

Ihr Bericht wäre nie gedruckt worden, hätte nicht ein aufmerksamer Reporter der brasilianischen Zeitung "O Cruzeiro" die Aufzeichnungen entdeckt und einem Verleger gegeben.

Português

### LIT/OBR

Seu relato jamais teria sido publicado, não tivesse um repórter atento do jornal<sup>24</sup> brasileiro “O Cruzeiro” descoberto as anotações e as entregue a um editor.

<sup>24</sup> Tradução seguindo o original *Zeitung*. No entanto trata-se de uma revista.

Immer wieder liest man schockierende Eintragungen. (...) Es sind skandalöse Zustände, die Carolina Maria de Jesus beschreibt. Ob sich das jemals ändert?

Die eindringliche, offene und einfache Sprache des „Tagebuches der Armut“ hat viele Leser für das Buch interessiert.

### **POL/OBR**

Das Tagebuch ist ein Bestseller. Es hat der Autorin die Möglichkeit gegeben, in ein festes Haus in São Paulo zu ziehen. Aber was wird aus den anderen Bewohnern der Favela? Werden die brasilianischen Politiker aus dem Buch lernen?

Permanentemente leem-se registros chocantes. (...) São condições escandalosas, as que Carolina Maria de Jesus descreve. Será que isso mudará algum dia?

A linguagem intensa, direta e simples do “Diário da Pobreza” fez com que muitos leitores se interessassem pelo livro.

### **POL/OBR**

O diário é um *bestseller*. Isso deu à autora a possibilidade de se mudar para uma casa de alvenaria. Mas o que será dos outros moradores da favela? Será que os políticos brasileiros aprenderão com o livro?

## **Comentários**

Neste trecho destaca-se a importância do jornalista e editor da obra para a publicação do livro. Interessante, no entanto, é notar que esse editor não tem nome, mas é caracterizado pelo seu local de trabalho: a revista “O Cruzeiro”. A resenhista descreve o modo de escrita de Carolina como chocante e se questiona sobre a existência de uma solução para a situação descrita por ela. Acredita que a forma de escrita dura de Carolina possa ter contribuído para o interesse de alguns leitores alemães pela obra.

Além disso, ressalta-se o fato de o sucesso da autora ter lhe dado a possibilidade de sair da favela e questiona-se ainda qual seria o verdadeiro objetivo do livro. Seria o texto um mero instrumento para a autora superar sua realidade ou ele conseguiria ir além e constituiria, assim, uma experiência de aprendizado para os políticos? Aqui se encontra um aspecto extraordinário: o questionamento sobre a capacidade de a literatura, por ela mesma, alterar (ou não) um estado de coisas; neste caso, uma realidade social.

Buscando mais uma vez referências no título: “Augias em São Paulo – Diário de uma negra da favela torna-se *bestseller*”, encontra-se uma referência ao deus grego Augias dos

estábulo imundo, o que pode apontar para uma rede associativa passível de ser estabelecida por um público leitor alemão de formação clássica. Por outro lado, percebemos certo descrédito ao mérito literário de Carolina, já que a ênfase do título parece denotar a surpresa de que tal diário pudesse se tornar um *bestseller*.

Publicada um mês depois da primeira resenha, em um jornal cujos leitores são basicamente os membros do partido socialdemocrata alemão (SPD), nesta resenha o articulista se atém mais ao livro do que a Carolina. Importam aqui a informação sobre o sucesso do livro, seu tema e a forma como os fatos foram contados: “de forma tão drástica quanto como acontece na realidade”.

A articulista não se preocupa, portanto, em traçar um perfil de autora interessante aos alemães, mas dá ênfase à temática e à forma como ela é expressa no livro, ao processo de publicação e ao fato de ele (surpreendentemente) ter se tornado um *bestseller* em tão pouco tempo. Assim, tem-se a impressão de que o livro, por ter sido escrito por uma ex-favelada, negra e brasileira, fica em segundo plano. Tampouco é feita qualquer tentativa de se traçar um perfil da autora, seja ele real ou fictício.

### Resenha 3 (Anexo I-C)

**13.07.1962, Christ und Welt, *Die Schwarze Mutter Courage aus Canindé – Zu den Tagebüchern der Maria Carolina de Jesus* (A mãe coragem preta do Canindé – sobre os diários de Maria Carolina de Jesus), Leo Gilson Ribeiro**

Eixo temático preponderante: Literário

#### 3.1. Sobre o entorno

Alemão

##### **POL/ENT**

Quer durch den Stadtplan von São Paulo läuft eine fein schattierte Linie, die symbolisch die soziale Struktur und die strenge Hierarchie der Vier-Millionen-Industrie-Metropole Lateinamerikas widerspiegelt. Von den hügeligen aristokratischen Stadtvierteln — Jardim

Português

##### **POL/ENT**

Uma fina linha de sombra atravessa o mapa de São Paulo, que reflete simbolicamente a estrutura social e a rígida hierarquia da metrópole industrial latino-americana de quatro milhões de habitantes. Dos bairros aristocráticos situados em pontos mais altos – Jardim Europa,

Europa, Murumbi — mit ihren Millionärsvillen senkt sie sich zu dem Geschäftszentrum und zu den proletarischen Quartieren Brás und Villa Maria hinab, bis sie im Verwesungsdunkel der Favela Caninde mündet, zwischen den schwarzen Gewässern des Flusses Tiete und der glänzenden Autobahn, die nach Rio de Janeiro führt.

In den proletarischen Vierteln, in dem Fabrikenwald Matarazzos und des Playboys Baby Pignatari, um nur diese beiden zu nennen, arbeiten emsig Italiener, Japaner, Polen und Deutsche, die den kapitalistischen Traum vom raschen Reichwerden träumen, während in Caninde die vom Leben Besiegten — meistens Neger und Flüchtlinge aus dem ausgedörrten Nordosten — in Blech- und Bretterhütten dahinvegetieren, von Hunger und Promiskuität, Alkoholismus und Hoffnungslosigkeit belagert.

### **POL/ENT**

Das Bild zeigt die brasilianische Negerin Carolina Maria de Jesus in der Favela Caninde von São Paulo. „Favela“ bedeutet Elendsviertel: es ist das Resultat des Exodus aus dem unterentwickelten Hinterland Brasiliens nach den entwickelten Großstädten an der Küste. Ähnliche

Morumbi – com suas mansões milionárias ela desce para o centro comercial e para os bairros proletários do Brás e da Vila Maria, até desembocar na escuridão decadente da Favela do Canindé, entre as águas pretas do rio Tietê e a rodovia reluzente que segue em direção ao Rio de Janeiro.

Nos bairros proletários, no parque industrial de Matarazzo e do Playboy Baby Pignatari – somente para citar esses dois nomes – trabalham com afinco italianos, japoneses, poloneses e alemães, que sonham o sonho capitalista de ficarem ricos rapidamente, enquanto no Canindé, os vencidos pela vida – em sua maioria negros e refugiados da seca do nordeste – vegetam em barracos de lata e de tábuas, cercados pela fome e a promiscuidade, pelo alcoolismo e a desesperança.

### **POL/ENT**

A imagem<sup>25</sup> mostra a negra brasileira Carolina Maria de Jesus na Favela do Canindé em São Paulo. "Favela" significa bairro de miséria: este é o resultado do êxodo do interior do Brasil, subdesenvolvido, para as grandes cidades desenvolvidas no litoral. Fenômenos

<sup>25</sup> Faz referência à imagem que acompanha o artigo no jornal. Uma cópia está disponível no anexo.

Phänomen finden sich im Süden Italiens und im Industriezentrum Mailand wie Visconti es in dem Film „Rocco und seine Brüder“ gezeigt hat.

### **POL/ENT**

In Rio, als Attraktion der Buchmesse, wohnt sie in demselben Hotel das vor einigen Jahren mit Steinen beworfen wurde, weil es der amerikanischen Negersängerin Marian Anderson Unterkunft verweigert hatte. Der Komödie zweiter Teil spielt sich im neapolitanisch unbekümmerten, sonnigen Rio ab, das stark mit der mailändisch soliden, sturen Industriestadt São Paulo kontrastiert.

parecidos podem ser encontrados no sul da Itália e no centro industrial de Milão, como Visconti mostrou no filme "Rocco e seus irmãos".

### **POL/ENT**

No Rio, como atração da Feira do Livro, ela se hospedou no mesmo Hotel que, há alguns anos, foi atingido por pedras, por se negar a hospedar a cantora negra americana Marian Anderson. A segunda parte da comédia se passa na napolitana negligente e ensolarada Rio, que contrasta fortemente com a milanesa<sup>26</sup>, sólida e obstinada cidade industrial de São Paulo.

## **Comentários**

Diferentemente dos primeiros articulistas, Leo Gilson Ribeiro mostra conhecimento sobre a cidade de São Paulo e sua geografia. Busca caracterizar os bairros da cidade de forma a determinar a classe social daqueles que habitam o bairro e classificá-los de acordo com a população migrante de cada um, finalizando sua descrição com a característica da população preponderante na Favela do Canindé: “negros e refugiados da seca do Nordeste”. Ao fazer essa descrição, o articulista, enquanto brasileiro, não procura se informar sobre locais distantes e exóticos através de outros relatos - como fazem os primeiros resenhistas -, uma vez que essa realidade provavelmente lhe é conhecida e próxima.

No segundo trecho sobressai-se um tom explicativo que busca, além de esclarecer o que viria a ser uma favela, explicar as razões de seu surgimento. Para isso, o articulista utiliza em suas comparações elementos presentes no imaginário alemão, como as referências à pobreza e ao caos na cidade de Milão, por exemplo. Gilson Ribeiro também faz referência ao filme de Visconti “Rocco e seus irmãos”, de 1960, que conta a história de

---

uma família, mãe e quatro filhos que depois da perda do pai, saem de uma cidadezinha do interior da Itália, vão tentar a vida em Milão e lá passam por grandes dificuldades. Essa comparação visa a encontrar um paralelo entre o enredo do filme e a trajetória peregrina de Carolina do interior de Minas para a megacidade de São Paulo.

O terceiro trecho alude à presença de Carolina na Feira do Livro do Rio de Janeiro. Menciona o fato de ela ter se hospedado em um hotel que havia sido alvo de pedradas por se recusar a hospedar a cantora americana negra Marian Anderson, destacando a presença do racismo no Brasil. Mais um indício de conhecimento do articulista sobre o país, que supera a representação de que o Brasil viveria numa democracia racial.

Outro ponto que merece ser considerado é o retorno da referência à Itália. Ao introduzir algumas passagens da vida de Carolina em contato com a alta sociedade carioca (que serão mencionadas adiante), o articulista compara Nápoles com o Rio de Janeiro e Milão com São Paulo, talvez pela proximidade das duas primeiras ao mar e pela influência econômica das duas últimas.

### 3.2. Sobre a autora

Alemão

#### **LIT/CAR**

Darum untersucht unser Bericht nicht das Werk selbst und nicht die sozialen und ökonomischen Ursachen der „Favela“, sondern schildert, welche Wirkungen die internationale Anerkennung ihres erschütternden Dokuments auf das Leben der Autorin selbst hatte. Wie überstand sie den Wechsel von krasser Armut zum Ruhm in Brasilien —, und bald verdrängt dieses Tagebuch Graham Greene, Bertrand Russell und den populärsten einheimischen Schriftsteller Jorge Amado, in der Bestsellerliste auf die unteren Plätze.

#### **POL/CAR**

Vor allem reagiert Carolina Maria de Jesus mit derselben entwaffnenden Freimütigkeit,

Português

#### **LIT/CAR**

Por isso, nosso relato não examina a obra propriamente dita e nem as causas sociais e econômicas da “favela“, mas retrata quais os efeitos do reconhecimento internacional deste documento chocante na própria vida da autora. Como ela sobreviveu à mudança da extrema pobreza para a fama no Brasil —, e logo esse diário desloca Graham Greene, Bertrand Russel e o autor mais popular do país— Jorge Amado— para os últimos lugares na lista de mais vendidos.

#### **POL/CAR**

Sobretudo, Carolina Maria de Jesus reage com a mesma franqueza desarmante, com



mit der sie einflußreichen Leuten und Elendskumpanen begegnet: „Hände weg von den Volksgeldern, ihr Guten. Gebt es lieber den Armen. Ihr seid alle schon so dick, wie ich sehe, laßt nun die Favela-Bewohner ein bißchen Speck ansetzen!“

a qual encontra pessoas ricas, influentes, e companheiros de miséria: "Tirem as mãos do dinheiro do povo meus queridos bonzinhos. Deem-no de preferência aos pobres. Vocês já são tão gordos, como vejo, deixem os moradores da favela também acumularem um pouco de gordura!".

## Comentários

Retomando o título – *Die Schwarze Mutter Courage aus Canindé – Zu den Tagebüchern der Maria Carolina de Jesus* –, vamos concentrar nossa atenção primeiramente em “Die Schwarze” (a negra) e em “Mutter Courage” (mãe coragem).

Em “die Schwarze”, observa-se mais uma vez a tentativa de deixar evidente a cor da autora, evocando com ela todas as redes associativas sociopolíticas aí implícitas, como escravidão e pobreza, por exemplo. Além disso, a referência à cor marca também uma diferença estereotípica em relação a Anna, personagem central da *Mutter Courage* de Brecht: “a Mãe Coragem de quem falamos aqui é preta (schwarz)!”.

Já “Mutter Courage”, além de estabelecer uma associação direta com a célebre personagem de Brecht, Anna – comerciante que sai a trabalho com seus três filhos, dois meninos e uma menina (assim como Carolina), em meio à guerra dos trinta anos – faz alusão também à crítica feita por Brecht de que a guerra não melhora ninguém. Segundo Peixoto (1991) Brecht teve influências do Romance *Simplicissimus*, de Jacob Christian Grimmshausen, autor alemão do século XVII, que afirmava que a “guerra torna os homens piores e não melhores” (p. 192). Também Carolina faz uma afirmação que vai ao encontro da crítica de Brecht: “Os pobres são tratados tão mal que são obrigados a abrir mão de sua bondade...”.

Voltando a Anna, a Mãe Coragem de Brecht, na verdade o que vemos não é uma mãe como todos esperavam, que faz de tudo pelos filhos (como Carolina), mas uma mãe que, na guerra, se preocupa em ganhar seu dinheiro mesmo perdendo seus filhos. Nas palavras de Peixoto (1991): “o dinheiro faz Coragem perder os filhos” (p. 192). Ou seja: a guerra, a pobreza “faz homens piores”, tira a sua “bondade”. No entanto, Carolina nos mostra que para escapar à regra, basta querer e fazer diferente. E nesse ponto, as duas

obras se encontram novamente. Para Peixoto (1991), a peça de Brecht deixa claro ao público que qualquer uma das personagens poderia ter agido de outra forma se quisesse. Pela trajetória de Carolina Maria de Jesus, vemos que ela dá testemunho disso com sua escrita.

Embora o articulista, no primeiro excerto, tenha estabelecido como objetivo de sua resenha “retratar quais os efeitos do reconhecimento internacional deste documento chocante na própria vida da autora”, o texto não deixa de relatar, como vimos anteriormente, o contexto social. Essa necessidade de retratar a trajetória de Carolina do pó à fama, parece demonstrar o quão exótico e inusitado é o fato de *Quarto de Despejo* ser o primeiro na lista dos mais vendidos deixando para trás, à época, autores renomados como Graham Greene, autor inglês que explorava na maioria de suas obras temas como espionagem e serviço secreto em países pouco conhecidos, Bertram Russel, autor e filósofo inglês, e Jorge Amado, que publicara *Gabriela Cravo e Canela* em 1958. O sucesso desses autores também contextualiza o sucesso de *Quarto de despejo*, uma vez que demonstra um interesse do público por culturas, sociedades e realidades desconhecidas.

Outro ponto é a referência a passagens do convívio de Carolina com pessoas influentes e ricas, que ela conheceu por força dos muitos convites que recebia para diversos tipos de eventos no auge de sua glória. A franqueza com que a autora trata as suas relações sociais, seja com ricos ou com pobres, chama a atenção do articulista. A passagem, “Tirem as mãos do dinheiro do povo meus queridos bonzinhos. Deem-no de preferência aos pobres. Vocês já são tão gordos, como vejo, deixem os moradores da favela também acumularem um pouco de gordura! ”, é rica em ironia e revela um pouco do estilo direto e sem rodeios que Carolina imprime às suas relações com pessoas e à sua escrita.

### 3.2. Sobre a obra

Alemão

#### **POL/OBR**

Mit blitzartiger Reaktion empfängt die brasilianische Elite — Intellektuelle, Presse und Fernsehen, Professoren und Studenten, Minister und Abgeordnete — den elektrischen Schock dieser Bloßstellung einer Welt, die in den Hauptstädten der Erde ein soziales Problem von katastrophalen Dimensionen bedeutet; in Rio allein gibt es zweihundert Elendsviertel; und doch ist es eine zugedeckte, verschlossene, übersehene Welt, die im alltäglichen Leben aus dem Bewußtsein verbannt wird. „So leben die Leute in der Favela?“ fragten viele Candides, die von solcher Misere keine Ahnung gehabt“ hatten. Und der Enthüllung dieser unbekanntes Wirklichkeit — Sartre hat in Rio lapidar gesagt: “Copacabana ist bloß das Schaufenster, die Realität dahinter ist die Favela” — folgt rasch eine südamerikanische Tragikomödie, in der sich das Groteske mit dem Erschütternden in barockem Wirrwarr paart. In einer Woche werden schlagartig zehn-tausend Exemplare verkauft — ein Rekord.

português

#### **POL/OBR**

Com uma reação fulminante, a elite brasileira – intelectuais, imprensa e televisão, professores e estudantes, ministros e deputados – recebeu o choque elétrico deste desmascaramento de um mundo que indica, nas capitais do planeta, um problema social de dimensões catastróficas; somente no Rio existem duzentos bairros miseráveis; e, não obstante, este é um mundo encoberto, fechado, ignorado que é banido da consciência no cotidiano da vida. “Assim vivem as pessoas da Favela?“, perguntaram muitos *Cândidos*<sup>27</sup>, que não faziam ideia de tal miséria. E, ao desvelar dessa realidade desconhecida – Sartre disse de forma lapidar no Rio de Janeiro: “Copacabana é apenas a vitrine, a realidade está atrás dela, nas favelas” – segue-se uma tragicomédia sul-americana, na qual o grotesco une-se ao trágico no caos barroco. Em uma semana são vendidos repentinamente dez mil exemplares – um recorde.

---

<sup>27</sup> Referência ao conto do filósofo Voltaire, publicado em 1759. Seu título em português pode aparecer como *Cândido ou o Otimismo*, ou somente *Cândido*. Nele é narrada a história do jovem, Cândido, que vivia em um paraíso edênico recebendo ensinamentos do otimismo de Leibniz através de seu mentor, Pangloss. A obra retrata a abrupta interrupção deste estilo de vida quando Cândido se desilude ao testemunhar e experimentar eminentes dificuldades no mundo. [[https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido,\\_ou\\_O\\_Otimismo](https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido,_ou_O_Otimismo)]

**LIT/OBR**

Wie einst aus den expressionistischen Gedichten von Stadler und Heym steigen die Schreckvisionen der Großstadt auf, inmitten des „Gestanks von faulem Fleisch und Fischen ... Zerlumpte Kinder kreischen über dürrtigen Spielen ... während fern die Stadt erdröhnt im Donner der Automobile."

**LIT/OBR**

Nach dreijährigem, beharrlichem Kampf gelingt es dem Berichtersteller, einen Verleger für seine "Entdeckung aus dem menschlichen Dschungel" zu finden: einen konservativen Verlag, der bis dahin hauptsächlich Schulbücher gedruckt hatte und der nun eine "neue Linie" riskieren wollte.

**POL/OBR**

Der stark konservative "O Estado de São Paulo" spricht von einem der besten brasilianischen Bücher dieses Jahrhunderts", die liberale "Diario de Noticias" nennt es "eine knallende Ohrfeige ins Gesicht der brasilianischen Verwaltung". Gleichzeitig greifen die Kommunisten eifrig das unerwartete, herrliche Propagandamaterial gegen die Dekadenz des kapitalistischen Systems in Brasilien" auf.

**LIT/OBR**

Como que saídas das histórias expressionistas de Stadler e Heym, as visões assustadoras da cidade grande emergem em meio ao "fedor de carne e peixe podres... Crianças que esfarrapadas engatinham sobre brinquedos estragados... enquanto ao longe a cidade retumba ao trovão dos automóveis".

**LIT/OBR**

Depois de três anos de luta persistente, o repórter consegue encontrar um editor para sua "descoberta da selva humana": uma editora conservadora, que até então havia impresso majoritariamente livros escolares e que agora queria arriscar uma "nova linha".

**POL/OBR**

O jornal fortemente conservador "O Estado de São Paulo" refere-se ao livro como um dos melhores livros brasileiros deste século, o liberal "Diário de Notícias" considera a obra um tapa sonoro na cara do governo brasileiro. Ao mesmo tempo os comunistas aproveitam com entusiasmo o material de propaganda inesperado e maravilhoso contra a decadência do sistema capitalista no Brasil.

**LIT/OBR**

Das Ausland interessiert sich für diesen — historisch gesehen — etwas verspäteten Protest eines erdrückten Proletariats, der das exotische Lokalkolorit der Tropen und des Negermilieus mit in die Literatur einbringt.

**LIT/ OBR**

Ab und zu gelangen ihr philosophische Betrachtungen deren Substanz Marc Aurel oder Bert Brecht gefallen haben würden, je nachdem ob sie elegisch oder aufrührerisch gestimmt sind: "Rassenvorurteile...? Der Mensch ist so vergänglich auf der Erde ... er sollte während seiner irdischen Fahrt in Frieden leben und keinen seiner Mitmenschen hassen ..." Oder: „Die Armen werden so schlecht behandelt daß sie auf ihre Güte zwangsläufig verzichten müssen ..." Und: „Wenn die Sonne zur Erde gehörte, würde sie bestimmt zum Privileg weniger Menschen werden ..." Fühlt sie sich eigentlich glücklicher nun auf dem anderen, dem reichen Ufer des Lebens"?

**LIT/ OBR**

...Oder vielmehr, wie besonders einige Ausländer aus einer falschen Perspektive behaupten, diene etwa ihr Buch der amtlichen Auflösung der Favela Caninde? Die demagogischen Züge dieser verspäteten und ungenügenden Maßnahme

**LIT/OBR**

Os países estrangeiros se interessam pelo protesto um pouco atrasado — historicamente falando — de um proletariado esmagado, que introduz na literatura o colorido local, exótico, dos trópicos e do ambiente negro.

**LIT / OBR**

De vez em quando ela consegue fazer reflexões filosóficas, cuja substância teria agradado muito a Marco Aurélio ou a Bert Brecht, a depender se elas fossem mais melancólicas ou revoltadas: "Preconceito racial...? O Homem está no mundo de passagem... e deveria se preocupar em viver em paz e não odiar seu próximo durante sua viagem na terra..." ou: "Os pobres são tratados tão mal que são obrigados a abrir mão de sua bondade..." E: "se o sol pertencesse à Terra, certamente ele seria privilégio de poucos..." Mas será que ela se sente agora mesmo mais feliz do outro lado, na margem rica da vida?

**LIT/OBR**

...Ou bem mais como especialmente alguns estrangeiros afirmam, a partir de uma perspectiva falsa, que o livro dela serviu, por exemplo, para a dissolução oficial da Favela do Canindé? Desconhecendo os traços demagógicos dessas medidas

verkennend vergessen sie die unzähligen Favelas von Lateinamerika, in denen noch Millionen vegetieren und die sich ständig weiterfressen wie ein schwärender Krebs.

Genauso falsch ist die optimistische Behauptung, ihr Tagebuch sei eine Art brasilianisches „Onkel Toms Hütte“. Jeder, der die brasilianischen Verhältnisse kennt und dieses wichtige Zeugnis liest, wird viel eher sagen, es hat den sozialen Wert einer brennenden Anklage gegen das Verwaltungswesen und die Oligarchie Brasiliens. Mehr sogar: Möglicherweise ist es der Schlüssel zum Verständnis der explosiven lateinamerikanischen Wirklichkeit — die leicht zu Castro-Lösungen führen kann.

### **LIT/ OBR**

Vielleicht werden wir den tieferen Sinn ihres demütigen, fast analphabetischen Dokuments menschlichen Elends in einer verblüffenden Analogie mit dem Werk Kafkas — natürlich auf einer anderen Stufe der literarischen Aussage — finden. Nicht nur in dem berühmten Kafka-Zitat „ich habe so geschrieben, weil ich das Leben so sah!“ ist diese überraschende Verwandtschaft begründet. Auch auf der Parallelität ihrer Thematik beruht die Annäherung zwischen den beiden einsamen Bewohnern sozialer

tardias e insuficientes, eles se esquecem das tantas outras Favelas da América Latina, nas quais milhões ainda vegetam e que continuam a se disseminar como um câncer purulento.

Tão falsa é a afirmação de que seu diário seria um tipo de “A cabana do pai Tomás” brasileiro. Qualquer um que conheça as condições brasileiras e leia esse importante testemunho, diria antes que ele tem o valor social de uma denúncia flagrante contra a administração e oligarquia brasileira. Mais ainda: é muito possível que ele seja a chave para a compreensão da realidade explosiva da América Latina que, facilmente, pode levar a soluções à maneira de Castro.

### **LIT/OBR**

Talvez encontremos o sentido profundo de seu [de Carolina] documento humilde, quase analfabeto sobre a miséria humana em uma analogia desconfortante com a obra de Kafka – naturalmente em outro grau da manifestação literária. Não somente na famosa citação de Kafka “eu escrevi assim, pois vi a vida assim!” esse inesperado parentesco é justificado. Também no paralelismo da temática da autora repousa a aproximação entre ambos moradores solitários de guetos sociais e

und kultureller Ghettos: Es ist die Schilderung der Angst. Freilich befaßt sich die Chronistin der Favela mit einer physischen Angst um das biologische Überleben, während der Schöpfer des unerreichbaren „Schlosses“ metaphysische Angst empfand.

In ihren Geständnissen schreibt Carolina: „Es gibt Leute, die am Leben verzweifeln und allein an den Tod als Lösung denken. Ich wehrte mich stets dagegen, indem ich mein Tagebuch schrieb.“ Wie ein entferntes Echo klingen die Worte Kafkas: „Im Schreiben gibt es einen sonderbaren, rätselhaften, vielleicht gefährlichen, vielleicht rettenden Trost ... Vielleicht führt die Literatur zum Beten ...“ Das Buch der Brasilianerin zeugt von einem ähnlich absoluten Glauben an die Transzendenz des Wortes, an seine Kraft, die Umwelt zu verwandeln, wie sie es ganz konkret erleben durfte. Wie ein „Negro Spiritual“ enthält dieses bittere Buch neben soviel Trauer einen Funken Trost, wenn Carolina sagt: „Der Mensch wird nicht nackt geboren — die Hoffnung kleidet ihn.“

culturais: é o retrato do medo. Sem dúvida a cronista da favela ocupa-se de um medo físico pela sobrevivência biológica, enquanto o criador do “castelo” inatingível experimentava um medo metafísico.

Em suas confissões Carolina escreve: “Há pessoas que duvidam da vida e só pensam na morte como solução. Eu lutei constantemente contra isso ao escrever meu diário”. Como um eco distante soam as palavras de Kafka: “Na escrita existe um consolo estranho, enigmático, talvez perigoso, talvez salvador... Talvez a literatura nos leve a orar...” O livro da brasileira é testemunho de uma crença semelhantemente absoluta na transcendência da palavra, na sua força de transformar o meio circundante tal como lhe foi permitido vivenciar concretamente. Como um “*Spiritual Negro*”, este livro amargo contém, ao lado de tanta tristeza, uma faísca de consolo, quando Carolina diz: “O homem não nasce nu – a esperança o veste.”

## Comentários

Esta resenha dedicou a maioria de suas linhas aos aspectos pertinentes à obra e, por consequência, a maioria dos excertos selecionados abordam esses aspectos. O primeiro trecho menciona a reação fulminante da elite brasileira diante da obra e compara a intensidade dela com um choque elétrico, por desmascarar problemas sociais de dimensões catastróficas de uma realidade desconhecida.

A referência à literatura clássica grega é, mais uma vez, utilizada para descrever o livro: “segue-se uma tragicomédia sul-americana, na qual o grotesco une-se ao trágico no caos barroco”. Ao desmembrarmos a comparação, temos que a tragicomédia, segundo Plauto<sup>28</sup> é uma peça mista por nela aparecerem tanto reis e deuses quanto escravos. Fazendo um paralelo com *Quarto de Despejo*, podemos dizer que o livro também fala de homens comuns, moradores da favela e de “nobres” - os políticos.

Seguindo para o conceito de grotesco, sabemos que, na literatura alemã do sec. XIX, um dos usos típicos consistia em tomar da matéria cotidiana o que há de estranho e assustador. Podemos dizer que em *Quarto de Despejo*, além de o livro conter uma faceta desconhecida da realidade, as descrições de Carolina sobre essa realidade em sua narrativa chocam e causam estranhamento, revelando com isso o que estava encoberto: a miséria pelo descaso.

Sobre o trágico, considerado tradicionalmente na literatura grega um gênero maior, que “suscita horror e piedade, tendo como efeito a purificação das emoções”<sup>29</sup>, o emprego do termo não se aplica se considerarmos que na narrativa de Carolina não há um desenvolvimento rumo a um desfecho trágico propriamente dito. No entanto, a descrição da vivência diária de emoções fortes, pungentes, pode levar o leitor alemão a experimentar, no conjunto do texto, uma tragicidade subliminar que suscita constantemente o horror e a piedade.

Finalizando com barroco, entendemo-lo aqui menos como emprego de recursos estilísticos que caracterizam um gênero, mas tão somente como a presença de alguns de seus traços distintivos: a antítese, o pessimismo, os prazeres sensuais<sup>30</sup>. Podemos dizer,

---

<sup>28</sup> O que é isso? Vocês franziram a testa? Porque eu disse que ia ser uma tragédia? Sou um deus, e posso mudá-la; se vocês quiserem farei da tragédia uma comédia, com os mesmos versos, todos eles. Querem que seja assim ou não? Mas que bobo que eu sou! Como se eu não soubesse o que vocês querem, eu que sou um deus! Sei o que existe na cabeça de vocês a respeito disso. Vou fazer com que seja uma peça mista: com que seja uma tragicomédia porque não acho certo que seja uma comédia uma peça em que aparecem reis e deuses. O que vou fazer, então? Como também um escravo toma parte nela farei que seja, como já disse, uma trágico-comédia. (PLAUTE, *Amphitryon*, 52-63).

<sup>29</sup> <http://www.portugues.com.br/literatura/generodramatico.html> acesso: 30/07/2015

<sup>30</sup> <http://www.soliteratura.com.br/barroco/barroco03.php> acesso: 30/07/2015



portanto, que todas essas características estão, de alguma forma, representadas na narrativa de Carolina, seja nas orgias noturnas nos barracos, seja no abuso da cachaça, seja até na oposição que se estabelece entre os aspectos documental e lírico de seu relato.

As referências, portanto, ao grotesco, à tragédia e ao barroco justificam-se na medida em que reavivam, na memória do público alemão, manifestações que, na literatura alemã, podem guardar alguma relação com a obra de Carolina e, mais especificamente, com essa mescla de gêneros por onde sua obra transita. Uma combinação que deu certo, uma vez que “em uma semana são vendidos repentinamente dez mil exemplares – um recorde”.

Na tentativa de caracterizar a crueza da narrativa de Carolina de Jesus, Gilson Ribeiro se vale de uma outra referência, dessa vez à lírica expressionista de Stadler e Heym. Para compreendermos melhor a comparação, cabe aqui a citação de Scheidel (1977), estudioso do expressionismo alemão, acerca da poesia de Trakl:

As visões de desespero de grande parte da poesia de Georg Trakl, Georg Heym e mesmo de Ernst Stadler são a expressão efetiva do que forças ocultas e perigosas lhes inculcaram: a sua temática são a cidade e os bairros suburbanos, os presos e os dementes, a miséria, o sofrimento e a doença. Tal como na pintura do grupo “die Brücke”, o feio e as forças demoníaco-destrutivas da natureza ocupam um lugar central na sua poesia. Mas também na poesia pré-expressionista o feio não vale como um mero “realismo superficial” – ele é, tal como a realidade social que se evoca, símbolo de uma tragédia apocalíptica que ameaça destruir o Homem e o mundo. (p.17)

Considerando que a leitura do diário de Carolina pode evocar também visões assustadoras sobre a cidade e condições humanas, podemos tecer facilmente o paralelo feito pelo resenhista que, mais uma vez, utiliza artifícios que acionam redes associativas para os leitores alemães. A referência ao expressionismo é um deles.

Dando continuidade às várias ligações que o autor da resenha faz com fatos e contextos de recepção no Brasil, assim como com referências presentes no imaginário alemão, o resenhista não deixa de mencionar a dificuldade do repórter para conseguir uma editora que publicasse a obra, deixando evidente que não havia nela qualquer expectativa de sucesso. Além disso, toca em um ponto bastante discutido nos recentes estudos sobre Carolina Maria de Jesus: o fato de suas obras terem sido ou não uma descoberta do repórter. Não vamos aqui nos aprofundar neste aspecto. No entanto, para esse resenhista, ela teria sido uma “descoberta da selva humana”. Algo que além de tirá-la da condição de autora, também a zoomorfiza. No entanto, o produto saído dessa selva humana, tem algo de inovador, de afiado e um tanto perigoso. É considerado um dos melhores livros

brasileiros do século pelo conservador “O Estado de São Paulo” e um “tapa na cara” do governo brasileiro pelo liberal “Diário de Notícias”.

Além disso, o repórter menciona a importância que tal relato pode ter para a propaganda comunista, considerando que o interesse dos países estrangeiros na obra pode ter sido o protesto tardio – historicamente<sup>31</sup> – do proletariado num ambiente exótico e negro.

O articulista faz ainda uma referência ao imperador Marco Aurélio, que se dedicou à filosofia estoíca. Na passagem destacada pelo autor do artigo, Carolina fala sobre o racismo e afirma que “o homem está no mundo de passagem e deveria se preocupar em viver em paz e não odiar seu próximo durante sua viagem na terra”. Parece mesmo haver aqui um diálogo com o estoicismo, pois um de seus preceitos era aceitar escravos como “iguais aos outros homens, porque todos os homens são igualmente produtos da natureza” (RUSSELL, 2004, p. 253).

Retomando o questionamento de a literatura conseguir sozinha alterar um estado de coisas, essa resenha parece ter uma posição um pouco mais clara sobre esta interferência, ao considerar totalmente falsa a perspectiva de que o livro tenha servido “para a dissolução oficial da Favela do Canindé” como alguns “estrangeiros” acreditavam e ao lembrar-se da existência de outras favelas e miseráveis que se multiplicam pela América Latina. Mais uma vez é interessante notar como o articulista, mesmo indiretamente, deixa evidente sua origem brasileira quando fala de estrangeiros assumindo talvez uma posição “de quem sabe do que está falando”.

Seguindo nessa mesma linha de raciocínio, ele ataca também a afirmação de que o diário “seria um tipo de *A cabana do pai Tomás* brasileiro”. Segundo ele, essa afirmação só poderia ser feita por quem não conhece as condições brasileiras. Em sintonia com a informação do resenhista, existe outro ponto que distancia as duas obras: o tom e a construção do personagem principal. Não existe em Carolina um tom de resiliência e conformismo como podemos perceber em *Pai Tomás*, o que fez do livro alvo de severas críticas. Nos EUA, o vocativo “Pai Tomás” tornou-se uma ofensa, por ser considerado sinônimo de conformismo quanto ao racismo.<sup>32</sup> Carolina, por outro lado, não se conforma, mas denuncia e faz de seu livro a principal arma para isso.

No entanto, existem talvez dois pontos que aproximem as duas obras: a questão da negritude e a crença na capacidade de as duas obras mudarem a realidade: a erradicação da Favela do Canindé em São Paulo e abolição da escravatura nos EUA. Isso para não mencionarmos a trajetória semelhante de sucesso de ambas: “*A cabana do pai Tomás*”

<sup>31</sup> Tardio por ter como referência a revolução do proletariado russo em 1917.

<sup>32</sup> <http://licrisdevaneiosliterarios.blogspot.com.br/2009/06/cabana-do-pai-tomas-harriet-beecher.html> Acesso: 30/07/2015

também teve um sucesso de vendas na primeira semana e tornou-se o livro mais conhecido de Stowe.

No mesmo trecho, Gilson Ribeiro prossegue na trilha das comparações e afirma que antes de ter semelhança com “A Cabana do Pai Tomás” a obra teria “o valor social de uma denúncia flagrante contra a administração e oligarquia brasileira”. E prossegue dizendo que “é muito possível que ele seja a chave para a compreensão da realidade explosiva da América Latina que, facilmente, pode levar a soluções à maneira de Castro”. A passagem revela o conhecimento do articulista sobre a forte influência de Fidel Castro na região e, ao que parece, quer evocar outras referências para o público alemão. Esmiuçar essa informação nos levaria, contudo, para longe de nossos objetivos.

Justificando mais uma vez a aspereza da escrita de Carolina e buscando a identificação com leitores alemães, o resenhista propõe comparações com a forma e a motivação da escrita de Kafka, sem deixar de ressaltar, no entanto, que se trata de “documento humilde, quase analfabeto sobre a miséria humana” e que entende a analogia com a obra Kafka como “desconfortante” e “em outro grau da manifestação literária” – “em outro grau” talvez por ser um “documento humilde e quase analfabeto”. Mas justifica essa analogia primeiramente com a citação de Kafka – “eu escrevi assim, pois vi a vida assim” – e depois no paralelismo da temática que ele vê como sendo o “retrato do medo”. Gilson Ribeiro pontua: “Sem dúvida a cronista da favela ocupa-se de um medo físico pela sobrevivência biológica, enquanto o criador do “castelo” inatingível experimentava um medo metafísico”.

Outro ponto importante é a relação feita aqui entre o papel existencialista da escrita de Kafka e o de Carolina Maria de Jesus. Segundo o articulista, ambos usam a escrita como uma forma de se manterem vivos. Para isso, Gilson Ribeiro utiliza uma citação de Carolina, que diz: “Há pessoas que pensam na morte como solução. Eu lutei constantemente contra isso enquanto escrevi meu diário”. Como contraponto de comparação, ele utiliza a seguinte citação de Kafka: “Na escrita existe um consolo estranho, enigmático, talvez perigoso e talvez salvador...”<sup>33</sup>. Em outras passagens ele declara em cartas que seria a escrita que o manteria vivo.

Em sua tese de doutorado “Die Tagebücher von Franz Kafka, ein literarisches Laboratorium 1909 – 1923” [Os diários de Franz Kafka, um laboratório literário 1909 – 1923], Andrea Rother apresenta de forma pormenorizada um estudo sobre os diários de Kafka e a importância deles na vida do escritor. Juntamente a isso são apresentadas algumas

---

<sup>33</sup> Kafka, Franz. Briefe 1902 – 1924. Org. v. Brod. P. 28

considerações sobre o gênero diário que talvez venham reforçar a nossa análise: “O diário é um lugar de transição. Lá a vida é transformada em escrita... escrever pode dar moldura à vida e, assim, servir de apoio” (p.4)<sup>34</sup>

Carolina também encontra na escrita uma saída para sua realidade dura e é nos papéis catados no lixo que se depara com a matéria prima para o que chamaria de seu alimento: a escrita. O articulista reconhece essa característica, busca na literatura alemã um paralelo e o encontra em Kafka. Da mesma forma, conforme comentamos acima, ele busca outros correlatos em figuras exponenciais, canônicas para características de nossa autora, e os encontra em Bertold Brecht e até mesmo no imperador romano Marco Aurélio.

Finalizando, trazemos mais uma vez a relevância de o articulista ser brasileiro, crítico literário renomado, que morou na Alemanha e escreveu para jornais alemães. Gilson Ribeiro aproxima Carolina mais ao viés literário e compara sua trajetória, sua escrita e sua reflexão à de personagens da literatura alemã – Mãe Coragem e Cinderela –, associando-a, assim, não apenas a autores canônicos como Brecht e Kafka, mas também a personagens ligados a uma forte tradição formal e temática da literatura alemã: os *Märchen*, ou contos maravilhosos. E nesse momento, a rede associativa que se cria em torno de Carolina e sua obra deixa de se ancorar em personagens concretos, autores e feitos específicos, para passar ao domínio do arquétipo.

#### **Resenha 4 (Anexo I – D)**

**04.08.1962, Frankfurter Allgemeiner Zeitung - FAZ, *Das Schwarze Aschenputtel – Zu dem Kopfkissenbuch einer brasilianischen Negerin* (A cinderela negra – sobre o livro de cabeceira de uma negra brasileira), Helene Henze**

Eixo temático preponderante: Político-social

Lançando o olhar primeiramente para o título, já podemos identificar as referências utilizadas para definir Carolina. Também de 1962, esta resenha foi publicada em um jornal conservador-liberal<sup>35</sup> de circulação nacional alemã e evoca, de início, o contexto dos contos de fadas e uma de suas personagens mais conhecidas: a cinderela. A personagem é, no conto de fadas, filha de um homem rico que morre e a deixa com a madrasta e suas filhas.

<sup>34</sup>“Das Tagebuch ist ein Ort des Übergangs. Leben wird dort in Schrift transformiert... Schreiben kann dem Leben einen Rahmen verleihen und damit Halt geben.”

<sup>35</sup> “Alter Wein in neuen Schläuchern” [Vinho velho em garrafas novas] é assim que o FAZ explica sua orientação política. [http://www.deutschlandfunk.de/alter-wein-in-neuen-schlaeuchen.761.de.html?dram:article\\_id=113978](http://www.deutschlandfunk.de/alter-wein-in-neuen-schlaeuchen.761.de.html?dram:article_id=113978) (Último acesso: 18/11/2015)

A jovem vira empregada delas, anda sempre maltrapilha e seus amigos são os bichos e os elementos da natureza. Também Carolina, sai maltrapilha a limpar as ruas da cidade e possui como alegria a contemplação da natureza. Então, de uma hora para outra, como na magia do conto dos irmãos Grimm, ela começa a frequentar os melhores lugares da cidade a convite de pessoas influentes da alta sociedade. Seu sapatinho? O diário *Quarto de Despejo*. No entanto, para a Cinderela negra do Canindé não houve um final feliz. Os trechos selecionados abaixo demonstram, em cada subárea temática, um pouco das expectativas e do viés da articulista sobre o texto.

#### 4.1. Sobre o entorno

Alemão

**POL/ ENT**

Das furchtbare Bild, das sich da entrollt, trifft mit geringen Abweichungen auf alle die Elendssiedlungen zu, die rings um die Städte Ibero-Amerikas im Wachsen begriffen sind. Je mehr die Landwirtschaft sich mechanisiert, je weiter die Mär von den Wunderdingen der Stadt und ihren Verdienstmöglichkeiten ins Hinterland dringt, desto größer der Zustrom der Darbenden. Die meisten bleiben in ihren provisorischen Unterkünften hängen, auch Gestrandete aus der Stadt schlagen daneben ihre Hütten auf, und die Quartiere werden zum Sammelpunkt entwurzelter Massen, die mehr und mehr verelenden und verwehrlosen. In der Favela do Caninde, wo Caroline neun Jahre lang mit ihren Kindern hauste, sind die Buden aus rohen Brettern recht und schlecht zusammengeschlagen und mit

Português

**POL/ENT**

A imagem terrível, que se desenrola lá, atinge também, com poucas diferenças, todos os bairros de miséria que estão em volta das cidades ibero-americanas em crescimento. Quanto mais à agricultura é mecanizada e quanto mais à fama das maravilhas da cidade e as possibilidades de trabalho chegam ao meio rural, maior se torna o fluxo dos famintos. A maioria deles fica presa em seus alojamentos provisórios, também os falidos da cidade erguem por ali seus barracos, e os bairros se tornam núcleo da massa dos desenraizados, que cada vez mais caem na miséria e no abandono. Na favela do Canindé, onde Carolina morou nove anos com seus filhos, os barracos são feitos de tábuas cruas retas e mal colocadas, cobertas com latão ou papelão, que gradualmente enferrujam e permitem que a água da chuva pingue em

Kanisterblech oder Pappe gedeckt, die allmählich verrotten und den Regen aufs Bett tröpfeln lassen (im Bildteil des Buches sind die Behausungen zu sehen). Drinnen ein Gewimmel von Ungeziefer, vor der Türe Staub oder knöcheltiefer Schlamm. Da spielen nackte Kinder mit krankhaft aufgetriebenen Bäuchen, Kinder in Scharen, denn die Bewohner der Favelas sind Proletarier im eigentlichen Sinne, allein an Nachwuchs reich. Das Ganze ist in den Gestank von faulendem Unrat und Exkrementen gehüllt. An dem einzigen Wasserhahn stehen morgens die Kanister in langen Schlangen an; das Rinnsal wird dünner und dünner, und den Letzten beißen die Hunde. Ein berühmter Hügel in Rio de Janeiro, wo sich Obdachlose und allerhand Diebsgesindel niedergelassen hatte, die Favela, hat solchen Quartieren im ganzen Lande den Namen gegeben. Von den dreieindrittel Millionen Einwohnern São Paulos beherbergen die Favelas 50 000 Menschen, Farbige aller Schattierungen und vereinzelt Weiße. Wie kommt eine Frau wie Caroline dahin, die keine Mühe scheut, sich und ihre Kinder ehrlich durchzubringen?

### **Comentários**

Na leitura do excerto percebe-se a riqueza de detalhes com que a resenhista descreve e justifica as condições de miséria apresentadas por Carolina. Num primeiro momento, assim como vimos na resenha 3, ela justifica as misérias das grandes cidades

cima da cama (nas imagens do livro podem-se ver as moradias). Dentro, um fervilhar de bichos; em frente à porta, poeira ou lama até os tornozelos. Ali, as crianças com barrigas inchadas por doenças brincam nuas, crianças em bandos, pois os moradores da favela são proletários no sentido estrito, ricos somente de filhos. Tudo está empestado com um fedor de sujeira podre e excrementos. Na única torneira de água ficam as latas em uma longa fila; o fio de água vai ficando cada vez mais fino e os últimos ficam sem nada. Um morro mal afamado no Rio de Janeiro, onde se instalaram os sem teto e todo tipo de corja de ladrões, a favela, deu nome aos outros bairros desse tipo em todo país. Dos três milhões e um terço de habitantes de São Paulo, as favelas dão abrigo a 50 000 pessoas, negros de todas as tonalidades e raros brancos. Como pode uma mulher como Carolina, que não poupa esforços, sustentar dignamente a si e seus filhos?

ibero-americanas pela mecanização do campo que faz com que as pessoas migrem para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida. Ali, desamparados e entregues à própria sorte, elas erguem seus alojamentos provisórios e iniciam a formação de bairros que “se tornam núcleos da massa dos desenraizados, que cada vez mais caem na miséria e no abandono.”

Num segundo momento ela descreve detalhadamente a Favela do Canindé, “onde Carolina morou nove anos com seus filhos”. A descrição é rica em materiais e imagens e possibilita uma visualização do entorno: “barracos de tábuas mal colocadas, latão enferrujado, goteiras, bichos, crianças nuas de barrigas inchadas entre outras imagens”.

No entanto, ela não usa de qualquer artifício ou comparação para aproximar essas imagens do leitor alemão, como faz o autor da resenha 3 ao evocar a estética do expressionismo. Aqui ela se limita a descrever e, mais adiante, a explicar o surgimento da palavra favela, que segundo ela se origina de “um morro mal afamado no Rio de Janeiro, onde se instalaram os sem teto e todo tipo de corja de ladrões, a favela, [que] deu nome aos outros bairros desse tipo em todo país”<sup>36</sup>. Essa tentativa de explicar a origem do nome “favela” dado aos bairros de “pessoas-mais-que-pobres”, onde, segundo a resenhista, se instalou “todo tipo de corja de ladrões” e que “[dava] abrigo a 50.000 pessoas, negros de todas as tonalidades e raros brancos”, resvala, porém, para o preconceito ao associar a cor da pele ao caráter dos moradores da favela.

---

<sup>36</sup>No entanto, a palavra favela possui sua origem em Canudos, no morro das faveleiras (planta comum da região), onde se assentaram os fiéis de Antônio Conselheiro. <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/curiosidades-etimologicas/favela-de-canudos-para-o-brasil/>. Acesso: 31/7/15

## 4.2. Sobre a autora

Alemão

### **POL/CAR**

„Politiker wissen, daß ich eine Dichterin bin. Und daß der Dichter dem Tod entgegengeht, wenn er sieht, daß sein Volk geknechtet wird.“

### **LIT/CAR**

(...) die Enttäuschungen, wenn sie ihr Feld schon abgegrast findet, wenn „Reader's Digest“ ihr die Aufzeichnungen zurückschickt; ihre Andacht unter dem Morgenhimmel, ihre Liebe zu Blumen und den Sternen, ihre wechselnden Stimmungen, ihre Träume — diese Hefte sind ein echtes Tagebuch, ihr Trost, ihr Vertrauter, der ihr hilft, sich in dieser vom Trieb beherrschten Umgebung als Person zu retten.

### **LIT/CAR**

Sie ist eine empfängliche Leserin, rührend in ihrem unkritischen Drang nach „Bildung“. Treuherzig schmückt sie ihre nüchterne, direkte, zuweilen herrlich bildhafte Volkssprache mit angelesenen Wörtern, die sie mit einem kuriosen Ungefähr gebraucht. Wenn sie sich schön und poetisch ausdrücken will, wird sie leicht schwülstig, und der Zeitungs- und Rundfunkjargon hat sie tüchtig angesteckt. Doch auch durch die

Português

### **POL/CAR**

”Os políticos sabem que eu sou uma poetisa. E que um poeta enfrenta a morte, quando ele vê que seu povo é oprimido“.

### **LIT/CAR**

(...) as decepções, quando ela encontra seu campo já ceifado, quando o „*Reader's Digest*“ devolve seus manuscritos; sua oração sob o céu da manhã; seu amor pelas flores e estrelas; suas alterações de humor; seus sonhos — esses cadernos são um verdadeiro diário, seu consolo, seu confidente, que a ajudam a se salvar como pessoa em um meio dominado pelo instinto.

### **LIT/CAR**

Ela é uma leitora receptora, que emociona pelo anseio ingênuo por ”educação formal“. Confiante, ela enfeita sua linguagem popular sóbria, direta, às vezes maravilhosamente figurativa com palavras que leu em algum lugar, as quais ela utiliza com uma casualidade curiosa. Quando ela quer se expressar de forma bela e poética, torna-se levemente rebuscada e os jargões de jornal e do rádio a afetaram em cheio.



uneigenen Töne spürt man das wahre Gefühl, den unverfälschten Menschen.

### **POL/CAR**

"Manchmal abends erwartet Caroline „einen gewissen Jemand" — sie hat ein entzündliches Herz und macht kein Hehl daraus. Sehr häßlich findet sie es, wenn verheiratete Frauen sich mit fremden Männern abgeben, sie müssen normal bleiben . . . „Aber eine freie Frau, die keinerlei Verpflichtungen hat, kann es den Spielkarten gleich machen und von Hand zu Hand gehen." Doch von seinem Heiratsantrag mag sie sowenig wissen wie von denen der andern. . . denn ich bin schon eine reife Frau. Und dann wird kein Mann eine Frau gern haben, die nicht leben kann, ohne zu lesen. Und die aufsteht, um zu schreiben. Und die mit Bleistift und Papier unter dem Kissen zu Bett geht.

Mesmo assim, também pelos tons que não lhe são próprios, é possível perceber o sentimento sincero, a pessoa genuína.

### **POL/CAR**

Às vezes, Carolina espera à noite "um certo alguém" – ela tem um coração quente e não faz disso um segredo. Ela acha muito feio, quando mulheres casadas se preocupam com outros homens, elas deveriam se colocar no lugar delas... "mas uma mulher livre, que não tem qualquer tipo de compromissos, pode fazer como num jogo de cartas e passar de mão em mão". Mas ela não quer saber do pedido de casamento dele assim como não quer saber do dos outros... "pois sou uma mulher madura. E nenhum homem vai querer uma mulher que não pode viver sem ler. E que se levanta para escrever. E que vai para cama com lápis e papel debaixo do travesseiro".

### **Comentários**

Ao falar sobre Carolina, a autora da resenha ressalta a crença da escritora na força do poeta e de sua escrita. É como se ele, transcendendo a missão de escrever o belo que suscita emoções humanas, tivesse também um forte compromisso social para com o outro: "Os políticos sabem que eu sou uma poetisa. E que um poeta enfrenta a morte, quando ele vê que seu povo é oprimido". Para Carolina, portanto, a escrita é dotada de uma força capaz de alterar o rumo das coisas e, desse modo, deveria ser temida pelos políticos.

Outro fator explorado pela resenhista é o fato de a escrita de Carolina servir como uma espécie de salvação. Um lugar onde ela desabafava suas decepções e alegrias: “esses cadernos são um verdadeiro diário, seu consolo, seu confidente, que a ajudam a se salvar como pessoa num meio dominado pelo instinto”. Mais uma vez temos a menção ao entorno como um lugar dominado pelo instinto, pelo primitivo.

Sobre a escrita de Carolina, a resenhista não faz aqui qualquer referência a outros autores, embora tente identificar as influências de escolha das palavras e estilos dessa escrita. Ela apresenta a autora como uma grande leitora com vontade de aprender e também como alguém que ouvia rádio e dele tirava a motivação de sua escrita: “Confiante, ela enfeita sua linguagem popular sóbria, direta, às vezes maravilhosamente figurativa com palavras que leu em algum lugar, as quais ela utiliza com uma casualidade curiosa”. A citação deixa entrever um estranhamento, por parte da resenhista, na forma de escrever de Carolina; quer dizer, usos que fogem ao que seria de se esperar como padrão para uma pessoa como ela. Do trecho “também pelos tons que não lhe são próprios, é possível perceber o sentimento sincero, a pessoa genuína” podemos inferir que a resenhista, embora reconheça a singularidade da escrita de Carolina, resiste a lhe conceder o status de autora, de escritora, limitando-se a considerá-la uma pessoa que escreve.

Por fim, a resenhista não deixa de mencionar passagens nas quais Carolina recebe um “certo alguém” e escreve: “ela tem um coração quente e não faz disso um segredo”. A escritora tem uma atitude independente, se permite o prazer, não aceita casamento nem ajuda para criar os filhos. Ao mencionar essa faceta da vida da autora, a articulista apresenta uma Carolina que, além de ter um profundo anseio por conhecimento e reconhecer a responsabilidade social de sua escrita, também pode fazer jus aos padrões feministas. Ainda que isso não seja dito de forma expressa, Carolina é apresentada ao público como uma mulher firme, que não confunde os papéis de esposa e escritora, nem está disposta a sacrificar o segundo pelo primeiro. É bem possível que este seja um ponto de empatia entre ela e uma faixa do público feminino alemão.

### 4.3. Sobre a obra

Alemão

**POL/OBR**

Die himmelschreienden Zustände in den Favelas sind natürlich nicht erst durch ihr Tagebuch ruchbar geworden. Es fehlt nicht an soziologischen und medizinischen Untersuchungen und Statistiken. Doch es ist etwas anderes, wenn das Elend mit eigener Stimme schreit und das inwendige Bild sichtbar wird.

**POL/ OBR**

Ihre Aufzeichnungen erschöpfen sich nicht in der trostlosen Malerei des Milieus. Diese Handelskladden, halbleer im Müll gefunden, in die sie säuberlich und nicht sehr orthographisch alles schreibt, was ihr Dasein ausmacht, die eintönige und doch so herzerreißende Wiederholung der Mühsal, des Hungers, der Rechnerei die nie aufgeht;(...).

**POL/OBR**

Aber wenn die Sensation um sie verpufft ist, werden dann die Reformen, zu denen sie den Anstoß gab, im Sande verlaufen, wie es bei der unsteten Politik der südamerikanischen Staaten immer wieder geschieht? Mit einem festen Haus und Satt werden ist es ja für die Favela-Leute nicht

Português

**POL/OBR**

As condições gritantes nas favelas naturalmente não ficaram conhecidas primeiramente pelo diário. Não faltam pesquisas e estatísticas sociais e da medicina. Mas, é diferente quando a miséria grita com sua própria voz e a imagem interior fica visível.

**POL/OBR**

Seus registros não se esgotam na pintura inconsolável do meio em que vive. Essas cadernetas de rascunho usadas no comércio, em parte vazias e encontradas no lixo, nas quais ela escreve sem rasuras e nem sempre ortograficamente correto tudo o que faz diferença em sua existência, a repetição monótona e, não obstante, tão comovente da labuta, da fome, dos cálculos; repetição que nunca cessa; (...).

**POL/OBR**

Mas quando a sensação em torno dela se dissipar, fracassarão as reformas pelas quais ela deu o impulso inicial, como acontece sempre com a política inconstante dos países sul-americanos? Com uma casa de alvenaria e comida suficiente não se resolve nada para o povo da favela; se a

getan; sollte Caroline selber Abgeordnete werden, so würde sie die polyphenhafte Natur des Problems kennenlernen, die sie in ihrer Einfalt nicht überblicken kann. Auf die Frage eines Schusters, ob sie ein kommunistisches Buch schreiben, hat sie erwidert: Nein — realistisch. Aber würde sie es verhindern können, wenn die kommunistische Agitation sich den Zündstoff, der darin steckt, zunutze machte, wenn sie die Favelas auf die Barrikaden rufe, wie sie es in andern Ländern tut? Noch ist das Märchen vom schwarzen Aschenputtel nicht bei dem Ende angelangt, wo sie alle herrlich und in Freuden leben.

própria Carolina se tornar deputada, ela conheceria a natureza cancerígena do problema, que ela, em sua ingenuidade, não consegue vislumbrar. Em resposta a pergunta de um incompetente se ela teria escrito um livro para ladies comunistas, ela replicou: Não — realista. Mas, caso a militância comunista se apropriasse do material explosivo contido ali, poderia Carolina evitar que essa militância incitasse as favelas à barricada, como já fizera em outros países? O conto de fadas da cinderela negra ainda não chegou ao final, onde todos vivem felizes para sempre.

## Comentários

Ao falar sobre a obra, a resenhista assume que as condições humanas descritas no diário não são novidade, mas ressalta a diferença de intensidade de um relato em primeira pessoa; o relato de alguém que realmente vivenciou de dentro tais condições: “quando a miséria grita com sua própria voz e a imagem interior fica visível”. De conteúdo “comovente”, os registros são descritos de acordo com a forma — “sem rasuras e nem sempre ortograficamente corretos” — e conteúdo: “tudo o que faz diferença em sua existência, a repetição monótona (...) da labuta, da fome, dos cálculos; repetição que nunca cessa”.

Essa descrição da forma de escrever e também do suporte para a escrita — “cadernetas de rascunho usadas no comércio” — é um diferencial desta resenha que, no mais, discorre sobre a obra a partir de sua importância política. Por um lado, há um questionamento sobre o quanto ou por quanto tempo o conteúdo explosivo da obra poderia movimentar e incitar reformas políticas; por outro, a propósito da consciência de Carolina sobre a dimensão política de sua obra, menciona-se a possibilidade de a obra ser facilmente utilizada pela campanha comunista para “incitar as favelas à barricada”. Estes dois questionamentos nos levam a pensar que um fio condutor que permeia também as

demais resenhas analisadas neste trabalho possa ser a questão de saber se a literatura teria mesmo o poder de alterar um estado de coisas por si só. Carolina Maria de Jesus acredita que sim; acredita que a palavra tem força, transcende. Ao que parece, sua escrita conseguiu pelo menos incitar os resenhistas alemães a pensarem sobre o assunto.

Ao final, a articulista retoma a comparação feita no início entre Carolina e Cinderela e afirma que a saga desta Cinderela (negra), àquela altura, ainda não tinha chegado ao fim. Se a resenha tivesse uma continuação vinte anos depois, a resenhista saberia que não houve um final feliz sob nenhum aspecto: as circunstâncias reais da vida de Carolina reverteram o final do conto maravilhoso e tampouco se alteraram as condições de (in)justiça social no Brasil.

## **Resenha 5**

**19.08.1962, Der Tagespiegel, *Chronik einer brasilianischen Negerin* (Crônica de uma negra brasileira), Usch**

Eixo temático preponderante: literário

“Crônica de uma negra brasileira” é a resenha que nos pareceu mais híbrida, menos focalizada. Apesar de os trechos de relevância selecionados dizerem respeito à obra, eles estão mesclados com descrições sobre o entorno e a autora. Quer dizer, oscilam entre o eixo temático literário e o político-social, comprovando, mais uma vez, que as classificações não são estanques. Por esse motivo, não foi possível selecionar trechos relevantes que falassem somente sobre o entorno ou sobre a autora. Parece que, para o articulista, o entorno e a autora são partes integrantes da obra e não o contrário. Ambos passeiam entre a ficção e a realidade.

### 5.1. Sobre o entorno

Não houve trechos relevantes

### 5.2. Sobre a autora

Não houve trechos relevantes.

## 5.2. Sobre a obra

Alemão

### **LIT/OBR/CAR**

Dieses Buch ist vor allem ein Dokument. In einer Bretterbude in der Favela do Caninde, dem Armenviertel São Paulo, wurde der Bericht geschrieben. Eine brasilianische Negerin hat ihn verfasst, Satz für Satz die dunklen und verworrenen Schicksale ihrer Nachbarn nachzeichnend.

### **POL/OBR**

Eines Tages beginnt sie ihre Erlebnisse aufzuzeichnen. Ein Tagebuch entsteht, in dem das Elend von einem Augenzeugen festgehalten ist. Die Darstellung des Lebens, ohne Prätention gegeben, wird zur Anklage, der Rapport wird zum Gerichtsprotokoll. Ein Journalist entdeckt die Aufzeichnungen, veröffentlicht sie.

### **LIT/OBR**

Das Buch liest sich wie eine Reportage, und doch hat es einer Reportage die Unruhe voraus, die nicht der Bericht über das Leben, sondern das Leben des Berichtenden erzeugt. Dieses Buch ist ein Dokument. Es lässt uns eine Welt sehen, die sonst kein fremder Blick erreicht, und doch vor unser aller Augen besteht.

Português

### **LIT/OBR/CAR**

Este livro é acima de tudo um documento. Em um barraco de tábuas na favela do Canindé, bairro pobre de São Paulo este relato foi escrito. Uma negra brasileira o redigiu, frase por frase foram descritos os destinos obscuros e entrelaçados de seus vizinhos.

### **POL/OBR**

Um dia, ela começa a escrever suas experiências. O resultado é um diário, no qual a miséria é registrada por uma testemunha ocular. A representação da vida, apresentada sem pretensão, torna-se uma denúncia, o relatório torna-se uma ata judicial. Um jornalista descobre os registros e os publica.

### **LIT/OBR**

Lê-se o livro como uma reportagem e, não obstante, ele vai além de uma reportagem devido à inquietação causada, não pelo relato sobre a vida, mas pela vida de quem relata. Esse livro é um documento. Ele nos deixa ver um mundo que, de outra forma, não seria alcançado por nenhum olhar de fora, mas que, apesar disso, está diante de nossos olhos.

## Comentários

Nesta resenha o caráter documental da obra é ressaltado desde o início. Para o resenhista, a obra é caracterizada pelo tom de denúncia. Aqui também há uma breve contextualização do entorno de miséria do qual e sobre o qual Carolina escreve. No entanto, o interessante é que, para o jornalista, Carolina não vivencia diretamente o que relata, mas é uma “testemunha ocular”. Seu relato torna-se, segundo ele, “uma ata judicial”, quer dizer, um documento em que se registra tudo o que se passa durante a sessão de um tribunal. Este é o traço diferencial dessa resenha: assumir o relato como relato, como representação de uma realidade e não como a realidade ela mesma. Mas porque será que Usch acredita ser impossível que alguém possa ter vivido de fato o que Carolina relata? Porque será que é tão inquietante pensar nesse relato como realidade? A resposta talvez viria 20 anos depois com a resenha 8 de Karsten Garscha que admite que os preconceitos locais os impediriam de apreender a dura realidade relatada por Carolina.

Essa dificuldade de apreensão da dura realidade e a mistura de realidade e ficção ficam claras também na “reportagem da inquietação (...) produzida pela vida de quem relata”. Para além dos fatos, por pior que sejam, o que deixa a leitura inquietante é saber que, mesmo em se tratando da representação de uma dura realidade, esta realidade é a vida mesma de quem relata. A observação, além de ressaltar a naturalidade e genuinidade do relato, mais uma vez deixa clara a mescla entre os papéis exercidos por Carolina como autora e como personagem.

Por fim, nessa mescla de ficção e realidade talvez resida o comentário final, a ser tomado como crítica à hipocrisia de todos os que, mesmo sabendo da existência dessa dura realidade, mesmo tendo essa condição desumana bem diante dos olhos, se recusam a enxergá-la, a assumi-la, até o momento em que alguém que vive sob essa condição a transforma em “literatura”. E, nesse momento, é como se essa realidade, de que alguém só ouvira falar, se materializasse na forma de um livro que se pode agora tocar.

## Resenha 6 (Anexo I-G)

27.11.1962, Stuttgarter Zeitung, *Dichterin der Armut – Die Aufzeichnung einer brasilianischen Negerin* (Poetisa da Pobreza – As anotações de uma negra brasileira), Ana Maria Schmitz

Eixo temático preponderante: literário

### 6.1. Sobre o entorno

Alemão

#### LIT/CAR/ENT

Und dann setzt sie sich hin und schreibt in ein Heft, das sie irgendwo in einer Mülltonne gefunden hat und in dem noch ein paar leere Seiten sind: „Wir haben Sterne, die glänzen. Wir haben die Sonne, die uns wärmt, den Regen, der von oben fällt ...“ So reich ist Carolina. Aber sie schreibt auch immer wieder in ihr Tagebuch — und das mit erschütternder Monotonie — „Mir war schwindlig vor Hunger“ — „Ich war wütend über das Leben. Am liebsten hätte ich geweint, weil ich kein Geld hatte, um Brot zu kaufen.“ — „Die Kinder aßen und hatten weiterhin Hunger.“

Português

#### LIT/CAR/ENT

E então ela senta e escreve em um caderno, que ela encontrou em algum lugar no lixo e que tem ainda algumas páginas em branco: "Nós temos estrelas, que brilham. Nós temos o sol, que nos aquece, a chuva que cai de cima..." Assim tão rica é Carolina. Mas ela também escreve aqui e ali em seu diário — e isso com uma monotonia impressionante — "Eu estou tonta de fome" — "Eu estava furiosa com a vida. Preferiria ter chorado por não ter dinheiro para comprar pão." - "As crianças comeram e ainda tinham fome."



## Comentários

De natureza híbrida, o trecho descreve a vida de Carolina e o conteúdo de sua escrita. Nos cadernos encontrados no lixo, Carolina escreve tanto sobre as belezas da natureza – e se sente grata por isso –, quanto sobre sua fome “e isso com uma monotonia impressionante”. Carolina deixa que os leitores vislumbrem as várias facetas da fome: a sua própria, física, (“Eu estou tonta de fome”); a de dimensão econômica e social (“Preferiria ter chorado por não ter dinheiro para comprar pão”); e a que vai além de ter muito pouco o que comer (“As crianças comeram e ainda tinham fome”). Esta última revelando ainda a frustração de não poder saciar os filhos.

Todas essas facetas são apresentadas pela articulista sem muitos comentários. É como se, para ela, as citações do livro falassem por si próprias e evidenciassem o que, para a jornalista, é o mais importante: quão “rica é Carolina” e quão “monótona e impressionante” é sua obra.

### 6.2. Sobre a autora

#### Alemão

##### LIT/CAR

Sie ist eine Negerin aus Brasilien, und sie heißt Carolina Maria de Jesus. Ein ungewöhnlicher Name. Und eine ungewöhnliche Frau. Sie hat einen traurigen, sensiblen Mund, der sehr viel Bitterkeit geschluckt hat, und kluge, schwermütige Augen. Diese Augen sehen wach und genau, was auf der Welt geschieht, in Carolinas Welt. Die Gedanken hinter ihrer Stirn sind unter einem Tuch verborgen. Aber viele von ihren Gedanken stehen in dem Buch, das den Titel „Tagebuch der Armut“ trägt. Es sind die Gedanken einer Frau aus dem Volk, die eben erst ein wenig Lesen und Schreiben

#### Português

##### LIT/CAR

Ela é uma negra brasileira e chama-se Carolina Maria de Jesus. Um nome incomum. E uma mulher incomum. Ela tem uma boca triste e sensível, que já engoliu muito amargura, e olhos espertos e melancólicos. Esses olhos veem de maneira clara e precisa o que acontece no mundo, no mundo de Carolina. Os pensamentos que passam pela sua cabeça estão escondidos debaixo de um lenço. Mas muitos de seus pensamentos estão no livro intitulado “Diário da Pobreza”. São pensamentos de uma mulher do povo, que aprendeu apenas um pouco a ler e escrever, mas que mesmo assim precisa

gelernt hat, und die doch auf ihre Weise sagen muß, was sie leidet. Sie tut es, um nicht unterzugehen in ihrem Elend, und sie tut es zum Wohl der anderen, die hungern wie sie.

### **LIT/CAR**

Wie sie es fertig brachte, hier ein Mensch zu bleiben, eine gute Mutter und eine tatkräftige Frau, die energisch gegen die Zustände in der Favela protestiert und sie in ihrer Weise aufschreibt — wie sie das fertig brachte, ist ein Wunder.

### **POL/ CAR**

Carolina ist Brasilianerin, und sie liebt ihr Land. Und darum erhebt sie ihre Stimme und schreit. Sie klagt die Männer ihrer Regierung an, und sie, die Gewalt über das Wort hat und sich dessen in aller Einfachheit bewußt ist, schreibt: „Die Politiker wissen, daß ich eine Dichterin bin. Und daß der Dichter dem Tod entgegenggeht, wenn er sieht, wie sein Volk geknechtet wird.“

Aber warum lebt eine Frau wie Carolina in der Favela? Sie war ein wißbegieriges Kind und sollte Lehrerin werden. Die Mutter zog mit ihr nach einer abgelegenen Reispflanzung, da gab es keine Ausbildung für das kluge Mädchen.

dizer à sua maneira, o que ela sofre. Ela o faz para não sucumbir em sua miséria e também para o bem dos outros que passam fome como ela.

### **LIT/CAR**

Como ela conseguiu permanecer humana aqui, além de boa mãe e uma mulher de ação, que protesta energicamente contra as condições na favela e as coloca no papel à sua maneira – como ela conseguiu isso é um milagre.

### **POL/CAR**

Carolina é brasileira e ama seu país. Por isso ela levanta a voz e grita. Ela denuncia os homens de seu governo e ela, que tem o domínio da palavra, e sabe disso em toda sua simplicidade, escreve: "Os políticos sabem que eu sou uma poetisa. E que um poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido."

Mas porque uma mulher como Carolina vive na favela? Ela foi uma criança com vontade de saber e deveria ter se tornado professora. A mãe foi com ela para uma plantação de arroz distante, onde não havia escola para a menina inteligente.

**LIT/ CAR**

Dann erzählt sie in ihrer bildhaften und kraftvollen Sprache von einem Traum: „Als ich klein war, träumte ich davon ein Mann zu sein, um Brasilien zu verteidigen, denn ich las die Geschichte Brasiliens und erfuhr auf diese Weise, daß es Krieg gab. Ich las nur männliche Namen als Verteidiger des Vaterlandes. Dann sagte ich zu meiner Mutter: „Warum machen Sie nicht einen Mann aus mir?“ Sie sagte: „Wenn du unter dem Regenbogen durchläufst, wirst du ein Mann.“ Wenn der Regenbogen erschien, rannte ich in seine Richtung. Aber der Regenbogen entfernte sich immer weiter. Wie die Politiker sich vom Volk entfernen. Ich ermüdete und setzte mich hin. Dann fing ich an zu weinen. Aber das Volk soll nicht müde werden. Es darf nicht weinen. Es muß darum kämpfen, Brasilien besser zu machen, damit unsere Kinder nicht das leiden, was wir leiden ...“

**LIT/CAR**

Dieser Audalio Dantas wurde zum Entdecker der schwarzen Autorin. Er nennt sie in dem Vorwort zum „Tagebuch der Armut“ nicht nur „unsere Schwester Carolina“, sondern auch Kollegin und Reporterin. Und er schreibt: „Niemand könnte so schwarze Geschichten besser erzählen als die schwarze Carolina. Und auch kein Schriftsteller könnte dem

**LIT/CAR**

Então ela conta em sua linguagem viva e forte um sonho: "quando eu era pequena, eu sonhava em ser um homem para defender o Brasil, pois eu li a história do Brasil e fiquei sabendo, assim, que houve guerra. Eu só li nomes masculinos como defensores da pátria. Então eu disse para minha mãe: porque você não faz de mim um homem? Ela disse: "se você passar debaixo do arco-íris, você vira um homem." Quando aparecia um arco-íris, eu corria em sua direção, mas ele se afastava cada vez mais. Assim como os políticos se afastam do povo. Eu me cansei e sentei. Então comecei a chorar. Mas o povo não deve se cansar. Não pode chorar. Precisa lutar, por um Brasil melhor para que nossas crianças não sofram o que sofremos...“.

**LIT/CAR**

Este Audálio Dantas tornou-se o descobridor da autora negra. No prefácio do “Diário da Pobreza”, ele a chama não somente de “nossa irmã Carolina”, mas também de colega e repórter. E escreve: “Ninguém poderia contar histórias tão negras melhor que a negra Carolina. E também nenhum escritor poderia arrancar tanta beleza da miséria triste. Nem o

traurigen Elend so viel Schönheit entreißen. Und auch der genaueste Reporter könnte das alles nicht so fotografieren." Es ist tröstlich, zu wissen, daß Carolina Maria de Jesus heute nicht mehr hungert und daß sie mit ihren Kindern in einem festen Haus wohnt. Ihr Buch wurde in fünfzehn Sprachen übersetzt. Ob es Anstoß zu entscheidenden Reformen geben wird? Oder wird es nichts anderes sein als eine literarische Sensation? Es steckt eine ungeheure und gefährliche Kraft in diesen Aufzeichnungen.

repórter mais exato poderia fotografar tudo dessa maneira." É reconfortante saber que Carolina Maria de Jesus não passa mais fome hoje e que ela mora com seus filhos em uma casa de alvenaria. Seu livro foi traduzido para quinze idiomas. Será que ele vai dar um impulso inicial para reformas decisivas? Ou ele não vai passar de uma sensação literária?

Há uma força enorme e perigosa nesses registros.

## Comentários

Nesta resenha a forma como Carolina foi apresentada é um diferencial. Aqui temos a imagem de uma pessoa acima de tudo sensível. A articulista caracteriza a autora de uma forma mais delicada, que aponta para a sensibilidade de uma mulher, independentemente do meio em que vive: "Ela tem uma boca triste e sensível, que já engoliu muita amargura, e olhos espertos e melancólicos." Essa sensibilidade justifica as palavras duras lidas em seu diário. São condições registradas por olhos que "veem de maneira clara e precisa o que acontece no mundo, especialmente o de Carolina". E que mundo é esse? É um mundo da imaginação, de ficção? Parece que aqui há, de novo, a mescla entre a realidade e a ficção. No entanto, nesta resenha não é Carolina que vira personagem, mas seu mundo. Outro aspecto importante dessa afirmação é o distanciamento com o qual a resenhista caracteriza o mundo de Carolina.

A forma com que a articulista usa as metáforas para descrever Carolina também é bastante peculiar: "Os pensamentos que passam pela sua cabeça estão escondidos debaixo de um lenço". A articulista acrescenta, assim, um elemento à descrição que ainda não havia sido utilizado pelos outros resenhistas: além de "uma negra brasileira", ela tem "um nome incomum", é "uma mulher incomum", que esconde seus pensamentos "debaixo de um lenço". O lenço na cabeça é uma marca de Carolina – e talvez até de uma geração:

em muitas de suas fotos e capas de livro ela usa um lenço na cabeça e esta é a única resenha que destaca essa característica.

Assim como em outras resenhas, o ato de escrever da autora é apresentado como uma necessidade, algo que ela faz para não “sucumbir em sua miséria”. Além disso, a resenhista considera o fato de Carolina conseguir permanecer humana, “ser uma boa mãe, uma mulher de ação”, alguém que denuncia as condições da favela e o faz de dentro da própria favela: um milagre, enfim, algo quase oposto às leis da Natureza. Ou seja: a realidade, o mundo de Carolina, parece tão distante que o fato de ela existir enquanto mulher, negra, semi-analfabeta, boa mãe, mulher de ação que passa fome é algo incomum; algo que parece humanamente impossível.

Seguindo com a descrição da escrita de Carolina, a articulista menciona um sonho de Carolina quando pequena - descrito “em sua linguagem viva e forte” – de se tornar homem por ter lido que somente homens podiam defender o Brasil na guerra. Aqui parece estar evidente a condição de mulher: sua posição secundária em relação aos homens, sua impotência para mudar as coisas. Carolina queria torna-se homem por não ter visto nomes femininos na história do Brasil como defensoras da Pátria na guerra. E, talvez, mais uma vez ela tenha encontrado respostas na escrita: já que enquanto mulher não se poderia lutar com armas, ela cumpriria seu compromisso com seu país com as palavras. Essa ideia é expressa também na resenha 4 com o mesmo trecho “Os políticos sabem que eu sou uma poetisa. E que um poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido”. É o amor pela pátria que faz Carolina denunciar, não desistir e escrever que o povo “precisa lutar por um Brasil melhor para que nossas crianças não sofram o que sofremos”.

No entanto, apesar de impressionante e de “fazer milagres”, essa Carolina sensível descrita pela resenhista precisou de alguém que a descobrisse: “Audálio Dantas tornou-se o descobridor da autora negra.” O adjetivo “negra”, neste caso, se faz completamente desnecessário, uma vez que esta caracterização já foi feita antes, desde o título. É como se ao se caracterizar Carolina como autora exista sempre a necessidade de reforçar que é negra. Parece impossível para os articulistas, até aqui, admitirem que uma negra favelada pudesse escrever uma obra. Vejo aqui um ato falho difícil de negar e que reflete toda uma mentalidade de receptores da obra. Quanto mais adjetivada como negra e miserável, mais instigante, improvável e atraente a obra.

Ao apresentar o “descobridor de Carolina”, a articulista cita um pequeno trecho do prefácio de Audálio Dantas e ressalta o fato de ele chamar Carolina não somente de “nossa irmã Carolina”, mas também, de colega e repórter. Mas Audálio diferencia: o livro é

documental, sim, mas “ninguém poderia contar histórias tão negras melhor que a negra Carolina. E também nenhum escritor poderia arrancar tanta beleza da miséria triste. Nem o repórter mais exato poderia fotografar tudo dessa maneira”. Há aqui o reconhecimento da diferença entre documentar, de um lado, e documentar com sensibilidade, com literariedade.

Outro ponto interessante é que fica nítido aqui é a função talvez terapêutica e apaziguadora de consciência que a obra pode ter nos leitores: “É reconfortante saber que Carolina Maria de Jesus não passa mais fome hoje e que ela mora com os filhos em uma casa de alvenaria”. Comprar o livro seria uma forma de ajudar financeiramente Carolina. De colocar o pão em sua mesa.

Ao final do excerto há novamente o questionamento quanto ao poder da literatura de alterar um estado de coisas. Essa parece ser uma linha que permeia as resenhas vistas até aqui: “Será que ele [o livro] vai dar um impulso inicial para reformas decisivas? Ou ele não vai passar de uma sensação literária?” Mas também há a constatação de que “há uma força enorme e perigosa nesses registros”. Parece que a crença de Carolina na força das palavras começa a fazer com que os resenhistas pensem a respeito.

### 6.3. Sobre a obra

Alemão

**POL/OBR**

Die Verantwortlichen aller Regierungen sollten sie sehr genau lesen. Und wir, die den Hunger längst vergessen haben, sollten wieder dankbarer werden und daran denken, daß es noch viele ähnliche Favelas gibt, überall in der Welt. Aber nicht überall ist jemand in ihnen des Wortes so mächtig, wie die Lumpensammlerin und Dichterin Carolina.

Português

**POL/OBR**

Os responsáveis de todos os governos deveriam ler esses registros com muita atenção. E nós, que já esquecemos há muito tempo da fome, deveríamos agradecer e pensar que ainda existem muitas favelas parecidas no mundo todo. Mas não é em todo lugar que existe alguém com tanto domínio da palavra como para a catadora de lixo e poetisa Carolina.

## Comentários

Ao explorar o aspecto da obra, podemos perceber dois pontos: por um lado, o reforço da importância da obra como motivadora de reformas e leitura necessária aos governantes; por outro, vemos novamente a possível função terapêutica do diário: “E nós, que já esquecemos há muito tempo da fome, deveríamos agradecer e pensar que ainda existem muitas favelas parecidas no mundo todo”. É como se a leitura do diário suscitasse sentimentos que nos tornassem mais humanos e gratos.

Apesar disso, parece que, a todo o momento, fica implícita a necessidade de ficar tentando explicar como uma catadora de lixo pode ser, ao mesmo tempo, escritora e poetisa. Algo que, pela leitura da resenha, parece ser sobrenatural, inexplicável.

## Resenha 7

**Frankfurt, 1963 - Frankfurter Heft, *In den Favelas (Nas Favelas)*, Regina Bohne;**

Eixo temático preponderante: Político-Social

Assim como em resenhas anteriores, aqui há uma mescla dos eixos temáticos e suas subdivisões. No entanto, não foi possível retirar um excerto que fosse significativo ao tratar especificamente do entorno. A mistura entre vida, obra e entorno está presente em várias resenhas.

No entanto, esta é uma resenha que destoa por apresentar um tom de ironia e tentar desmascarar uma certa hipocrisia. Há aqui uma crítica profunda ao ineditismo de Carolina e ainda ao valor literário de seu diário. É interessante notar que depois dela houve um silêncio da crítica que volta a falar sobre a autora e sua obra 20 anos depois em 1984.

### 7.1. Sobre o entorno

Não houve trechos relevantes.

## 7.2. Sobre a autora

Alemão

### **POL/CAR**

Man würde gern erfahren, wie Carolina Maria de Jesus heute in ihrer neuen Wohnung in einem ordentlichen, festen Steinhaus lebt; wie sie heute denkt, spricht. Ob sie ihren einstigen Leidensgenossen in den Favelas hilft? Ob sie vielleicht eine sozial-caritative Organisation aufzieht, die dem Hunger und in seinem Gefolge dem Laster jeder Art und Qualität wirksam zuleibe rückt? Ob ihre drei (vaterlosen) Kinder nun regelmäßig die Schule besuchen, - vielleicht später gar studieren werden?

Português

### **POL/CAR**

Seria interessante saber como Carolina Maria de Jesus vive hoje em seu novo lar, em uma casa comum de alvenaria; como ela fala e pensa hoje. Será que ajuda seus antigos companheiros de sofrimento na favela? Será que abriu e encabeça uma organização social de caridade que luta efetivamente contra a fome e, como consequência, contra o vício de todo tipo e qualidade? Será que seus três filhos (sem pai) frequentam agora regularmente a escola, - e, mais tarde, talvez até frequentarão a universidade?

### **Comentários**

Conforme mencionado antes, a ironia parece ser o fio condutor dessa resenha, que começa questionando se depois de ganhar dinheiro, Carolina se manteria fiel à sua origem ou faria como todos os outros, políticos inclusive, e daria as costas a ela? O compromisso de Carolina com seus companheiros e a com a situação social é colocada em dúvida.

Outro aspecto que parece questionar a índole de Carolina é a necessidade de adjetivar os filhos de Carolina como sendo “sem pai”. Mais um adjetivo, a meu ver, desnecessário. Parece-me que essa adjetivação, mais uma vez, revela o modo como a articulista vê a situação de Carolina.



### 7.3. Sobre a obra

Alemão

#### **LIT/OBR/CAR**

Das ist ein großartige Erfolg für die Autorin, diese stattliche, robuste Negerin aus einem der Slumviertel von São Paulo, wo die Elendsviertel Favela heißen, - vermutlich sogar ein etwas atemberaubender und schwindelerregender Erfolg.

#### **LIT/OBR**

Eigentlich liegt im Erfolg dieses Armutstagebuches etwas furchtbar Beschämendes, Erschreckendes: wussten wir denn bisher nicht, dass es überall im Dunstkreis der großen Städten nicht nur Brasilien, nicht nur Lateinamerikas überhaupt, Blech- und Pappbudenstädten am Rande der öffentlichen Abfallgruben gibt? Ist uns diese Tatsache wirklich neu? Sodass sich der Erfolg dieses Tagebuches daraus erklären ließe, dass wir zum ersten Mal mit einer gesellschaftlichen und menschlichen Gegebenheit bekanntgemacht würden, von den wir bislang nicht die leiseste Ahnung hatten? Aber nein, wir wissen das alles seit Jahren, und nicht nur von Lateinamerika, sondern, beispielsweise, durch Danilo Dolci auch aus dem Südwesten Siziliens, von Europa also. Wie geht's das eigentlich zu, dass uns das furchtbarste Elend, die Armut, der Hunger

Português

#### **LIT/OBR/CAR**

Este é um enorme sucesso para a autora, essa negra vistosa e robusta de um dos bairros miseráveis de São Paulo, que são chamados de favela, - talvez até mesmo um sucesso de tirar o fôlego e dar vertigem.

#### **LIT/OBR**

Na verdade, o sucesso deste diário da pobreza reside algo terrivelmente vergonhoso, assustador: já não sabíamos até então que, por toda parte, existem cidades de papelão e lata à margem dos aterros públicos na periferia das grandes cidades, não só no Brasil, não só na America Latina? Esse fato nos é realmente novo? De tal forma que o sucesso deste livro explicasse que nós estaríamos tendo contato pela primeira vez com uma condição social e humana da qual até então não tínhamos a menor ideia? Mas não, nós sabemos disso há anos e não só na America Latina, mas, por exemplo, através da obra de Danilo Dolci do sudoeste da Sicília, na Europa, portanto. Como pode ser que a mais terrível miséria, pobreza, fome e todas as suas consequências inevitáveis, como prostituição, promiscuidade, alcoolismo e roubo, morte e assassinato

mit allen seinen geradezu zwangsläufigen Begleiterscheinungen wie Prostitution und Promiskuität, Alkoholismus und Dieberei, Totschlag und Mord nicht eher aufregen und angehen, als bis einer daherkommt und uns diese ganze schreckliche Misère gedruckt vor die Augen hält, so grob und zudringlich und haargenau präsentiert, dass einem übel wird und man sie sich dennoch ansehen muss; aber eben just erst dann, wenn sie uns auf den Schreibtisch in Gestalt einer „exakten Untersuchung“ oder, wie in diesem Falle, eines Tagebuch gelegt wird?

#### LIT/OBR

Manche Kritiker wollen in ihren Aufzeichnung sogar „literarische Schönheiten“ entdecken haben. Wozu der Unsinn? Hier handelt es sich nicht um Literatur. Ein origineller Vergleich oder ein etwas klischeehaft-pompöser Ausdruck, die ihr gelegentlich aus der Feder rutschen, bedeuten wahrlich noch kein Vergnügen während dieser Lektüre, die unerträglich monoton ist. Allerdings besitzt sie dadurch passagenweise eine ungeheuer Stringenz; und das ist schon faszinierend.

Rührend ist allerdings, wenn Carolina oft schreibt: „... ich bin traurig...“. Nur „traurig“? Ihr Lebensmut, ihre Hoffnung sind bewundernswert.

não nos tenha inquietado e estimulado antes de alguém vir nos esfregar toda essa miséria horrível na cara, apresentada de forma tão rude, cruel e exata, a ponto de nos fazer passar mal e, ainda assim, não podemos deixar de olhar; mas só agora, justamente quando essa miséria é colocada em nossa escrivadinha na forma de uma “análise exata” ou, como neste caso, de um diário ?

#### LIT/OBR

Alguns críticos afirmam ter encontrado no relato dela até mesmo “belezas literárias“. Para que esse absurdo? Não se trata aqui de literatura. Uma comparação original ou uma expressão um tanto clichê e pomposa, que lhe escorrega às vezes do lápis, não significa verdadeiramente nenhum prazer durante esta leitura insuportavelmente monótona. De fato, ela consegue, com isso, em algumas passagens uma enorme intensidade; o que já é fascinante. É comovente, no entanto, quando Carolina escreve: „... eu estou triste...“ Só “triste“? Sua coragem e esperança são admiráveis.

**LIT/OBR/CAR**

Das dummerhaftig-belehrende Nachwort des Übersetzers ist überflüssig. „... Diese Anklage gegen das Elend... hat gewiss viele wachgerüttelt; aber es wäre wohl übertrieben, daraus zu folgern, dass das Problem der Favela bisher nicht gesehen worden ist. Carolina selbst schreibt von den Bemühungen kirchlicher Kreise... Es handelt sich nicht um ein spezifisch brasilianisches Phänomen...“ Eben, eben!

**LIT/OBR/CAR**

O prefácio stupidamente instrutivo do tradutor é superficial. “... Esta denúncia contra a miséria... certamente despertou muitos; mas seria realmente exagerado concluir que o problema da Favela não foi visto até então. A própria Carolina escreve sobre os esforços de grupos religiosos... Não se trata aqui de um fenômeno especificamente brasileiro...” Exato, exato!

**Comentários**

Ao falar sobre a obra, a articulista questiona a todo o momento o sucesso de Carolina, “essa negra vistosa e robusta”. Na opinião dela, o sucesso é “de tirar o fôlego e dar vertigem” e nele “reside algo terrivelmente vergonhoso, assustador”, pois entende que o sucesso se deva ao fato de o tema ser considerado novo, ter sido escrito de “forma tão rude, cruel e exata” por uma “negra robusta” moradora de “um dos bairros miseráveis de São Paulo”. Permeia aqui o questionamento: só é literatura porque foi uma favelada negra quem escreveu?

Para reforçar sua argumentação de que o tema não seria inovador, a articulista cita Danilo Dolci, arquiteto que escreve sobre as condições da Sicília quando, em 1955, parte para um trabalho social com os moradores de rua e órfãos. Em seu texto “Am Beispiel des Danilo Dolci” [A exemplo de Danilo Dolci], Annemarie Zimmermann<sup>37</sup> descreve um pouco da trajetória de Dolci (1959) em Palermo e do conteúdo de seu livro *Umfrage in Palermo* [Investigação em Palermo]. O livro é resultado de uma pesquisa feita com 500 pessoas de Palermo e da província durante o tempo em que o autor esteve por lá. Na primeira parte do livro é feita a apresentação de cada um dos entrevistados: moradores de rua, catadores de lixo, analfabetos, trabalhadores rurais, órfãos etc. e, na segunda parte, são apresentadas as respostas de perguntas feitas sobre o desemprego, produto da pesquisa. Para termos uma

<sup>37</sup> <http://library.fes.de/gmh/main/pdf-files/gmh/1961/1961-01-a-035.pdf> (último acesso: 05/08/2015)

pequena noção do conteúdo destas apresentações Zimmermann (1961) cita um trecho do livro:

Mehr als vier oder fünf Monate im Jahr gibt es keine Arbeit. Man arbeitet im Sommer. Im Winter gibt es nichts. Im Winter arbeitet man nur, wenn Gefrierfisch aus Norwegen kommt. Aber länger als zwei Tage nicht. Er ist so gefroren, daß einem die Hände erfrieren. Die Frauen machen auch Männerarbeit, weil die Männer mehr Lohn bekommen müßten. Wenige sind versichert: Dreißig oder fünfzig sind versichert, und manchmal sind wir hundert bei der Arbeit. Ungefähr dreitausend Frauen arbeiten so, wenn wir können. Die Hände brennen, Blut tritt heraus, die Fingerspitzen werden durch das Salz zerfressen, es bilden sich Löcher in den Fingern. Die Finger brennen wie Feuer, man reibt sie mit Öl ein, um die Entzündung wegzubringen — und bleibt vier oder fünf Tage zu Hause. Die Finger werden rissig und brandig. Wenn wir Frauen in Palermo nicht so arbeiten müßten! Vor drei Jahren fiel einer Mutter, die beim Salzen war, ein kleiner Junge ins Meer und ertrank. Wie viele Male! Es ist Pflicht, die Kinder in die Schule zu schicken, aber nur die gehen, die es vermögen... (p. 113)

Mais de quatro ou cinco meses por ano não tem trabalho. Trabalhamos no verão. No inverno não tem nada. No inverno trabalhamos só quando vem peixe congelado da Noruega. Mas não mais que dois dias. É tão congelado que gela a mão da gente. As mulheres também fazem trabalho de homem, pois os homens teriam de receber mais dinheiro. Poucos são assegurados: trinta ou cinquenta são assegurados e, às vezes, somos cem trabalhando. Mais ou menos três mil mulheres trabalham assim, quando podemos. As mãos queimam, sangram, as pontas dos dedos ficam roídas por causa do sal, formam-se buracos nos dedos. Os dedos queimam como fogo, besuntamos eles com óleo, para tirar a infecção – e ficamos quatro ou cinco dias em casa. Os dedos ficam rachados e gangrenosos. Se nós mulheres aqui em Palermo não precisássemos trabalhar assim! Há três anos o filho de uma mulher que estava salgando caiu no mar e se afogou. Quantas vezes! É obrigatório mandar as crianças para escola, mas só vão aquelas que podem...” (p. 113-114)

Trata-se, portanto, de um livro que também revela as condições de trabalho e misérias por meio das palavras dos que as vivenciam. No entanto, não são as pessoas que registram e não é no nome delas que o livro é publicado.

Nesse sentido, tem-se a impressão de que a articulista toma a obra e vida de Danilo Dolci como parâmetros para falar de Carolina. Talvez por isso ela cobre de Carolina ações sociais e um posicionamento mais direcionado e consciente no sentido de incitar reformas. Além disso, há uma expectativa de mais dinamismo e rigor literário na obra: “Não se trata aqui de literatura. Uma comparação original ou uma expressão um tanto clichê e pomposa que lhe escorrega às vezes do lápis não significa verdadeiramente nenhum prazer durante esta leitura insuportavelmente monótona”. Assim, ela não só não considera literatura a obra de Carolina, como também acha um absurdo que alguns críticos afirmem “ter encontrado no relato dela até mesmo ‘belezas literárias’”.

Danilo Dolci era arquiteto, ativista de classe média, tinha um desejo de justiça e descreve as condições sociais sicilianas por meio dos relatos de quem vivia naquelas condições<sup>38</sup>. Carolina, como já sabemos, descreve sua rotina em meio à miséria e escreve de forma peculiar. Seu pouco estudo, suas muitas leituras e seu anseio em conhecer as coisas, possibilitaram-lhe usar a escrita como válvula de escape, ponto de equilíbrio, mas também como arma e denúncia, já que ela acreditava na força e na transcendência da palavra. Parece que, para justificar o sucesso do livro e da autora, a articulista quer ver em Carolina e em seus escritos o espírito revolucionário que viu em Dolci. No entanto, Dolci e Carolina possuem trajetórias muito distintas. Apesar disso, no que respeita à escrita de Carolina, a resenhista a considera monótona, é verdade, mas admite que Carolina consegue “em algumas passagens uma enorme intensidade” e julga admiráveis a coragem e a esperança da autora.

Como um último argumento contra o ineditismo da obra, a resenhista cita o posfácio do tradutor que ela considera “estupidamente instrutivo e superficial”, mas vibra quando ele alega que “seria exagerado concluir que o problema da Favela não foi visto até então”. E também quando afirma que “não se trata aqui de um fenômeno especificamente brasileiro”.

Entretanto, podemos dizer que apesar de a resenhista revelar um parâmetro de comparação um tanto alto e descabido com relação à Carolina, ela não deixa de admitir que em meio à monotonia há intensidade nos relatos.

## Resenha 8

**Frankfurt, 05.06.1984 - Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ) *Favelas, Sambas, Candomble – Zwei Taschenbücher aus Brasilien* (Favelas, Sambas, Candomblé – dois livros de bolso do Brasil), Karsten Garscha.**

Eixo temático preponderante: literário

Escrita quase duas décadas depois das resenhas anteriores e publicada em um jornal de alcance nacional, esta resenha apresenta um olhar crítico sobre a trajetória de ascensão e de declínio de Carolina Maria de Jesus e aborda além do tema da Favela outros dois: Samba e Candomblé. O próprio título “Favelas, Sambas, Candomblé – dois diários do Brasil” indica, de início, que a resenha não tratará somente da obra de Carolina, mas

<sup>38</sup>[HTTP://www.graswurzel.net/226/dolci.shtml](http://www.graswurzel.net/226/dolci.shtml) (Acesso em: 07.10.2015)

também abordará aspectos musicais e religiosos peculiares à cultura brasileira presentes no livro de Kay-Michael Schreiner que não trataremos aqui.

### 8.1. Sobre o entorno

Alemão

#### **POL/ENT**

Nie war in den letzten Jahren so hoch wie augenblicklich, die Kriminalität aus Hunger und elementarer Not. Aus ist der brasilianische Traum von der „Weltmacht von morgen“, vom sudamerikanischen „Land der unbegrenzten Möglichkeiten“, wie es Stefan Zweig einst beschrieb.

Português

#### **POL/ENT**

Nunca esteve tão alta como agora a criminalidade pela fome e por necessidades elementares. É o fim do sonho brasileiro de “potência mundial do futuro”, do país sul americano “das possibilidades infinitas”, como escreveu uma vez Stefan Zweig.

### **Comentários**

Classificada como pertencente ao eixo temático literário por aprofundar-se na obra e escrita de Carolina, esta resenha também faz uma breve descrição do contexto social. O resenhista analisa criticamente a visão de Stefan Zweig sobre o Brasil e suas considerações sobre este país como o “país do futuro” ou de “possibilidades infinitas”.

Mesmo fazendo jus a tradição de ter como referência os relatos de viajantes sobre o Brasil, o articulista tem - talvez pelo distanciamento do tempo de 20 anos -, a possibilidade de não considerar esses relatos como verdade, mas refletir sobre eles. Stefan Zweig, escritor austríaco e autor do livro *Brasil, o país do futuro* ficou deslumbrado com o Brasil. Ele viu no país belezas naturais e sentiu uma esperança que na Europa em tempos de guerra já não se via e sentia mais, o que o levou a escrever e divulgar o Brasil naquela região. Em 1984 as condições na Alemanha e na Europa já eram outras. No Brasil também. O fato de Karsten Garscha contestar a ideia de Zweig nos mostra uma construção nova de conhecimento sobre o Brasil e o diário de Carolina parece ter vindo contribuir para essa nova fase.

## 8.2. Sobre a autora

Alemão

### LIT/CAR

Dass ihr Buch publiziert und in dreizehn Sprachen übersetzt wurde verdankt sie dem Journalisten Audalio Dantas, der zufällig auf sie aufmerksam wurde. Man zerrte sie aus ihrer Favela und vermarktete sie nach allen Regeln der medialen Kunst, um sie dann wieder zurückfallen zu lassen in ihr Elend, wo sie 1977 starb.

Português

### LIT/CAR

O fato de seu livro ter sido publicado e traduzido para treze idiomas, ela deve ao jornalista Audálio Dantas, que a percebeu por acaso. Arrastaram-na para fora de sua favela e exploraram-na comercialmente de acordo com todas as regras da arte midiática para depois deixarem-na cair em sua miséria, onde morreu em 1977.

## Comentários

Esse trecho resume em poucas linhas a trajetória de glória e declínio de Carolina. Ao mesmo tempo em que foi descoberta e consumida como algo exótico atingindo o sucesso que tanto almejava, ela sucumbe sozinha, volta à miséria e morre esquecida em 1977 em Parelheiros, bairro da periferia de São Paulo.

Esse resumo contém também uma crítica aos “descobridores” da autora e à exploração midiática, ainda não explorada de forma tão clara em outras resenhas. A utilização dos verbos “*zerren*” e “*vermarkten*” traduzidas como arrancar e explorar comercialmente, que têm como sinônimos “tirar violentamente” e “comercializar”, revelam uma certa violência das ações incididas sobre Carolina pelos “descobridores”; algo forçado pelo qual Carolina não tivesse tido tempo de refletir sobre e decidir por si mesma. O verbo “*zurückfallen lassen*”, “deixar cair para trás” também revela uma intencionalidade da ação sobre alguém. Carolina não caiu simplesmente para trás, mas foi deixada cair. A análise destes três verbos nos fez inferir que, para o articulista Carolina foi considerada vítima.

Mas o que faz com que esses agentes tirem Carolina a força de sua Favela e depois a deixem cair novamente na miséria? Parece ser esse o questionamento nas entrelinhas desse excerto e voltamos a pensar na existência de regras determinantes em um polissistema literário - já analisadas no capítulo II - mencionadas por Even-Zohar (1979), as quais são responsáveis por estabelecer um filtro de quem vai ou não ter acesso a

determinado polissistema literário/cultural e por quanto tempo. Essas regras variam de cultura para cultura e são ditadas por formadores de opinião, críticos literários, acadêmicos, editores etc.

Nesse sentido Carolina teria ocupado um espaço aberto em 1960 pela “fase da cultura de comunicação de massas no Brasil que colocava a público o jornalismo de denúncia” (BOM MEIHY, 1998:85). Mas e o apagamento? Em seu artigo *Carolina Maria de Jesus como Emblema do Silêncio*, Bom Meihy (1998) traz algumas razões:

Vejamos: de um lado, fala-se de silêncios provocados por atos censores, institucionais e regulados pelos poderes estabelecidos através de policiamentos. Complemento disso, na outra ponta, o silêncio público se levanta como alternativa que é ainda mais estranha que a institucional, pois, propõe a rejeição coletiva que é, afinal, sutilíssima, não escrita e pouco expressa. Isso convida a supor que a vida pública de um livro ou de uma obra obedece a critérios circunstanciais importantes que muitas vezes são imperceptíveis, fato que implica mais um, outro, silêncio: o da crítica especializada que também abusa do esquecimento”. Tudo somado fica mais evidente quando se tem em conta que o livro pode ser objeto perigoso e que por mexer em projetos específicos merece maiores “cuidados”. (p.85)

Essa sutileza no apagamento é a característica que contribui para o estranhamento na análise da trajetória da autora. Voltando à análise dos verbos utilizados pelo articulista, percebemos que até mesmo a expressão utilizada para anunciar o declínio da autora também revela uma certa sutileza, embora cruel: deixar cair, não evoca a violência de arrancar, tirar violentamente, muito menos de empurrar para baixo. A locução verbal parece ter mais o traço de uma ação passiva, silenciosa e, portanto, sutil. E talvez seja essa a trajetória de Carolina exposta por Garscha: uma ascensão violenta e exposta um declínio sutil e silencioso.

### 8.3. Sobre a obra

Alemão

#### **POL/OBR**

Wie furchtbar das Leben in solch einer Favela ist, das fasst hiesige Vorurteilen nicht. Wer sich einen Begriff davon machen will, der lese das Tagebuch der Armut der Favela-Bewohnerin Carolina Maria de Jesus aus São Paulo das zwanzig Jahre

Português

#### **POL/OBR**

O quão terrível é a vida em favelas como esta, os preconceitos locais não apreendem. Quem quiser ter uma noção, leia o „Diário da Pobreza“ da moradora de favela Carolina Maria de Jesus de São Paulo, que depois de vinte anos de sua



nach seiner Übersetzung ins Deutsche, von Lamuv Verlag vor kurzem wieder aufgelegt wurde. Dieses Buch ist noch aufregender als es der abstrakte deutsche Titel anzeigt, (Das brasilianische Original „Quarto de Despejo“ müsste man mit „Schrottplatz“ oder „Müllhalde“ übersetzen.)

### **LIT/OBR**

Dieses „Tagebuch der Armut“ ist ein ganz frühes und wirklich Authentisches Beispiel der Dokumentarliteratur, von der es inzwischen in Lateinamerika, aber auch bei uns, ganze Stöße gibt, seit es Mode wurde, mehr oder weniger stark redigierte Tonbandprotokolle als eine neue Form realistischer Literatur zu verkaufen. Carolina Maria de Jesus hat ihre Art zu schreiben selbst gefunden.

### **POL/OBR**

Carolinas ungeschminkte Notizen vermitteln ein anderes Bild vom Leben in den brasilianischen Favelas als das exotische Filmereignis „Orfeo Negro“ das Marcel Camus 1958 inszenierte. Der Karneval von Rio, die afro-brasilianischen religiösen Riten der Macumba und Candomble, die prächtigen Kostüme und hinreißenden Sambas, all das hat die reale Armut der Favelas zur Kinokulisse verschönt.  
(...)

tradução para o alemão, foi reeditado há pouco pela editora Lamuv. Este livro é ainda mais inquietante do que o abstrato título em alemão anuncia, (o título brasileiro original “Quarto de Despejo” deveria ser traduzido como “lugar de sucata” ou “lixão”).

### **LIT/OBR**

Este „Diário da Pobreza“ é um exemplo autêntico absolutamente precoce e real da literatura documental, a qual tem recebido nesse meio tempo, na América Latina, e também aqui, grandes impulsos, desde que virou moda transcrever com mais ou menos intensidade relatos gravados em fitas cassete como uma nova forma de vender literatura realista. Carolina Maria de Jesus encontrou sozinha sua forma de escrever.

### **POL/ OBR**

As anotações sem adorno de Carolina transmitem uma outra imagem da vida nas favelas brasileiras do que o sucesso cinematográfico exótico „Orfeu Negro“ realizado por Marcel Camus em 1958. O Carnaval do Rio, os rituais religiosos afro-brasileiros da Macumba e do Candomblé, os figurinos magníficos e os sambas alucinantes, tudo isso embelezou a pobreza real da favela para a tela do cinema. (...)

## Comentários

Em convergência com o tom crítico possibilitado pelo distanciamento de 20 anos desta resenha das outras estudadas e também do auge do sucesso do livro e da autora, os excertos acima ressaltam três pontos que merecem destaque: (1) menção a preconceitos locais que evidencia o distanciamento cultural e social entre Brasil e Alemanha; (2) enquadramento da obra de Carolina na literatura documental enquanto precursora e (3) a realidade do relato em *Quarto de Despejo* que se distancia da produção “embelezada” sobre a Favela do cineasta Camus.

Aprofundando-nos no primeiro ponto, vemos que além do distanciamento entre as duas culturas há a constatação de certos preconceitos relacionados às condições sociais brasileiras. Preconceitos este que impediriam os alemães de apreender a dura realidade das favelas. Definido pelo Houaiss como 1. qualquer opinião ou sentimento, quer favorável quer desfavorável, concebido sem exame crítico 1.1. ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado a priori, sem maior conhecimento, ponderação ou razão; tais preconceitos dos alemães poderiam ser, segundo o resenhista, desconstruídas com a leitura do Diário de Carolina, capaz de alterar e trazer conhecimento real sobre o Brasil e através dos olhos e vivência da própria autora. Além disso, o primeiro excerto também traz uma mudança de foco em relação às outras resenhas na caracterização de Carolina. Agora parece que importa ressaltar a autora como “moradora de favela” e o fato de ela ser negra fica em segundo plano. É a vivência dela, seu entorno que para o articulista possibilitam esse relato genuíno.

Passando ao segundo ponto, o articulista enquadra esse relato genuíno, o “Diário da Pobreza” no gênero da literatura documental e o faz de forma a exaltar o pioneirismo do desenvolvimento de uma escrita própria, uma vez que o jornalista traz que era comum na época a transcrição e publicação de áudio de relatos documentais de imigrantes, por exemplo. Nesse sentido, Carolina transcreveria a própria voz à sua maneira em seu diário. A ideia de que Carolina “encontrou sozinha sua forma de escrever”, além do pioneirismo, revela também que, para o resenhista, não há dúvidas quanto à capacidade da autora de *Quarto de despejo* de escrever, de produzir literatura.

A forma de escrever de nossa autora chamou a atenção também de Karscha, articulista que utiliza a mídia cinematográfica para compor sua argumentação e conclui, a partir da leitura do Diário de Carolina, que o sucesso cinematográfico “Orfeu Negro” de Marcel Camus em 1958 traz uma imagem embelezada da vida nas favelas brasileiras. O

que mais uma vez nos faz crer na contribuição da tradução de *Quarto de Despejo* para imprimir uma nova imagem do Brasil na Alemanha que também faz cair por terra toda ideia ufanista de Zweig. É como se nas entrelinhas da resenha o articulista questionasse a tradição tão utilizada pelos primeiros resenhistas de informar-se por relato de viajantes. Para ele, teria importância relatos de quem vivencia e experiência a realidade desconhecida. O relato em primeira pessoa e Carolina é, para o articulista, um bom exemplo disso.

As considerações críticas do resenhista sobre a perspectiva alemã acerca do Brasil no período anterior à sua resenha revelam uma atualização dessa perspectiva a qual aponta para uma construção nova de conhecimento sobre o Brasil: menos embelezada, ufanista e indireta; e mais realista e direta.

## Resenha 9

**Hamburgo, 1989 - Editora VSA, (Linke Literatur) - *Carolina Maria de Jesus in: Brasilien. Ein politisches Reisebuch* (Brasil, um diário de viagem político), Hart/Ramalho (Ed.), Moema Parente Augel;**

Eixo temático preponderante: Político-social

Cinco anos depois da reedição alemã, a obra de Carolina ainda reverberava: agora em uma publicação da editora VSA de Hamburgo, cujo lema era a literatura de esquerda<sup>39</sup>. Composto, juntamente com outros artigos sobre o Brasil, o livro *Brasilien. Ein politisches Reisebuch. [Brasil. Um diário de viagem político]*, o artigo explora a dimensão político-social de *Quarto de Despejo* - ou *Diário da Pobreza*, como foi traduzido -, e da vida de Carolina. O entorno é apresentado de forma a misturar-se com a vida e obra da autora, como já foi o caso em outras resenhas aqui analisadas. Não há, portanto, excertos relevantes sobre ele. Os trechos abaixo selecionados dizem respeito à autora e à obra.

### 9.1. Sobre o entorno

Não houve trechos relevantes

<sup>39</sup> [http://www.vsa-verlag.de/vsa\\_verlag/linke\\_literatur/](http://www.vsa-verlag.de/vsa_verlag/linke_literatur/) (último acesso: 20.11.2015)

## 9.2. Sobre a autora

Alemão

### **POL/CAR**

Am 13. Februar 1977 starb in São Paulo im Alter von 62 Jahren Carolina Maria de Jesus, eine schwarze Brasilianerin, die ein Tagebuch geschrieben hatte, das für eine kurze Zeit Brasilien und die westliche Welt bewegte. Sie starb, wie sie geboren wurde: in bitterer Armut. Ihr Aufstieg aus dem Elend eines Slums zu Glanz und Ruhm ist fast so spektakulär, wie ihr vorheriges Leben in Dreck und Not dramatisch war.

### **POL/CAR**

Carolina Maria de Jesus war eine Frau aus dem Volk, die ihr miserables Schicksal nie akzeptierte: "Ich wohne in der Favela. Aber so Gott mir hilft, werde ich hier ausziehen." Eine Frau, die stets versuchte, sich mit ihrem Milieu und ihren Mitmenschen auseinanderzusetzen. Eine Frau, die ihre Schriftstellertätigkeit wie folgt erklärt: Es gibt Menschen, die schimpfen, wenn sie nervös sind, oder sie denken an den Tod als letzte Lösung. Ich schrieb mein Tagebuch. Ich habe es in der tiefsten Verzweiflung geschrieben.

### **POL/CAR**

Nur wer den Hunger erfahren hat, kann ihn verstehen, schreibt sie. Und wer diese

Português

### **POL/CAR**

Em 13 de fevereiro de 1977 morreu em São Paulo, aos 62 anos de idade, Carolina Maria de Jesus, uma negra brasileira escritora de um diário que por pouco tempo comoveu o Brasil e todo o Ocidente. Ela morreu como nasceu: na extrema pobreza. Sua ascensão da miséria em uma favela para a glória e a fama é quase tão espetacular quanto foi dramática sua vida anterior na sujeira e miséria.

### **POL/CAR**

Carolina Maria de Jesus era uma mulher do povo, que nunca aceitou seu destino miserável: "Eu moro na favela. Mas se Deus quiser, vou sair daqui." Uma mulher que sempre tentou se entender com seu entorno e seus companheiros. Uma mulher que explica sua atividade como escritora da seguinte forma: Há pessoas que xingam quando estão nervosas ou pensam em morrer como última solução. Eu escrevi meu diário. Eu o escrevi no mais profundo desespero.

### **POL/CAR**

Somente quem já passou fome pode entendê-la, escreve ela. E quem não teve

schreckliche Erfahrung nicht gemacht hat, wird denken, dass sie übertreibt oder lügt. »*Brasilien muss von jemandem regiert werden, der schon Hunger gelitten hat. Der Hunger ist auch ein Lehrer. Wer Hunger leidet, lernt, an den Nächsten und an die Kinder zu denken.*«

(...) Ein Schrei der Empörung erhob sich.

### **POL/CAR**

Als Phänomen wurde sie überall eingeladen, bereiste das ganze Land, signierte ihre Bücher in Buchhandlungen in ganz Brasilien, nahm an Podiumsdiskussionen, Debatten, Kongressen, Fernsehprogrammen, Kulturabenden teil, trat neben renommierten Schriftstellern, Journalisten und Politikern auf, wurde geehrt, gefeiert und ausgenutzt.

essa experiência horrível, vai pensar que ela está exagerando ou mentindo. »*O Brasil tem que ser governado por quem já passou fome. A fome também é uma professora. Quem sofre de fome, aprende a pensar no próximo e nas crianças.* «

(...) Levanta-se um grito de indignação.

### **POL/CAR**

Como fenômeno ela foi convidada para vir a toda parte, viajou o país inteiro, autografou seus livros em livrarias no Brasil todo, participou de palestras, debates, congressos, programas de televisão, noites culturais, apareceu ao lado de escritores renomados, jornalistas e políticos, foi homenageada, celebrada e explorada.

### **Comentários**

Como o título já prenuncia, Carolina é apresentada aqui como protagonista. Aspectos de sua obra e do entorno em que viveu são traços que não se dissociam de uma autora, cuja personalidade foi múltipla.

Diferentemente das outras resenhas, esta já inicia com a morte miserável dessa protagonista que, segundo a resenhista, “por pouco tempo comoveu o Brasil e o Ocidente”. É a partir desta morte tão infortuna quanto foi a maior parte da vida de Carolina que a articulista descreve a ascensão da autora da favela para a fama. Uma trajetória, segundo ela, “espetacular”, marcada por, pelo menos, três características decisivas.

A primeira diz respeito ao inconformismo: “Carolina Maria de Jesus era uma mulher do povo, que nunca aceitou seu destino miserável”. Esta é uma afirmação que retorna

algumas vezes na resenha e é sempre embasada em uma citação da própria Carolina: “Se Deus quiser, vou sair daqui”.

Outra característica diz respeito ao poder de observação e está presente na seguinte afirmação: “Uma mulher que sempre tentou se entender com seu entorno e com seus companheiros”. Nela, a articulista refere-se a uma mulher que está sempre atenta ao que se passa à sua volta e que não se omite.

Por último, o fato de a literatura – contrariamente a pontos de fuga como a marginalidade, a contravenção ou as drogas, entre outras – funcionar como refúgio, como espaço de criação que serve de contraponto à miséria: “Uma mulher que explica sua escrita (...) como válvula de escape para sua insatisfação”. E cita Carolina: “Há pessoas que xingam quando estão nervosas ou pensam em morrer como última solução. Eu escrevi meu diário. Eu o escrevi no mais profundo desespero”.

Somadas, essas características fornecem a Carolina algo único, uma sensibilidade “que somente quem passou fome pode entender”. E a fome, que “é professora”, já que é capaz de ensinar “a pensar no próximo e nas crianças”, é aquilo que, ao mesmo tempo, abre espaço para as duas dimensões de sua vida e de sua obra: a dimensão literária e a política: é pela fome que Carolina busca o contraponto da escrita e é também sobre ela que se constrói suas convicções políticas: para ela, o Brasil deveria ser “governado por quem já passou fome”.

O último trecho selecionado fala sobre o sucesso e a vida de Carolina enquanto fenômeno literário. Suas viagens por todo o Brasil autografando seus livros, seus convites para entrevistas, noites culturais, programas de televisão e evidencia o quanto Carolina foi também usada nesse processo. Esse tema, recorrente em algumas das resenhas analisadas nesta pesquisa, também parece ter duas faces: de um lado, revela a crueza das relações assimétricas entre pessoas simples, mas talentosas, e agentes do universo literário dispostos a tirar proveito próprio de suas “boas ações”; de outro, também sugere que a obra literária é incapaz de garantir, sozinha, uma transformação perene, independente da ação desses mesmos agentes.

### 9.3. Sobre a obra

Alemão

**LIT/OBR/CAR**

Carolina gewöhnte sich nie daran, in der Favela zu leben. Als Ventil für ihre Unzufriedenheit und sich zum Trost führte sie jahrelang ein Tagebuch. Als sie und ihr Tagebuch entdeckt wurden, erkannte man ihre Aufzeichnungen als Dokument und Zeugnis der Schattenseite des tropischen Paradieses, als einen bisher noch nie gehörten Schrei der Anklage und des Protestes. Eine schwarze, arme Halbanalphabetin, die niemals aufgehört hatte, auf etwas Besseres zu hoffen, hatte den Ekel und die Missachtung, die sie für den Dreck und den Zerfall der Favela empfand, offen und deutlich geäußert und mit scharfen, ungeschminkten Worten die Zustände dargestellt.

**LIT/OBR**

Das Buch hatte nicht die Dramatik des ersten, erfüllte nicht die voyeuristische Gier der Leser der erwartete Erfolg blieb aus. Und trotzdem ist dieses Buch fast so beeindruckend wie das Tagebuch der Armut, voller Kontraste und Faszination: »*Wir gingen Mittagessen. Was für ein schmackhaftes Essen! Was für ein hervorragendes Fleisch! Im eleganten Restaurant sitzend, dachte ich an die*

Português

**LIT/OBR/CAR**

Carolina nunca se acostumou a viver na favela. Como válvula de escape para sua insatisfação, ela escreveu por anos um diário como consolo. Quando ela e seu diário foram descobertos, suas anotações ficaram conhecidas como documento e testemunho do lado sombrio do paraíso tropical, como um grito de denúncia e protesto nunca antes ouvido. Uma mulher negra, pobre, semi-analfabeta, que nunca deixou de ter esperança em algo melhor; que expressou clara e abertamente o nojo e o descaso que sentia pela sujeira e decadência da favela e descreveu as condições com palavras afiadas e sem adorno.

**LIT/OBR**

O livro não tinha a dramaticidade do primeiro; não satisfazia a ganância voyeurista dos leitores; o sucesso esperado não aconteceu. Mesmo assim o livro é quase tão impressionante quanto o *Diário da Pobreza*, cheio de contrastes e fascinação: »*Fomos almoçar. Que comida saborosa! Que carne excelente! Sentada no restaurante elegante pensei nos infelizes, que depois da feira recolhem o lixo para*

*Unglücklichen, die nach dem Markt den Abfall aufsammeln, um ihn zu essen. Ich habe das Gefühl, die unglücklichen Hungrigen sind meine Kinder. Es scheint mir, ich sei aus dem Meer herausgekommen und habe meine Brüder ertrinken lassen. «*

*comer. Eu tenho a impressão de que os famintos infelizes são meus filhos. É como se eu tivesse saído do mar e deixado meus irmão se afogarem. «*

## Comentários

Uma válvula de escape para a indignação, um consolo, um espaço de criação e de dignidade. Era essa a função que a escrita tinha para Carolina. Foi essa a característica da obra que a resenhista mais ressaltou como a alternativa de alguém que nunca se acostumara a viver na favela. Ela alega que as anotações da autora ficaram “conhecidas como documento e testemunho do lado sombrio do paraíso tropical”. Aqui, mais uma vez, vemos a referência a informações conhecidas sobre o Brasil a partir do relato de viajantes e, porque não dizer, até mesmo da própria obra de Stefan Zweig. Sobre isso, a articulista acrescenta que este seria um “grito de protesto nunca antes ouvido”, talvez porque saído do interior dessa outra face do paraíso tropical.

No entanto, quando lemos a frase que segue “Uma mulher negra, pobre, semi-analfabeta que nunca deixou de ter esperança em algo melhor”, podemos dizer que a novidade apresentada aqui está em quem narra e na perspectiva e forma da narrativa, uma vez que “descreveu as condições com palavras afiadas e sem adorno”.

Carolina acreditava em sua escrita, e, mais do que isso, no poder transformador de suas palavras. A vida na fama e em ambientes da alta sociedade foi tão opressora quanto sua vida na miséria. Suas palavras afiadas, sinceras e ousadas não encontraram espaço por muito tempo na alta sociedade.

Entusiasmada com sucesso do primeiro livro, decide publicar agora um diário sobre a vida fora da favela. No entanto, o livro não é tão bem-sucedido. Segundo a articulista “o livro não tinha a mesma dramaticidade do primeiro e não satisfazia a ganância voyeurista dos leitores”. *Casa de Alvenaria [Haus aus Stein]*, também foi traduzido para o alemão, mas não obteve a repercussão de *Diário da Pobreza*. Porém, para a resenhista, o segundo diário seria tão impressionante quanto o primeiro, “cheio de contraste e fascinação”. A citação do



livro apresentada na resenha mostra uma Carolina que aprecia a boa comida, mas ao mesmo tempo se compadece e sente até mesmo culpa por estar tendo acesso à boa comida, enquanto seus companheiros, que continuam na favela, buscavam sua comida nos lixos da feira. Assim, Carolina, que sempre quis sair da favela, não consegue se desvincular da culpa quando está fora dela. Parece, então, que a favela está dentro dela, inseparável, incorporada, o que talvez justifique a mescla – por parte dos resenhistas – entre ela, sua obra e seu entorno.

## Resenha 10 (Anexo I-J)

**08.04.1996, Sonntagsblatt, 50.000 in Bretterbuden (50.000 em barracos), Eva Sielaff.**

Eixo temático preponderante: Político-Social

### 10.1. Sobre o entorno

Alemão

#### **POL/ENT/CAR**

Wie oft das Wort „Hunger“ im Tagebuch der schwarzen Carolina vorkommt, ist nicht zu zählen. Denn ihr ganzes Leben ist ein erbarmungsloser Kampf gegen den Hunger, ihren eigenen und — fürchterlicher — gegen den ihrer drei Kinder.

#### **POL/ENT**

Im Morgengrauen geht sie Wasser holen. Stundenlang muß sie anstehen. Die Favela hat nur einen Wasserhahn für 5000 Menschen! Carolina lebt in einem der Elendsbezirke am Rande von São Paulo. Ihre Wohnung ist eine Bretterbude, selbst gebaut, mit einem Herd aus Kanistern, einem Kanister als Kochtopf, einem anderen als Wassereimer. Die Menschen wohnen hier alle im Schmutz und

Português

#### **POL/ENT/CAR**

Quantas vezes a palavra “fome” aparece no diário da negra Carolina, não dá para contar. Pois sua vida toda é uma luta impiedosa contra a fome, a sua própria e — mais terrível ainda — contra a fome de seus três filhos.

#### **POL/ENT**

De madrugada ela vai buscar água. Fica na fila por horas. A favela tem somente uma torneira para 5000 pessoas! Carolina vive em um dos miseráveis bairros na periferia de São Paulo. Seu lar é um barraco de madeira que ela própria construiu, com um fogão de lata, uma lata como panela e outra como balde de água. Todas as pessoas moram ali na sujeira e na lama de seus barracos miseráveis,

Schlamm ihrer armseligen Hütten, oft sechs bis acht Menschen auf engstem Raum. Sie arbeiten oder arbeiten auch nicht, sie betteln, streiten miteinander, stehlen, finden Trost im Zuckerrohrschnaps. Mancher verhungert, viele nehmen sich das Leben. Ab und zu wandert einer ins Gefängnis. (...)

geralmente de seis a oito pessoas confinadas em um espaço apertado. Eles trabalham ou não trabalham, eles mendigam, brigam entre si, roubam, encontram consolo na cachaça de cana de açúcar. Alguns morrem de fome, muitos tiram sua própria vida. De vez em quando um vai para a cadeia. (...)

## Comentários

Escrita três décadas depois das primeiras resenhas, esta resenha surge numa Alemanha já reunificada, fala sobre uma Carolina já falecida e de um entorno que já não existia mais: a favela do Canindé fora extinta ainda em 1961. No entanto, 30 anos depois de publicados os primeiros textos sobre a obra de Carolina, vemos aqui a mesma perplexidade diante da realidade da favela.

Tomando o título como parâmetro – “50.000 em barracos” –, temos a impressão de que o recorte escolhido para a resenha seria o de atualizar os dados de uma condição social. No entanto, 50.000 era a população de favelados em 1947, quando Carolina chega a São Paulo. Em 1996, quando a resenha foi escrita, além de a favela do Canindé já ter sido extinta, a população de 50.000 pessoas há muito já tinha sido ultrapassada.

Em seu artigo escrito sobre as favelas de São Paulo, Marques et al (2003) apresenta algumas pesquisas e dados do „Censo de Favelas“ realizado pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas):

No caso do município de São Paulo, tais estimativas têm por base o chamado “Censo de Favelas”, realizado em 1987, e atualizado por meio de procedimentos amostrais para 1993, em estudo realizado pela FIPE. Segundo este estudo, a população total residente em favelas em 1993 atingiu o montante de 1,9 milhão de pessoas, ou aproximadamente 19% do total da população do município em 1991. Mais do que isto, a população teria crescido à espantosa taxa de 15,16% ao ano entre 1987 e 1993.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> [http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/anpur2003\\_RBEUR.pdf](http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/anpur2003_RBEUR.pdf) (acesso: 20/10/2015).

Na verdade, o que parece ocorrer aqui não é uma leitura atualizada do livro de Carolina, e sim uma confusão entre ficção e realidade. Não há uma adaptação, uma reavaliação das situações descritas por Carolina, que poderiam ter se transformado com o tempo. O que temos é uma análise que se restringe ao que o livro registra. Dessa forma, mesmo tendo sido escrita 30 anos depois das primeiras, esta resenha parece ecoar o impacto das primeiras edições do livro na Alemanha.

O articulista destaca a relevância do tema “fome”, que retorna inúmeras vezes no diário, e a luta de Carolina contra essa fome. Além disso, descreve as condições de precariedade e falta de saneamento básico na favela: falta de água, sujeira, superlotação dos barracos e perfil dos moradores da favela: “Eles trabalham ou não trabalham, eles mendigam, brigam entre si, roubam, encontram consolo na cachaça de cana de açúcar. Alguns morrem de fome, muitos tiram sua própria vida. De vez em quando um vai para a cadeia”. São descrições que se atêm ao tempo e aos registros da narrativa, mas que deixam de fora evoluções que possam ter existido num processo de melhoria das condições sociais no Brasil.

## 10.2. Sobre a autora

Alemão

**POL/CAR**

In allen Großstädten Brasiliens gibt es diese Elendsbezirke. Allein in São Paulo leben 50.000 Menschen in Bretterbuden. Carolina unterschied sich von ihnen, indem sie alles aufschrieb über ihren Hunger, ihre Sorgen, über ihren Heldenkampf gegen das Elend.

Português

**POL/CAR**

Em todas as grandes cidades do Brasil existem esses bairros de miséria. Somente em São Paulo 50.000 pessoas vivem em barracos. Carolina se diferenciou deles na medida em que escreveu tudo sobre sua fome, suas preocupações, sua luta heróica contra a miséria.

## Comentários

Como vemos, pouco há para se mencionar além do que dissemos antes sobre a repetição de impressões e sobre dados não atualizados: a informação de que 50.000 pessoas vivem em barracos de favelas aparece como dado da atualidade, quando sabemos que em 1996 esse número já era bem maior. Além disso, ao considerar a escrita o fator que diferencia Carolina dos outros moradores da favela que bebiam cachaça ou pensavam na

morte como consolo, o artigo se alinha com as outras resenhas, que caracterizam a escrita da autora como agente transformador e diferenciador. Assim, quanto à autora, não há propriamente uma reflexão do articulista que reveja de forma crítica toda uma história de vida e de recepção de obra já transcorridas.

### 10.3. Sobre a obra

Alemão

#### **LIT/OBR/CAR**

Carolina, die vitale, nie ganz Verzweifelnde, hat mehr als dreißig Hefte vollgeschrieben. Ein Journalist half ihr, daraus ein Buch zu machen. Es wurde ein erschütterndes Dokument. Mehr als jeder Roman ergreifen die knappen, herben Sätze dieser Negerin, deren größtes Glück es war, lesen und schreiben gelernt zu haben.

#### **LIT/OBR**

Denn ihr Buch hat sie mit einem Schlage berühmt gemacht. Nicht nur in Brasilien, sondern auch in andern Ländern. Das Schicksal dieser Einen bewegt den Menschen mehr als die sorgfältigste Statistik. So absurd es auch erscheinen mag: man hat die Gefühl, sie vor Hunger und Elend zu bewahren, wenn man ihr Buch kauft.

(...)

Português

#### **LIT/OBR/CAR**

Carolina, uma mulher cheia de vida e nunca totalmente entregue ao desespero, escreveu mais de 30 cadernos inteiros. Um jornalista a ajudou a fazer deles um livro. Ele se tornou um documento impressionante. Mais do que qualquer romance, as frases curtas e duras dessa negra, que teve a grande sorte de ter aprendido a ler e escrever, prendem a atenção do leitor.

#### **LIT/OBR**

Pois seu livro a fez famosa de uma hora para outra. Não somente no Brasil, mas também em outros países. O destino dessa mulher única sensibilizou mais do que as estatísticas mais cuidadosas. Tão absurdo quanto possa parecer: tem-se a sensação de salvá-la da fome e da miséria ao comprar seu livro. (...)

## Comentários

Também aqui não há quase nada de novo: a dureza e o estilo direto, curto, são características da escrita de Carolina exaltadas no texto. A capacidade de sensibilizar os leitores “mais que qualquer romance”, mesmo com essas palavras duras, é algo considerado “surpreendente” pelo articulista. A autora é uma “negra que teve a sorte de ter aprendido ler e escrever”, que não se entrega totalmente ao desespero e que escreveu 30 cadernos. Estes cadernos, publicados com a ajuda de um jornalista, tornam-se um “documento impressionante”. Como em outras resenhas, vemos aqui, mais uma vez, que o relato documental se sobrepõe ao aspecto literário.

Por fim, a visibilidade que a vida de Carolina ganhou com o repentino sucesso do livro e que, por isso mesmo, fez com que seu destino sensibilizasse “mais do que as estatísticas mais cuidadosas” reforça a ênfase dada pelo articulista ao relato em si, e não à preocupação com uma atualização de dados, com uma possível análise que, partindo do relato de Carolina, tomasse algum posicionamento crítico em relação a essa condição social brasileira ao longo de 30 anos. Nesse sentido, a afirmação final do artigo – “Tão absurdo quanto possa parecer: tem-se a sensação de salvá-la da fome e da miséria ao comprar seu livro” – parece enveredar pelo caminho mais fácil rumo ao desengano de consciência.

### Resenha 11 (Anexo I-L)

**09.09.1996, Süddeutscher Zeitung, *Report aus dem Elend* (Relato da miséria), Roland Ziersch**

Eixo temático preponderante: Político-Social

#### 11.1. Sobre o entorno

Alemão

**POL/ENT**

In südlichen Gegenden gibt es schlimmere Elendsquartiere als im Norden. Schuld daran ist wohl auch die größere Sorglosigkeit der Regierenden diesem Problem gegenüber — die Meinung, unter einem Himmel, der es so oft gestatte, im

Português

**POL/ENT**

Nas regiões do sul existem bairros de miséria piores do que no norte. Culpado por isso também é certamente o grande descaso dos governantes diante desse problema – a união de que, debaixo de um céu que tão frequentemente permite passar

Freien zu nächtigen, brauche man sich um die Armen weniger zu kümmern, da sich ja Vögel, Hunde, Ratten und Mäuse auch durchzuschlagen wüßten. Dazu kommt eine seltsame Umkehrung der Rassenfragen. Der Stolz des weißen Mannes ist in Brasilien und anderen südamerikanischen Staaten von ganzen Wogen unaufhaltsamer Vermischungen längst weggeschwemmt, bestand schon nach den ersten Jahrzehnten der Kolonisation, als Portugiesen und Indios unbedenklich Halbpart machten, kaum mehr. So wurden auch die Neger nach ihrer Befreiung leichter akklimatisiert.

#### **POL/ENT**

Für die Reichen, Gesicherten war solch makabre Nachbarschaft nur der Anlaß zu zynischer Besänftigung des Gewissens. Man hörte oft genug die Meinung: „Warum leben die überhaupt noch? Sie sollten sich doch alle miteinander fortscheren und uns nicht mit ihrem Gestank und ihren ansteckenden Krankheiten belästigen.“

a noite ao relento, não haveria tanta necessidade de se cuidar dos pobres, já que pássaros, cachorros, ratos e camundongos também conseguiriam se virar. Além disso, há ainda uma estranha reversão das questões raciais. O orgulho do homem branco há muito tempo foi levado por ondas inteiras de miscigenações constantes; ele quase já não existia depois das primeiras décadas de colonização, quando portugueses e índios dividiam tudo de forma impensada. Assim também os negros foram mais facilmente aclimatizados depois de sua libertação.

#### **POL/ENT**

Para os ricos e bem estabelecidos, esta vizinhança macabra é só um motivo para tranquilizarem cinicamente suas consciências. Ouve-se frequentemente a opinião: “porque eles ainda estão vivos? Deveriam sumir e não nos incomodar com seu mau cheiro e doenças contagiosas“.

### **Comentários**

Escrita depois da reunificação alemã, o resenhista expõe primeiramente suas considerações acerca da desigualdade social no mundo e reafirma a ideia já conhecida de um hemisfério norte rico e um hemisfério sul pobre. É nesse contexto que ele insere suas observações sobre as condições de extrema pobreza do Brasil. Essas observações não apresentam somente informações retiradas do relato de Carolina, mas procuram expandir a análise para um contexto um pouco maior: o descaso dos governantes, a relação

complicada entre colonizadores e colonizados, associada ao apego a questões raciais que os frequentes processos de miscigenação colocam em dúvida e a hipocrisia que marca as relações entre pobres e ricos.

Quando Roland Ziersch analisa a relação entre pobres e ricos denunciando tal hipocrisia e a tensão presentes nela, ele menciona que para os ricos a vizinhança com as favelas serviria, nesse sentido, para lembrá-los que estão em posição superior e em situações melhores. Na realidade, segundo o relato de Ziersch, os ricos cruelmente prefeririam que pobres não existissem, que fossem banidos.

A partir dessas observações, podemos perceber o amadurecimento do conhecimento do público alemão sobre o Brasil. Já não se replicam mais relatos puramente ufanistas ou de exaltação da exuberância da natureza. A realidade dura e cruel desta vez não é apreendida somente com o diário de Carolina Maria de Jesus, mas o complementa.

## 11.2. Sobre a autora

Alemão

**LIT/CAR**

Es stellte sich heraus, daß die Negerin eine Schriftstellerin war, eine bereits verbitterte Schriftstellerin, da sie ihre Aufzeichnungen, auch Gedichte, einigen nordamerikanischen Zeitschriften vergebens angeboten hatte.

Português

**LIT/CAR**

Descobriu-se que a negra era uma escritora, uma escritora já amargurada, uma vez que tinha oferecido, em vão, seus relatos e também poemas a algumas revistas norte-americanas .

## Comentários

O resenhista fala pouco sobre a autora especificamente. A preocupação nesta resenha parece mesmo estar em evidenciar e analisar o contexto social que ela descreve.

Mesmo assim, é preciso destacar mais uma vez a associação entre a raça e o ofício de escrever. Atualmente, é muito difícil ler a afirmação “descobriu-se que a negra era uma escritora” e não associar isso a uma expectativa que vai ao sentido contrário: como é escritora, se é negra? No entanto, é preciso ponderar também que desde 1996, ano em que esta resenha foi publicada, são transcorridas duas décadas e que, ao menos no Brasil, a

questão do preconceito e da violência contra a mulher, embora não resolvida, ganhou visibilidade. Assim, como em toda essa análise retrospectiva, a afirmação do articulista precisa ser lida com cuidado: talvez ela reflita mesmo uma quebra de expectativa ainda vigente àquela época na Alemanha com respeito à mulher negra e, mais especificamente, escritora. Mas ela não pode ser generalizada e nem se pode afirmar que ela ainda tenha validade nos dias de hoje, sem pesquisas que sustentem essas afirmações.

### 11.3. Sobre a obra

Alemão

**LIT/OBR**

Der Reporter hat radikale Streichungen vorgenommen. Auch jetzt wimmelt es noch von Wiederholungen — wie überhaupt der Wertmaßstab künstlerischer Prosa hier nicht angelegt werden kann. Es gibt neben gelungenen, erheiternden, höchst originellen und von ursprünglichem Mutterwitz zeugenden Passagen auch solche von unfreiwilliger Komik, in denen die des Lesens und Schreibens erst ganz kurze Zeit kundige Autorin mühselig um den ‚richtigen Ausdruck, die richtigen Vergleiche kämpft.

**LIT/OBR**

Der Reporter hat recht daran getan, die Autorin nicht zu einer Überarbeitung ihrer Texte zu veranlassen. So wie sie da stehen, genau so, geben sie das Bild einer prachtvollen weiblichen Persönlichkeit, mit allen liebenswerten Schwächen, aber auch der ganzen unbeugsamen Kraft einer solchen.

Português

**LIT/OBR**

O repórter fez cortes radicais. Ainda agora ele (o livro) está cheio de repetições – de forma que, aqui, o padrão de valor da prosa artística não pode ser aplicado. Há ao lado de passagens bem sucedidas, divertidas, altamente originais e que demonstram uma astúcia genuína também outras passagens, de involuntária comicidade, nas quais a autora, que teve contato por muito pouco tempo com o ler e o escrever, luta arduamente pela „expressão certa“, pelas metáforas certas.

**LIT/OBR**

O repórter fez bem em não incentivar a autora a revisar seus textos. Assim como eles estão, dão exatamente a imagem de uma personalidade feminina forte com todas as suas adoráveis fraquezas, mas também toda sua força indomável.



## Comentários

No primeiro excerto selecionado para essa parte, Roland Ziersch confirma a existência de regras que definem uma poética no sistema literário alemão, as quais definem como uma prosa poética deve ser, ao explicitar a regra da não repetição como responsável por não enquadrar “Diário da Pobreza” na prosa artística alemã.

Apesar disso, foi possível perceber que o articulista não se ateve somente à caracterização da escrita de Carolina, como dura, direta ou sem escrúpulos, mas também descreve a luta árdua de Carolina pelo bem escrever, que coloca a escrita numa instância além do refúgio ou do consolo. Nesse sentido, para o articulista, Carolina escreve passagens

bem sucedidas, divertidas, altamente originais e que demonstram uma astúcia genuína, também outras passagens, de involuntária comicidade, nas quais a autora, que teve contato por muito pouco tempo com o ler e o escrever, luta arduamente pela “expressão certa”, pelas metáforas certas. (ZIERSCH, 1996)

Paralelamente a isso, depreende da obra de Carolina uma “personalidade feminina forte com todas as suas adoráveis fraquezas, mas também toda sua força indomável” associando, dessa forma, estilo à pessoa, o que representa um diferencial com relação às outras resenhas estudadas. A sensibilidade feminina de Carolina é explorada, dessa vez, de forma a conseguir separar essa dimensão feminina, sensível, talentosa do contexto social de miséria.

Importante também é ver como a escrita, as formas fora do padrão e ainda assim impressionantes, sensibilizantes e chocantes, parecem ser espelho do que o surgimento da própria Carolina representou no Brasil e no mundo: à sua maneira, com seu corpo negro, sua feminilidade, sua realidade de favelada e mãe de três filhos, ela consegue dizer, impressionar e chocar. Parece ser isso o que intriga o público: a ousadia e a coragem de dizer e ser à sua maneira.

José Carlos Bom Meihy e Robert M. Levine (1994), os quais, a partir do estudo da vida de Carolina, consideram sua trajetória “incomum e perturbadora”, observam que:

A trajetória de Carolina implica a visão de um lado pouco mostrado da cultura brasileira: a luta cotidiana de uma mulher “de cor”, pobre e desprovida de favores do Estado, de organismos sociais, de instituições e até de amigos. Logicamente isto não remete apenas a ela enquanto indivíduo, mas também a todo o sistema que abriga os despossuídos legados ao anonimato. O que a

distinguiu dos demais foi o fato de ser um tipo capaz de desafiar a pobreza e seus promotores através de incomum capacidade de luta e perseverança e de uma agressiva personalidade (...). Carolina foi, pode-se dizer, uma guerreira valente contra as tropas da herança racista, antiinteriorana, preconceituosa em relação às mulheres e, sobretudo, uma pessoa afrontadora da marginalidade e da negligência política. Rebelava-se sozinha e por isso jamais chegou a ser revolucionária ou heroína permanente. (p.19).

Essa citação parece resumir a trajetória da autora também aos olhos de Roland Ziersch que consegue na descrição do contexto de miséria explorar as várias dimensões apresentadas por Carolina em seu diário e aprofundá-las com as atualizações e ironias possibilitadas pelo distanciamento de mais de 30 anos entre a publicação da obra e o momento de escrita da resenha. Do mesmo modo consegue explorar a dimensão artística e feminina de Carolina de forma distinta e sensível.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Não digam que fui rebotalho,  
 que vivi à margem da vida.  
 Digam que eu procurava trabalho,  
 mas fui sempre preterida.  
 Digam ao povo brasileiro  
 que meu sonho era ser escritora,  
 mas eu não tinha dinheiro  
 para pagar uma editora.”*  
 (Carolina Maria de Jesus)

Carolina Maria de Jesus sabia que iriam falar dela e talvez até que a estudariam, mas será que esperava despertar interesse também em terras alemãs? Chegando à etapa final desse trabalho voltamos ao início, onde explicitamos as nossas primeiras questões e hipóteses sobre o potencial de recepção da tradução de *Quarto de Despejo* naquele país, bem como uma retomada de toda a reflexão em torno desse objeto. A análise esteve amparada pelos Estudos da Tradução, pelas noções de reescrita e manipulação de Léfevère, pelas reflexões de Genette acerca dos paratextos, e pela Linguística de Corpus, que nos serviu tanto de arcabouço teórico como de metodologia.

As teorias utilizadas nos fizeram perceber que o estudo da recepção exige que se pondere primordialmente as condicionantes que envolvem a publicação da obra no país que a recebe: cultura, momento histórico, textos sobre o livro e no livro, agentes literários, público-alvo, além da identificação das motivações e finalidades com a tradução da obra para determinada cultura.

Os Estudos Descritivos da Tradução e o conceito de paratexto de Genette (1987) forneceram os direcionamentos necessários para elencar e identificar interferências das diversas áreas do conhecimento no estudo da recepção da tradução de *Quarto de despejo* na Alemanha. A noção dos polissistemas de Even-Zohar (1979) foi fundamental para compreender a inter-relação constante do subsistema de literatura traduzida com outros subsistemas e áreas de conhecimento, bem como para identificar os agentes que determinaram a recepção de literatura e estabeleceram seu lugar nesse polissistema. Da mesma forma, as noções de reescritura e manipulação de Léfevère (1992), permitiram-nos perceber nas resenhas de jornal estudadas, aspectos da recepção da obra, bem como o potencial de formar e manipular opiniões sobre ela.

A integração desse suporte teórico com a perspectiva de análise da Linguística de Corpus possibilitou, de forma objetiva e sistemática, a identificação *a priori* de dois eixos temáticos de recepção, algo que somente a leitura subjetiva dos textos talvez não nos possibilitasse sem *bias*. Isso não quer dizer, no entanto, que esse trabalho tenha ficado imune a vieses, mas a Linguística de Corpus pode minimizar a subjetividade de uma parte da análise com dados estatísticos de frequência de palavras e lista de palavras-chave.

Outro aspecto a ser considerando é a síntese das conclusões parciais da análise dos artigos de jornais escritos sobre *Quarto de Despejo* e sua autora Carolina Maria de Jesus entre 1962 e 1996. As motivações para a tradução da obra *Quarto de despejo* encontram solo na Alemanha num momento em que havia um grande interesse pela chamada literatura “realista”, “documental” ou “de relato”. Como mencionado já na Introdução, o diário de Carolina foi traduzido quando também outros diários estavam sendo traduzidos. Havia também uma tendência de publicação de transcrições de relatos em fitas cassete, o que revelou uma possível lacuna literária para explorar as realidades distantes em primeira pessoa. *Quarto de despejo*, além de contribuir para o preenchimento dessa lacuna, traz em sua narrativa enxuta, dura e sensível um relato inesperado de realidade e denúncia.

Assim como no Brasil, inesperado e instigante também foi o surgimento dessa escritora caracterizada pela tríade favelada, semi-analfabeta e negra. Esses três atributos, responsáveis, segundo nossa análise, por uma dificuldade dos resenhistas de analisarem separadamente a vida, a obra e entorno de Carolina, explicaria também uma constante mescla nos eixos temáticos identificados. Sempre há um pouco de literário nas resenhas consideradas mais político-sociais e sempre há um pouco de político-social nas resenhas consideradas mais literárias.

Outro fator que percebemos influenciar essa mescla é a questão da fome, personagem central da obra de Carolina. A fome é base de tudo: da “fuga” para a leitura e a literatura, afastando-a da contravenção e também responsável pelo comprometimento dela com a dimensão política. A favela parece ser também parte integrante da autora, o que contribui para sua ascensão conflituosa, por sentir estar fugindo de seu compromisso com seus companheiros de miséria. Isso talvez justifique mais uma vez as sobreposições de um eixo e outro – por parte dos resenhistas – entre ela, sua obra e seu entorno e, ainda a mistura entre realidade e ficção na leitura do livro. A escrita de Carolina parece não ser considerada uma *representação da realidade*, vista sob a ótica de uma escritora, mas a

*realidade em si*, exercendo uma função terapêutica: um espaço em que o indivíduo marginalizado consegue se sentir mais humano, inteiro, produtivo.

De um modo geral, podemos dizer que houve um equilíbrio entre essas duas linhas mestras de recepção – literária e sociopolítica. Com a ajuda das ferramentas eletrônicas da Linguística de Corpus, mais precisamente da lista de palavras-chave e análise das concordâncias, cinco resenhas foram classificadas como literárias, cinco como de cunho político-social e uma considerada híbrida. Pudemos verificar que as primeiras resenhas de 1962 exploraram mais a dimensão da obra e de Carolina como fenômeno literário, ao passo que – a partir de 1996 – as resenhas tenderam mais a explorar, a partir da obra, as características político-sociais brasileiras, talvez devido ao maior acesso às informações do contexto social brasileiro e um olhar mais crítico desenvolvido ao longo dos 30 anos de recepção da obra e formação de conhecimento sobre o Brasil. É preciso lembrar aqui que a via de conhecimento até então era indireta – por exemplo, através do relato de viajantes – e fazia parte da tradição da relação Brasil-Alemanha desde o séc. XVI.

Seguindo para a síntese das considerações em cada eixo, é importante considerar primeiramente que na tentativa de atrair para a obra a atenção do leitor alemão, o que ganha corpo é a caracterização da autora, de forma até mesmo arbitrária, e também a caracterização da forma de escrita e aproximação de Carolina a personagens e autores consagrados da literatura alemã. Às várias referências conhecidas dos alemães somaram-se outras, entre elas obras literárias como a *Cabana do pai Tomás*, de Arrie Stowe, e *Brasil, o país do futuro*, de Stefan Zweig; referências cinematográficas como o filme *Orfeu Negro*, de Albert Camus, e o filme *Rocco e seus irmãos*, de Visconti; personalidades da Antiguidade como o imperador Marco Aurélio e sua afinidade com o estoicismo, além de Fidel Castro, líder revolucionário de Cuba. Uma lista de todas as referências está disponível nos anexos.

Especificamente para o eixo político-social, a referência marcante é a associação constante com a revolução do proletariado na Rússia em 1917: é como se Carolina fosse uma voz que tardiamente representasse a insatisfação das classes mais desfavorecidas e pudesse dar, com sua obra, um ótimo material para a propaganda comunista. Na apresentação do entorno e da vida da autora foram evocadas imagens das cidades italianas como Nápoles e Milão, espaços aparentemente caóticos, do ponto de vista político e social, aos olhos dos alemães.

Já o eixo literário foi marcado pela evocação de referências canônicas para a literatura alemã: Kafka, um existencialista tcheco; as comparações com personagens de

fortes tradições literárias alemãs como a Cinderela, dos *Märchen* (contos maravilhosos), e Mãe Coragem, de Brecht; as alusões ao expressionismo das artes plásticas e da literatura. Tais referências contribuíram para que a rede associativa criada em torno de Carolina e sua obra deixasse de se ancorar em personagens concretos, autores e feitos específicos, para passar ao domínio do arquétipo. Significativa, também, é a referência à obra de Dostoiévski, evocada para se construir uma ponte entre a literatura e a denúncia da realidade política e social.

Outra característica do eixo literário é o questionamento acerca da “classificação” de *Quarto de despejo* como relato ou obra de literatura. Ou mesmo a questão, manifestada em várias passagens, de saber se um relato poderia ser considerado literatura. Nesse sentido, nossa análise revelou tentativas de se compensar o caráter documental da obra com a alusão à manifesta literariedade de Carolina.

Encontramos aqui também outro aspecto importante na recepção: o questionamento sobre a capacidade de a literatura, por ela mesma, alterar (ou não) um estado de coisas, uma realidade social concreta. Para Carolina Maria de Jesus, a literatura teria, sim, esse poder, já que, para ela, a palavra tem força, transcende e efetivamente age no mundo, como agiu em sua própria vida.

Contudo nem todos os resenhistas se deixaram convencer pela literariedade de Carolina, muito menos pela transcendência de suas palavras. Regina Bohne, em sua resenha, (resenha 7, de 1963) não apenas questiona a índole de Carolina, o ineditismo de sua mensagem, como também critica duramente os resenhistas alemães que consideram o diário da autora literatura: “é literatura só porque uma favelada que escreveu?”. Não por acaso, talvez, tenha havido depois desta resenha um silêncio de 20 anos nas produções de textos sobre Carolina. Pode ser que tenha havido, por meio das críticas de Bohne, uma intimidação que teria conclamado jornais e resenhistas a voltarem a priorizar os padrões pré-estabelecidos da literatura alemã, resultando assim no silêncio.

No entanto, a partir de 1984, vemos a recorrência de uma análise que nos parece ter duas faces: de um lado, revela a cruza das relações assimétricas entre pessoas simples, mas talentosas, e agentes do universo literário dispostos a tirar proveito próprio de suas “boas ações”; de outro, também sugere que a obra literária é incapaz de garantir, sozinha, uma transformação perene, independente da ação desses mesmos agentes.

Sintetizando, então, as imagens de Carolina difundidas pelas opiniões dos resenhistas estudados aqui, temos, além de escritora favelada, semi-analfabeta, mãe de três filhos, também uma Carolina poetisa que denuncia, uma revolucionária que dá voz aos

pobres, uma Cinderela em seu parco momento de glória, uma escritora amargurada, uma catadora que escreve, uma escritora de olhar sensível e feminino, uma artista explorada e uma mulher que não dependente de homens, este último traço sendo aquele que alinha essa mulher multifacetada, por exemplo, com os ideais feministas. Todas essas Carolinas têm o papel de atrair e estabelecer um ponto de encontro com os diferentes públicos alemães, seja ele o público feminino, revolucionário ou afeito ao que lhe é estranho, novo, distante.

Não obstante, essa moldagem não ocorre sem que haja contradições, presentes em adjetivações e caracterizações desnecessárias, que revelam certa perplexidade ao se constatar como uma negra favelada consegue sucesso no mundo da literatura.

Podemos, dessa forma, dizer que além de contribuir para a divulgação da literatura brasileira na Alemanha, a tradução e a recepção da obra de Carolina contribuiu para desviar o interesse alemão pelo Brasil do plano da exuberância da natureza para um outro conceito de exotismo expresso por relatos relacionados a condições de injustiça social. Se levarmos em consideração que, para os Estudos Descritivos da Tradução, vários estudos de caso vão colaborando para descrever, ao longo do tempo, a relação entre dois sistemas literários, então esta pesquisa também teria sua parte nesse processo. No entanto, sabemos que o fim de uma pesquisa não significa a última palavra sobre o tema que ela enfoca. A partir daqui há vários desdobramentos possíveis a serem empreendidos, principalmente em função da descoberta de grande parte inédita da obra de Carolina. Nesse sentido, esperamos que esta pesquisa possa ser motivadora de outras tantas.

Para concluir, escolho palavras de Carolina sobre o Brasil. Para mim, elas preservam sua juventude, sua força, e com uma pitada de humor ainda nos ajudam – brasileiros e estrangeiros – a entendermos mais a fundo o dilema de um país dividido entre o que é e o que poderia ser:

O Brasil é um jovem de um metro e noventa de altura com a pretensão de homem feito, só que está muito doente, com o coração fraco e desanimado. Foi tratado com o cruzeiro e o tratamento não foi producente. Continuou anêmico. Então, decidiram chamar um médico dos Estados Unidos que lhe aplicou umas injeções de dólares. O Brasil teve apenas uma melhora temporária. Mas, o Brasil queria é se curar, queria ficar forte. Resolveu consultar um médico da Inglaterra que deu-lhe umas pílulas de libras esterlinas e não surtiu o efeito desejado. O Brasil já está perdendo a esperança de readquirir a sua potência orgânica. Mas ele não desanimou e procurou um médico alemão que lhe deu umas gotas de marcos. Sua esperança se renovou: vou restabelecer-me e entrar numa competição. Mas, as suas esperanças foram se derrapando quando aconselharam a procurar um médico russo. Ele não aceitou, ficando com receio de tomar o remédio rublo que é, porém, semelhante a uma atadura que lhe tolhe todos os movimentos.

Preferiu, então, continuar fraco a ser predominado e os seus compatriotas não poderem brincar nem os três dias de carnaval. O rublo lhes obrigaria a trabalhar durante os três dias dedicados ao Rei Momo. Mas o Brasil já está pensando em fazer um transplante: retirar o coração militar e colocar um coração civil. (Jesus apud Bom Meihy, 1998 p. 91)



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### (I) Obras de Carolina Maria de Jesus

JESUS, Carolina Maria de. **Haus aus Stein**. Die Zeit nach dem Tagebuch der Armut. Trad. Johann Gerold. Hamburg: Christian Wegner, 1964.

JESUS, Carolina Maria de. **Tagebuch der Armut**. Das Leben in einer brasilianischen Favela. Pós-fácio e Tradução Johann Gerold. Bornheim-Merten: Lamuv, 1983.

JESUS, Carolina Maria de. **Tagebuch der Armut**. Aufzeichnung einer brasilianischen Negerin. Trad. Johann Gerold. Hamburg: Christian Wegner, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. Prefácio Audálio Dantas. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. Organizado por José Carlos Bom Meihy e Robert Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da Fome**. São Paulo: Águila, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Provérbios**. São Paulo: Águila, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Prefácio Audálio Dantas, Nossa irmã. São Paulo: Francisco Alves, 1960,

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Ediouro, 1976.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Prefácio Audálio Dantas, A atualidade do mundo de Carolina. São Paulo: Ática, 1993.

## (II) Referências utilizadas sobre Carolina Maria de Jesus

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. **Muito Bem, Carolina!**: biografia de Carolina Maria de Jesus. Editor Fernando Pedro da Silva. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

FERRARI, Marcio. Poética de Resíduos. Pesquisas vão além dos aspectos testemunhais da obra de Carolina Maria de Jesus e buscam definir seu estilo e seus parentescos culturais. **Revista FAPESP**, nº 231, maio de 2005, p. 78.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista USP**. Nº 37, maio 1998, p. . Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/37/08-josecarlos.pdf>>. Acesso em 20 set. 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Subversão pelo sonho: a censura cultural nos diários de Carolina Maria de Jesus. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (Org.) **Minorias Silenciadas – História da Censura no Brasil**. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial do Estado, Fapesp, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; Levine, Robert M. **Cinderela Negra – A Saga De Carolina Maria de Jesus**. Rio De Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-13112013-100432](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-13112013-100432)>. Acesso em: 01 dez. 2015.

PERES, Elena Pajaro. **Exuberância e invisibilidade: populações moventes e cultura em São Paulo, 1942 ao início dos anos 70**. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-104536](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-104536)>. Acesso em: 01 dez. 2015.

PERPÉTUA, Elzira. **A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus**. 2014. Belo Horizonte: Ed. Nandyala.

PERPÉTUA, Elzira. Aquem do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos Manuscritos de seu diário. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 42 Brasília, janeiro/julho 2003, p. 63

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: O estranho diário da escritora vira lata**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

## (I) Resenhas que compõem o *corpus*

Bonn, 20.04.1962 - Rheinischer Merkur, *Die "Dichterin des Kehrichts" – Tagebuchblätter aus den brasilianischen Elendsvierteln* (Poetisa do lixo – diário de um bairro de miséria brasileiro), Guillermo Baumfeld;

Leipzig, 16.05.1962 - Vorwärts, *Augias in Sao Paulo –Tagebuch einer Negerin aus den Slums wurde Bestseller* (Augias em São Paulo – Diário de uma negra da favela torna-se bestseller), Rosemarie Vossberg;

Bonn, 13.07.1962 - Christ und Welt, *Die Schwarze Mutter Courage aus Canindé – Zu den Tagebüchern der Maria Carolina de Jesus* (A mãe coragem preta do Canindé – sobre os diários de Maria Carolina de Jesus), Leo Gilson Ribeiro;

Frankfurt, 04.08.1962 - Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ), *Das Schwarze Aschenputtel – Zudem Kopfkissenbuch einer brasilianischen Negerin* (A cinderela negra – sobre o livro de cabeceira de uma negra brasileira), Helene Henze;

Berlin, 19.08.1962 - Der Tagespiegel, *Chronik einer brasilianischen Negerin* (Crônicas de uma negra brasileira), Usch;

Stuttgart, 27.11.1962 - Stuttgarter Zeitung, *Dichterin der Armut – Die Aufzeichnung einer brasilianischen Negerin* (Poetisa da Pobreza – As anotações de uma negra brasileira), Ana Maria Schmitz;

Frankfurt, 1963 - Frankfurter Heft, *In den Favelas* (Nas Favelas), Regina Bohne;

Frankfurt, 05.06.1984 - Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ) *Favelas, Sambas, Candomble – Zwei Taschenbücher aus Brasilien* (Favelas, Sambas, Candomblé – dois livros de bolso do Brasil), Karsten Garscha;

Hamburgo, 1989 - Editora VSA, (Linke Literatur) - *Carolina Maria de Jesus in: Brasilien. Ein politisches Reisebuch* (Brasil, um diário de viagem político), Hart/Ramalho (Hrg.), Moema Parente Augel;

Hamburgo, 08.04.1996 - *Sonntagsblatt*, *50 000 in Bretterbuden* (50 000 em barracos),  
Eva Sielaff,

Munique, 09.09.1996 - *Süddeutscher Zeitung*, *Report aus dem Elend* (Relato da miséria),  
Roland Ziersch

## (II) Obras que serviram de base à constituição do Marco Teórico

AZENHA JR., João. Goethe e a tradução: a construção da identidade na dinâmica da diferença. In: **Literatura e Sociedade** nº 9. São Paulo: USP-DTLLC, 2006, p. 44-59.

BAKER, Paul. **Using Corpora in Discourse Analysis**. London: Bloomsbury, 2006

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**. Uma nova proposta. 2ª. Ed. Campinas: Pontes, 2004.

BERBER SARDINHA, Tony .**Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

COELHO, Fabrício. **Ensaio sobre a tradução da conferência Einleitende Betrachtungen über die Verschiedenartigkeit des Naturgenusses und eine wissenschaftliche Ergründung der Weltgesetze, de Alexander von Humboldt**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. **Os tradutores na história**. São Paulo: Ática, 1998.

ECKERMAN, Conversações com Goethe. Tradução do alemão e notas por Marina Leivas Bastian Pinto. **162 Revista de Letras**, São Paulo, 46 (2), p. 131-162, jul./dez. 2006. Prefácio de Augusto Meyer. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Ed., 1950.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Theory. In: **Poetics Today**, vol. 1, p. 1-2, 1990

\_\_\_\_\_. **Teoria de los polissistemas**. Disponível em:  
<<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/EZ-teoria-polisistemas.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

FAWCETT, Peter. **Translation and Language**. Linguistic theories explained. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

FISCHER-STARCKE, Bettina. Keywords and frequent phrases of Jane Austen's *Pride and Prejudice*. A corpus-stylistic analysis. In: **International Journal of Corpus Linguistics** 14:4, p. 492–523, 2009.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Editora Atelie, 2009.

GONÇALVES, Lourdes Bernardes. Linguística de *Corpus* como Instrumento de Avaliação de Tradução Literária. In: **TradTerm** 15, Revista do Centro interdepartamental de Tradução e Terminologia FFLCH-USP. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, p. 79-100, 2009.

HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**, vol. 1. Antologia bilíngue alemão-português. 2ª. ed. revisada e ampliada. Florianópolis: Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, UFSC, p. 28-35, 2010.

HERMANS, Theo. **Translation in systems**: descriptive and system-oriented approaches explained. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

HOEY, Michael. **Lexical Priming**. A new Theory of Words and Language. London: Routledge. 2005.

HOLMES, James S. **The Name and Nature of Translation Studies**. In: Holmes, J.S., 1988.

LÈFEVÈRE, Andre. **Translating literature**: the German tradition from Luther to Rosenzweig. Amsterdam: Assen, 1997

LÈFEVÈRE, Andre. **Translation, History and Culture**. London, New York: Pinter Publ, 1990.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies**: Theories and applications. London-New York: Routledge, 2001

RAYSON, P. From key words to key semantic domains. **International Journal of Corpus Linguistics**, vol. 13, Issue: 4, 519-549, 2000.

REIß, Katharina und VERMEER Hans J. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. 2. Auflage. Tübingen: Niemeyer, 1991.

RUSSELL, Bertrand. **A History of Western Philosophy**. 2 ed. [S.I.]: Routledge, 2004.

SINCLAIR, John. **Trust the Text**– language, corpus and discourse. London & New York: Routledge, 2004.

STUBBS, Michael. Keywords, Collocations and Culture: the Analysis of Word Meanings across Corpora. In: Stubbs, Michael (ed.) – **Text and Corpus Analysis**. Oxford: Blackwell, p. 156-195, 1996.

\_\_\_\_\_, Michael. **Words and Phrases: Corpus Studies of Lexical Semantics**. London: Blackwell, 2001b.

TAGNIN, Stella E. O. **A Linguística de Corpus na e para a tradução** (manuscrito, no prelo). 2014

\_\_\_\_\_. Os Corpora: instrumentos de autoajuda para o tradutor. In: **Cadernos de Tradução IX**. Florianópolis: UFSC, 2002. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/9/stella.htm – notas>. Acesso em: 10 out 2015

\_\_\_\_\_. **Corpora: o que são e para quê servem**. Disponível em: [www.comet.filch.usp.br](http://www.comet.filch.usp.br)>. Acesso em: 10 out 2015

TOGNINI-BONELLI, Elena. Corpus Linguistics at Work (**Studies in Corpus Linguistics**, 6). Amsterdam/Atlanta, GA: John Benjamins, 2001.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam: Benjamins, 1995.

VERMEER, Hans J. A Holistic Approach to Translation. In: Vermeer, Hans J. **Ausgewählte Vorträge zur Translation und anderen Themen**. Berlin: Frank & Timme Verlag, 2007.

#### (IV) Referências Gerais

KAFKA, F. **Nachgelassene Schriften und Fragmente II. Kritische Ausgabe**. Frankfurt a. M.: Fischer Verlag, 1992.

PEIXOTO, F. **Brecht, vida e obra**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

CASTRO, Thales Augusto Barretto de. **Um outro olhar sobre a literatura brasileira: Clarice Lispector em tradução alemã**. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ZIMMERMANN, Annemarie. **Am Beispiel des Danilo Dolci**, 1961, Disponível em: <<http://library.fes.de/gmh/main/pdf-files/gmh/1961/1961-01-a-035.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

DOLCI, Danilo. **Umfrage in Palermo**. Pós-facio: DIRKS, Walter. Walter-Verlag, Olten und Freiburg: 1959, 291 S., Ln. 15,80 DM.

NOWINSKA, Magdalena. **Tradução e sensibilidade**. Die Judenbuche de Annette von Droste-Hülshoff e suas traduções. 2012. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-20082012-125724/>>. Acesso em: 01 dez. 2015

MOREIRA, Marcelo Victor de Souza. **Estudos funcionais da tradução**: rupturas e continuidades. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-27062014-111155/>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

### (III) Outras fontes de consulta

IRMEN, Friedrich. **Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch**: Portugiesisch-Deutsch, Deutsch-Portugiesisch - Dicionário de bolso português Langenscheidt: português-alemão, alemão-português. Berlin: Langenscheidt, 1995. 1199 p. ISBN 3468112726.

WERMKE, Matthias, ed. lit. **Duden: die deutsche Rechtschreibung**. 24., völlig neu bearb. und erw. Aufl. Mannheim: Dudenverlag, 2006. 1216 p. (Der Duden in zwölf Bänden; 1). ISBN 3411040149.

WAHRIG-BURFEIND, Renate, **Dicionário Semibilíngue Para Brasileiros**. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes, 2011.

### (IV) Sites visitados

<<http://livrespensadores.net/artigos/carolina-maria-de-jesus-a-escritora-que-o-brasil-esqueceu/>> Acesso em 8 out. 2014.

<[http://www.letras.ufri.br/anglo\\_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf](http://www.letras.ufri.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf)> Acesso em 7 jun 2014.

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5986>> Acesso em 10 ago 2014.

<[http://www.letras.ufrj.br/anglo\\_germanicas/cadernos/numeros/072011/textos/cl2831072011zyngier.pdf](http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/072011/textos/cl2831072011zyngier.pdf)> Acesso em 8 jun 2014.

<<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-literatura-de-carolina-maria-de-jesus-do-quarto-de-despejo-para-mundo-13843687>> Acesso em 21 out 2010.

<<http://www.redensarten-index.de/>> Acesso em 5 ago 2015.

<<http://wortschatz.uni-leipzig.de/>> Acesso em 5 ago 2015.

<<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-literatura-de-carolina-maria-de-jesus-do-quarto-de-despejo-para-mundo-13843687>> Acesso em 21 out 2015.

<<http://www.ube.org.br/biografias-detalle.asp?ID=129>> Acesso em 10 out 2015.

<[http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/05/10/noticia\\_pensar,154505/em-busca-de-uma-voz.shtml](http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/05/10/noticia_pensar,154505/em-busca-de-uma-voz.shtml)> Acesso em 18 nov 2015.

<<http://www.aphorismen.de/zitat/5339>> Acesso em: 07 nov 2015.

<<http://www.portugues.com.br/literatura/generodramatico.html>> Acesso em 30 jul 2015.

<<http://www.soliteratura.com.br/barroco/barroco03.php>> acesso em 30 jul 2015.

<<http://licrisdevaneiosliterarios.blogspot.com.br/2009/06/cabana-do-pai-tomas-harriet-beecher.html>> Acesso em 30 jul 2015.

<[http://www.deutschlandfunk.de/alter-wein-in-neuenschlaeuchen.761.de.html?dram:article\\_id=113978](http://www.deutschlandfunk.de/alter-wein-in-neuenschlaeuchen.761.de.html?dram:article_id=113978)> Acesso em 18 nov 2015.

<<http://library.fes.de/gmh/main/pdf-files/gmh/1961/1961-01-a-035.pdf>> Acesso em 05/08/2015)

<<http://www.graswurzel.net/226/dolci.shtml>> Acesso em: 07 out 2015)

<[http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/anpur2003\\_RBEUR.pdf](http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/anpur2003_RBEUR.pdf)> Acesso em 20 nov 2015.



# ANEXOS

## Anexo I: as resenhas

### (I-A) 20.04.1962, Rheinischer Merkur, Die "Dichterin des Kehrichts" – Tagebuchblätter aus den brasilianischen Elendsvierteln (Poetisado lixo – diário da favela brasileira), Guillermo Baumfeld



Favelas heißen die Elendsviertel am Rande der großen Städte Brasiliens, in denen die Millionen der Ärmsten leben - allein in Rio de Janeiro wird die Zahl der „favelados“ auf 900 000 geschätzt. In elenden Hütten aus verrosteten Blechresten und morschen Kistenbrettern hausen diese Menschen, viele haben nicht einmal dies. Der Hunger geht dort um, das Verbrechen wuchert in der verpesteten Luft. Krankheit, Laster und Alkohol schließen den Kreis der Hoffnungslosigkeit. Es ist schon oft über die Not in den Favelas berichtet worden, über den Hunger, wenn dieses Wort allein die Wirklichkeit bezeichnen kann. Aber die Millionen der „favelados“ selbst blieben stumm, bis ihnen Maria Carolina de Jesús, die außerordentlichste Erscheinung der südamerikanischen Literatur, eine Stimme gab.

Vor 46 Jahren wurde sie in Sacramento geboren, zwei Jahre ging sie in die Schule, mit neun Jahren arbeitete sie als Magd. Als sie achtzehn war, heiratete sie, mit zwanzig war sie in der Favela Canindé von São Paulo. Das nackte Leben für einen kranken Mann und drei Kinder zu erhalten, war ihr Dasein. Sechszwanzig lange Jahre: beim Morgengrauen aufstehen, Wasser holen, ein mageres Frühstück bereiten, Kehrichteimer durchsuchen, Papieren, Metallabfälle sammeln, sie verkaufen, in der Markthalle um Abfälle betteln, das Essen für diesen einen Tag verschaffen, um am nächsten Morgen wieder von neuem zu beginnen.

Und über allem der Wille, „anders“ zu sein, sich nicht dem Laster und Trunk zu ergeben, sich Achtung zu verschaffen, die Kinder zu erziehen.

Mitten in diesem tiefen Elend begann sie ein Tagebuch zu führen. Papierfetzen und Bleistiftreste fand sie unter dem Abfall. Nie hatte sie daran gedacht, daß diese Aufzeichnungen, in denen sie ihr Leben in der Favela schilderte, einmal veröffentlicht werden könnten; es waren spontane Entladungen, die es ihr ermöglichten, ihr Leben im Gleichgewicht zu halten, um nicht im Chaos von Gewalt und Laster zu versinken. Audalio Dantas, ein Journalist, hörte von dem erstaunlichen Fall einer schreibenden „favelada“ und konnte sie dazu bewegen, ihm ihre Aufzeichnungen zu geben. Ein Teil dieser Tagebuchblätter bildet ihr Buch „Das Zimmer des Unrats“ (El cuarto de despejo), das in Brasilien in wenigen Monaten eine Auflage von über 150 000 Stück erreichte und in viele Sprachen übersetzt wurde.

Es ist nicht leicht zu lesen, ein hartes, manchmal grauenvolles Buch, das Epos der Favela. „Der kleine Junge fand im Abfalleimer Fleisch. Ich versuchte, ihn zu überreden, das Fleisch wegzuwerfen und lieber das Brot zu essen, das nur ganz wenig von den Ratten angenagt war. Es war unmöglich. Er schlang das Fleisch hinunter, denn er hatte seit zwei Tagen nichts gegessen. Am nächsten Tag war er tot, seine Finger gespreizt wie ein Fächer, sein Körper aufgebläht, als wäre er aus Gummi. Er wurde begraben, niemand wußte, wer er war - die am Rande leben, haben keinen Namen.“ - „Vera ist die einzige, die sich beklagt: ‚Mama, verkauf mich doch an Dona Julia, dort gibt es gutes Essen!‘“ –

Aber das Buch ist nicht nur ein Dokument, sondern zwischen all der grauenhaften Wirklichkeit leuchten Stellen zarter Lyrik und die Kraft allgemein gültigen, menschlichen Gefühls. Sie selbst, die sich eine „Dichterin des Kehrichts“ nennt und sagt: „Die Stimme des Armen hat keine Poesie“, schreibt:

„Ich träumte, ein Engel zu sein, und suchte die Sterne, um sie zu betrachten und mit ihnen zu sprechen. Auch uns gibt die Natur von allem. Haben wir doch die glitzernden Sterne, die Sonne, die uns wärmt, und auch für uns fällt der tröstende Regen.“

Diese Frau, der die Schuhe unbequem sind, weil sie ihr ganzes Leben lang barfuß ging, die aber abends nicht einschlafen kann, wenn sie nicht etwas gelesen hat, sagt: „Wir kommen alle auf die gleiche Weise zur Welt, aber es gibt so viele Arten zu sterben.“

Carolina de Jesús hat bis jetzt rund 50 000 DM von den Erträgen ihres Buches bekommen, ein unvorstellbar großes Vermögen für sie. Sie hat sich ein Häuschen in São Paulo gekauft „aus richtigen Ziegeln“; das Elend ist für sie vorbei, doch sie hat ihre alten Freunde nicht vergessen. Viele, die in ihrem Buch genannt sind, wurden zu ihren Feinden, und sie kann heute nur noch mit Polizeischutz in die Favela gehen, wenn sie den Armen mit Geld und Rat helfen will. Sie sagt: „Die Hauptsache ist, daß man auf die Favelas aufmerksam geworden ist. Es haben sich Gruppen gebildet, um zu helfen. Alle meine alten Freunde wollen wie Carolina sein, aber ich bin nur durch ein Wunder entkommen. Das Problem in der Favelas ist nicht für die Politiker, es verlangt Verständnis, Mitleid und Überzeugung aller. Früher fehlte es mir an Papier zum Schreiben, heute fehlt es mir an Zeit. Alle laden mich zum Essen ein. Und während ich esse, sehe ich wie auf einem Film die Hungernden der Favela. Aus diesen Knochen, den Resten einer Mahlzeit, könnte man viele Suppen kochen.“ Sie spricht in abgerundeten Sätzen, mit einer weichen Stimme, und alles frühere Leid spricht aus ihren Augen. Ein Einzelschicksal unter Millionen, aber ein Schicksal, das, am Rande des großen Weltgeschehens, diesen Millionen Hoffnung auf ein menschenwürdigeres Dasein gibt.

Sie hat viele Pläne für neues Schaffen. Ein Tagebuch will sie nicht mehr schreiben, sie arbeitet an einer Sammlung von Anekdoten und Sprichwörtern aus der Favela und einem Roman über die neue Welt, die sie jetzt entdeckt hat. Ist Carolina de Jesus eine Dichterin oder gehört sie zu den Erscheinungen, die kometengleich auftauchen, ein erschütterndes Buch schreiben, um dann wieder ins Dunkel zurückzukehren? Harriet Beecher-Stowe rief

vor hundert Jahren mit „Onkel Toms Hütte" zur Befreiung der Negerklaven und rüttelte das Gewissen der Welt auf. Ihre anderen Bücher sind heute vergessen, aber dieses eine Werk hat sie unsterblich gemacht. Carolina de Jesús hat den Ehrgeiz, Schriftstellerin zu sein. Der Triumph ihres Buches ist die Unmittelbarkeit und Gedrängtheit der Darstellung, die demütige Ehrlichkeit des Berichts. Wenn ein Kunstwerk niemals eine Zufallserscheinung, sondern immer nur das Produkt eines disziplinierten Willens sein kann, ist sie eine Dichterin. Auch eine Anklägerin.

**(I-B) 16.05.1962, Vorwärts, Augias in Sao Paulo – Tagebuch einer Negerin aus den Slums wurde Bestseller (Augias em São Paulo – Diário de uma Negra da Favela torna-se bestseller), Rosemarie Vossberg**



„Über den ganzen lateinamerikanischen Subkontinent, vom Rio Grande im Norden bis zur Spitze von Feuerland, zieht sich wie eine eiternde Flechte der Aussatz der sozialen, moralischen und geistigen Not, resümierte kürzlich ein Geistlicher seinen Eindruck von einer Reise durch mehrere Länder Lateinamerikas. Und in der Tat: Die soziale Not gehört zu den beschämendsten Problemen jenes Kontinents und seinen krebsartig wuchernden Elendsquartieren am Rande der Millionenstädte wie Santiago de Chile, Rio de Janeiro, Sao Paulo. Unvorstellbar ist dort das primitive Leben in den Hütten aus Blechbüchsen, Kanistern und Kistenholz. Familien mit mehr als zwölf Kindern hausen in den Barackenlagern. Kinder, die kaum eine Erziehung, geschweige eine Schulbildung erhalten haben. Die Eltern sind selbst zu 60 Prozent Analphabeten. Die Verhältnisse sind katastrophal.

Seit Monaten hört man gerüchteweise von einem Buch, das das Leben in jenen „Favelas" so drastisch schildert, wie es sich tatsächlich abspielt. Jetzt liegt die deutsche Ausgabe jenes Tagebuches vor; es ist seit einem halben Jahr erklärter Bestseller in Brasilien: das „Tagebuch der Armut" der farbigen Schriftstellerin Carolina Maria de Jesus.

Die brasilianische Autorin hat im 'Armenvorort von São Paulo gewohnt, hat fünf Jahre lang Tagebuch geführt und rücksichtslos das Leben in dem „Mehr als Arme-Leute-Viertel" geschildert. Ihr Bericht wäre nie gedruckt worden, hätte nicht ein aufmerksamer Reporter der brasilianischen Zeitung "O Cruzeiro" die Aufzeichnungen entdeckt und einem Verleger gegeben.

Carolina Maria de Jesus, eine 46jährige Negerin und Mutter von drei kleine Kindern, ist professionelle Papiersammlerin. Damit verdient sie den Unterhalt für sich und ihre Kinder. Es sind wenige Cruzeiros, die sie am Tag für einen Sack voll Papier, Pappe oder Kartons erhält.

Für 20 bis 20 Cruzeiros erhält sie ein Stück Brot oder ein paar Tomaten. Und weil das für die hungrigen Kleinen nicht reicht, buddelt sie aus stinkenden Misthaufen vertrocknete Brötchen, verdörnte Tomaten und schlammige Wassermelonen. An Regentagen sammelt sie Eisen. Ihre Tagebucheintragung vom 13. Mai 1959 ist nüchtern und traurig: „Mit dem Geld des Alteisens werde ich Reis und Wurst kaufen. Der Regen hat etwas nachgelassen. Ich gehe aus dem Haus. Meine Kinder tun mir so leid. Wenn sie Eßsachen sehen, rufen sie: ‚Es lebe die Mutti!‘“

Nicht nur der Hunger nagt an Leib und Seele, auch die Streitigkeiten und der Klatsch der Nachbarn in den Favelas. Nachbarinnen schlagen ihre Kinder, gießen den Nachttopf über ihrem Kopf aus. Man prügelt sich, droht mit Pistole und Messer, trinkt literweise Zuckerrohrschnaps. Orgien werden in den elenden Hütten gefeiert. Die Prostituierten laden Kinder der Nachbarschaft ein, um bei ihrem Geschäft zuzusehen. Carolina Maria de Jesus schreibt im Tagebuch (28. Mai): „... die Kinder beginnen untereinander Bemerkungen zu machen: ‚Fernande kam nackt heraus, als Armin sie schlug.‘ ‚Ich habe es nicht gesehen.‘ ‚Ach! Wie schade!‘ ‚Und wie ist eine nackte Frau?‘ Und das andere Kind, um es zu erklären, flüstert ihm ins Ohr. Und dann lachen sie laut. Alles was unanständig ist, lernt der Bewohner der Favela schnell.“ Die Kleinen werden aber nicht nur zu Miniatur-Pornographen erzogen, sondern auch zu Dieben.

Den „Schweine Stall Sao Paulos“ nennt die brasilianische Autorin die Favela. Sie erklärt es so: „Ich teile São Paulo folgendermaßen ein: Der Palast (Sitz der Regierung) ist der Salon. Das Rathaus ist das Eßzimmer und die Stadt ist der Garten. Und die Favela ist der Hinterhof, wo man den Abfall hinwirft.“

Immer wieder liest man schockierende Eintragungen; einmal ist es der Geruch der Exkreme in der Favela, ein andermal schildert sie die Nudeln, die sie aus dem Abfall gefischt hat. Hier schildert sie den qualvollen Tod eines jungen Negers, der verdorbenes Fleisch aus einem Abfallkübel gegessen hat, dort ihren 11jährigen Sohn, der nach einer Frau verlangt. Nachts schlagen Männer ihre Frauen, am Tage lungern Zigeuner mit unverschämten Blicken vor den Türen und Fenstern der Frauen. Es sind skandalöse Zustände, die Carolina Maria de Jesus beschreibt. Ob sich das jemals ändert? Niemand kümmert sich um das Leben in den Favelas, schreibt die Autorin. Regierungsbeamte kommen nur, wenn Wahlen vor der Tür stehen. Dann versprechen sie viel. Sie lassen sich erst nach vier Jahren wieder sehen, wenn neue Wahlen veranstaltet werden...

Die eindringliche, offene und einfache Sprache des „Tagebuches der Armut“ hat viele Leser für das Buch interessiert. Der Verlag gibt an, daß bereits drei Tage nach Erscheinen der portugiesischen Ausgabe 10 000 Exemplare verkauft waren. Das Tagebuch ist ein Bestseller. Es hat der Autorin die Möglichkeit gegeben, in ein festes Haus in São Paulo zu ziehen. Aber was wird aus den anderen Bewohnern der Favela? Werden die brasilianischen Politiker aus dem Buch lernen?

Rosemarie Vossberg

Carolina Maria de Jesus: „Tagebuch der Armut“. Wegener Verlag, Hamburg.

**(I-C) 13.07.1962, Christ und Welt, Die Schwarze Mutter Courage aus Canindé – Zu den Tagebüchern der Maria Carolinade Jesus (Amãecoragem pretado Canindé – sobre os diários de Maria Carolina de Jesus), Leo Gilson Ribeiro**



Das Bild zeigt die brasilianische Negerin Carolina Maria de Jesús in der Favela Canindé von Sao Paulo. „Favela“ bedeutet Elendsviertel; es ist das Resultat des Exodus aus dem unterentwickelten Hinterland Brasiliens nach den entwickelten Großstädten an der Küste. Ähnliche Phänomene finden sich im Süden Italiens und im Industriezentrum Mailand, wie Visconti es in dem Film „Rocco und seine Brüder“ gezeigt hat. – Das Buch der Brasilianerin liegt auch in deutscher Sprache schon vor: „Tagebuch der Armut“, Christian Wegner Verlag. Darum untersucht unser Bericht nicht das Werk selbst und nicht die sozialen und ökonomischen Ursachen der „Favela“, sondern schildert, welche Wirkungen die internationale Anerkennung ihres erschütternden Dokuments auf das Leben der Autorin selbst hatte. Wie überstand sie den Wechsel von krasser Armut zum Ruhm?

Quer durch den Stadtplan von São Paulo läuft eine fein schattierte Linie, die symbolisch die soziale Struktur und die strenge Hierarchie der Vier-Millionen-Industriemetropole Lateinamerikas widerspiegelt. Von den hügeligen aristokratischen Stadtvierteln — Jardim Europa, Murumbi — mit ihren Millionärsvillen senkt sie sich zu dem Geschäftszentrum und zu den proletarischen Quartieren Brás und Villa Maria hinab, bis sie im Verwesungsdunkel der Favela Canindé mündet, zwischen den schwarzen Gewässern des Flusses Tieté und der glänzenden Autobahn, die nach Rio de Janeiro führt.

Es gibt kaum eine Verbindung zwischen diesen hermetisch voneinander abgeschlossenen Welten. Im Luxusappartement des Grafen Matarazzo, des rockefellerischen Mäzens von Brasilien, hängen an den Wänden Bilder von Miro, Cézanne und Rouault, um die sich etliche Museen und Auktionatoren in Amerika und Europa eifersüchtig bewerben würden, wenn sie zum Verkauf stünden. In den proletarischen Vierteln, in dem Fabrikenwald Matarazzos und des Playboys Baby Pignatari, um nur diese beiden zu nennen, arbeiten emsig Italiener, Japaner, Polen und Deutsche, die den kapitalistischen Traum vom raschen Reichwerden

träumen, während in Canindé die vom Leben Besiegten — meistens Neger und Flüchtlinge aus dem ausgedörrten Nordosten — in Blech- und Bretterhütten dahinvegetieren, von Hunger und Promiskuität, Alkoholismus und Hoffnungslosigkeit belagert. Eines Tages jedoch verursachen die dünnen Fäden, die die gesunden und die kranken Zellen dieses Riesenorganismus fragmentarisch miteinander verbinden, für einen Augenblick eine Kettenreaktion, die alle hierarchischen Werte durcheinander wirft.

Audálio Dantas, ein junger Reporter, der im Elendsviertel eine Routine-Berichterstattung machen sollte über die Raufbolde, die die Kinder des Quartiers gewaltsam ihres neuen Spielplatzes beraubten, hört in seiner Nähe die empörten Schreie einer großen schlanken Negerin. „Unglaublich, dieses Pack!“, schimpft sie majestätisch. „Die kommen aber alle in mein Buch, damit sie nicht vergessen werden!“

Der Spürsinn des Reporters läßt ihn eine Story ahnen, die aus dem Sumpf so vieler menschlicher Hoffnungen auftauchen könnte. Er gewinnt das Vertrauen der vorgeblichen Autorin, liest in ihrer selbstgebauten, primitiven Bretterbude ihr Tagebuch. Aus mühsam mit der Hand beschriebenen, grammatisch ungeschickten Notizen enthüllt sich die schauerliche Beschreibung einer unterirdischen, untermenschlichen Welt, der Welt der Favela – einer Welt, wie sie der Westen seit Dostojewskys „Erinnerungen aus einem Totenhaus“ nicht mehr erlebt hatte. „Canindé ist die Filiale der Hölle auf Erden!“ klagt Carolina Maria de Jesús. Wie einst aus den expressionistischen Gedichten von Stadler und Heym steigen die Schreckvisionen der Großstadt auf, inmitten des „Gestanks von faulem Fleisch und Fischen... Zerlumppte Kinder kreischen über dürrtigen Spielen... während fern die Stadt erdröhnt im Donner der Automobile.“

Dreizehn Verlage lehnten ab

Nach dreijährigem, beharrlichem Kampf gelingt es dem Berichterstatte, einen Verleger für seine „Entdeckung aus dem menschlichen Dschungel“ zu finden: einen konservativen Verlag, der bis dahin hauptsächlich Schulbücher gedruckt hatte und der nun eine „neue Linie“ riskieren wollte. Mit blitzartiger Reaktion empfängt die brasilianische Elite – Intellektuelle, Presse und Fernsehen, Professoren und Studenten, Minister und Abgeordnete – den elektrischen Schock dieser Bloßstellung einer Welt, die in den Hauptstädten der Erde ein soziales Problem von katastrophalen Dimensionen bedeutet; in Rio allein gibt es zweihundert Elendsviertel; und doch ist es eine zugedeckte, verschlossene, übersehene Welt, die im alltäglichen Leben aus dem Bewußtsein verbannt wird.

„So leben die Leute in der Favela?“ fragten viele Candides, die von solcher Misere „keine Ahnung gehabt“ hatten. Und der Enthüllung dieser unbekanntenen Wirklichkeit – Sartre hat in

Rio lapidar gesagt: „Copacabana ist bloß das Schaufenster, die Realität dahinter ist die Favela“ – folgt rasch eine südamerikanische Tragikomödie, in der sich das Groteske mit dem Erschütternden in barockem Wirrwarr paart.

In einer Woche werden schlagartig zehntausend Exemplare verkauft – ein Rekord in Brasilien –, und bald verdrängt dieses Tagebuch Graham Greene, Bertrand Russell und den populärsten einheimischen Schriftsteller, Jorge Amado, in der Bestsellerliste auf die unteren Plätze. Der stark konservative „O Estado de Sao Paulo“ spricht von einem der besten brasilianischen Bücher dieses Jahrhunderts“, die liberale „Diario de Noticias“ nennt es „eine knallende Ohrfeige ins Gesicht der brasilianischen Verwaltung“. Gleichzeitig greifen die Kommunisten eifrig das unerwartete, herrliche Propagandamaterial gegen die „Dekadenz des kapitalistischen Systems in Brasilien“ auf.

Wochenlang muß die schwarze Autorin täglich im Fernsehen Interviews geben, an Konferenztischen soziale Probleme besprechen, als Star zahlreicher Autographencocktails in Luxusbuchhandlungen erscheinen, wo sie freundlich und lächelnd persönliche Widmungen für Senatoren, und sogar für den Arbeitsminister in ihre Bücher schreibt. Bei der Wahl der „Miss Sao Paulo“ reicht sie als Ehrengast der Schönheitskönigin die Krone. Bei dem Besuch eines eleganten Nachtlokals muß sie zum Podium hinauf, um sich applaudieren zu lassen. Die Studenten der ehrwürdigen Juristischen Fakultät in Sao Paulo ernennen die Frau, die bloß zwei Jahre Volksschule in einem entlegenen Dorf des Hinterlandes besucht hat, zum „Ehrenmitglied“ – ein Titel, der Sartre hatte zuteil werden sollen: Carolina Maria de Jesús aber wird einmütig von den künftigen Rechtsanwälten bevorzugt, weil sie „unermeßlich viel wertvoller im Kampf für die Freiheit“ sei als der Philosoph des Existenzialismus.

Das Ausland interessiert sich für diesen – historisch gesehen – etwas verspäteten Protest eines erdrückten Proletariats, der das exotische Lokalkolorit der Tropen und des Negermilieus mit in die Literatur einbringt. Aus Japan und Frankreich, Deutschland und Nordamerika treffen mit Eilpost Dollarangebote ein: alle an die Frau gerichtet, deren Manuskript von dreizehn Verlagshäusern, darunter dem amerikanischen „Reader's Digest“, mit der lakonischen Bemerkung „Ohne Interesse für uns“ zurückgewiesen worden war. Illustrierte Zeitschriften mit Millionenaufgabe, „Life“, „Paris-Match“ und andere, verlangen exklusive Interviews. Die ehemalige Sammlerin von Schrott und Altpapier reist nun mit ihren drei Kindern durch ganz Brasilien; der Traum ihres Lebens, ein Haus zu besitzen, geht mit ihren wachsenden Autorenrechten in Erfüllung. In Rio, als Attraktion der Buchmesse, wohnt

sie in demselben Hotel, das vor einigen Jahren mit Steinen beworfen wurde, weil es der amerikanischen Negersängerin Marian Anderson Unterkunft verweigert hatte.

Der Komödie zweiter Teil spielt sich im neapolitanisch unbekümmerten, sonnigen Rio ab, das stark mit der mailändisch soliden, sturen Industriestadt Sao Paulo kontrastiert. Zielbewußt geht die Frau, die buchstäblich aus den Mülleimern der Reichen ihr tägliches Essen holte, ihrem „neuen Leben“ entgegen. „Den reichen Leuten nämlich wollte ich es nun abgucken, damit ich sie in meinem nächsten Buch drinnen haben kann“, gesteht die Schreibbesessene kurz vor ihrem festlichen Diner beim Staatsgouverneur. Sie beginnt, ihr zweites Buch ihrer neuen Umwelt „abzugucken“, gerade als ihr Bankkonto auf etwa zehntausend Dollar steigt.

Gebt es lieber den Armen

Wie wirkt die Welt des brasilianischen Bildungsbürgertums und besonders die der brasilianischen „High society“ auf die kernige, simple, aber scharfsinnige Frau, die sich im wahrsten Sinn des Wortes einen Platz an der Sonne errungen hat? Vor allem reagiert Carolina Maria de Jesús mit derselben entwaffnenden Freimütigkeit, mit der sie einflußreichen Leuten und Elendskumpanen begegnet: „Hände weg von den Volksgeldern, ihr Guten. Gebt es lieber den Armen. Ihr seid alle schon so dick, wie ich sehe, laßt nun die Favela-Bewohner ein bißchen Speck ansetzen!“ Im schicksten Restaurant Rios „Au Bon Gourmet“, versammelt sich die ganze Schar um sie: Reiche Industrielle, Frauen, die bei Dior und Guivenchy ihre Zweitausenddollarkleider kaufen, frivole Gesellschaftskritiker, Anhänger des brasilianischen Prinzen Orleans und Bragança, alle wollen sie sie betasten, bewundern, sprechen, umgeben, ähnlich wie die Adligen des französischen Hofes, die im sechzehnten Jahrhundert die ersten brasilianischen Indianer zu Gesicht bekamen. Skeptisch schüttelte Carolina Maria de Jesús, als sie das Lokal verließ, den Kopf. „Keiner dieser feinen Leute würde je den zerfetzten Negerlein, die hier auf der Straße betteln, einen Pfennig geben. Sie sprachen mit mir über Wohltätigkeit und soziale Ungerechtigkeit, bloß weil sie es gern haben, wenn sie neben einer berühmten Persönlichkeit photographiert werden und in die Zeitungen kommen. Das ist ja nur leeres Gerede. Wann werden sie endlich menschlich werden? Hat das Geld ihnen das Mitgefühl für fremdes Leid erwürgt?“

So vergänglich

Bezeichnend ist auch, wie sie die Intellektuellenkreise charakterisierte, die sich in Paris wie in Rio an heimtückischen Hinter-dem-Rücken-Lästern laben: „Die Bosheit unserer Intellektuellen ist wie der Nebel: unendlich fein, aber er geht einem durch die Knochen.“ Oft denkt sie über die sozialen und kulturellen Ursachen der Favela nach, oft empfindet sie ein



tiefes Gefühl der Solidarität mit den „Brüdern, die ich in der Favela hinterließ“. Dies, obwohl ihre Nachbarn, wütend auf ihre schonungslosen Porträts, bei ihrem Auszug Steine auf sie warfen. Ab und zu gelangen ihr philosophische Betrachtungen, deren Substanz Marc Aurel oder Bert Brecht gefallen haben würden, je nachdem ob sie elegisch oder aufrührerisch gestimmt sind: „Rassenvorurteile...? Der Mensch ist so vergänglich auf der Erde...er sollte während seiner irdischen Fahrt in Frieden leben und keinen seiner Mitmenschen hassen...“ Oder: „Die Armen werden so schlecht behandelt, daß sie auf ihre Güte zwangsläufig verzichten müssen...“ Und: „Wenn die Sonne zur Erde gehörte, würde sie bestimmt zum Privileg weniger Menschen werden...“

Fühlt sie sich eigentlich glücklicher nun „auf dem anderen, dem reichen Ufer des Lebens“? Vor kurzem wurde ein Theaterstück nach ihrem Buch inszeniert; ein Assistent de Sicas winkt mit einem Angebot zur Verfilmung ihrer Elendssaga. Nun dürfen ihre Kinder zum erstenmal regelmäßig und gut essen, in Schuhen zur Schule gehen, auf Matratzen schlafen, die neu entdeckte Herrlichkeit einer warmen Brause kosten. Als religiös gestimmter Mensch spürte sie tiefe Dankbarkeit gegen Gott; da sie nun im „Paradies lebe“, freute sie sich darauf, daß sie Tausenden von Menschen wohltun könnte: Wie die Sonne, die einzig ist und doch ihre Wärme allen gleichmäßig schenkt.“

Bald jedoch mußte sie ernüchert erkennen, daß ihr neues Leben bloß ein Fegefeuer war, und hinter den Masken der „Gönner“, „Helfer“, „Ratgeber“ und „Freunde“ entlarvte sie die Geldsucher, die Schmarotzer, die kapitalbedürftigen Erfinder. War sie im Elendsviertel schon entsetzt über die physisch-ökonomische Verkommenheit der Menschen – nun beeindruckte sie die ethische Verkommenheit einer verantwortungslosen Gesellschaft, die schließlich, wie sie einsah, an dem Elend der Millionen mitschuldig ist.

„Manchmal denke ich darüber nach: In der Favela gibt es rohe Menschen, die Ignoranten sind. Hier gibt es Rivalitäten, Habgier. Keine Aufrichtigkeit... Ich komme mir vor, als lebe ich in einer Welt von falschen Juwelen, falschem Schmuck.“ Um ihren Namen, der „ein Vermögen wert ist“, reißen sich Politiker, Publicity-Leute, Presse und Negervereine; mit einem Bilde schildert sie ihre neue Lage: „Ich habe den Eindruck, daß ich ein Aas bin, und daß die Geier rings um mich lauern. Die menschlichen Aasgeier hungern nach Geld.“

Und so schließt sich wie in einer Moritat der Kreis ihres Lebens: Die extremen Welten berührten sich für Augenblicksdauer: Carolina, die Lumpenfrau, dinierte bei einem Mitglied der Familie Matarazzo. Sollte hierin der Wert ihres Buches liegen, in der Berührung der Schichten, die die brasilianische Gesellschaft bilden? Oder vielmehr, wie besonders einige Ausländer aus einer falschen Perspektive behaupten, diene etwa ihr Buch der amtlichen

Auflösung der Favela Canindé? Die demagogischen Züge dieser verspäteten und ungenügenden Maßnahme verkennend, vergessen sie die unzähligen Favelas von Lateinamerika, in denen noch Millionen vegetieren und die sich ständig weiterfressen wie ein schwärender Krebs.

Ich wehrte mich

Genauso falsch ist die optimistische Behauptung, ihr Tagebuch sei eine Art brasilianisches „Onkel Toms Hütte“. Jeder, der die brasilianischen Verhältnisse kennt und dieses wichtige Zeugnis liest, wird viel eher sagen, es hat den sozialen Wert einer brennenden Anklage gegen das Verwaltungswesen und die Oligarchie Brasiliens. Mehr sogar: Möglicherweise ist es der Schlüssel zum Verständnis der explosiven lateinamerikanischen Wirklichkeit – die leicht zu Castro-Lösungen führen kann.

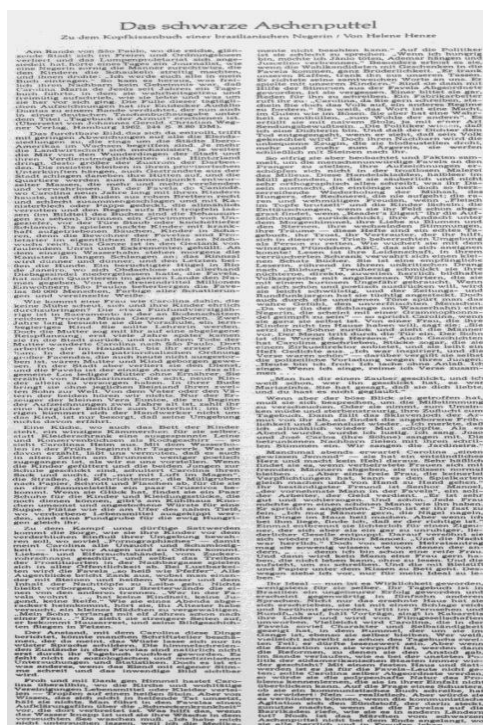
Carolina Maria de Jesús ist eine echte Vertreterin des brasilianischen Volkes: Ihre Liebe zur Gerechtigkeit und für die Armen, ihre Religiosität und der Stoizismus ihres Lebens bezeugen es – aber auch ihre tiefe Skepsis gegen die Absichten der brasilianischen Politiker. Doch unterscheidet sie sich von der Masse durch ihre Urteilsfähigkeit, die es ihr erlaubt, konsequent für diese oder jene Persönlichkeit Partei zu nehmen, durch ihre Ablehnung des Aberglaubens und durch ihre Liebe zur Bildung.

Vielleicht werden wir den tieferen Sinn ihres demütigen, fast analphabetischen Dokuments menschlichen Elends in einer verblüffenden Analogie mit dem Werk Kafkas – natürlich auf einer anderen Stufe der literarischen Aussage – finden. Nicht nur in dem berühmten Kafka-Zitat „Ich habe so geschrieben, weil ich das Leben so sah!“ ist diese überraschende Verwandtschaft begründet. Auch auf der Parallelität ihrer Thematik beruht die Annäherung zwischen den beiden einsamen Bewohnern sozialer und kultureller Ghettos: Es ist die Schilderung der Angst. Freilich befaßt sich die Chronistin der Favela mit einer physischen Angst um das biologische Überleben, während der Schöpfer des unerreichbaren „Schlosses“ metaphysische Angst empfand. In ihren Geständnissen schreibt Carolina: „Es gibt Leute, die am Leben verzweifeln und allein an den Tod als Lösung denken. Ich wehrte mich stets dagegen, indem ich mein Tagebuch schrieb.“ Wie ein entferntes Echo klingen die Worte Kafkas: „Im Schreiben gibt es einen sonderbaren, rätselhaften, vielleicht gefährlichen, vielleicht rettenden Trost... Vielleicht führt die Literatur zum Beten...“

Das Buch der Brasilianerin zeugt von einem ähnlich absoluten Glauben an die Transzendenz des Wortes, an seine Kraft, die Umwelt zu verwandeln, wie sie es ganz konkret erleben durfte. Wie ein „Negro Spiritual“ enthält dieses bittere Buch neben soviel

Trauer einen Funken Trost, wenn Carolina sagt: „Der Mensch wird nicht nackt geboren –die Hoffnung kleidet ihn.“

**(I-D) 04.08.1962, Frankfurter Allgemeine Zeitung (FAZ), Das Schwarze Aschenputtel–  
Zudem Kopfkissenbuch einer brasilianischen Negerin (A cinderela negra– sobre o  
livro de cabeceira de uma negra brasileira), Helene Henze**



Am Rande von São Paulo, wo die reiche, glänzende Stadt sich im Freien und Ordnungslosen verliert und das Lumpenproletariat sich angesiedelt hat, hörte eines Tages ein Journalist, wie eine Negerin zornig die Männer zurechtwies, die den Kindern die Schaukeln streitig machten, und ihnen drohte: „Ich werde euch alle in mein Buch eintragen.“ So kam es heraus, was freilich ihren Nachbarn kein Geheimnis war, daß Carolina Maria de Jesús seit Jahren ein Tagebuch führte, in dem sie wahrheitsgetreu und freimütig aufschrieb, wie sie lebte und was um sie hervor sich ging. Die Fülle dieser tagtäglichen Aufzeichnungen hat ihr Entdecker Audálio Dantas zu einem Bande verdichtet, der nun auch in einer deutschen Taschenbuchausgabe unter dem Titel „Tagebuch der Armut“ erschienen ist. (Übersetzt von Johannes Gerold. Christian Wegner Verlag, Hamburg 1962. 244 S. 8.80 DM).

Das furchtbare Bild, das sich da entrollt, trifft mit geringen Abweichungen auf alle die Elendssiedlungen zu, die rings um die Städte Ibero-Amerikas im Wachsen begriffen sind. Je mehr die Landwirtschaft sich mechanisiert, je weiter die Mär von den Wunderdingen der

Stadt und ihren Verdienstmöglichkeiten ins Hinterland dringt, desto größer der Zustrom der Darbenden. Die meisten bleiben in ihren provisorischen Unterkünften hängen, auch Gestrandete aus der Stadt schlagen daneben ihre Hütten auf, und die Quartiere werden zum Sammelpunkt entwurzelter Massen, die mehr und mehr verelenden und verwahrlosen. In der Favela do Canindé, wo Carolina neun Jahre lang mit ihren Kindern hauste, sind die Buden aus rohen Brettern recht und schlecht zusammengeschlagen und mit Kanisterblech oder Pappe gedeckt, die allmählich verrotten und den Regen aufs Bett tröpfeln lassen (im Bildteil des Buches sind die Behausungen zu sehen). Drinnen ein Gewimmel von Ungeziefer, vor der Türe Staub oder knöcheltiefer Schlamm. Da spielen nackte Kinder mit krankhaft aufgetriebenen Bäuchen, Kinder in Scharen, denn die Bewohner der Favelas sind Proletarier im eigentlichen Sinne, allein an Nachwuchs reich. Das Ganze ist in den Gestank von faulendem Unrat und Exkrementen gehüllt. An dem einzigen Wasserhahn stehen morgens die Kanister in langen Schlangen an; das Rinnsal wird dünner und dünner, und den Letzten beißen die Hunde. Ein berüchtigter Hügel in Rio de Janeiro, wo sich Obdachlose und allerhand Diebsgesindel niedergelassen hatte, die Favela, hat solchen Quartieren im ganzen Lande den Namen gegeben. Von den dreieindrittel Millionen Einwohnern São Paulos beherbergen die Favelas 50 000 Menschen, Farbige aller Schattierungen und vereinzelt Weiße.

Wie kommt eine Frau wie Carolina dahin, die keine Mühe scheut, sich und ihre Kinder ehrlich durchzubringen? Die etwa Fünfundvierzigjährige ist in Sacramento in der an Bodenschätzen reichen Provinz Minas Gerais geboren. Zwei Jahre lang besuchte sie die Vorschule, ein lernbegieriges Kind. Sie sollte Lehrerin werden. Doch die Mutter zog mit ihr auf eine abgelegene Reispflanzung; erst viele Jahre später kamen sie in die Stadt zurück, und nach dem Tode der Mutter wanderte Carolina nach São Paulo. Dort arbeitete sie im Haushalt, bis ihr erster Sohn kam. In der alten patriarchalischen Ordnung großer Facendas, die auch heute nicht ausgestorben ist, wären Mutter und Kind geborgen gewesen. In der Stadt aber verliert sie den Dienst, und die Favela ist der einzige Ausweg – das allgemeine Los lediger Mütter ohne Ernährer. Sie erzählt von Nachbarinnen, die acht, neun Kinder allein zu versorgen haben. In ihrer Bude bringt sie ohne jeglichen Beistand ihren zweiten Sohn zur Welt. Von dem Vater oder den Vätern der beiden hören wir nichts. Nur der Erzeuger der kleinen Vera Eunice, die zu Beginn der Aufzeichnungen zwei Jahre alt ist, zahlt ihr eine kärgliche Beihilfe zum Unterhalt; im übrigen kümmert sich der Handwerker nicht um das Kind, ist nur besorgt, daß seine Umgebung nichts davon erfährt.

Eine Küche, wo auch das Bett der Kinder steht, ein winziges Kämmerchen für sie selber, statt Kleiderschrank eine ausgespannte Leine und Konservenbüchsen als Kochgeschirr – so sieht Carolinas Heim aus. Mit dem Wasserholen in der Frühe beginnt ihr Tagewerk. Was sie davon erzählt, läßt uns vermuten, daß es auch in alten Zeiten am Brunnen weniger poetisch zugegangen ist, als wir es uns vorstellen. Wenn die Kinder gefüttert und die beiden Jungen zur Schule geschickt sind, schultert Caroline ihren Sack und sucht, oft „nur mit Luft im Magen“, die Straßen, die Kehrichteimer, die Müllgruben nach Papier, Schrott und Flaschen ab, für die sie an der Sammelstelle ein paar Cruzeiros bekommt. Wenn sie Glück hat, findet sie ein Paar Schuhe für die Kinder und Kleidungsstücke, die noch dienen können, gibt's am Kühlhaus Knochen umsonst und angestochene Würste für eine Suppe. Plätze wie die am Ufer des nahen Tietê, wo verdorbene Lebensmittel ausgekippt werden, sind eine Fundgrube für die ewig Hungrigen gleich ihr.

Zu dem Kampf ums dürftige Sattwerden kommt die Sorge, wie sie ihre Kinder vor dem verderblichen Einfluß ihrer Umgebung bewahren soll, wo soviel „Pornographisches“ – damit meint Carolina alle Unzucht und Schamlosigkeit – ihnen vor Augen und zu Ohren kommt. Liebes- und Eifersuchtshändel, vom Zuckerrohrschnaps geschürt, und selbst das Treiben der Prostituierten in der Nachbargasse spielen sich in aller Öffentlichkeit ab. Bei Lustbarkeiten wird die Favela „so heiß wie Pfeffer“. Alle Augenblicke bricht Zank aus, wobei man einander mit Steinen und heißem Wasser und dem Inhalt der Nachttöpfe zu Leibe geht. Nichts bleibt verborgen, wo nur Bretterwände die einen von den anderen trennen. „Wer in der Favela wohnt..., hat keine Kindheit, keine Jugend, keine Reife.“ Wie sie eines Abends abgerackert heimkommt, hört sie, ihr Ältester habe versucht, ein kleines Mädchen zu vergewaltigen. „Mein Sohn verlangt mit elf Jahren schon nach einer Frau...“ Da zieht sie strengere Seiten auf, er bekommt Hausarrest, und seine Bildgeschichten fliegen in Fetzen. Der Anstand, mit dem Carolina diese Dinge berichtet, könnte manchen Schriftsteller beschämen, der da meint, das Wüste lasse sich nur in wüster Sprache schildern. Die himmelschreienden Zustände in den Favelas sind natürlich nicht erst durch ihr Tagebuch ruchbar geworden. Es fehlt nicht an soziologischen und medizinischen Untersuchungen und Statistiken. Doch es ist etwas anderes, wenn das Elend mit eigener Stimme schreit und das inwendige Bild sichtbar wird.

Froh und mit Dankgen Himmel hastet Carolina überallhin, wo die Kirche und wohltätige Vereinigungen Lebensmittel oder Kleider verteilen – Tropfen auf einen heißen Stein. Aber von Wissen, das sich nicht in helfende Tat umsetzt, hält sie nichts. Man führt in den Favelas einen Aufklärungsfilm über die „Schneckenkrankheit“ vor, die dort verbreitet ist. Was hilft

das, wenn das Wasser knapp ist und sie ihre Wäsche in dem verseuchten See waschen muß. „Ich habe mich nicht untersuchen lassen, weil ich die Medikamente nicht bezahlen kann.“ Auf die Politiker ist sie schlecht zu sprechen. „Wenn ich hungrig bin, möchte ich Jânio töten, Ademar hängen und Juscelino verbrennen.“ Besonders erbost es sie, wenn die Wahlkandidaten mit Geschenken in die Favela kommen, ganz Brüderlichkeit. „Er trank unseren Kaffee, trank ihn aus unseren Tassen. Er richtete seine samtweichen Worte an uns. Er spielte mit unseren Kindern.“ Sind sie dann mit Hilfe der Stimmen aus der Favela Abgeordnete geworden, ist sie vergessen. Einer bittet sie gar, Reden für ihn zu schreiben. Ein Fabrikarbeiter ruft ihr zu: „Carolina, da Sie gern schreiben, stacheln Sie doch das Volk auf, ein anderes Regime zu fordern.“ Sie weiß, das Wort ist eine Macht, im Guten wie im Bösen. Sie aber hat eine Wahrheit zu enthüllen, „zum Wohle der andern“. Es erfüllt sie mit naivem Stolz, ja mit einer Art Sendungsbewußtsein. „Die Politiker wissen, daß ich eine Dichterin bin. Und daß der Dichter dem Tod entgegengeht, wenn er sieht, daß sein Volk geknechtet wird.“ Doch ihren Nachbarn wird die unbequeme Zeugin, die sie bloßzustellen droht, mehr und mehr zum Ärgernis, sie werfen schließlich mit Steinen nach ihr.

So eifrig sie aber beobachtet und Fakten sammelt, um die menschenunwürdige Favela an den Pranger zu stellen, ihre Aufzeichnungen erschöpfen sich nicht in der trostlosen Malerei des Milieus. Diese Handelskladden, halbleer im Müll gefunden, in die sie säuberlich und nicht sehr orthographisch alles schreibt, was ihr Dasein ausmacht, die eintönige und doch so herzerreißende Wiederholung der Mühsal, des Hungers, der Rechnerei, die nie aufgeht; die raren und wehmütigen Freuden, wenn „Fleisch im Topfe brutzelt“ und die Kinder lächeln; die Enttäuschungen, wenn sie ihr Feld schon abgegrast findet, wenn „Reader's Digest“ ihr die Aufzeichnungen zurückschickt; ihre Andacht unter dem Morgenhimmel, ihre Liebe zu Blumen und den Sternen, ihre wechselnden Stimmungen, ihre Träume – diese Hefte sind ein echtes Tagebuch, ihr Trost, ihr Vertrauter, der ihr hilft, sich in dieser vom Trieb beherrschten Umgebung als Person zu retten. Wie wuchert sie mit dem winzigen Pfündchen ABC, das sie sich aneignen konnte! Lesen ist ihre Leidenschaft, in ihrem verräucherten Schrank verwahrt sich einen kleinen Schatz Bücher. Sie ist eine empfängliche Leserin, rührend in ihrem unkritischen Drang nach „Bildung“. Treuherzig schmückt sie ihre nüchterne, direkte, zuweilen herrlich bildhafte Volkssprache mit angelesenen Wörtern, die sie mit einem kuriosen Ungefähr gebraucht. Wenn sie sich schön und poetisch ausdrücken will, wird sie leicht schwülstig, und der Zeitungs- und Rundfunkjargon hat sie tüchtig angesteckt. Doch auch durch die uneigenen Töne spürt man das wahre Gefühl, den unverfälschten Menschen. „Da war (in der Schlange im Wasserhahn) eine Negerin, die scheint mit einer

Grammophonnadel geimpft zu sein“ – so spricht Carolina, wenn sie ganz sie selbst ist. Von einer Frau, die ihre Kinder nicht im Hause haben will, sagt sie: „Sie setzt ihre Söhne zurück und zieht die Männer vor. Der Mann tritt durch die Tür ein. Der Sohn ist die Wurzel des Herzens.“ Auch Geschichten hat Carolina geschrieben, Stücke sogar, die sie einem Zirkusdirektor anbietet, und sie leiht ein Heft Gedichte aus. „Ich war inspiriert, und die Verse waren schön“ – darüber vergißt sie selbst die polizeiliche Vorladung wegen ihres Jungen. „Heute bin ich froh: Ich lache ohne Anlaß. Ich singe. Wenn ich singe, reime ich Verse zusammen...

„Man hat dir einen Zauber geschickt, und ich weiß schon, wer ihn geschickt hat, es war Mariazinha. Sie hat gesagt, daß sie dich liebte, und du hast es nicht geglaubt.“

Wenn aber der böse Blick sie getroffen hat, muß sie sich besprechen, um die Mißstimmung zu verscheuchen. Oder sie nimmt, zum Umsinken müde und sterbenstraurig, ihre Zuflucht zum Tagebuch. Dann fällt das Sklavenjoch der Armut von ihr ab, sie findet die angeborene Fröhlichkeit und Lebenslust wieder. „Ich merkte, daß ich allmählich wieder Mut schöpfte. Als es Abend wurde, wurde ich lustig. Ich sang. Joao und José Carlos (ihre Söhne) sangen mit. Die betrunkenen Nachbarn fielen mit ihren schrillen Stimmen ein. Wir sangen die Jardineira.“ Manchmal abends erwartet Carolina „einen gewissen Jemand“ – sie hat ein entzündliches Herz und macht kein Hehl daraus. Sehr häßlich findet sie es, wenn verheiratete Frauen sich mit fremden Männern abgeben, sie müssen normal bleiben... „Aber eine freie Frau, die keinerlei Verpflichtungen hat, kann es den Spielkarten gleich machen und von Hand zu Hand gehen.“ Ihr beständigster Freund ist Senhor Manoel, „der vornehmste Mann in der Favela“, ein solider Arbeiter, der Geld verdient. „Er ist sehr gut und wohlerzogen. Und schön. Jede Frau möchte gern einen schönen Mann wie ihn haben. Er spricht so angenehm.“ Doch ist er ihr fast zu fein. „Ich mag Männer gern, die Nägel nageln, die Dinge im Haus heil machen. Aber wenn ich bei ihm liege, finde ich, daß er der richtige ist.“ Einmal entbrennt sie lichterloh für einen Zigeuner, der sich aber als ein gar zu unruhiger, liederlicher Geselle entpuppt. Darauf versöhnt sie sich wieder mit Senhor Manoel. „Und die Nacht war herrlich.“ Doch von seinem Heiratsantrag mag sie sowenig wissen wie von denen der andern, „... denn ich bin schon eine reife Frau. Und dann wird kein Mann eine Frau gern haben, die nicht leben kann, ohne zu lesen. Und die aufsteht, um zu schreiben. Und die mit Bleistift und Papier unter dem Kissen zu Bett geht. Deswegen ziehe ich vor, nur für mein Ideal zu leben.“ Ihr Ideal – nun ist es Wirklichkeit geworden, wenigstens für sie selber. Ihr Tagebuch ist in Brasilien ein ungeheurer Erfolg geworden und erscheint gegenwärtig in fünfzehn anderen Sprachen. Nicht nur das ersehnte Haus hat sie sich erschrieben, sie ist mit einem Schlage

reich und berühmt geworden, tritt im Fernsehen und Rundfunk auf, hält Vorträge, singt in Kabarett ihre Lieder und wird von Filmgesellschaften umworben. Vielleicht wird Carolina, die in der Favela soviel Charakter und Selbständigkeit gezeigt hat, in dem Rummel, der um sie im Gange ist, ebenso sie selber bleiben. Wer weiß, vielleicht schreibt sie schon des Tagebuchs zweiten Teil; er dürfte lesenswert sein. Aber wenn die Sensation um sie verpufft ist, werden dann die Reformen, zu denen sie den Anstoß gab, im Sande verlaufen, wie es bei der unsteten Politik der südamerikanischen Staaten immer wieder geschieht? Mit einem festen Haus und Sattwerden ist es ja für die Favela-Leute nicht getan; sollte Carolina selber Abgeordnete werden, so würde sie die polypenhafte Natur des Problems kennenlernen, die sie in ihrer Einfalt nicht überblicken kann. Auf die Frage eines Schusters, ob sie ein kommunistisches Buch schreibe, hat sie erwidert: Nein – realistisch. Aber würde sie es verhindern können, wenn die kommunistische Agitation sich den Zündstoff, der darin steckt, zunutze machte, wenn sie die Favelas auf die Barrikaden rief, wie sie es in andern Ländern tut? Noch ist das Märchen vom schwarzen Aschenputtel nicht bei dem Ende angelangt, wo sie alle herrlich und in Freuden leben.



**(I-E) 19.08.1962, Der Tagespiegel, *Chronik einer brasilianischen Negerin (Crônicas de uma negra brasileira)*, Usch**



Carolina Maria de Jesús: Tagebuch der Armut, Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin. Aus dem Portugiesischen von J. Gerold. Christian Wegener Verlag, Hamburg. 224 Seiten mit 8 Photos. 8,80 DM.

Dieses Buch ist vor allem ein Dokument. In einer Bretterbude in der Favela do Canindé, dem Armenviertel São Paulos, wurde der Bericht geschrieben. Eine brasilianische Negerin hat ihn verfasst, Satz für Satz die dunklen und verworrenen Schicksale ihrer Nachbarn nachzeichnend.

Inmitten einer Großstadt, die auf ihren Schauplätzen die Zeichen des Fortschritts, der Zivilisation und des Wohlstandes angebracht hat, gibt es den Kehrhaufen der Favela – zwischen Bretterhütten spielt sich hier der Skandal der Armut und die Tragödie der sozialen Verelendung ab. Was die Stadt ausspuckt, versammelt sich hier – der verlorene Haufen der Gescheiterten findet in der Favela Unterschlupf, Obdach und ein neues Aktionsfeld. Wie Geschwüre sitzen diese Hütten, in denen der Hunger und das Laster regieren, im Fleisch São Paulos. Altpapiersammler, Diebe, Zuhälter, Erpresser haben hier ihr Asyl; zusammen mit den Desperados der City leben, gleich ohnmächtig, gleich verachtet, die Hoffnungslosen in diesen Hütten. Carolina Maria de Jesús, Mutter dreier Kinder, hat fünfzehn Jahre in der Favela zugebracht. Den Sack Altpapier über die Schulter gehängt, die Füße müde vom Tagesmarsch durch die Straßen, kehrt sie jeden Abend in die Gemeinschaft der Ausgestoßenen zurück.

Eines Tages beginnt sie, ihre Erlebnisse aufzuzeichnen. Ein Tagebuch entsteht, in dem das Elend von einem Augenzeugen festgehalten ist. Die Darstellung des Lebens, ohne Präntion gegeben, wird zur Anklage, der Rapport wird zum Gerichtsprotokoll. Ein Journalist entdeckt die Aufzeichnungen, veröffentlicht sie. Carolina kommt zu Erfolg und Ruhm. Aber eines Tages kehrt sie wieder nach São Paulo zurück. Sie, die aus eigener Erfahrung weiß, daß den Armen geholfen werden muß, entschließt sich, selbst mit dem Helfen zu beginnen. Das Buch liest sich wie eine Reportage, und doch hat es einer Reportage die Unruhe voraus, die nicht der Bericht über das Leben, sondern das Leben des Berichtenden erzeugt. Dieses Buch ist ein Dokument. Es läßt uns eine Welt sehen, die sonst kein fremder Blick erreicht, und die doch vor unser aller Augen besteht.

**(I-F) 27.11.1962,StuttgarterZeitung, Dichterin der Armut – DieAufzeichnungen einer brasilianischen Negerin (Poetisa da Pobreza–As anotações de uma negra brasileira), AnnaMariaSchmitz**

Dichterin der Armut / Die Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin

Sie ist eine Negerin aus Brasilien, und sie heißt Carolina Maria de Jesus. Ein ungewöhnlicher Name. Und eine ungewöhnliche Frau. Sie hat einen traurigen, sensiblen Mund, der sehr viel Bitterkeit geschluckt hat, und kluge, schwermütige Augen. Diese Augen sehen wach und genau, was auf der Welt geschieht, in Carolinas Welt. Die Gedanken hinter ihrer Stirn sind unter einem Tuch verborgen. Aber viele von ihren Gedanken stehen in dem Buch, das den Titel „Tagebuch der Armut“ trägt. Es sind die Gedanken einer Frau aus dem Volk, die eben erst ein wenig Lesen und Schreiben gelernt hat, und die doch auf ihre Weise sagen muß, was sie leidet. Sie tut es, um nicht unterzugehen in ihrem Elend, und sie tut es zum Wohl der anderen, die hungern wie sie. „Das Schlimmste auf der Welt ist der Hunger“, schreibt sie. Der Hunger ist die Hauptperson ihres Tagebuches, und sein Schauplatz ist eines der Elendsquartiere am Rande von Sao Paulo, ein Haufen armseliger Bretterbuden, Favela genannt.

In dieser Favela hat die Negerin Carolina Maria de Jesus für sich und ihre Kinder aus ein paar Brettern und Wellblech eine Bude gebaut, und sie hat viele Jahre darin gelebt, im Schmutz und im Schlamm, umgeben von dem stinkenden Unrat, dem Lärm und der Habgier ihrer Nachbarn, umgeben von Gemeinheit und ewigem Zank, vom nackten Kampf ums Dasein und von unvorstellbarer menschlicher Entwürdigung. Wie sie es fertig brachte, hier ein Mensch zu bleiben, eine gute Mutter und eine tatkräftige Frau, die energisch gegen die Zustände in der Favela protestiert und sie in ihrer Weise aufschreibt – wie sie das fertig brachte, ist ein Wunder. Vielleicht hat sie die danken haben in der „Favela der Hölle“, wie sie die Favela nennt, nur durchstehen können, weil sie nicht müde wurde, eine bessere Welt herbeizusehen und weil sie nicht verlernte, auch die Schönheit der Welt zu sehen. Und dann setzt sie sich hin und schreibt in ein Heft, das sie irgendwo in einer Mülltonne gefunden hat und in dem noch ein paar leere Seiten sind. „Wir haben Sterne, die glänzen. Wir haben die Sonne, die uns wärmt, den Regen, der von oben fällt...“ So reist ist Carolina.

Aber sie schreibt auch immer wieder in ihr Tagebuch – und das mit erschütternder Monotonie – „Mir war schwindelig vor Hunger“ – „Ich war während über das Leben. Am liebsten hätte ich geweint, weil ich kein Geld hatte, um Brot zu kaufen.“ – „Die Kinder zien und hatten weiterhin Hunger.“ „Meine Kinder haben noch nie Stockfisch gegessen. Ich hoffe, wenn Gott mir hilft, ihnen noch vor meinem Tode Stockfische kaufen zu können.“ Oder: „Ich glaube, ich muß ein Plakat auf den Rücken schnallen: Ich bin schmutzig, weil ich keine Seele habe.“ Und dann wieder notiert diese tapfere Carolina, die trotz allem nie aufhörte, das Leben zu lieben. „Ich bin sehr fröhlich. Jeden Morgen singe ich. Ich bin wie die Vögel, die nur beim Morgengrauen singen. Morgens bin ich immer fröhlich. Das erste, was ich tue, ist das Fenster zu öffnen und den Himmelraum zu betschauen.“

Aber warum lebt eine Frau wie Carolina in der Favela? Sie war ein willbegieriges Kind und sollte Leberien werden. Die Mutter sah mit ihr nach einer abgelegenen Reispflanzung, da gab es keine Ausbildung für die kluge Mädchen. Und als sie schließlich nach Sao Paulo kam, sang sie in einem Haushalt. Als ihr erster Sohn geboren wurde, verlor sie die Stochung. Es gab keinen Platz mehr für sie – außer der Favela. Hier brachte Carolina noch zwei Kinder zur Welt. Aber Hofriken hält sie nicht, und sie weist alle Anträge zurück. Stolz und mit einer Art von Sendungsbewußtsein schreibt sie: – „Denn ich bin schon eine reife Frau. Und dann wird kein Mann eine Frau gern haben, die nicht leben kann, ohne zu essen. Und die nachts aufsteht, um zu schreiben. Und die mit Bleistift und Papier unter dem Kissen zu Bett geht. Deswegen ziehe ich vor, nur für mein Ideal zu leben.“ Aber die gleiche Carolina hat auch ein heißes Herz, und sie schreibt ganz selbstverständlich und ohne Scham nach dem Besuch ihrer Freundin: „Und die Nacht war herrlich.“

Manchmal benedict sie die Vögel oder die Fische am ihr Leben. Sie ist eine zähe und feilige Frau. Aber was nützt aller Fleiß, wenn die Lebensmittel so teuer sind, daß sie ihre Kinder nicht satt kriegt und ihnen keine Schuhe kaufen kann. Und wenn es immer wieder in das Dach ihrer Bude hinein regnet und die Seife zum Wäschevaschen unerschwinglich ist. Einmal, als sie ganz verzweifelt ist, schreibt sie: „Heute haben wir nichts zu essen. Ich wollte den Kindern vorschlagen, daß wir Selbstmord begehen. Ich ließ davon ab. Ich schaute meine Kinder an, und sie taten mir leid. Sie sind so voller Leben. Wer lebt, muß essen. Ich wurde nervös und dachte: Ob Gott mich vergessen hat? Ob er mir böse ist?“

Carolina ist Brasilianerin, und sie liebt ihr Land. Und darum erhebt sie ihre Stimme und schreibt. Sie klagt die Männer ihrer Regierung an, und sie, die Gewalt über das Wort hat und sich dessen in aller Ertücht bewußt ist, schreibt: „Die Politiker wissen, daß ich eine Dichterin bin. Und daß der Dichter dem Tod entgegengeht, wenn er nicht, wie sein Volk geknechtet wird.“ Dann erzählt sie in ihrer bildhaften und kraftvollen Sprache von einem Traum: „Als ich klein war, träumte ich davon, ein Mann zu sein, um Brasilien zu verteidigen, denn ich las die Geschichte Brasiliens und erfuhr auf diese Weise, daß es Krieg gab. Ich las nur männliche Namen als Verteidiger des Vaterlandes. Dann sagte ich zu meiner Mutter: -Warum machen Sie nicht einen Mann aus mir? Sie sagte: -Wenn du unter dem Regenbogen durchläufst, wirst du ein Mann.“ Wenn der Regenbogen erschien, rannte ich in seine Richtung. Aber der Regenbogen entfernte sich immer weiter. Wie die Politiker sich vom Volk entfernen. Ich ermüdete und setzte mich hin. Dann fing ich an zu weinen. Aber das Volk soll nicht müde werden. Es darf nicht weinen. Es muß darum kämpfen, Brasilien besser zu machen, damit unsere Kinder nicht das leiden, was wir leiden.“

Manchmal, wenn es die Leute in der Favela zu toll treiben, die Trinker und Nichtsteuer, Diebe, Betrüger und Prostituierten, sagt Carolina: „Ich bringe euch in mein Buch.“ Das hörte einmal ein Reporter, der über die Zustände dort schreiben sollte. Er folgte Carolina in ihre armselige Bude und fand dort 28 Hefte, die er mitnahm und lak. Dieser Audilio Dantas wurde zum Entdecker der schwarzen Autorin. Er nennt sie in dem Vorwort zum „Tagebuch der Armut“ nicht nur unsere Schwester Carolina, sondern auch Kollegin und Reporterin. Und er schreibt: „Niemand könnte so schwarze Geschichten besser erzählen als die schwarze Carolina. Und auch kein Schriftsteller könnte dem traurigen Elend so viel Schönheit entnehmen. Und auch der genaueste Reporter könnte das alles nicht so fotografieren.“

Es ist tröstlich, zu wissen, daß Carolina Maria de Jesus heute nicht mehr hungert und daß sie mit ihren Kindern in einem festen Haus wohnt. Ihr Buch wurde in fünfzehn Sprachen übersetzt. Ob es Anstoß zu entscheidenden Reformen geben wird? Oder wird es nichts anderes sein als eine literarische Sensation? Es steckt eine ungeheure und gefährliche Kraft in diesen Aufzeichnungen. Die Verantwortlichen aller Regierungen sollten sie sehr genau lesen. Und wir, die wir den Hunger längst vergessen haben, sollten wieder dankbarer werden und daran denken, daß es noch viele ähnliche Favelas gibt, überall in der Welt. Aber nicht überall ist jemand in ihnen des Wertes so mächtig, wie die Lumpensammlerin und Dichterin Carolina.

Anna Maria Schmitz

Carolina Maria de Jesus: Tagebuch der Armut. Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin. Übersetzt von Johannes Grottel. Christian Wegner Verlag, Hamburg. 34 Seiten, 8,50 DM.

Sie ist eine Negerin aus Brasilien, und sie heißt Carolina Maria de Jesus. Ein ungewöhnlicher Name. Und eine ungewöhnliche Frau. Sie hat einen traurigen, sensiblen Mund, der sehr viel Bitterkeit geschluckt hat, und kluge, schwermütige Augen. Diese Augen sehen wach und genau, was auf der Welt geschieht, in Carolinas Welt. Die Gedanken hinter ihrer Stirn sind unter einem Tuch verborgen. Aber viele von ihren Gedanken stehen in dem Buch, das den Titel „Tagebuch der Armut“ trägt. Es sind die Gedanken einer Frau aus dem Volk, die eben erst ein wenig Lesen und Schreiben gelernt hat, und die doch auf ihre Weise sagen muß, was sie leidet. Sie tut es, um nicht unterzugehen in ihrem Elend, und sie tut es zum Wohl der anderen, die hungern wie sie. „Das Schlimmste auf der Welt ist der Hunger“, schreibt sie. Der Hunger ist die Hauptperson ihres Tagebuches, und sein Schauplatz ist eines der Elendsquartiere am Rande von Sao Paulo, ein Haufen armseliger Bretterbuden, Favela genannt.

In dieser Favela hat die Negerin Carolina Maria de Jesus für sich und ihre Kinder aus ein paar Brettern und Wellblech eine Bude gebaut, und sie hat viele Jahre darin gelebt, im Schmutz und im Schlamm, umgeben von dem stinkenden Unrat, dem Lärm und der Habgier ihrer Nachbarn, umgeben von Gemeinheit und ewigem Zank, vom nackten Kampf ums Dasein und von unvorstellbarer menschlicher Entwürdigung. Wie sie es fertig brachte, hier ein Mensch zu bleiben, eine gute Mutter und eine tatkräftige Frau, die energisch gegen die Zustände in der Favela protestiert und sie in ihrer Weise

aufschreibt – wie sie das fertig brachte, ist ein Wunder. Vielleicht hat sie die dunklen Jahre in der „Filiale der Hölle“, wie sie die Favela nennt, nur durchstehen können, weil sie nicht müde wurde, eine bessere Welt herbeizusehnen und weil sie nicht verlernte, auch die Schönheit der Welt zu sehen. Und dann setzt sie sich hin und schreibt in ein Heft, das sie irgendwo in einer Mülltonne gefunden hat und in dem noch ein paar leere Seiten sind: „Wir haben Sterne, die glänzen. Wir haben die Sonne, die uns wärmt, den Regen, der von oben fällt...“ So reich ist Carolina.

Aber sie schreibt auch immer wieder in ihr Tagebuch – und das mit erschütternder Monotonie – „Mir war schwindlig vor Hunger“ – „Ich war wütend über das Leben. Am liebsten hätte ich geweint, weil ich kein Geld hatte, um Brot zu kaufen.“ – „Die Kinder aßen und hatten weiterhin Hunger.“ – „Meine Kinder haben noch nie Stockfisch gegessen. Ich hoffe, wenn Gott mir hilft, ihnen noch vor meinem Tode Stockfische kaufen zu können.“ Oder: „Ich glaube, ich muß ein Plakat auf den Rücken schnallen: Ich bin schmutzig, weil ich keine Seife habe.“ Und dann wieder notiert diese tapfere Carolina, die trotz allem nie aufhört, das Leben zu lieben: „Ich bin sehr fröhlich. Jeden Morgen singe ich. Ich bin wie die Vögel, die nur beim Morgengrauen singen. Morgens bin ich immer fröhlich. Das erste, was ich tue, ist das Fenster zu öffnen und den Himmelsraum zu betrachten.“

Aber warum lebt eine Frau wie Carolina in der Favela? Sie war ein wißbegieriges Kind und sollte Lehrerin werden. Die Mutter zog mit ihr nach einer abgelegenen Reisepflanzung, da gab es keine Ausbildung für das kluge Mädchen. Und als sie schließlich nach São Paulo kam, ging sie in einen Haushalt. Als ihr erster Sohn geboren wurde, verlor sie die Stellung. Es gab keinen Platz mehr für sie – außer der Favela. Hier brachte Carolina noch zwei Kinder zur Welt. Aber vom Heiraten hält sie nichts, und sie weist alle Anträge zurück. Stolz und mit einer Art von Sendungsbewußtsein schreibt sie: „... Denn ich bin schon eine reife Frau. Und dann wird kein Mann eine Frau gern haben, die nicht leben kann, ohne zu lesen. Und die nachts aufsteht, um zu schreiben. Und die mit Bleistift und Papier unter dem Kissen zu Bett geht. Deswegen ziehe ich vor, nur für mein Ideal zu leben.“ Aber die gleiche Carolina hat auch ein heißes Herz, und sie schreibt ganz selbstverständlich und ohne Scham nach dem Besuch ihres Freundes: „Und die Nacht war herrlich.“

Manchmal beneidet sie die Vögel oder die Fische um ihr Leben. Sie ist eine zähe und fleißige Frau. Aber was nützt aller Fleiß, wenn die Lebensmittel so teuer sind, daß sie ihre Kinder nicht satt kriegt und ihnen keine Schuhe kaufen kann. Und wenn es immer wieder in das Dach ihrer Bude hinein regnet und die Seife zum Wäschewaschen unerschwinglich ist. Einmal, als sie ganz verzweifelt ist, schreibt sie: „Heute haben wir nichts zu essen. Ich wollte den Kindern vorschlagen, daß wir Selbstmord begehen. Ich

ließ davon ab. Ich schaute meine Kinder an, und sie taten mir leid. Sie sind so voller Leben. Wer lebt, muß essen. Ich wurde nervös und dachte: Ob Gott mich vergessen hat? Ob er mir böse ist?“

Carolina ist Brasilianerin, und sie liebt ihr Land. Und darum erhebt sie ihre Stimme und schreit. Sie klagt die Männer ihrer Regierung an, und sie, die Gewalt über das Wort hat und sich dessen in aller Einfalt bewußt ist, schreibt: „Die Politiker wissen, daß ich eine Dichterin bin. Und daß der Dichter dem Tod entgegengeht, wenn er sieht, wie sein Volk geknechtet wird.“ Dann erzählt sie in ihrer bildhaften und kraftvollen Sprache von einem Traum: „Als ich klein war, träumte ich davon, ein Mann zu sein, um Brasilien zu verteidigen, denn ich las die Geschichte Brasiliens und erfuhr auf diese Weise, daß es Krieg gab. Ich las nur männliche Namen als Verteidiger des Vaterlandes. Dann sagte ich zu meiner Mutter: „Warum machen Sie nicht einen Mann aus mir?“ Sie sagte: „Wenn du unter dem Regenbogen durchläufst, wirst du ein Mann.“ Wenn der Regenbogen erschien, rannte ich in seine Richtung. Aber der Regenbogen entfernte sich immer weiter. Wie die Politiker sich vom Volk entfernen. Ich ermüdete und setzte mich hin. Dann fing ich an zu weinen. Aber das Volk soll nicht müde werden. Es darf nicht weinen. Es muß darum kämpfen, Brasilien besser zu machen, damit unsere Kinder nicht das leiden, was wir leiden...“

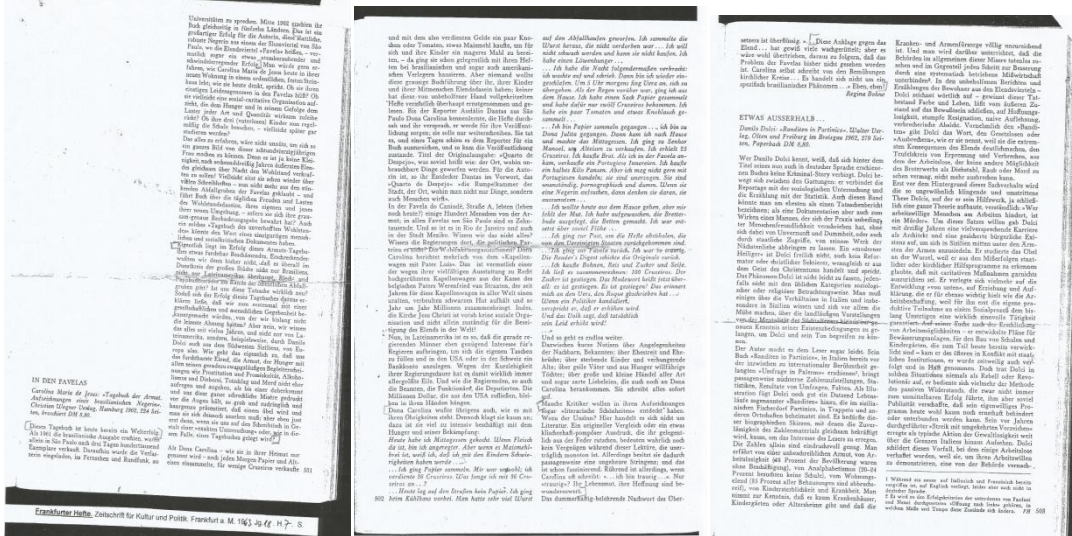
Manchmal, wenn es die Leute in der Favela zu toll treiben, die Trinker und Nichtsteuer, Diebe, Betrüger und Prostituierten, sagt Carolina: „Ich bringe euch in mein Buch.“ Das hörte einmal ein Reporter, der über die Zustände dort schreiben sollte. Er folgte Carolina in ihre armselige Bude und fand dort 35 Hefte, die er mitnahm und las. Dieser Audalio Dantas wurde zum Entdecker der schwarzen Autorin. Er nennt sie in dem Vorwort zum „Tagebuch der Armut“ nicht nur „unsere Schwester Carolina“, sondern auch Kollegin und Reporterin. Und er schreibt: „Niemand könnte so schwarze Geschichten besser erzählen als die schwarze Carolina. Und auch kein Schriftsteller könnte dem traurigen Elend so viel Schönheit entreissen. Und auch der genaueste Reporter könnte das alles nicht so fotografieren.“

Es ist tröstlich, zu wissen, daß Carolina Maria de Jesus heute nicht mehr hungert und daß sie mit ihren Kindern in einem festen Haus wohnt. Ihr Buch wurde in fünfzehn Sprachen übersetzt. Ob es Anstoß zu entscheidenden Reformen geben wird? Oder wird es nichts anderes sein als eine literarische Sensation? Es steckt eine ungeheure und gefährliche Kraft in diesen Aufzeichnungen. Die Verantwortlichen aller Regierungen sollten sie sehr genau lesen. Und wir, die wir den Hunger längst vergessen haben, sollten wieder dankbarer werden und daran denken, daß es noch viele ähnliche Favelas gibt, überall in der Welt. Aber nicht überall ist jemand in ihnen des Wortes so mächtig, wie die Lumpensammlerin und Dichterin Carolina.

# Anna Maria Schmitz

Carolina Maria de Jesus: Tagebuch der Armut. Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin. Uebersetzt von Johannes Gerold. Christian Wegner Verlag, Hamburg. 244 Seiten. 8,80 DM.

## (I-G) Frankfurt, 1963 - Frankfurter Heft, In den Favelas (Nas Favelas), Regina Bohne;



## In den Favelas Carolina Maria de Jesus: „Tagebuch der Armut. Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin“. Christian Wegner Verlag, Hamburg 1962, 224 Seiten, broschiert DM 8,80.

Dieses Tagebuch ist heute bereits ein Welterfolg. Als 1961 die brasilianische Ausgabe erschien, waren in São Paulo nach drei Tagen hunderttausend Exemplare verkauft. Daraufhin wurde die Verfasserin eingeladen, im Fernsehen und Rundfunk, an Universitäten zu sprechen. Mitte 1962 erschien ihr Buch gleichzeitig in fünfzehn Ländern. Das ist ein großartiger Erfolg für die Autorin, diese stattliche, robuste Negerin aus einem der Slumviertel von São Paulo, wo die Elendsviertel „Favela“ heißen, - vermutlich sogar ein etwas atemberaubender und schwindelregender Erfolg. Man würde gern erfahren, wie Carolina Maria de Jesus heute in ihrer neuen Wohnung in einem ordentlichen, festen Steinhaus lebt; wie sie heute denkt, spricht. Ob sie ihren einstigen Leidensgenossen in den Favelas hilft? Ob sie vielleicht eine sozial-caritative Organisation aufzieht, die dem Hunger und in seinem Gefolge dem Laster jeder Art und Qualität wirksam zuleibe rückt? Ob ihre drei (vaterlosen) Kinder nun regelmäßig die Schule besuchen, - vielleicht später gar studieren werden?

Das alles zu erfahren, wäre nicht unnütz, um sich so ein ganzes Bild von dieser achtundvierzigjährigen Frau machen zu können. Denn es ist ja keine Kleinigkeit, nach sechsendreißig Jahren äußersten Elendes gleichsam über Nacht den Wohlstand verkraften zu sollen! Vielleicht sitzt sie schon wieder über vielen Schreibheften - nun nicht mehr aus den stinkenden Abfallgruben der Favelas geklaubt - und führt Buch über die täglichen Freuden und Lasten des Wohlstandsdaseins, ihre eigenen und jenes ihrer neuen Umgebung, - sofern sie sich ihre grausam-genaue Beobachtungsgabe bewahrt hat? Auch ein solches „Tagebuch des unverhofften Wohlstandes“ könnte den Wert eines einzigartigen menschlichen und sozialkritischen Dokumentes haben.

Eigentlich liegt im Erfolg dieses Armut-Tagebuches etwas furchtbar Beschämendes, Erschreckendes: wußten wir denn bisher nicht, daß es überall im Dunstkreis der großen

Städte nicht nur Brasiliens, nicht nur Lateinamerikas überhaupt, Blech- und Pappbudenstädte am Rande der öffentlichen Abfallgruben gibt? Ist uns diese Tatsache wirklich neu? Sodaß sich der Erfolg dieses Tagebuches daraus erklären ließe, daß wir zum ersten Mal mit einer gesellschaftlichen und menschlichen Gegebenheit bekanntgemacht würden, von der wir bislang nicht die leiseste Ahnung hatten? Aber nein, wir wissen das alles seit vielen Jahren, und nicht nur von Lateinamerika, sondern, beispielsweise, durch Danilo Dolci auch aus dem Südwesten Siziliens, von Europa also. Wie geht das eigentlich zu, daß uns das furchtbarste Elend, die Armut, der Hunger mit allen seinen geradezu zwangsläufigen Begleiterscheinungen wie Prostitution und Promiskuität, Alkoholismus und Dieberei, Totschlag und Mord nicht eher aufregen und angehen, als bis einer daherkommt und uns diese ganze schreckliche Misère gedruckt vor die Augen hält, so grob und zudringlich und haargenau präsentiert, daß einem übel wird und man sie sich dennoch ansehen muß; aber eben just erst dann, wenn sie uns auf den Schreibtisch in Gestalt einer „exakten Untersuchung“ oder, wie in diesem Falle, eines Tagebuches gelegt wird?

Als Dona Carolina – wie sie in ihrer Heimat nur genannt wird – noch jeden Morgen Papier und Alteisen einsammelte, für wenige Cruzeiros verkaufte und mit dem also verdienten Gelde ein paar Knochen oder Tomaten, etwas Maismehl kaufte, um für sich und ihre Kinder ein mageres Mahl zu bereiten, - da ging sie schon gelegentlich mit ihren Heften bei brasilianischen und sogar auch amerikanischen Verlegern hausieren. Aber niemand wollte diese grausige Buchführung über ihr, ihrer Kinder und ihrer Mitmenschen Elendsdasein haben; keiner hat diese von unbeholfener Hand vollgekritzelten Hefte vermutlich überhaupt ernstgenommen und gelesen. Bis der Reporter Audálio Dantas aus São Paulo Dona Carolina kennenlernte, die Hefte durchsah und ihr versprach, er werde für ihre Veröffentlichung sorgen; sie solle nur weiterschreiben. Sie tat es, und eines Tages schien es dem Reporter für ein Buch auszureichen, und so kam die Veröffentlichung zustande. Titel der Originalausgabe: „Quarto de Despejo“, was soviel heißt wie: der Ort, wohin unbrauchbare Dinge geworfen werden. Für die Autorin ist, so ihr Entdecker Dantas im Vorwort, das „Quarto de Despejo“ „die Rumpelkammer der Stadt, der Ort, wohin man nicht nur Dinge, sondern auch Menschen wirft“.

In der Favela do Canindé, Straße A, lebten (leben noch heute?) einige Hundert Menschen von der Armut; in allen Favelas um São Paulo sind es Zehntausende. Und so ist es in Rio de Janeiro und auch in der Stadt Mexiko. Wissen wir das nicht alles? Wissen die Regierungen dort, die politischen Parteien es nicht? Die Wohlfahrtsorganisationen? Dona Carolina berichtete mehrfach von dem „Kapellenwagen mit Pater Luís“. Das ist vermutlich einer der wegen ihrer vielfältigen Ausstattung zu Recht hochgerühmten Kapellenwagen aus der Kasse des belgischen Paters Werenfried van Straaten, der seit Jahren für diese Kapellenwagen in aller Welt einen uralten, verbeulten schwarzen Hut aufhält und so Jahr um Jahr Millionen zusammenbringt. Indes, die Kirche Jesu Christi ist vorab keine soziale Organisation und nicht allein zuständig für die Beseitigung des Elends in der Welt!

Nun, in Lateinamerika ist es so, daß die gerade regierenden Männer eben genügend Interesse fürs Regieren aufbringen, um sich die eigenen Taschen zu füllen und in den USA oder in der Schweiz ein Bankkonto anzulegen. Wegen der Kurzlebigkeit ihrer Regierungsdauer hat es damit wirklich immer allergrößte Eile. Und wie die Regierenden, so auch die Beamten, die Funktionäre, die Deputierten. Die Millionen Dollar, die aus den USA zufließen, bleiben in ihren Händen hängen.

Dona Carolina wußte übrigens auch, wie es mit ihren Obrigkeiten steht. Dennoch klagt sie kaum an; dazu ist sie viel zu intensiv beschäftigt mit dem Hunger und seiner Bekämpfung:

*Heute habe ich Mittagessen gekocht. Wenn Fleisch da ist, bin ich angeregter. Aber wenn es Maismehlbrei ist, weiß ich, daß ich mit den Kindern Schwierigkeiten haben werde...*

*...Ich ging Papier sammeln. Mir war unwohl; ich verdiente 36 Cruzeiros. Was fange ich mit 36 Cruzeiros an...?*

*...Heute lag auf den Straßen kein Papier. Ich ging beim Kühlhaus vorbei. Man hatte sehr viel Wurst auf den Abfallhaufen geworfen. Ich sammelte die Wurst heraus, die nicht verdorben war... Ich will nicht schwach werden und kann sie nicht kaufen. Ich habe einen Löwenhunger...*

*... Ich habe die Nacht folgendermaßen verbracht: ich wachte auf und schrieb. Dann bin ich wieder eingeschlafen. Um 5 Uhr morgens fing Vera an, sich zu übergeben. Als der Regen vorüber war, ging ich aus dem Hause. Ich habe einen Sack Papier gesammelt und habe dafür nur zwölf Cruzeiros bekommen. Ich habe ein paar Tomaten und etwas Knoblauch gesammelt...*

*... Ich bin Papier sammeln gegangen..., ich bin zu Dona Julita gegangen. Dann kam ich nach Hause und machte das Mittagessen. Ich ging zu Senhor Manoel, um Alteisen zu verkaufen. Ich erhielt 25 Cruzeiros. Ich kaufte Brot. Als ich in der Favela ankam, verkaufte ein Portugiese Innereien. Ich kaufte ein halbes Kilo Pansen. Aber ich mag nicht gern mit Portugiesen handeln; sie sind unerzogen. Sie sind unanständig, pornographisch und dumm. Wenn sie eine Negerin aufsuchen, dann denken sie daran, sie auszunutzen...*

*... Ich wollte heute aus dem Hause gehen, aber mir fehlt der Mut. Ich habe aufgewaschen, die Bretterbude ausgefegt, die Betten gemacht. Ich war entsetzt über soviel Flöhe...*

*... Ich ging zur Post, um die Hefte abzuholen, die von den Vereinigten Staaten zurückgekommen sind.*

*... Ich ging zur Favela zurück. Ich war so traurig. Die Reader's Digest schickte die Originale zurück...*

*... Ich kaufte Bohnen, Reis, Zucker und Seife. Ich ließ es zusammenrechnen: 100 Cruzeiros. Der Zucker ist gestiegen. Das Modewort heißt jetzt überall: es ist gestiegen. Es ist gestiegen! Das erinnert mich an den Vers, den Roque geschrieben hat....:*

*Wenn ein Politiker kandidiert,*

*verspricht er, daß er erhöhen wir.*

*Und das Volk sagt, daß tatsächlich  
sein Leid erhöht wird!*

*...“*

Und so geht es endlos weiter.

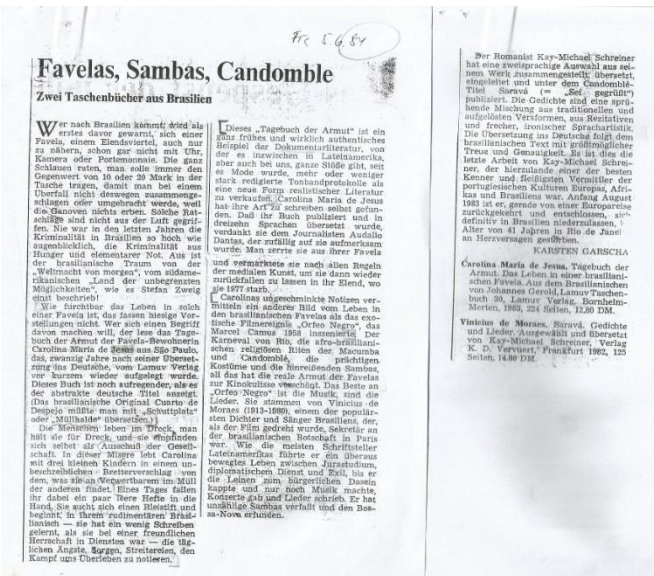
Dazwischen kurze Notizen über Angelegenheiten der Nachbarn, Bekannten; über Ehestreit und Ehebrüche; über sterbende Kinder und verhungernde Alte; über geile Vater und aus Hunger willfähige Töchter; über große und kleine Händel aller Art und sogar zarte Liebeleien, die auch noch an Dona Carolina herankommen. Sie schreibt alles sofort auf.

Manche Kritiker wollen in ihren Aufzeichnung sogar „literarische Schönheiten“ entdeckt haben. Wozu der Unsinn? Hier handelt es sich nicht um Literatur. Ein origineller Vergleich oder ein etwas klischeehaft-pompöser Ausdruck, die ihr gelegentlich aus der Feder rutschen, bedeuten wahrlich noch kein Vergnügen während dieser Lektüre, die unerträglich monoton ist. Allerdings besitzt sie dadurch passagenweise eine ungeheure Stringenz; und das ist schon faszinierend. Rührend ist allerdings, wenn Carolina oft schreibt: „... ich bin traurig...“. Nur „traurig“? Ihr Lebensmut, ihre Hoffnung sind bewundernswert.

Das dummerhaftig-belehrende Nachwort des Übersetzers ist überflüssig. „... Diese Anklage gegen das Elend... hat gewiß viele wachgerüttelt; aber es wäre wohl übertrieben, daraus zu folgern, daß das Problem der Favela bisher nicht gesehen worden ist. Carolina selbst schreibt von den Bemühungen kirchlicher Kreise... Es handelt sich nicht um ein spezifisch brasilianisches Phänomen...“ Eben, eben!

**(I-H) Frankfurt, 05.06.1984 - Frankfurter Allgemeine Zeitung (FAZ) Favelas, Sambas, Candomble – Zwei Taschenbücher aus Brasilien (Favelas, Sambas, Candomblé – dois livros de bolso do Brasil), Karsten Garscha;**





## Favelas, Samba, Candomble Zwei Taschenbücher aus Brasilien Karsten Garscha

Wer nach Brasilien kommt, wird als erstes davor gewarnt, sich einer Favela, einem Elendsviertel, auch nur zu nähern, schon gar nicht mit Uhr, Kamera oder Portemonnaie. Die ganz Schlaunen raten, man sollte immer den Gegenwert von 10 oder 20 Mark in der Tasche tragen, damit man bei einem Überfall nicht deswegen zusammengeschlagen oder umgebracht werde, weil die Ganoven nichts erben. Solche Ratschläge sind nicht aus der Luft gegriffen. Nie war in den letzten Jahren die Kriminalität in Brasilien so hoch wie augenblicklich, die Kriminalität aus Hunger und elementarer Not. Aus ist der brasilianische Traum von der „Weltmacht von morgen“, vom sudamerikanischen „Land der unbegrenzten Möglichkeiten“, wie es Stefan Zweig einst beschrieb!

Wie furchtbar das Leben in solch einer Favela ist, das fassen hiesige Vorstellungennicht. Wer sich einen Begriff davon machen will, der lese das Tagebuch der Armut der Favela-Bewohnerin Carolina Maria de Jesus aus São Paulo, das zwanzig Jahre nach seiner Übersetzung ins Deutsche, vom Lamuv Verlag vor kurzem wieder aufgelegt wurde. Dieses Buch ist noch aufregender, als es der abstrakte deutsche Titel anzeigt. (Das brasilianische Original Cuarto de Despejo müßte man mit „Schuttplatz“ oder „Müllhalde“ übersetzen.)

Die Menschen leben im Dreck, man hält sie für Dreck, und sie empfinden sich selbst als Ausschluß der Gesellschaft. In dieser Misere lebt Carolina mit drei kleinen Kindern in einem unbeschreiblichen Bretterverschlag von dem, was sie an Verwertbarem im Müll der anderen findet. Eines Tages fallen ihr dabei ein paar leere Hefte in die Hand. Sie sucht sich einen Bleistift und beginnt, in ihrem rudimentären Brasilianisch – sie hat ein wenig Schreiben gelernt, als sie bei einer freundlichen Herrschaft in Diensten war – die täglichen Ängste, Sorgen, Streitereien, den Kampf ums Überleben zu notieren.

Dieses „Tagebuch der Armut“ ist ein ganz frühes und wirklich authentisches Beispiel der Dokumentarliteratur, von der es inzwischen in Lateinamerika, aber auch bei uns, ganze Stöße gibt, seit es Mode wurde, mehr oder weniger stark redigierte Tonbandprotokolle als eine neue Form realistischer Literatur zu verkaufen. Carolina Maria de Jesus hat ihre Art zu schreiben selbst gefunden. Daß ihr Buch publiziert und in dreizehn Sprachen übersetzt wurde, verdankt sie dem Journalisten Audalio Dantas, der zufällig auf sie aufmerksam wurde. Man zerrte sie aus ihrer Favela und vermarktete sie nach allen Regeln der medialen Kunst, um sie dann wieder zurückfallen zu lassen in ihr Elend, wo sie 1977 starb.

Carolinas ungeschminkte Notizen vermitteln ein anderes Bild vom Leben in den brasilianischen Favelas als das exotische Filmereignis „Orfeo Negro“, das Marcel



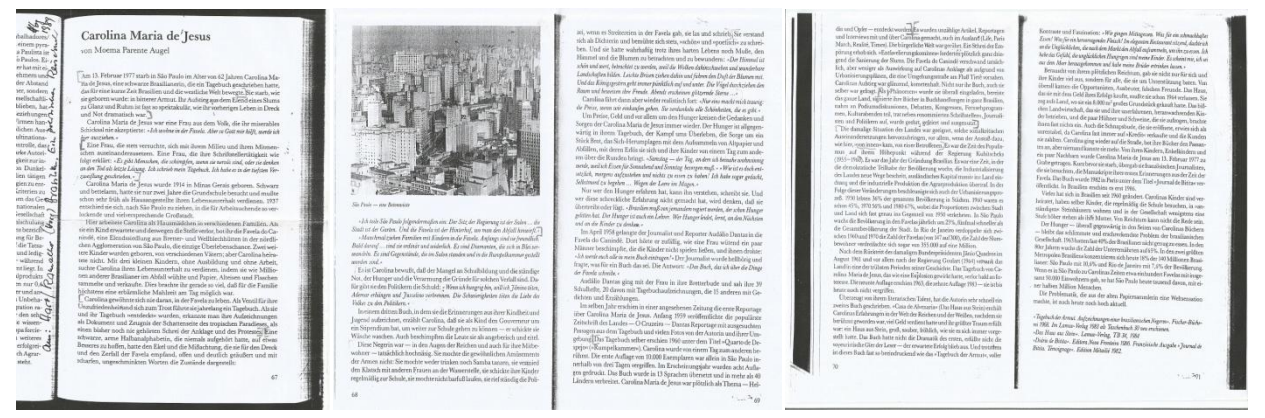
Camus 1958 inszenierte. Der Karneval von Rio, die afro-brasilianischen religiösen Riten der Macumba und Candomblé, die prächtigen Kostüme und hinreißenden Sambas, all das hat die reale Armut der Favelas zur Kinokulisse verschönt. Das Beste an „Orfeu Negro“ ist die Musik, sind die Lieder. Sie stammen von Vinicius de Moraes (1913-1989), einem der populärsten Dichter und Sänger Brasiliens, der, als der Film gedreht wurde, Sekretär an der brasilianischen Botschaft in Paris war. Wie die meisten Schriftsteller Lateinamerikas führte er ein überaus bewegtes Leben zwischen Jurastudium, diplomatischem Dienst und Exil, bis er die Leinen zum bürgerlichen Dasein kappte und nur noch Musik machte, Konzerte gab und Lieder schrieb. Er hat unzählige Sambas verfaßt und den Bossa-Nova erfunden.

Der Romanist Kay-Michael Schreiner hat eine zweisprachige Auswahl aus seinem Werk zusammengestellt, übersetzt, eingeleitet und unter dem Candomblé-Titel Saravá (= „Sei begrüßt“) publiziert. Die Gedichte sind eine sprühende Mischung aus traditionellen und aufgelösten Versformen, aus Rezitativen und frecher, ironischer Sprachartistik. Die Übersetzung ins Deutsche folgt dem brasilianischen Text mit größtmöglicher Treue und Genauigkeit. Es ist dies die letzte Arbeit von Kay-Michael Schreiner, der hierzulande einer der besten Kenner und fleißigsten Vermittler der portugiesischen Kulturen Europas, Afrikas und Brasiliens war. Anfang August 1983 ist er, gerade von einer Europareise zurückgekehrt und entschlossen sich definitiv in Brasilien niederzulassen im Alter von 41 Jahren in Rio de Janeiro an Herzversagen gestorben.

Carolina Maria de Jesus, Tagebuch der Armut. Das Leben in einer brasilianischen Favela. Aus dem Brasilianischen von Johannes Gerold, Lamuv Taschenbuch 30, Lamuv Verlag, Neurehm-Merten, 1983, 224 Seiten, 12,80 DM.

Vinicius de Moraes, Saravá. Gedichte und Lieder. Ausgewählt und übersetzt von Kay-Michael Schreiner, Verlag K. D. Vervuert, Frankfurt 1982, 125 Seiten, 14,80 DM.

**(I-I) Hamburgo, 1989 - Editora VSA, (Linke Literatur) - Carolina Maria de Jesus in: Brasilien. Ein politisches Reisebuch (Brasil, um diário de viagem político), Hart/Ramalho (Hrg.), Moema Parente Augel;**



Am 13. Februar 1977 starb in São Paulo im Alter von 62 Jahren Carolina Maria de Jesus, eine schwarze Brasilianerin, die ein Tagebuch geschrieben hatte, das für eine kurze Zeit Brasilien und die westliche Welt bewegte. Sie starb, wie sie geboren wurde: in bitterer Armut. Ihr Aufstieg aus dem Elende eines Slums zu Glanz und Ruhm ist fast so spektakulär, wie ihr vorheriges Leben in Dreck und Not dramatisch war. Carolina Maria de Jesus war eine Frau aus dem Volk, die ihr miserables Schicksal nie akzeptierte: „Ich wohne in der Favela. Aber so Gott mir hilft, werde ich hier ausziehen.“ Eine Frau, die stets versuchte, sich mit ihrem Milieu und ihren Mitmenschen auseinanderzusetzen. Eine Frau, die ihre Schriftstellertätigkeit wie folgt erklärt: „Es gibt

*Menschen, die schimpfen, wenn sie nervös sind, oder sie denken an den Tod als letzte Lösung. Ich schrieb mein Tagebuch. Ich habe es in der tiefsten Verzweiflung geschrieben.“*

Carolina Maria de Jesus wurde 1914 in Minas Gerais geboren. Schwarz und bettelarm, hatte sie nur zwei Jahre die Grundschule besucht und mußte schon sehr früh als Hausangestellte ihren Lebensunterhalt verdienen. 1937 entschied sie sich, nach São Paulo zu ziehen, in die für Arbeitsuchende so verlockende und vielversprechende Großstadt.

Hier arbeitete Carolina als Hausmädchen in verschiedenen Familien. Als sie ein Kind erwartete und deswegen die Stelle verlor, bot ihr die Favela do Canindé, eine Elendssiedlung aus Bretter- und Wellblechhütten in der nördlichen Agglomeration von São Paulo, die einzige Überlebenschance. Zwei weitere Kinder wurden geboren, von verschiedenen Vätern; aber Carolina heiratete nicht. Mit drei kleinen Kindern, ohne Ausbildung und ohne Arbeit, suchte Carolina ihren Lebensunterhalt zu verdienen, indem sie wie Millionen anderer Brasilianer im Abfall wühlte und Papier, Alteisen und Flaschen sammelte und verkaufte. Dies brachte ihr gerade so viel, daß für die Familie höchstens eine erbärmliche Mahlzeit am Tag möglich war.

Carolina gewöhnte sich nie daran, in der Favela zu leben. Als Ventil für ihre Unzufriedenheit und sich zum Trost führte sie jahrelang ein Tagebuch. Als sie und ihr Tagebuch entdeckt wurden, erkannte man ihre Aufzeichnungen als Dokument und Zeugnis der Schattenseite des tropischen Paradieses, als einen bisher noch nie gehörten Schrei der Anklage und des Protestes. Eine schwarze, arme Halbanalphabetin, die niemals aufgehört hatte, auf etwas Besseres zu hoffen, hatte den Ekel und die Mißachtung, die sie für den Dreck und den Zerfall der Favela empfand, offen und deutlich geäußert und mit scharfen, ungeschminkten Worten die Zustände dargestellt:

*„Ich teile São Paulo folgendermaßen ein: Der Sitz der Regierung ist der Salon ... die Stadt ist der Garten. Und die Favela ist der Hinterhof, wo man den Abfall hinwirft.“*

*„Manchmal ziehen Familien mit Kindern in die Favela. Anfangs sind sie freundlich. Bald darauf ... sind sie ordinär und widerlich. Es sind Diamanten, die sich in Blei verwandeln. Es sind Gegenstände, die im Salon standen und in die Rumpelkammer gestellt worden sind.“*

Es ist Carolina bewußt, daß der Mangel an Schulbildung und die ständige Not, der Hunger und die Verarmung die Gründe für solchen Verfall sind. Dafür gibt sie den Politikern die Schuld: *„Wenn ich hungrig bin, will ich Jânino töten, Ademar erhängen und Juscelino verbrennen. Die Schwierigkeiten töten die Liebe des Volkes zu den Politikern.“*

In einem dritten Buch, in dem sie die Erinnerungen aus ihrer Kindheit und Jugend aufzeichnet, erzählt Carolina, daß sie als Kind den Gouverneur um ein Stipendium bat, um weiter zur Schule gehen zu können – er schickte sie Wäsche waschen. Auch beschimpften die Leute sie als angeberisch und eitel.

Diese Negerin war – in den Augen der Reichen und auch für ihre Mitbewohner – tatsächlich hochnäsiger. Sie mochte die gewöhnlichen Amusements der Armen nicht: Sie mochte weder trinken noch Samba tanzen, sie vermied den Klatsch mit anderen Frauen an der Wasserstelle, sie schickte ihre Kinder regelmäßig zur Schule, sie mochte nicht barfuß laufen, sie rief ständig die Polizei, wenn es Streitereien in der Favela gab, sie las und schrieb. Sie verstand sich als Dichterin und bemühte sich stets, „schön“ und „poetisch“ zu schreiben. Und sie hatte wahrhaftig trotz ihres harten Lebens noch Muße, den Himmel und die Blumen zu betrachten und zu bewundern: *„Der Himmel ist schön und wert, betrachtet zu werden, weil die Wolken dahinschweben und wunderbare Landschaften bilden. Leichte Brisen ziehen dahin und führen den Duft der Blumen mit. Und das Königsgestirn geht immer pünktlich auf und unter. Die Vögeldurchziehen den Raum und beweisen ihre Freude. Abends erscheinen glitzernde Sterne...“*

Carolina fährt dann aber wieder realistisch fort: *„Nur eins macht mich traurig: die Preise, wenn wir einkaufen gehen. Sie verdunkeln alle Schönheiten, die es gibt.“*

Um Preise, Geld und vor allem um den Hunger kreisen die Gedanken und Sorgen der Carolina Maria de Jesus immer wieder. Der Hunger ist allgegenwärtig in ihrem Tagebuch, der Kampf ums Überleben, die Sorge um ein Stück Brot, das Sich-Herumplagen mit dem Aufsammeln von Altpapier und Abfällen, mit deren Erlös sie sich und ihre Kinder von einem Tag zum anderen über die Runden bringt. *„Samstag – der Tag, an dem ich beinahe wahnsinnig werde, weil ich Essen für Sonnabend und Sonntag besorgen muß.“* *„Wie ist es doch entsetzlich, morgens aufzustehen und nichts zu essen zu haben! Ich habe sogar gedacht, Selbstmord zu begehen ... Wegen der Leere im Magen.“*

Nur wer den Hunger erfahren hat, kann ihn verstehen, schreibt sie. Und wer diese schreckliche Erfahrung nicht gemacht hat, wird denken, daß sie übertreibt oder lügt. *„Brasilien muß von jemandem regiert werden, der schon Hunger gelitten hat. Der Hunger ist auch ein Lehrer. Wer Hunger leidet, lernt, an den Nächsten und an die Kinder zu denken.“*

Im April 1958 gelangte der Journalist und Reporter Audálio Dantas in die Favela do Canindé. Dort hörte er zufällig, wie eine Frau wütend ein paar Männer beschimpfte, die die Kinder nicht spielen ließen, und ihnen drohte:

*„Ich werde euch alle in mein Buch eintragen!“* Der Journalist wurde hellhörig und fragte, was für ein Buch das sei. Die Antwort: *„Das Buch, das ich über die Dinge der Favela schreibe.“*

Audálio Dantas ging mit der Frau in ihre Bretterbude und sah ihre 39 Schulhefte, 20 davon mit Tagebuchaufzeichnungen, die 15 anderen mit Gedichten und Erzählungen.

Im selben Jahr erschien in einer angesehenen Zeitung die erste Reportage über Carolina Maria de Jesus. Anfang 1959 veröffentlichte die populärste Zeitschrift des Landes – O Cruzeiro – Dantas Reportage mit ausgesuchten Passagen aus dem Tagebuch und vielen Fotos von der Autorin und ihrer Umgebung. Das Tagebuch selber erschien 1960 unter dem Titel „Quarto de Despejo“ („Rumpelkammer“). Carolina wurde von einem Tag zum anderen berühmt. Die erste Auflage von 10.000 Exemplaren war allein in São Paulo innerhalb von drei Tagen vergriffen. Im Erscheinungsjahr wurden acht Auflagen gedruckt. Das Buch wurde in 13 Sprachen übersetzt und in mehr als 40 Ländern verbreitet. Carolina Maria de Jesus war plötzlich als Thema – Heldin und Opfer – entdeckt worden. Es wurden unzählige Artikel, Reportagen und Interviews mit und über Carolina gemacht, auch im Ausland (Life, Paris Match, Realité, Times). Die bürgerliche Welt war gerührt. Ein Schrei der Empörung erhob sich. „Entfavelierungskomitees“ forderten plötzlich ganz dringend die Sanierung der Slums. Die Favela do Canindé verschwand tatsächlich, aber weniger als Auswirkung auf Carolinas Anklage als aufgrund von Urbanisierungsplänen, die eine Umgehungsstraße am Fluß Tietê vorsahen. Carolinas Aufstieg war glänzend, kometenhaft. Nicht nur ihr Buch, auch sie selber war gefragt. Als Phänomen wurde sie überall eingeladen, bereiste das ganze Land, signierte ihre Bücher in Buchhandlungen in ganz Brasilien, nahm an Podiumsdiskussionen, Debatten, Kongressen, Fernsehprogrammen, Kulturabenden teil, trat neben renommierten Schriftstellern, Journalisten und Politikern auf, wurde geehrt, gefeiert und ausgenutzt.

Die damalige Situation des Landes war geeignet, solche sozialkritischen Auseinandersetzungen hervorzubringen, vor allem, wenn der Anstoß dazu, wie hier, „von innen“ kam, von einer Betroffenen. Es war die Zeit des Populismus auf ihrem Höhepunkt während der Regierung Kubitscheks (1955- 1960). Es war das Jahr der Gründung Braslias. Es war eine Zeit, in der die demokratische Teilhabe der Bevölkerung wuchs, die Industrialisierung des Landes neue Wege beschritt, ausländisches Kapital massiv ins Land eindrang und die industrielle Produktion die Agrarproduktion übertraf. In der Folge dieser Veränderungen beschleunigte sich auch der Urbanisierungsprozeß. 1950 lebten 36% der gesamten Bevölkerung in Städten. 1960 waren es schon 45%, 1970 56% und 1980 67%, wobei die Proportionen zwischen Stadt und Land sich fast genau ins Gegenteil von 1950 verkehrten. In São Paulo wuchs die Bevölkerung in den Favelas jährlich um 25%, fünfmal schneller als die Gesamtbevölkerung der Stadt. In Rio de Janeiro verdoppelte sich zwischen 1960 und

1970 die Zahl der Favelas (von 147 auf 300), die Zahl der Slumbewohner verdreifachte sich sogar von 355.000 auf eine Million.

Nach dem Rücktritt des damaligen Bundespräsidenten Jânio Quadros im August 1961 und vor allem nach der Regierung Goulart (1964) versank das Land in eine der trübsten Perioden seiner Geschichte. Das Tagebuch von Carolina Maria de Jesus, das wie eine Explosion gewirkt hatte, verlor bald an Interesse. Die neunte Auflage erschien 1963, die zehnte Auflage 1983 – sie ist bis heute noch nicht vergriffen.

Überzeugt von ihrem literarischen Talent, hat die Autorin sehr schnell ein zweites Buch geschrieben. „Casa de Alvenaria“ (Das Haus aus Stein) enthält Carolinas Erfahrungen in der Welt der Reichen und der Weißen, nachdem sie berühmt geworden war, viel Geld verdient hatte und ihr größter Traum erfüllt war: ein Haus aus Stein, groß, sauber, fröhlich, wie sie es sich immer vorgestellt hatte. Das Buch hatte nicht die Dramatik des ersten, erfüllte nicht die voyeuristische Gier der Leser – der erwartete Erfolg blieb aus. Und trotzdem ist dieses Buch fast so beeindruckend wie das „Tagebuch der Armut“, voller Kontraste und Faszination: *„Wir gingen Mittagessen. Was für ein schmackhaftes Essen! Was für ein hervorragendes Fleisch! Im eleganten Restaurant sitzend, dachte ich an die Unglücklichen, die nach dem Markt den Abfall aufsammeln, um ihn zu essen. Ich habe das Gefühl, die unglücklichen Hungrigen sind meine Kinder. Es scheint mir, ich sei aus dem Meer herausgekommen und habe meine Brüder ertrinken lassen.“*

Berauscht von ihrem plötzlichen Reichtum, gab sie nicht nur für sich und ihre Kinder viel aus, sondern für alle, die sie um Unterstützung baten. Von überall kamen die Opportunisten, Ausbeuter, falschen Freunde. Das Haus, das sie mit dem Geld ihres Erfolgs kaufte, musste sie schon 1964 verlassen. Sie zog aufs Land, wo sie ein 8.000 m<sup>2</sup> großes Grundstück gekauft hatte. Das bißchen Landwirtschaft, das sie und ihre unerfahrenen, heranwachsenden Kinder betrieben, und die paar Hühner und Schweine, die sie aufzogen, brachte ihnen fast nichts ein. Auch die Schnapsbude, die sie eröffnete, erwies sich als unrentabel, da Carolina fast immer auf „Kredit“ verkaufte und die Kunden nie zahlten. Carolina ging wieder auf die Straße, bot ihre Bücher den Passanten an, aber niemand kannte sie mehr. Von ihren Kindern, Enkelkindern und ein paar Nachbarn wurde Carolina Maria de Jesus am 13. Februar 1977 zu Grabe getragen. Kurz bevor sie starb, übergab sie französischen Journalisten, die sie besuchten, die Manuskripte ihrer ersten Erinnerungen aus der Zeit der Favela. Das Buch wurde 1982 in Paris unter dem Titel „Journal de Bitita“ veröffentlicht. In Brasilien erschien es erst 1986.

Vieles hat sich in Brasilien seit 1960 geändert. Carolinas Kinder sind verheiratet, haben selber Kinder, die regelmäßig die Schule besuchen, in „anständigen“ Steinhäusern wohnen und in der Gesellschaft wenigstens eine Stufe höher stehen als ihre Mutter. Von Reichtum kann nicht die Rede sein.

Der Hunger – überall gegenwärtig in den Seiten von Carolinas Büchern – bleibt das schlimmste und erschreckendste Problem der brasilianischen Gesellschaft. 1963 hatten fast 40% der Brasilianer nicht genug zu essen. In den 80er Jahren wuchs die Zahl der Unterernährten auf 65%. In den zwei größten Metropolen Brasiliens konzentrieren sich heute 18% der 140 Millionen Brasilianer: São Paulo mit 10,6% und Rio de Janeiro mit 7,6% der Bevölkerung. Wenn es in São Paulo zu Carolinas Zeiten etwa einhundert Favelas mit insgesamt 50.000 Einwohnern gab, so hat São Paulo heute tausend davon, mit einer halben Million Menschen.

Die Problematik, die aus der alten Papiersammlerin eine Weltsensation machte, ist auch heute noch hoch aktuell.

*„Tagebuch der Armut. Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin“. Fischer-Bücherei 1968. Im Lamuv-Verlag 1983 als Taschenbuch 30 neu erschienen.*

*„Das Haus aus Stein“. Lamuv-Verlag, TB 34, 1984*

*„Diário de Bitita“. Editora Nova Fronteira 1986. Französische Ausgabe „Journal de Bitita. Témoignage“. Edition Métailié 1982.*

(I-J) 08.04.1996, Sonntagsblatt, 50 000 in Bretterbuden (50 000 em barracos), Eva Sielaff



„... Ich habe bemerkt, daß man im Kühlhaus Kreolin in den Abfall gießt, damit die Leute aus der Favela kein Fleisch zum Essen aufsammeln. Ich habe keinen Kaffee getrunken; mir war schwindelig. Der Schwindel des Hungers ist schlimmer als der des Alkohols ... Ich stellte fest, wie schrecklich es ist, nur Luft im Magen zu haben.“

Wie oft das Wort „Hunger“ im Tagebuch der schwarzen Carolina vorkommt, ist nicht zu zählen. Denn ihr ganzes Leben ist ein erbarmungsloser Kampf gegen den Hunger, ihren eigenen und – fürchterlicher – gegen den ihrer drei Kinder. Jeden Tag, wenn es nicht regnet, geht sie zur „Arbeit“: Sie liest Papier und Altmetall auf und kauft von dem Erlös Bohnen und Reis. Findet sie wenig Papier, müssen alle hungern. Verzweifelt durchsucht sie die Mülltonnen nach etwas Eßbarem. Manchmal verschenkt das Kühlhaus Abfälle: fast verdorbenes Fleisch oder einen Knochen. Manchmal hat sie keine Seife, und alle laufen tagelang schmutzig umher. Manchmal kann ein Kind nicht in die Schule gehen, weil die Schuhe Löcher haben. Keiner der Väter kümmert sich um sein Kind. Im Morgengrauen geht sie Wasser holen. Stundenlang muß sie anstehen. Die Favela hat nur einen Wasserhahn für 5000 Menschen!

Carolina lebt in einem der Elendsbezirke am Rande von Sao Paulo. Ihre Wohnung ist eine Bretterbude, selbst gebaut, mit einem Herd aus Kanistern, einem Kanister als Kochtopf, einem anderen als Wassereimer. Die Menschen wohnen hier alle im Schmutz und Schlamm ihrer armseligen Hütten, oft sechs bis acht Menschen auf engstem Raum. Sie arbeiten oder arbeiten auch nicht, sie betteln, streiten miteinander, stehlen, finden Trost im Zuckerrohrschnaps. Mancher verhungert, viele nehmen sich das Leben. Ab und zu wandert einer ins Gefängnis. Ab und zu hat einer Glück, verdient genug und verläßt die Favela. Andere, die verarmten, kommen neu dazu und verlassen sie niemals wieder.

In allen Großstädten Brasiliens gibt es diese Elendsbezirke. Allein in Sao Paulo leben 50 000 Menschen in Bretterbuden. Carolina unterschied sich von ihnen, indem sie alles aufschrieb über ihren Hunger, ihre Sorgen, über ihren Heldenkampf gegen das Elend. Sie erzählte von den Nachbarn, ihrer Klatschsucht, ihrem Leid, ihren Lastern – denn Not und Laster und Verbrechen trafen bei vielen zusammen. Es gab auch Freuden in der Favela: Wenn sie sich zum Beispiel einmal sattessen konnten. Oder wenn Wahlen bevorstanden und ein Abgeordneter Brot, Decken oder sonst was Herrliches verschenkte. Es gab auch ordentliche Menschen in der Favela, die nur arm, nicht aber lasterhaft waren, die, wie Carolina, arbeiteten und nicht bettelten und sich betranken.

Carolina, die vitale, nie ganz Verzweifelnde, hat mehr als dreißig Hefte vollgeschrieben. Ein Journalist half ihr, daraus ein Buch zu machen. Es wurde ein erschütterndes Dokument. Mehr als jeder Roman ergreifen die knappen, herben Sätze dieser Negerin, deren größtes Glück es war, lesen und schreiben gelernt zu haben.

Fünfzehn Jahre lang hat sie in der Favela gelebt. Jetzt wohnt sie wie die andern „Reichen“ in einem festen Haus, hat ein sauberes Bett und kann ihre Kinder in die Schule schicken und davor bewahren, verdorben zu werden. Denn ihr Buch hat sie mit einem Schlage berühmt gemacht. Nicht nur in Brasilien, sondern auch in andern Ländern. Das Schicksal dieser Einen bewegt den Menschen mehr als die sorgfältigste Statistik. So absurd es auch erscheinen mag: man hat die Gefühl, sie vor Hunger und Elend zu bewahren, wenn man ihr Buch kauft. Eva Sielaff

Carolina Maria de Jesus: Tagebuch der Armut. Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin. Christian Wegener Verlag, Hamburg. 224 Seiten, 8,80 DM.

### (I – L) 09.09.1996, Süddeutsche Zeitung, Report aus dem Elend (Relato da miséria), Roland Ziersch



Carolina Maria de Jesus: Tagebuch der Armut. Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin. Verlag Christian Wegener, Hamburg. 224 Seiten, geb. 8,80 DM.

In südlichen Gegenden gibt es schlimmere Elendsquartiere als im Norden. Schuld daran ist wohl auch die größere Sorglosigkeit der Regierenden diesem Problem gegenüber – die Meinung, unter einem Himmel, der es so oft gestatte, im Freien zu nächtigen, brauche man sich um die Armen weniger zu kümmern, da sich ja Vögel, Hunde, Ratten und Mäuse auch durchzuschlagen wüßten. Dazu kommt eine seltsame Umkehrung der Rassenfragen. Der Stolz des weißen Mannes ist in Brasilien und anderen südamerikanischen Staaten von ganzen Wogen unaufhaltsamer Vermischungen längst weggeschwemmt, bestand schon nach den ersten Jahrzehnten der Kolonisation, als Portugiesen und Indios unbedenklich Halbpart machten, kaum mehr. So wurden auch die Neger nach ihrer Befreiung leichter akklimatisiert. Dem steht die tückische Wahrheit gegenüber, daß, wo der Stolz des Menschen auf seine Besonderheit abhandenkommt, auch sein Interesse am Mitmenschen sich vermindert.

In den Elendsquartieren – „Favelas“ genannt – von Rio, Sao Paulo und anderer Großstädte, haben viele Jahrzehnte lang Menschen in unbeschreiblichem Dreck und ständigem Kampf mit dem Hunger gelebt und sind gestorben, ohne daß sich jemand darum kümmerte. Für die Reichen, Gesicherten war solch makabre Nachbarschaft nur der Anlaß zu zynischer Besänftigung des Gewissens. Man hörte oft genug die Meinung: „Warum leben die überhaupt noch? Sie sollten sich doch alle miteinander fortscherehen und uns nicht mit ihrem Gestank und ihren ansteckenden Krankheiten belästigen.“

In unserer Jahrhunderthälfte nun wird überall zuviel von sozialen Problemen gesprochen, als daß man über verhungerte Menschen einfach hinweggehen könnte. Kirchliche Kreise machten den Anfang mit einer Fürsorge, die allerdings unzureichend

bleiben mußte. Politiker sozialistischer Richtung wie Janio Quadros bekundeten, daß ihnen die Favelas nicht mehr gleichgültig seien und fangen heute langsam an, die Holzbaracken durch Steinhäuser zu ersetzen. Reporter machten sich auf den Weg, die Favelas zu besichtigen. Einem von ihnen gelang dabei eine bemerkenswerte Entdeckung. Inmitten von Streit und Tumult sah er eine Negerin stehen, die ihre Feinde mit den Worten bedrohte: „Ich werde euch alle in mein Buch eintragen!“ In was für ein Buch? Es stellte sich heraus, daß die Negerin eine Schriftstellerin war, eine bereits verbitterte Schriftstellerin, da sie ihre Aufzeichnungen, auch Gedichte, einigen nordamerikanischen Zeitschriften vergebens angeboten hatte.

Der Reporter hat nicht gezögert, seine Entdeckung auszuwerten, und so ist heute die Welt im Besitz der in alle Sprachen übersetzten Berichte dieser Negerin, die von nichts anderem handeln als von der größten Armut, dem größten Elend, die unter Menschen möglich sind, einem Leben in unaufhörlichem Grauen, unaufhörlicher Todesnähe. Die Negerin zeigt, wieviel Verachtung ein Mensch ertragen kann, zeigt den Hunger, der jedes Selbstgefühl überwindet, zeigt aber auch, daß sogar in solchem Milieu noch Liebe und Haß, Intrige und – besonders schrecklich – erotische Dämonie möglich sind. Unsere nach „Grenzsituationen“ gierige Zeit hat begriffen, an welcher Grenze sie hier steht, was sie an dieser „Grenze“ erfahren kann: den Wert des Menschen.

Eigentlich ist es nur ein Auszug aus dem Buch der Negerin, den wir vor uns haben. Der Reporter hat radikale Streichungen vorgenommen. Auch jetzt wimmelt es noch von Wiederholungen – wie überhaupt der Wertmaßstab künstlerischer Prosa hier nicht angelegt werden kann. Es gibt neben gelungenen, erheiternden, höchst originellen und von ursprünglichem Mutterwitz zeugenden Passagen auch solche von unfreiwilliger Komik, in denen die des Lesens und Schreibens erst ganz kurze Zeit kundige Autorin mühselig um den richtigen Ausdruck, die richtigen Vergleiche kämpft. Nie aber ist sie sentimental, unwahr, pathetisch oder gehässig. Neben ihren eigenen Sorgen vergißt sie nie die der Allgemeinheit, in der sie lebt, voll Mütterlichkeit stellt sie immer wieder die Frage: „Wie ist dies möglich, wie kann man Menschen nur so verkommen lassen?“ Der Reporter hat recht daran getan, die Autorin nicht zu einer Überarbeitung ihrer Texte zu veranlassen. So wie sie da stehen, genau so, geben sie das Bild einer prachtvollen weiblichen Persönlichkeit, mit allen liebenswerten Schwächen, aber auch der ganzen unbeugsamen Kraft einer solchen.

Roland Ziersch

## **Anexo II: as listas de palavras-chave (AntConc Results)**

**(II-A) Bonn, 20.04.1962 - Rheinischer Merkur, *Die „Dichterin des Kehrichts“ – Tagebuchblätter aus den brasilianischen Elendsvierteln (Poetisa do lixo – diário de um bairro de miséria brasileiro)*, Guillermo Baumfeld;**

Keyword Types Before Cut: 527

Keyword Types After Cut: 204

1	6	10.693	sein
2	2	10.349	favelados
3	2	10.349	helfen
4	2	10.349	Kehrichts
5	2	10.349	Tagebuchblätter
6	2	10.349	verschaffen
7	4	9.114	Dichterin



8	3	9.106 Stimme
9	21	9.088 zu
10	5	9.031 viele
11	3	7.675 Laster
12	2	6.686 Alle
13	2	6.686 fand
14	2	6.686 jetzt
15	2	6.686 nächsten
16	3	6.588 diesen
17	3	6.588 Essen
18	3	6.588 sagt
19	3	5.720 Rande
20	4	5.510 Millionen
21	1	5.174 Abfalleimer
22	1	5.174 abgerundeten
23	1	5.174 Achtung
24	1	5.174 achtzehn
25	1	5.174 Alkohol
26	1	5.174 allgemein
27	1	5.174 anders
28	1	5.174 Anekdoten
29	1	5.174 angenagt
30	1	5.174 Anklägerin
31	1	5.174 arbeitet
32	1	5.174 Armer
33	1	5.174 Arten
34	1	5.174 aufgebläht
35	1	5.174 aufstehen
36	1	5.174 außerordentlichste
37	1	5.174 Baumfeld
38	1	5.174 Beecher
39	1	5.174 begann
40	1	5.174 begraben
41	1	5.174 beklagt
42	1	5.174 Berichts
43	1	5.174 bewegen
44	1	5.174 bezeichnen



45	1	5.174 bildet
46	1	5.174 Blechresten
47	1	5.174 Bleistiftreste
48	1	5.174 blieben
49	1	5.174 brasilianischen
50	1	5.174 Chaos
51	1	5.174 cuarto
52	1	5.174 demütige
53	1	5.174 despejo
54	1	5.174 disziplinierten
55	1	5.174 Dunkel
56	1	5.174 durchsuchen
57	1	5.174 Ehrgeiz
58	1	5.174 Ehrlichkeit
59	1	5.174 einschlafen
60	1	5.174 Einzelschicksal
61	1	5.174 El
62	1	5.174 Elendsvierteln
63	1	5.174 Engel
64	1	5.174 entkommen
65	1	5.174 Entladungen
66	1	5.174 Epos
67	1	5.174 ergeben
68	1	5.174 ermöglichten
69	1	5.174 erreichte
70	1	5.174 Erscheinung
71	1	5.174 Erscheinungen
72	1	5.174 erstaunlichen
73	1	5.174 Erträgenissen
74	1	5.174 erziehen
75	1	5.174 esse
76	1	5.174 Fall
77	1	5.174 favelada
78	1	5.174 fehlte
79	1	5.174 Feinden
80	1	5.174 Finger
81	1	5.174 Früher

82	1	5.174	frühere
83	1	5.174	Frühstück
84	1	5.174	funge
85	1	5.174	Fächer
86	1	5.174	gebildet
87	1	5.174	Gedrängtheit
88	1	5.174	Gefühls
89	1	5.174	geschätzt
90	1	5.174	gespreizt
91	1	5.174	Gewissen
92	1	5.174	Gleichgewicht
93	1	5.174	glitzernden
94	1	5.174	grauenhaften
95	1	5.174	grauenvolles
96	1	5.174	Gruppen
97	1	5.174	Guillermo
98	1	5.174	Gummi
99	1	5.174	gutes
100	1	5.174	gültigen

**(II-B) Leipzig, 16.05.1962 - Vorwärts, *Augias in Sao Paulo –Tagebuch einer Negerin aus den Slums wurde Bestseller* (Augias em São Paulo – Diário de uma negra da favela torna-se bestseller), Rosemarie Vossberg;**

Keyword Types Before Cut: 438

Keyword Types After Cut: 177

1	3	17.002	Bestseller
2	2	11.335	erhält
3	2	11.335	Kleinen
4	2	11.335	Mai
5	2	11.335	Rosemarie
6	2	11.335	Tage
7	2	11.335	Vossberg
8	3	10.515	schildert
9	2	7.637	jenes
10	2	7.637	schlagen
11	2	7.637	seinen

12	2	7.637 Wahlen
13	4	7.130 Autorin
14	2	6.032 Ausgabe
15	2	6.032 gegeben
16	2	6.032 Tomaten
17	1	5.667 Abfallkübel
18	1	5.667 abspielt
19	1	5.667 Ach
20	1	5.667 Alles
21	1	5.667 Alteisens
22	1	5.667 Analphabeten
23	1	5.667 andermal
24	1	5.667 Arme
25	1	5.667 Armenvorort
26	1	5.667 Armin
27	1	5.667 aufmerksamer
28	1	5.667 Augias
29	1	5.667 Aussatz
30	1	5.667 Barackenlagern
31	1	5.667 Bemerkungen
32	1	5.667 beschreibt
33	1	5.667 beschämendsten
34	1	5.667 Blechbüchsen
35	1	5.667 Blicken
36	1	5.667 Brötchen
37	1	5.667 buddelt
38	1	5.667 Chile
39	1	5.667 Damit
40	1	5.667 deckt
41	1	5.667 Dieben
42	1	5.667 drastisch
43	1	5.667 eindringliche
44	1	5.667 einfache
45	1	5.667 Eintragungen
46	1	5.667 Eisen
47	1	5.667 eiternde
48	1	5.667 Eltern

49	1	5.667 ent
50	1	5.667 erklärter
51	1	5.667 Erscheinen
52	1	5.667 Erziehung
53	1	5.667 erzogen
54	1	5.667 Exkremete
55	1	5.667 Eßsadien
56	1	5.667 Eßzimmer
57	1	5.667 farbigen
58	1	5.667 Fenstern
59	1	5.667 Fernande
60	1	5.667 festes
61	1	5.667 Feueland
62	1	5.667 Flechte
63	1	5.667 flüstert
64	1	5.667 fünf
65	1	5.667 gefischt
66	1	5.667 geführt
67	1	5.667 gehe
68	1	5.667 geistigen
69	1	5.667 Geistlicher
70	1	5.667 Geruch
71	1	5.667 gerüchteweise
72	1	5.667 geschildert
73	1	5.667 geschweige
74	1	5.667 Geschäft
75	1	5.667 gewohnt
76	1	5.667 gießen
77	1	5.667 Grande
78	1	5.667 hungrigen
79	1	5.667 Immer
80	1	5.667 jemals
81	1	5.667 jenen
82	1	5.667 jungen
83	1	5.667 jährige
84	1	5.667 Kartons
85	1	5.667 katastrophal

86	1	5.667 Kistenholz
87	1	5.667 Kontinents
88	1	5.667 krebsartig
89	1	5.667 kürzlich
90	1	5.667 lachen
91	1	5.667 laut
92	1	5.667 Leib
93	1	5.667 lernen
94	1	5.667 literweise
95	1	5.667 lljährigen
96	1	5.667 lungern
97	1	5.667 Länder
98	1	5.667 Maio
99	1	5.667 mehrere
100	1	5.667 Messer

**(II-C) Bonn, 13.07.1962 - Christ und Welt, *Die Schwarze Mutter Courage aus Canindé – Zu den Tagebüchern der Maria Carolina de Jesus (A mãe coragem preta do Canindé – sobre os diários de Maria Carolina de Jesus)*, Leo Gilson Ribeiro**

Keyword Types Before Cut: 1185

Keyword Types After Cut: 751

1	4	14.085	bloß
2	3	10.564	Angst
3	3	10.564	Erde
4	7	10.234	nun
5	21	9.167	des
6	7	7.882	ihres
7	6	7.856	dieses
8	4	7.201	Lebens
9	2	7.042	bedeutet
10	2	7.042	berühmten
11	2	7.042	Dokuments
12	2	7.042	Gebt
13	2	7.042	Gesicht
14	2	7.042	jedoch

15	2	7.042 Kafkas
16	2	7.042 kapitalistischen
17	2	7.042 Leuten
18	2	7.042 Linie
19	2	7.042 Matarazzo
20	2	7.042 Presse
21	2	7.042 proletarischen
22	2	7.042 Sartre
23	2	7.042 Sinn
24	2	7.042 Studenten
25	2	7.042 tiefe
26	2	7.042 Umwelt
27	2	7.042 Ursachen
28	2	7.042 vergänglich
29	2	7.042 Verkommenheit
30	2	7.042 verspäteten
31	2	7.042 wehrte
32	2	7.042 Welten
33	2	7.042 zehntausend
34	2	7.042 ähnlich
35	3	6.442 finden
36	6	5.824 durch
37	4	5.656 Elendsviertel
38	4	5.656 während
39	95	4.784 die
40	5	4.712 Caninde
41	3	4.588 Mensch
42	3	4.588 neuen
43	3	4.588 Sonne
44	3	4.588 soziale
45	4	4.504 Armen
46	9	4.111 brasilianischen
47	6	3.731 Rio
48	15	3.723 auf
49	4	3.606 gegen
50	4	3.606 Leute
51	2	3.601 amerikanischen

52	2	3.601 Bei
53	2	3.601 besonders
54	2	3.601 Europa
55	2	3.601 falschen
56	2	3.601 fein
57	2	3.601 Interviews
58	2	3.601 je
59	2	3.601 lebe
60	2	3.601 lieber
61	2	3.601 Persönlichkeit
62	2	3.601 reichen
63	2	3.601 stark
64	2	3.601 Vor
65	2	3.601 Wortes
66	2	3.601 würden
67	1	3.521 Aas
68	1	3.521 Aasgeier
69	1	3.521 Aberglaubens
70	1	3.521 abgeschlossenen
71	1	3.521 abgucken
72	1	3.521 Ablehnung
73	1	3.521 Absichten
74	1	3.521 absoluten
75	1	3.521 abzugucken
76	1	3.521 ach
77	1	3.521 Adligen
78	1	3.521 ahnen
79	1	3.521 alltäglichen
80	1	3.521 Amado
81	1	3.521 Amerika
82	1	3.521 amtlichen
83	1	3.521 Analogie
84	1	3.521 analphabetischen
85	1	3.521 Anderson
86	1	3.521 Anerkennung
87	1	3.521 Angebot
88	1	3.521 Anhänger

89	1	3.521	Annäherung
90	1	3.521	ansetzen
91	1	3.521	applaudieren
92	1	3.521	Arbeitsminister
93	1	3.521	aristokratischen
94	1	3.521	Assistent
95	1	3.521	Attraktion
96	1	3.521	Auge
97	1	3.521	auflage
98	1	3.521	Auflösung
99	1	3.521	Aufrichtigkeit
100	1	3.521	auführerisch

**(II-D) Frankfurt, 04.08.1962 - Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ), *Das Schwarze Aschenputtel – Zudem Kopfkissenbuch einer brasilianischen Negerin (A cinderela negra – sobre o livro de cabeceira de uma negra brasileira)*, Helene Henze;**

Keyword Types Before Cut: 1053

Keyword Types After Cut: 550

1	13	46.586	Caroline
2	6	16.124	Doch
3	9	12.874	wo
4	70	11.690	sie
5	3	10.751	geschickt
6	3	10.751	unseren
7	3	10.751	weiß
8	5	10.271	geworden
9	13	7.881	wenn
10	4	7.425	findet
11	4	7.425	Sohn
12	2	7.167	allmählich
13	2	7.167	Aschenputtel
14	2	7.167	Auf
15	2	7.167	bekommt
16	2	7.167	dünner



17	2	7.167 Jungen
18	2	7.167 meint
19	2	7.167 möchte
20	2	7.167 sangen
21	2	7.167 Stimmen
22	2	7.167 Söhne
23	2	7.167 trank
24	2	7.167 tritt
25	2	7.167 verliert
26	2	7.167 Verse
27	2	7.167 Zu
28	2	7.167 zweiten
29	18	6.871 ihr
30	3	6.617 Da
31	3	6.617 herrlich
32	3	6.617 schön
33	18	6.515 im
34	27	6.207 mit
35	4	5.867 selber
36	5	4.947 Er
37	3	4.750 andern
38	3	4.750 Bett
39	3	4.750 Umgebung
40	4	4.702 gern
41	9	4.015 wird
42	4	3.792 Mann
43	2	3.713 Abgeordnete
44	2	3.713 anderes
45	2	3.713 Ideal
46	2	3.713 Lebensmittel
47	2	3.713 Manoel
48	2	3.713 neun
49	2	3.713 poetisch
50	2	3.713 reich
51	2	3.713 schlecht
52	2	3.713 Senhor
53	2	3.713 sieht

54	2	3.713 singe
55	2	3.713 spielen
56	2	3.713 Steinen
57	2	3.713 Wasserhahn
58	2	3.713 zieht
59	1	3.584 ABC
60	1	3.584 abgeben
61	1	3.584 abgegrast
62	1	3.584 abgelegene
63	1	3.584 abgerackert
64	1	3.584 Abweichungen
65	1	3.584 Ademar
66	1	3.584 Agitation
67	1	3.584 allerhand
68	1	3.584 allgemeine
69	1	3.584 Allgemeiner
70	1	3.584 alt
71	1	3.584 Amerikas
72	1	3.584 anbietet
73	1	3.584 Andacht
74	1	3.584 aneignen
75	1	3.584 angeborene
76	1	3.584 angelangt
77	1	3.584 angelesenen
78	1	3.584 angenehm
79	1	3.584 angesiedelt
80	1	3.584 angesteckt
81	1	3.584 angestochene
82	1	3.584 Anstand
83	1	3.584 Arbeiter
84	1	3.584 aufgeht
85	1	3.584 aufgetriebenen
86	1	3.584 Aufklärungsfilm
87	1	3.584 Augenblicke
88	1	3.584 ausdrücken
89	1	3.584 ausgekippt
90	1	3.584 ausgespannte

91	1	3.584	ausgestorben
92	1	3.584	ausmacht
93	1	3.584	Ausweg
94	1	3.584	Bande
95	1	3.584	Barrikaden
96	1	3.584	Beginn
97	1	3.584	Behausungen
98	1	3.584	beherbergen
99	1	3.584	beherrschten
100	1	3.584	Beihilfe

**(II-E) Berlim, 19.08.1962 - Der Tagespiegel, *Chronik einer brasilianischen Negerin*  
(Crônicas de uma negra brasileira), Usch**

Keyword Types Before Cut: 234

Keyword Types After Cut: 106

1	2	14.484	kehrt
2	2	14.484	Satz
3	3	9.888	hier
4	2	9.047	Bericht
5	2	9.047	Reportage
6	2	7.916	Dieses
7	2	7.916	Dokument
8	2	7.916	gleich
9	2	7.916	Tages
10	1	7.242	Aktionsfeld
11	1	7.242	Altpapiersammler
12	1	7.242	angebracht
13	1	7.242	Armenviertel
14	1	7.242	Asyl
15	1	7.242	Aufzeichnungen
16	1	7.242	aufzuzeichnen
17	1	7.242	Augenzeugen
18	1	7.242	Ausgestossenen
19	1	7.242	ausspuck
20	1	7.242	Berichtenden

21	1	7.242 besteht
22	1	7.242 Christan
23	1	7.242 Chronik
24	1	7.242 City
25	1	7.242 Desperados
26	1	7.242 dreier
27	1	7.242 durch
28	1	7.242 entschließt
29	1	7.242 entsteht
30	1	7.242 Erlebnisse
31	1	7.242 Erpresser
32	1	7.242 erreicht
33	1	7.242 erzeugt
34	1	7.242 festgehalten
35	1	7.242 Fortschritts
36	1	7.242 fremder
37	1	7.242 Füße
38	1	7.242 gebangt
39	1	7.242 geholfen
40	1	7.242 Gemeinschaft
41	1	7.242 Gerichtsprotokoll
42	1	7.242 Gescheiterten
43	1	7.242 Geschwüre
44	1	7.242 Grosstadt
45	1	7.242 Hauten
46	1	7.242 Helfen
47	1	7.242 Hoffnungslosen
48	1	7.242 hohen
49	1	7.242 J
50	1	7.242 Kehrichthaufen
51	1	7.242 lässt
52	1	7.242 nachzeichnend
53	1	7.242 Obdach
54	1	7.242 ohnmächtig
55	1	7.242 Photos
56	1	7.242 Portugiesischen
57	1	7.242 Prätention

58	1	7.242 Rapport
59	1	7.242 regieren
60	1	7.242 Schauseiten
61	1	7.242 Schicksale
62	1	7.242 Schulter
63	1	7.242 sebst
64	1	7.242 sitzen
65	1	7.242 Skandal
66	1	7.242 Tagesspiegel
67	1	7.242 Tragödie
68	1	7.242 Tägesmarsch
69	1	7.242 Unruhe
70	1	7.242 Untereschlupf
71	1	7.242 Usch
72	1	7.242 verachtet
73	1	7.242 Verelendung
74	1	7.242 verlorene
75	1	7.242 verworrenen
76	1	7.242 voraus
77	1	7.242 vorn
78	1	7.242 weiss
79	1	7.242 Zeichen
80	1	7.242 Zivilisation
81	1	7.242 zugebracht
82	1	7.242 Zuhälter
83	2	6.379 Hütten
84	2	6.379 zurück
85	18	6.219 der
86	5	4.539 einer
87	1	4.523 Abend
88	1	4.523 agosto
89	1	4.523 Blick
90	1	4.523 Bretterhütten
91	1	4.523 Darstellung
92	1	4.523 Diebe
93	1	4.523 dunklen
94	1	4.523 eigener

95	1	4.523	Erfahrung
96	1	4.523	Inmitten
97	1	4.523	jeden
98	1	4.523	sonder
99	1	4.523	sonst
100	1	4.523	spielt
101	1	4.523	unser
102	1	4.523	verfasst
103	1	4.523	versammelt
104	1	4.523	Wohlstandes
105	3	4.376	Negerin
106	5	4.316	des

**(II-F) Stuttgart, 27.11.1962 - Stuttgarter Zeitung, *Dichterin der Armut – Die Aufzeichnung einer brasilianischen Negerin* (Poetisa da Pobreza – As anotações de uma negra brasileira), Ana Maria Schmitz**

Keyword Types Before Cut: 566

Keyword Types After Cut: 213

1	15	21.270	Und
2	9	14.770	Aber
3	3	13.955	Regenbogen
4	8	13.611	schreibt
5	16	11.253	ich
6	3	9.662	Bude
7	3	9.662	Gedanken
8	3	9.662	las
9	3	9.662	Weise
10	2	9.303	Anna
11	2	9.303	besser
12	2	9.303	fertig
13	2	9.303	hin
14	2	9.303	kluge
15	2	9.303	leiden
16	2	9.303	sagte
17	2	9.303	Schmitz
18	2	9.303	Schönheit

19	2	9.303	traurigen
20	2	9.303	unsere
21	2	9.303	weinen
22	4	8.338	Volk
23	3	7.636	brachte
24	6	7.463	bin
25	13	7.416	Ich
26	4	7.269	Mann
27	4	7.269	muß
28	3	6.254	kaufen
29	7	6.178	Welt
30	8	6.158	daß
31	15	6.140	Carolina
32	2	5.690	darum
33	2	5.690	du
34	2	5.690	fröhlich
35	2	5.690	sollten
36	2	5.690	tut
37	2	5.690	umgeben
38	2	5.690	Vögel
39	5	5.645	was
40	7	5.389	Frau
41	3	5.217	Dann
42	3	5.217	Ob
43	5	5.128	wir
44	9	5.005	Sie
45	1	4.652	abgelegenen
46	1	4.652	Anträge
47	1	4.652	armselige
48	1	4.652	armseliger
49	1	4.652	aufhört
50	1	4.652	aufschreibt
51	1	4.652	Autora
52	1	4.652	außer
53	1	4.652	aßen
54	1	4.652	benedidet
55	1	4.652	bessere

56	1	4.652 Betrüger
57	1	4.652 bewußt
58	1	4.652 bildhaften
59	1	4.652 Bitterkeit
60	1	4.652 bringe
61	1	4.652 Dach
62	1	4.652 dankbarer
63	1	4.652 darf
64	1	4.652 Debereute
65	1	4.652 dessen
66	1	4.652 Dieser
67	1	4.652 durchläufst
68	1	4.652 durchstehen
69	1	4.652 energisch
70	1	4.652 Ent
71	1	4.652 entfernen
72	1	4.652 entfernte
73	1	4.652 entreissen
74	1	4.652 entscheidenden
75	1	4.652 erfuhr
76	1	4.652 erhebt
77	1	4.652 ermüdete
78	1	4.652 erschütternder
79	1	4.652 erzählen
80	1	4.652 ewigem
81	1	4.652 Fenster
82	1	4.652 Fische
83	1	4.652 Fleiß
84	1	4.652 fleißige
85	1	4.652 folgte
86	1	4.652 fotografieren
87	1	4.652 Freundes
88	1	4.652 gefährliche
89	1	4.652 Gemeinheit
90	1	4.652 genaueste
91	1	4.652 geschluckt
92	1	4.652 geweint



93	1	4.652	glaube
94	1	4.652	glänzen
95	1	4.652	gute
96	1	4.652	Haufen
97	1	4.652	Hauptperson
98	1	4.652	Heiraten
99	1	4.652	heißes
100	1	4.652	herbeizusehnen

**(II-G) Frankfurt, 1963 - Frankfurter Heft, *In den Favelas (Nas Favelas)*, Regina Bohne;**

Keyword Types Before Cut: 739

Keyword Types After Cut: 366

1	21	24.712	Ich
2	6	21.200	Dona
3	8	19.436	dass
4	6	15.941	Cruzeiros
5	7	14.591	ging
6	3	13.356	Kapellenwagen
7	3	13.356	vermutlich
8	4	13.033	kaufte
9	3	9.086	eben
10	4	8.933	Erfolg
11	2	8.904	Abfallgruben
12	2	8.904	also
13	2	8.904	gegangen
14	2	8.904	gelegentlich
15	2	8.904	gesammelt
16	2	8.904	gestiegen
17	2	8.904	geworfen
18	2	8.904	handelt
19	2	8.904	Organisation
20	2	8.904	Ort
21	2	8.904	USA
22	2	8.904	wohin

23	2	8.904 Zucker
24	7	8.899 habe
25	5	8.473 etwas
26	10	8.354 über
27	7	8.237 uns
28	4	7.632 alles
29	4	7.632 Hefte
30	6	7.152 wir
31	3	7.083 traurig
32	6	6.540 diese
33	18	6.091 nicht
34	5	6.068 Papier
35	14	5.755 ich
36	4	5.719 sogar
37	2	5.314 Alteisen
38	2	5.314 Aufzeichnung
39	2	5.314 bisher
40	2	5.314 Hause
41	2	5.314 Mittagessen
42	2	5.314 sammeln
43	2	5.314 wirklich
44	2	5.314 Wissen
45	2	5.314 Wurst
46	5	4.899 heute
47	3	4.710 Ob
48	1	4.452 A
49	1	4.452 a
50	1	4.452 Abfallhaufen
51	1	4.452 abzuholen
52	1	4.452 achtundvierzigjährigen
53	1	4.452 alleinlebende
54	1	4.452 Allerdings
55	1	4.452 allergrösste
56	1	4.452 Alte
57	1	4.452 angehen
58	1	4.452 Angelegenheiten
59	1	4.452 angeregter

60	1	4.452 ankam
61	1	4.452 ansehen
62	1	4.452 anzulegen
63	1	4.452 Armuts
64	1	4.452 atemberaubender
65	1	4.452 aufbringen
66	1	4.452 aufgewaschen
67	1	4.452 aufhält
68	1	4.452 aufregen
69	1	4.452 aufsuchen
70	1	4.452 aufzieht
71	1	4.452 ausgefegt
72	1	4.452 Ausstattung
73	1	4.452 auszunutzen
74	1	4.452 Beamten
75	1	4.452 bedeuten
76	1	4.452 Begleiterscheinungen
77	1	4.452 beispielsweise
78	1	4.452 Bekannten
79	1	4.452 bekanntgemacht
80	1	4.452 Bekämpfung
81	1	4.452 belehrende
82	1	4.452 belgischen
83	1	4.452 Bemühungen
84	1	4.452 Beobachtungsgrabe
85	1	4.452 berichtete
86	1	4.452 beschäftigt
87	1	4.452 Beschämendes
88	1	4.452 Beseitigung
89	1	4.452 besitzt
90	1	4.452 Betten
91	1	4.452 bewahrt
92	1	4.452 bewundernswert
93	1	4.452 Bis
94	1	4.452 bislang
95	1	4.452 biss
96	1	4.452 Bohne

97	1	4.452	broschiert
98	1	4.452	Buchführung
99	1	4.452	caritative
100	1	4.452	Christi

**(II-H) Frankfurt, 05.06.1984 - Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ) *Favelas, Sambas, Candomble – Zwei Taschenbücher aus Brasilien* (Favelas, Sambas, Candomblé – dois livros de bolso do Brasil), Karsten Garscha**

Keyword Types Before Cut: 398

Keyword Types After Cut: 181

1	2	11.983	Candomble
2	2	11.983	Kay
3	2	11.983	Michael
4	2	11.983	Musik
5	2	11.983	publiziert
6	2	11.983	Sambas
7	2	11.983	Übersetzung
8	3	11.449	Lamuv
9	2	8.266	Deutsche
10	2	8.266	Lieder
11	2	8.266	Negro
12	5	6.655	oder
13	5	6.339	brasilianischen
14	1	5.991	abstrakte
15	1	5.991	Afrikas
16	1	5.991	afro
17	1	5.991	anzeigen
18	1	5.991	aufgelegt
19	1	5.991	aufgelöst
20	1	5.991	aufregender
21	1	5.991	Ausschuss
22	1	5.991	Auswahl
23	1	5.991	Authentisches
24	1	5.991	Begriff
25	1	5.991	beschrieb

26	1	5.991 beste
27	1	5.991 Beste
28	1	5.991 bewegtes
29	1	5.991 Bewohnerin
30	1	5.991 Bornheim
31	1	5.991 Bossa
32	1	5.991 Botschaft
33	1	5.991 Brasilianisch
34	1	5.991 Brasilianischen
35	1	5.991 Brettverschlagn
36	1	5.991 bürgerlichen
37	1	5.991 Camus
38	1	5.991 candomblé
39	1	5.991 Dass
40	1	5.991 definitiv
41	1	5.991 Diensten
42	1	5.991 diplomatischem
43	1	5.991 Dokumentarliteratur
44	1	5.991 eingeleitet
45	1	5.991 elementarer
46	1	5.991 empfinden
47	1	5.991 entschlossen
48	1	5.991 erben
49	1	5.991 erfunden
50	1	5.991 erstes
51	1	5.991 Europareise
52	1	5.991 Europas
53	1	5.991 Exil
54	1	5.991 fallen
55	1	5.991 fasst
56	1	5.991 favela
57	1	5.991 Filmereignis
58	1	5.991 fleißiger
59	1	5.991 Form
60	1	5.991 frecher
61	1	5.991 freundlichen
62	1	5.991 frühes

63	1	5.991 Ganoven
64	1	5.991 Garscha
65	1	5.991 gedreht
66	1	5.991 Gegenwert
67	1	5.991 gegriffen
68	1	5.991 begrüßt
69	1	5.991 Genauigkeit
70	1	5.991 gewarnt
71	1	5.991 größtmöglicher
72	1	5.991 Herrschaft
73	1	5.991 Herzversagen
74	1	5.991 hierzulande
75	1	5.991 hiesige
76	1	5.991 hinreißen
77	1	5.991 inszenierte
78	1	5.991 inzwischen
79	1	5.991 ironischer
80	1	5.991 Jurastudium
81	1	5.991 Kamera
82	1	5.991 kappte
83	1	5.991 Karneval
84	1	5.991 Karsten
85	1	5.991 Kenner
86	1	5.991 Kinokulisse
87	1	5.991 Konzerte
88	1	5.991 Kostüme
89	1	5.991 Kriminalität
90	1	5.991 Kulturen
91	1	5.991 Kunst
92	1	5.991 Leinen
93	1	5.991 lese
94	1	5.991 letzten
95	1	5.991 Macumba
96	1	5.991 Marcel
97	1	5.991 Mark
98	1	5.991 medialen
99	1	5.991 Merten

100 1 5.991 Mischung

**(II-I) Hamburgo, 1989 - Editora VSA, (Linke Literatur) - *Carolina Maria de Jesus* in: *Brasilien. Ein politisches Reisebuch (Brasil, um diário de viagem político)*, Hart/Ramalho (Hrg.), Moema Parente Augel;**

Keyword Types Before Cut: 891

Keyword Types After Cut: 428

1	4	15.144	Bevölkerung
2	6	14.372	Carolinas
3	10	12.388	hatte
4	6	12.239	fast
5	3	11.358	Bitita
6	3	11.358	Brasilianer
7	3	11.358	mochte
8	3	11.358	Politikern
9	3	11.358	wuchs
10	5	11.208	Land
11	15	8.374	war
12	4	8.159	wurden
13	5	7.871	Im
14	2	7.572	Aufstieg
15	2	7.572	bot
16	2	7.572	erwartete
17	2	7.572	Februar
18	2	7.572	Journal
19	2	7.572	Jânio
20	2	7.572	Landes
21	2	7.572	Lebensunterhalt
22	2	7.572	Million
23	2	7.572	musste
24	2	7.572	plötzlich
25	2	7.572	Preise
26	2	7.572	Reichtum
27	2	7.572	Schrei

28	2	7.572 verdienen
29	2	7.572 verschiedenen
30	3	7.186 Auflage
31	3	7.186 starb
32	3	7.186 Stein
33	3	7.186 Zahl
34	3	7.186 ziehen
35	16	6.631 als
36	4	6.563 erschien
37	4	6.563 Zeit
38	20	5.590 Carolina
39	77	5.429 und
40	4	5.360 Tag
41	3	5.281 Eine
42	3	5.281 Regierung
43	4	4.411 Von
44	9	4.279 wurde
45	2	4.080 Blumen
46	2	4.080 Erinnerungen
47	2	4.080 erste
48	2	4.080 Familien
49	2	4.080 Journalisten
50	2	4.080 Rumpelkammer
51	2	4.080 Salon
52	2	4.080 schickte
53	2	4.080 Slums
54	2	4.080 stets
55	2	4.080 töten
56	2	4.080 vergriffen
57	2	4.080 verlor
58	3	4.020 denken
59	10	3.809 Das
60	1	3.786 Abfällen
61	1	3.786 Adernar
62	1	3.786 Agglomeration
63	1	3.786 Agrarproduktion
64	1	3.786 aktuell



65	1	3.786 akzeptierte
66	1	3.786 allgegenwärtig
67	1	3.786 Alvenaria
68	1	3.786 Amüsements
69	1	3.786 Anfangs
70	1	3.786 angeberisch
71	1	3.786 angesehenen
72	1	3.786 Antwort
73	1	3.786 April
74	1	3.786 Arbeitsuchende
75	1	3.786 arme
76	1	3.786 Artikel
77	1	3.786 aufgehört
78	1	3.786 aufgrund
79	1	3.786 Auflagen
80	1	3.786 Aufsammeln
81	1	3.786 aufzeichnet
82	1	3.786 aufzogen
83	1	3.786 aufzustehen
84	1	3.786 Augel
85	1	3.786 Ausbeuter
86	1	3.786 Auseinandersetzungen
87	1	3.786 auseinanderzusetzen
88	1	3.786 ausgenutzt
89	1	3.786 ausgesuchten
90	1	3.786 ausländisches
91	1	3.786 Auswirkung
92	1	3.786 ausziehen
93	1	3.786 bat
94	1	3.786 baten
95	1	3.786 beeindruckend
96	1	3.786 beinahe
97	1	3.786 bemühte
98	1	3.786 Berauscht
99	1	3.786 bereiste
100	1	3.786 beschimpfte

**(II-J) Hamburgo, 08.04.1996 - Sonntagsblatt, 50 000 in Bretterbuden (50 000 em barracos), Eva Sielaff,**

Keyword Types Before Cut: 349

Keyword Types After Cut: 130

1	2	13.059	Elendsbezirke
2	2	13.059	Eva
3	2	13.059	kauft
4	2	13.059	Sielaff
5	6	12.645	Menschen
6	2	9.318	Ab
7	2	9.318	arbeiten
8	2	9.318	bewahren
9	2	9.318	Bretterbuden
10	2	9.318	Glück
11	3	8.599	gegen
12	3	8.599	Manchmal
13	2	7.670	Denn
14	2	7.670	Kühlhaus
15	6	7.087	einem
16	2	6.563	ändern
17	1	6.530	Abgeordneter
18	1	6.530	absurd
19	1	6.530	Alkohols
20	1	6.530	Allein
21	1	6.530	Altmetall
22	1	6.530	Andere
23	1	6.530	anstehen
24	1	6.530	arbeiteten
25	1	6.530	arm
26	1	6.530	armseligen
27	1	6.530	bemerkt
28	1	6.530	ben
29	1	6.530	betranken

30	1	6.530 bettelten
31	1	6.530 bevorstanden
32	1	6.530 bewegt
33	1	6.530 Decken
34	1	6.530 dreißig
35	1	6.530 durchsucht
36	1	6.530 Einen
37	1	6.530 engstem
38	1	6.530 erbarmungsloser
39	1	6.530 erzählte
40	1	6.530 Eßbarem
41	1	6.530 fest
42	1	6.530 Findet
43	1	6.530 Fünfzehn
44	1	6.530 fürchterlicher
45	1	6.530 Gefängnis
46	1	6.530 getrunken
47	1	6.530 gießt
48	1	6.530 größtes
49	1	6.530 half
50	1	6.530 Heldenkampf
51	1	6.530 herben
52	1	6.530 Herd
53	1	6.530 Herrliches
54	1	6.530 Klatschsucht
55	1	6.530 knappen
56	1	6.530 Kochtopf
57	1	6.530 konnten
58	1	6.530 Kreolin
59	1	6.530 lasterhaft
60	1	6.530 Lastern
61	1	6.530 Löcher
62	1	6.530 Mancher
63	1	6.530 Mülltonnen
64	1	6.530 ordentliche
65	1	6.530 sattessen
66	1	6.530 sauberes

67	1	6.530 schicken
68	1	6.530 schlimmer
69	1	6.530 Schwindel
70	1	6.530 schwindelig
71	1	6.530 sechs
72	1	6.530 Sonntagsblatt
73	1	6.530 sorgfältigste
74	1	6.530 Statistik
75	1	6.530 stehlen
76	1	6.530 streiten
77	1	6.530 Stundenlang
78	1	6.530 Sätze
79	1	6.530 tagelang
80	1	6.530 trafen
81	1	6.530 umher
82	1	6.530 unterschied
83	1	6.530 verarmten
84	1	6.530 verhungert
85	1	6.530 verläßt
86	1	6.530 verschenkt
87	1	6.530 verschenkte
88	1	6.530 Verzweifelnde
89	1	6.530 Verzweifelt
90	1	6.530 vitale
91	1	6.530 vollgeschrie
92	1	6.530 vorkommt
93	1	6.530 Väter
94	1	6.530 wandert
95	1	6.530 Wassereimer
96	1	6.530 zählen
97	8	5.083 hat
98	2	4.529 oft
99	1	3.835 Abfälle
100	1	3.835 abril

**(II-L) Munique, 09.09.1996 - Süddeutscher Zeitung, *Report aus dem Elend (Relato da miséria)*, Roland Ziersch**

Keyword Types Before Cut: 410

Keyword Types After Cut: 181

1	3	13.533	machten
2	3	13.533	möglich
3	3	13.533	zeigt
4	2	11.952	gegenüber
5	2	11.952	Grenze
6	2	11.952	Meinung
7	2	11.952	Roland
8	2	11.952	Ziersch
9	4	11.065	Reporter
10	6	10.726	Menschen
11	8	9.231	auch
12	2	8.237	Entdeckung
13	2	8.237	größten
14	2	8.237	richtigen
15	6	7.661	daß
16	2	6.614	ganzen
17	2	6.614	Schriftstellerin
18	2	6.614	steht
19	2	6.614	Stolz
20	2	6.614	überhaupt
21	5	6.596	Negerin
22	1	5.976	abhanden
23	1	5.976	akklimatisiert
24	1	5.976	Allgemeinheit
25	1	5.976	anderem
26	1	5.976	angeboten
27	1	5.976	angelegt
28	1	5.976	ansteckenden
29	1	5.976	auszuwerten
30	1	5.976	bedrohte

31	1	5.976 bekundeten
32	1	5.976 belästigen
33	1	5.976 bemerkenswerte
34	1	5.976 Berichte
35	1	5.976 besichtigen
36	1	5.976 Besitz
37	1	5.976 Besonderheit
38	1	5.976 bestand
39	1	5.976 Besänftigung
40	1	5.976 brauche
41	1	5.976 Dazu
42	1	5.976 Dem
43	1	5.976 durchzuschlagen
44	1	5.976 Dämonie
45	1	5.976 Einem
46	1	5.976 einfach
47	1	5.976 erheiternden
48	1	5.976 erotische
49	1	5.976 ersetzen
50	1	5.976 ertragen
51	1	5.976 fangen
52	1	5.976 Feinde
53	1	5.976 fortscheren
54	1	5.976 Fürsorge
55	1	5.976 geb
56	1	5.976 Gegenden
57	1	5.976 gehässig
58	1	5.976 gelang
59	1	5.976 gelungenen
60	1	5.976 Gesicherten
61	1	5.976 gesprochen
62	1	5.976 gestatte
63	1	5.976 Gewissens
64	1	5.976 gezögert
65	1	5.976 gierige
66	1	5.976 gleichgültig
67	1	5.976 Grauen

68	1	5.976 Grenzsituationen
69	1	5.976 Großstädte
70	1	5.976 größere
71	1	5.976 Halbpart
72	1	5.976 Haß
73	1	5.976 hinweggehen
74	1	5.976 Holzbaracken
75	1	5.976 höchst
76	1	5.976 Indios
77	1	5.976 Intrige
78	1	5.976 Jahrhunderthälfte
79	1	5.976 Jahrzehnte
80	1	5.976 Jahrzehnten
81	1	5.976 Janio
82	1	5.976 jedes
83	1	5.976 Kirchliche
84	1	5.976 Kolonisation
85	1	5.976 Komik
86	1	5.976 Krankheiten
87	1	5.976 kundige
88	1	5.976 kämpft
89	1	5.976 kümmern
90	1	5.976 kümmerte
91	1	5.976 künst
92	1	5.976 langsam
93	1	5.976 leichter
94	1	5.976 lerischer
95	1	5.976 Lesens
96	1	5.976 lebenswerten
97	1	5.976 makabre
98	1	5.976 Mannes
99	1	5.976 Mutterwitz
100	1	5.976 Mäuse

## Anexo III: Passos do processo metodológico

### (III-A) Passo-a-passo BootCat<sup>41</sup>

bootcat.sslmit.unibo.it

# BootCaT

Simple Utilities to Bootstrap Corpora And Terms from the Web

HOME DOWNLOAD INSTALLATION LICENSE & CREDITS ACADEMIC STUFF CONTACTS DOCUMENTATION

## QUICK START

Build your first corpus in no time:

- [download](#) and install the BootCaT frontend
- Follow the [online tutorial](#)

## INTRODUCTION

Despite certain obvious drawbacks (e.g. lack of control, sampling, documentation etc.), there is no doubt that the World Wide Web is a mine of language data of unprecedented richness and ease of access.

It is also the only viable source of "disposable" corpora built ad hoc for a specific purpose (e.g. a translation or interpreting task, the compilation of a terminological database, domain-specific machine learning tasks). These corpora are essential resources for language professionals who routinely work with specialized languages, often in areas where neologisms and new terms are introduced at a fast pace and where standard reference corpora have to be complemented by easy-to-construct, focused, up-to-date text collections.

While it is possible to construct a web-based corpus through manual queries and downloads, this process is extremely time-consuming. The time investment is particularly unjustified if the final result is meant to be a single-use corpus.

186 people like BootCaT.

Facebook social plugin

HOME DOWNLOAD INSTALLATION LICENSE & CREDITS ACADEMIC STUFF CONTACTS DOCUMENTATION

## LATEST RELEASE (VERSION 0.61 — JULY 2, 2012)

- BootCaT front-end (graphical interface)  
(includes the latest version of the toolkit)

**Windows**

[Upgrade package for Windows](#) (use this if you're upgrading from previous versions)

[Complete installation for Windows](#) (includes BootCaT and Strawberry Perl)

**Mac OS X**

**Ubuntu & Debian**

**Generic Linux/Unix**

<sup>41</sup>Mais detalhes gerais em: [http://docs.sslmit.unibo.it/doku.php?id=bootcat:tutorials:basic\\_1](http://docs.sslmit.unibo.it/doku.php?id=bootcat:tutorials:basic_1)



HOME DOWNLOAD INSTALLATION LICENSE & CREDITS ACADEMIC STUFF CONTACTS DOCUMENTATION

LATEST RELEASE (VERSION 0.61)

- BootCaT front-end (graphical interface) (includes the latest version of the toolkit)

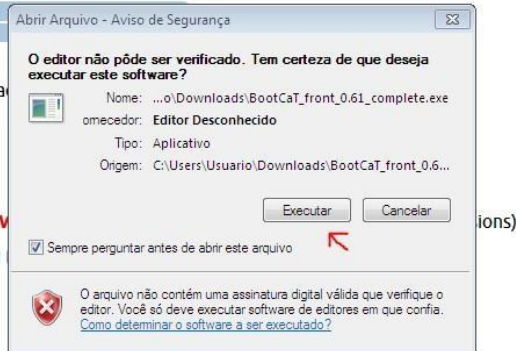
 **Windows**

Upgrade package for Windows  
Complete installation

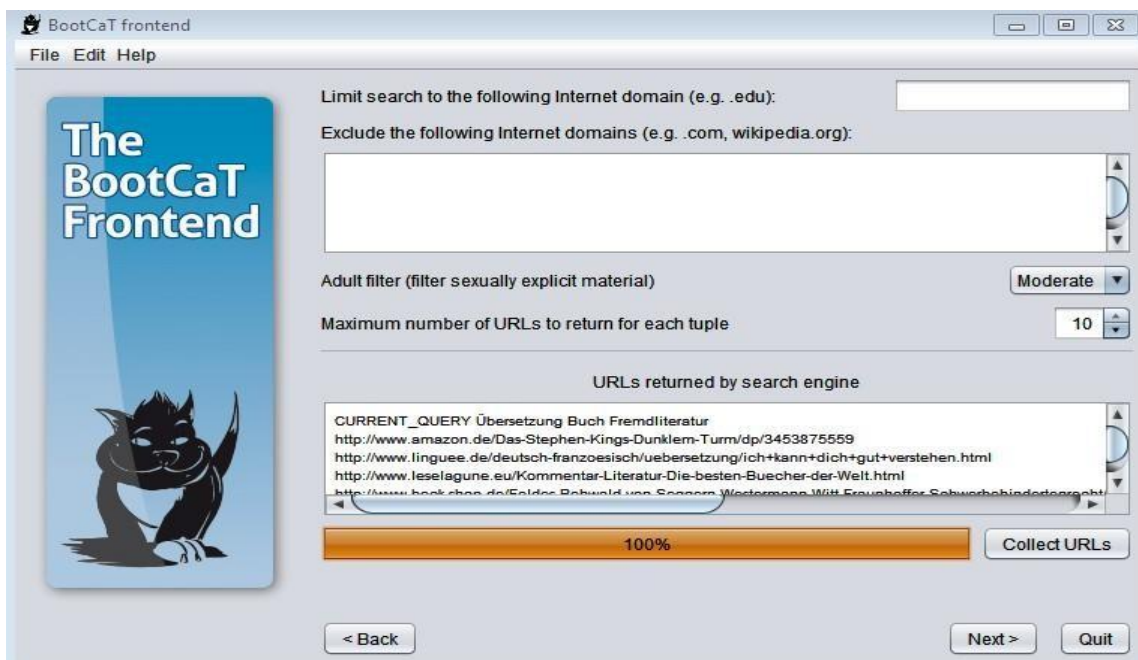
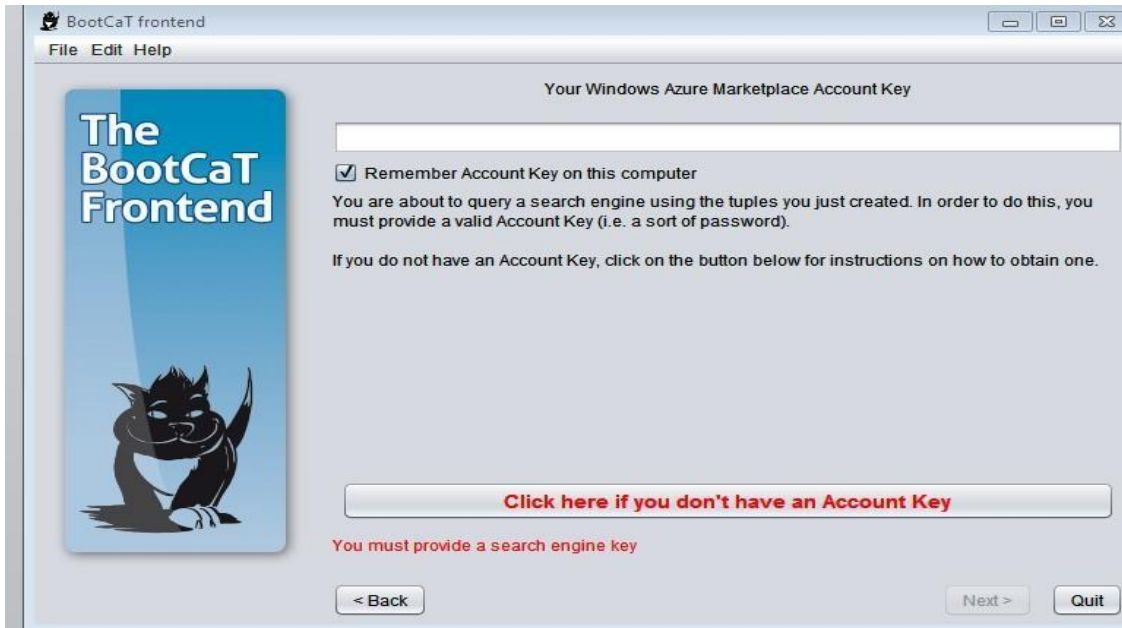
 **Mac OS X**

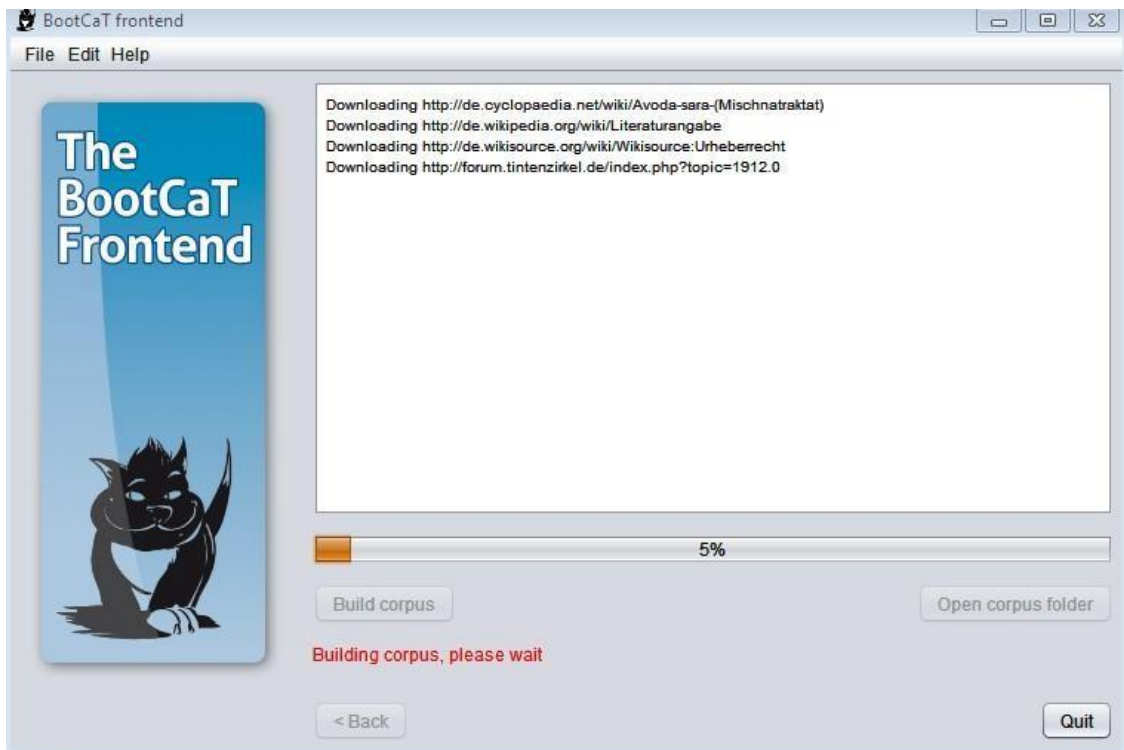
 **Ubuntu & Debian**

 **Linux**









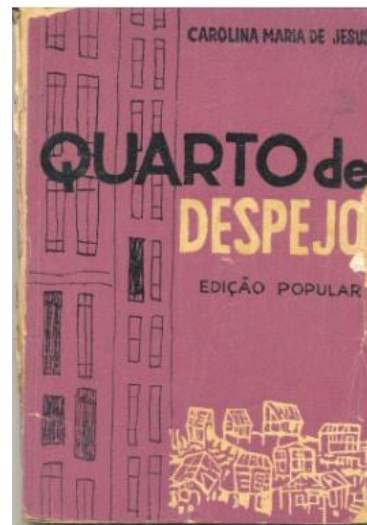


## Anexo IV Capas das edições brasileiras e alemãs

### (IV- A) Edições brasileiras



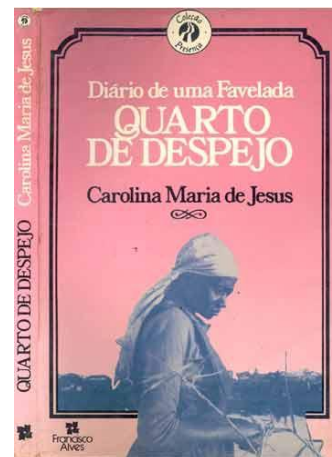
1960



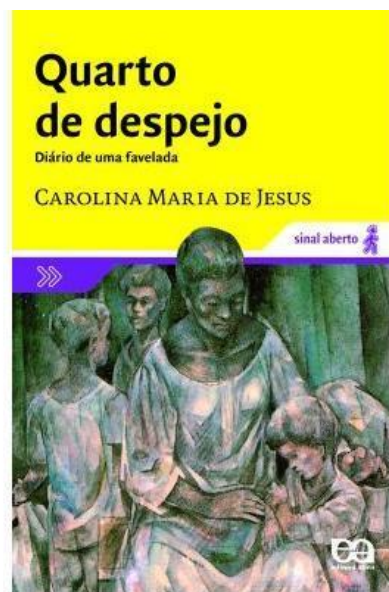
1963



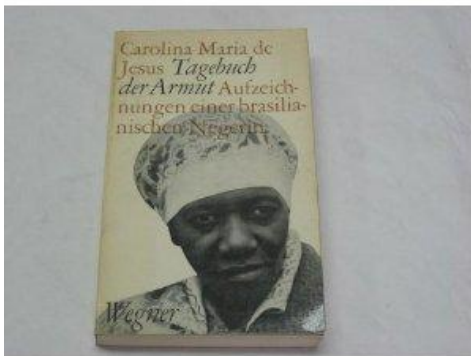
1994



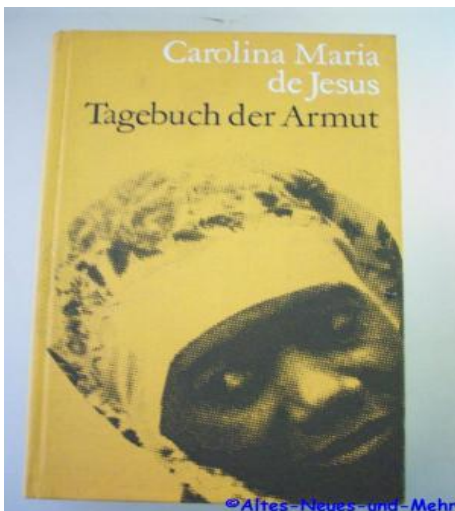
1983



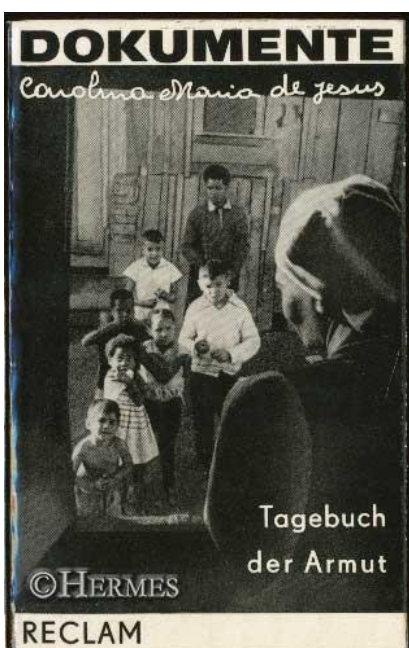
2007

**(IV- B): Edições alemãs**

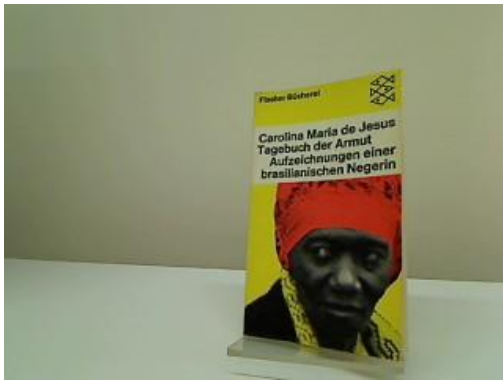
1962, Editora Christian Wegner, Hamburg



1965, Editora da Associação Alemã do Livro (Dt. Buchgesellschaft), Berlin/Darmstadt



1966, Editora Reclam, Leipzig



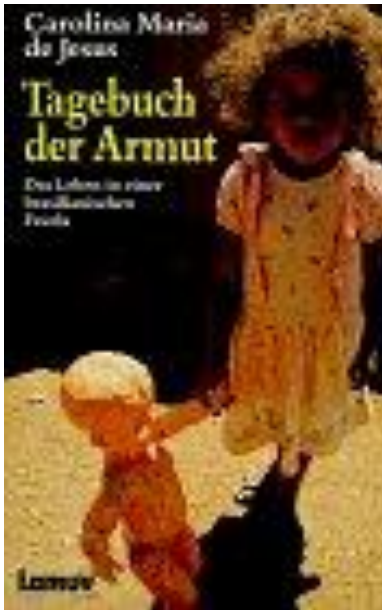
1968, Editora Fischer, Frankfurt



1979, Editora Reclam, Stuttgart/Leipzig



1984, Editora Lamuv, Göttingen



1993, Editora Lamuv Göttingen



## Anexo V: Quadro-Síntese de Análise

Resenhas	Data de Publicação	Eixo literário	Eixo político-social
<p>Rheinischer Merkur, <i>Die "Dichterin des Kehrichts"</i> – <i>Tagebuchblätter aus den brasilianischen Elendsvierteln</i> (Poetisa do lixo – diário de um bairro de miséria brasileiro), Guillermo Baumfeld;</p> <p>Eixo Literário</p>	<p>Bonn, 20.04.1962</p>	<p>Considera Carolina uma descoberta da literatura Latino-americana que deu voz aos favelados.</p> <p>Vê no ato de escrever de Carolina um desabafo espontâneo que a possibilita manter a vida em equilíbrio em meio ao caos. Além disso, acredita que Carolina nunca antes pensara na publicação de suas obras.</p> <p>Considera o livro de difícil leitura, duro e por vezes cruel, uma epopeia da Favela.</p> <p>Na perspectiva dele o livro é mais que um documento. É um livro que apesar da dura realidade deixa iluminar também trechos de uma lírica suave.</p> <p>Ao final questiona se a Carolina seria uma poetisa digna de ser lembrada ou apenas uma descoberta que depois de um livro impressionante voltaria a ser esquecida como aconteceu com Harriet Beecher Stowe com o "Onkel Toms Hütte" (A cabana do Pai Tomás).</p> <p>Carolina é para ele</p>	<p>Ao descrever a vida de pobreza e privação de Carolina acrescenta dados equivocados como o fato de ela ter se casado aos dezoito anos e depois ter que, na favela, cuidar e providenciar sustento para seus três filhos e marido doente.</p> <p>Utiliza citações de Carolina para demonstrar a precariedade social, como por exemplo, a morte do jovem que comeu do lixo carne estragada.</p> <p>Retrata com passagens da própria Carolina as opiniões dela acerca da Favela e destaca que ela não considera a Favela um problema de políticos, mas algo que exige compreensão, compaixão e convicção de todos.</p>

		uma poetisa e também alguém que denuncia.	
<p>Vorwärts, <i>Augias in Sao Paulo</i> – <b>Tagebuch einer Negerin aus den Slums wurde Bestseller</b> (Augias em São Paulo – Diário de uma negra da favela torna-se bestseller), Rosemarie Vossberg;</p> <p>Eixo Literário</p>	<p>Leipzig, 16.05.1962</p>	<p>Considera as descrições presentes no livro tão drásticas como na realidade e destaca o fato de o bestseller ser de uma autora de cor.</p> <p>Relata a importância do Jornalista para a publicação da obra.</p> <p>Sempre trata os relatos de Carolina como chocantes e sobre situações escandalosas e a linguagem como aberta e penetrante. Considera essa forma de linguagem a principal responsável por atrair o interesse dos leitores.</p> <p>Questiona se os políticos aprenderiam com esse livro.</p> <p>O trecho questiona o poder da literatura de mudar alguma coisa na realidade social...</p>	<p>Considera a pobreza e o analfabetismo um problema do continente sul americano que, como um câncer, se espelha pelas megacidades como Santiago do Chile, Rio de Janeiro e São Paulo.</p> <p>A falta de dinheiro e incapacidade de conseguir alimento para as crianças até satisfazê-las e a perversão dos moradores da favela são descritas aqui com passagens do diário.</p> <p>Ressalta também, com passagens da própria Carolina, do descaso dos políticos que aparecem na favela somente em época de eleição.</p> <p>O comentário mostra que o conhecimento acerca d realidade é indireto, via relatos de viagem. Via pela qual isso ocorre na relação Brasil-Alemanha desde o séc. XVI.</p> <p>Articulista toma o relato por realidade, não apenas dos “viajantes” que trazem informações, mas também o relato de Carolina. Quer dizer, há uma mistura aqui entre ficção e realidade. Ou seja: a escrita não é uma</p>

			representação da realidade, vista sob a ótica de uma escritora, mas a realidade em si.
<p>Christ und Welt, <i>Die Schwarze Mutter Courage aus Canindé – Zu den Tagebüchern der Maria Carolina de Jesus</i>(A mãe coragem preta do Canindé – sobre os diários de Maria Carolina de Jesus), Leo Gilson Ribeiro;</p> <p>Eixo Literário</p>	Bonn, 13.07.1962	<p>Caracterização da escrita dos diários, iniciando pelos erros de grafia e pelas descrições cruéis de um mundo subumano, que segundo o autor, não se via no Ocidente desde Dostoievski em “Memória da Casa dos Mortos” ou nas histórias expressionistas de Stadler e Heym e suas visões assustadoras da cidade grande. Ou seja: associação com outros escritores da literatura universal. Inclusive com um canônico como Dostoievski.</p> <p>Menciona a dificuldade de encontrar uma editora que publicasse a obra. Treze delas não aceitaram!</p> <p>Coloca como objetivo do artigo a descrição dos efeitos que o reconhecimento internacional desse documento impressionante teve na vida de Carolina e como ela superou a mudança de extrema pobreza para o sucesso e a fama.</p>	<p>Faz uma divisão geográfica da cidade de São Paulo, discriminando os bairros de classe alta e aqueles que restaram aos trabalhadores e os de miséria. Acompanhando essa discriminação, ele também faz uma diferenciação étnica dos bairros, citando, por exemplo, que nos bairros proletários estariam os imigrantes italianos, japoneses, poloneses e alemães e - nas favelas como a do Canindé – os habitantes seriam, em sua maioria, negros e retirantes do sertão nordestino.</p> <p>Descreve a reação da elite acadêmica e econômica que fica chocada com a exposição de um problema social de dimensões catastróficas que assolam as grandes cidades do mundo.</p> <p>Explica as favelas como uma consequência do êxodo rural.</p> <p>Segundo ele o sucesso fora do Brasil deve-se ao protesto tardio (historicamente) do proletariado que trouxe o colorido tropical e ambiente</p>

		<p>Menciona que o livro superou os diários de Graham Greene, Bertrand Russet, bem como, Jorge Amado na lista de mais lidos. O jornal conservador “O Estado de SP” o considerou o livro daquele ano e o jornal liberal “Diário das Notícias” o considerou um bofetada na cara da administração brasileira.</p> <p>Menciona o sucesso da autora e sua nomeação como membro de honra da Faculdade de Direito.</p> <p>Vê nos escritos de Carolina algumas observações filosóficas que poderiam agradar a Marco Aurélio e a Bertold Brecht.</p> <p>Para ele também é falsa a comparação otimista de que o diário seria um tipo de “Onkel Toms Hütte” (A cabana do Pai Tomás). Mas o vê mais como um livro que tem o valor social de fazer uma denúncia contra a administração e a oligarquia brasileira. E acrescenta: “este pode ser possivelmente a chave para a compreensão da realidade explosiva da America Latina que facilmente pode</p>	<p>negro à literatura.</p> <p>O articulista traz também talvez uma pequena discussão de racismo um pouco mais explicitado quando apresenta o fato de Carolina ter sido hospedada no mesmo hotel em que a cantora negra Marian Anderson foi recebida a pedradas.</p> <p>Vê como falsa a perspectiva de muitos estrangeiros de que o livro de Carolina foi responsável pelo término da favela Canindé.</p> <p>Ele cita também algumas passagens da vida de Carolina em meio a High Society. Uma mulher segundo ele perspicaz que fala o que acha que tem que dizer. Aos políticos: “Tire as mãos do dinheiro do povo, dê aos pobres. Vocês já são tão gordos, deixe também aos da favela assentar um pouco de gordura!” (...) A diferença entre este articulista e o anterior é a de que ele parece estar mais bem informado sobre a cidade de São Paulo e os problemas do Brasil. Cita, inclusive, jornais brasileiros. Não está, portanto, na linha do anterior, que dá prosseguimento a uma tradição de se informar sobre locais</p>
--	--	--	---

		<p>levar a soluções a la Fidel Castro”.</p> <p>Acredita que autora se diferencia dos outros pela sua negação a todo tipo de superstições e pela busca incessante por formação.</p> <p>Ao mesmo tempo em que considera, grosso modo, o documento de Carolina sobre a miséria humana humilde e semianalfabeto ele a compara - em outra esfera da literatura – a Kafka: na temática do medo e da transcendência da palavra.</p> <p>Areferência utilizada para caracterizar a crueza da narrativa é o expressionismo alemão.</p> <p>Alterna a autoria: aquele que relata é o jornalista, não Carolina...</p> <p>Interessante. Se é verdade que ela acreditava na força das palavras para transformar o mundo, os articulistas, por sua vez, questionam isso em vários momentos.</p>	<p>distantes e “exóticos” a partir de outros relatos.</p> <p>Parece que por detrás dos comentários está o modelo da revolução russa. Além disso, ele utiliza Outra referência e outras analogias com lugares que, a partir da perspectiva alemã, são comparáveis à favela.</p> <p>Milão: para os alemães, desordem, bagunça.</p> <p>Ele parece conhecer bem melhor a realidade da América Latina, embora sua principal referência pareça mesmo ser a revolução russa.</p>
<p>Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ), <i>Das Schwarze Aschenputtel</i> – <i>Zudem Kopfkissenbuch</i></p>	<p>Frankfurt, 04.08.1962</p>	<p>Acredita que a forma com qual Carolina descreve as situações poderia constringer alguns escritores que</p>	<p>Introduz a problemática da favela que atingiu todos os estados ibero-americanos colocando como</p>

<p><b>einer brasilianischen Negerin</b> (A cinderela negra – sobre o livro de cabeceira de uma negra brasileira), Helene Henze;</p> <p>Eixo Político-Social</p>		<p>acreditam que “o deserto só se descreve na língua do deserto.”</p> <p>Admite que as condições das Favelas não foram conhecidas a partir do diário e que não faltam estatísticas e reportagem sobre isso. No entanto, é diferente quando a voz que denuncia a miséria vem de dentro da miséria.</p> <p>Apresenta passagens em que Carolina demonstra a crença no poder da palavra, “tanto para o mal quanto para o bem” e inocentemente se vê quase que como uma ameaça aos políticos que sabem que ela é uma poetisa e que como poetisa enfrenta a morte quando vê que seu povo escravizado.</p> <p>Este parece ser um tema recorrente na recepção: a reflexão sobre o poder da literatura de transformar o mundo.</p> <p>Os cadernos de Carolina são para o articulista um verdadeiro diário, que serve a ela de consolo, de confidente que a mantém humana em meio de tanta atrocidade. Ou seja, a escrita aparece aqui também como uma espécie de</p>	<p>causa a mecanização do campo.</p> <p>Caracteriza os barracos e discrimina os materiais com os quais eles são feitos, fala da precariedade e dos odores. Depois segue para a caracterização das pessoas: “pessoas de cor de todas as tonalidades e alguns brancos”. E segue caracterizando o barraco de Carolina as camas, móveis e utensílios precários, dando assim a cor local da pobreza.</p> <p>Menciona a preocupação de Carolina com a educação dos filhos em meio a tanta pornografia, alcoolismo, desregramento e indecência. Segundo ela, quem mora na favela não tem infância, juventude ou amadurecimento.</p> <p>Ao final faz uma crítica à política sulamericana e apresenta uma possível ligação do livro dela com o comunismo.</p> <p>Esta parece ser uma referência constante: a revolução russa</p>
---	--	---	---

		<p>salvação. Mas isso só é possível com tão pouca instrução por meio da leitura e de sua ânsia por conhecimento.</p> <p>Descreve como ela enfeita sua escrita com palavras sofisticadas. E faz menção pela primeira vez aos outros gêneros de escrita de Carolina: peça, contos etc.</p> <p>Apresenta algumas passagens de Carolina sobre sua aversão ao casamento, mas permissão ao prazer. O que talvez pudesse ir de encontro a ideias feministas.</p> <p>Outro motivo para essa aversão seria a necessidade de constância de escrita a qual a impediria, segundo a própria autora, de ter qualquer relacionamento.</p> <p>Carolina como uma mulher firme, que não confunde os papéis de esposa e escritora, nem está disposta a sacrificar o segundo pelo primeiro.</p>	
<p>Der Tagespiegel, <b>Chronik einer brasilianischen Negerin</b>(Crônicas de uma negra brasileira), Usch;</p> <p>Eixo Literário</p>	<p>Berlim, 19.08.1962</p>	<p>“O livro é um documento acima de tudo.” O articulista localiza onde o registro foi escrito: num barraco na favela do Canindé e caracteriza quem o</p>	<p>Descreve a situação de precariedade social como o outro lado do desenvolvimento das grandes cidades. Descreve a favela como um lugar onde</p>

		<p>escreveu: uma negra brasileira.</p> <p>Também vê nas palavras de Carolina uma denúncia e, para além disso, o relato torna-se para ele “uma ata judicial”.</p> <p>Segundo ele, o livro deixa-se ler como uma reportagem que inquieta. Não é um relato sobre a vida, mas um relato que reproduz a vida do relator. Um documento que revela um mundo que um olho alheio não teria como ver.</p>	<p>ocorre o escândalo da fome e a miséria social.</p>
<p>Stuttgarter Zeitung, <b><i>Dichterin der Armut – Die Aufzeichnung einer brasilianischen Negerin</i></b>(Poetisa da Pobreza – As anotações de uma negra brasileira), Ana Maria Schmitz;</p> <p>Eixo Literário</p>	<p>Stuttgart, 27.11.1962</p>	<p>A forma de escrita é de uma mulher do povo que quase não frequentou a escola, mas que precisava escrever o que se passava em sua vida para não sucumbir na sua miséria.</p> <p>O fato de Carolina escrever e protestar contra as condições da favela à sua maneira e permanecer incorruptível em meio a tanta precariedade é, aos olhos da articulista, impressionante.</p> <p>Ela se utiliza de citações da autora para demonstrar a monotonia do tema da fome, mas também passagens de contemplação da natureza e de alegria.</p> <p>Aqui, também sua</p>	<p>Descrição de Carolina como uma mulher negra do Brasil, uma mulher incomum, portadora de uma boca sensível e triste que já engoliu muita amargura; de olhos tristes e sábios que veem exatamente o que acontece no mundo.</p> <p>O amor de Carolina pela sua pátria desde criança quando deseja ser homem para defender o país nas batalhas, faz com que ela denuncie os governantes e aconselhe o povo a nunca desistir de tentar melhorar o país para as próximas gerações.</p> <p>Está clara a perspectiva da mulher nesta resenha: sua posição secundária em relação aos</p>



		<p>infância em Minas Gerais parece importar, bem como, o fato de ela, já desde cedo, querer ser professora e ter apreço pelo conhecimento.</p> <p>Cita o prefácio de Audálio Dantas quando ele apresenta Carolina como uma colega de trabalho, única capaz de produzir tal relato e de retirar tanta beleza da triste miséria.</p> <p>Ao final considera o livro uma leitura obrigatória aos governantes e se pergunta se ele daria um pontapé inicial em reformas ou seria somente uma sensação literária.</p> <p>Apresentar uma autora: mais sensível, com o uso de metáforas. Será que é porque se trata de uma mulher escrevendo sobre outra?</p> <p>O próprio Audálio duvida do poder da literatura em mudar as coisas. Interessante é que ele separa as coisas: o livro é documental, sim, mas nenhum repórter teria escrito dessa forma. Há aqui o reconhecimento da diferença entre documentar, de um</p>	<p>homens, sua impotência para mudar as coisas</p> <p>Interessante que, até aqui, parece impossível para os articulistas admitirem que uma negra favelada poderia escrever uma obra. Ato falho? Para que adjetivar? Isso não diz um pouco, também, sobre a forma como esses articulistas enxergam a coisa?</p>
--	--	---	--

		lado, e documentar com sensibilidade, com literariedade.	
Frankfurter Heft, <i>In den Favelas</i> (Nas Favelas), Regina Bohne;	Frankfurt, 1963	<p>É a resenha que mais destoa. Ainda assim não deixa de constatar logo no início o sucesso mundial do livro. No entanto, considera o sucesso um tanto arrebatador e estonteante.</p> <p>Na realidade a articulista vê no sucesso da obra algo terrivelmente vergonhoso e assustador e questiona se realmente o conteúdo do livro traz novidades, pois segundo ela, há muito já é sabido que em grandes cidades, não somente no Brasil, existem na periferia cidades de barracos feitos de papelão e latão. Cita Danilo Dolce que escreve sobre os bairros de miséria no sudeste da Sicília.</p> <p>Cita as rejeições que os cadernos de Carolina sofreram antes da publicação proporcionada pela influência de Audálio Dantas.</p> <p>Questiona a posição dos críticos que veem nas anotações de Carolina belezas literárias. Para ela não se trata de literatura, mas, nada além de uma leitura monótona.</p>	<p>Interessa-se em saber como estaria Carolina depois da fama, morando em uma casa de alvenaria. Como falaria, se estaria ajudando seus ex-companheiros de miséria, se os filhos estariam na escola e se um dia iriam a faculdade. Se estaria escrevendo outro livro sobre o seu novo entorno.</p> <p>Questiona se a situação das favelas realmente já não era conhecida pelos governantes e fala da corrupção dos políticos na América Latina.</p> <p>Alega que Carolina quase não denuncia mesmo sabendo da situação de suas autoridades. Não vê denuncia nos relatos de Carolina, que segundo ela está muito ocupada com sua fome e luta diária. E utiliza como argumento citações de Carolina.</p> <p>Certa ironia. Depois de ganhar dinheiro, será que Carolina se manteria fiel à sua origem ou faria como todos os outros, políticos inclusive, e daria as costas a ela?</p> <p>Referência à Itália, que funciona no imaginário alemão</p>

		<p>Ao final critica o pós-facio do tradutor e o considera estupidamente instrutivo (dummerhaftig-belehrend) e superficial, pois não se trata de um problema exclusivamente brasileiro.</p> <p>Resenha destoa. Tom de ironia. A articulista parece ter uma visão mais realista das coisas. De uma certa forma, ela desmascara uma certa hipocrisia presente em outras resenhas: qual a novidade disso? Seria preciso refletir melhor sobre o porquê de ela não considerar o livro literatura. Acho que pelas razões que expus antes: só é literatura porque foi uma favelada negra quem escreveu?</p> <p>Tentativa de desmascarar uma hipocrisia: não sabíamos de tudo isso? No entanto, a articulista reconhece alguns traços (positivos) da obra: grob, zudringlich, haargenau (características do relato)</p>	<p>como via de mão dupla: foi fonte de inspiração para tantos artistas e escritores e é, ao mesmo tempo, o lado pobre, bagunçado, corrupto ...</p>
<p>Frankfurter Allgemeiner Zeitung (FAZ) <b>Favelas, Sambas, Candomble</b> – <b>Zwei Taschenbücher aus Brasilien</b> (Favelas,</p>	<p>Frankfurt, 05.06.1984</p>	<p>Além do texto de Carolina, a resenha trata também de um texto do romanista Kay-Michael que escreve sobre Candomblé além de</p>	<p>Relata sobre a criminalidade crescente nas ruas das grandes cidades brasileiras, que segundo ele, acabou com o sonho de um</p>

<p>Sambas, Candomblé – dois livro de bolso do Brasil), Karsten Garscha;</p>		<p>Carolina.</p> <p>Menciona a republicação da tradução da obra depois de 20 anos da primeira tradução e fala da autenticidade da obra. Considera o título da tradução abstrato de forma a não dar conta da intensidade do conteúdo do livro.</p> <p>Descreve como Carolina encontra no lixo os cadernos, suporte de sua escrita, em um português rudimentar, sobre sua luta pela sobrevivência.</p> <p>Não deixa de falar da importância de Audálio Dantas para a publicação e sucesso da obra, sem omitir, no entanto, a morte de Carolina praticamente na mesma miséria na qual ele a encontrou.</p> <p>Faz comparações entre as descrições cruas de Carolina e o filme “Orfeu Negro” de Camus que, segundo ele, embeleza a pobreza da Favela. Elogia a trilha sonora do filme feita por Vinícius de Moraes e aproveita para mencionar que ele, assim como autores populares foi embaixador do Brasil na França,</p>	<p>país das possibilidades infinitas como Stefan Zweig.</p>
---	--	---	---

		<p>talvez tentando tecer um paralelo com a trajetória de Carolina.</p> <p>A literatura que revela com crueza a realidade e o filme que embeleza e vende uma imagem falsa.</p> <p>Faz uma crítica relacionada com o tempo: relatos gravados em fitas cassete que, depois de transcritos, são vendidos como uma nova forma de "literatura realista". Não sei se dará tempo de você pesquisar um pouco sobre outros relatos desse tipo que viraram livros.</p>	
<p>Editora VSA, (Linke Literatur) - <b>Carolina Maria de Jesus</b> in: Brasilien. Ein politisches Reisebuch (Brasil, um diário de viagem político), Hart/Ramalho (Hrg.), Moema Parente Augel;</p> <p>Eixo Político-Social</p>	<p>Hamburgo, 1989</p>	<p>Trata-se aqui de uma perspectiva que escolhe começar a contar a trajetória de vida de Carolina pela morte, tão miserável quanto nasceu.</p> <p>Utiliza-se de citações da própria autora para exemplificar sobre a função, talvez libertadora de sua escrita.</p> <p>Menciona o terceiro livro (póstumo) de Carolina que fala sobre sua infância.</p> <p>Entende a escrita de Carolina como um consolo, um alívio para a insatisfação. Fala do reconhecimento da</p>	<p>Utiliza 'schwarz' (preta) de uma forma interessante: não somente como uma característica física da autora, mas também social quando junta os adjetivos preta e paupérrima.</p> <p>Descreve a trajetória desde Minas Gerais onde nasceu até chegar à favela e começar a escrever. Faz questão de citar mais de uma vez o quanto Carolina não queria estar na favela.</p> <p>Para a articulista, Carolina virou tema das manchetes. É vítima e heroína. O livro mexe com o mundo burguês e ao mês mo tempo</p>

		<p>obra como um documento e testemunho sobre o lado sombrio do paraíso tropical, um grito de denúncia jamais feito.</p> <p>A forma de escrita sem adorno e afiada é um diferencial e utiliza citações da própria autora para exemplificar isso, bem como a precariedade da favela e o desprezo político.</p> <p>Usa passagens do livro mais brandas e de contemplação da natureza para demonstrar que apesar de tudo Carolina via coisas boas na vida.</p> <p>Descreve o encontro de Carolina com Audálio Dantas, a visita dele ao barraco dela e o conteúdo dos cadernos escritos que ela mostra a Audálio: anotações de diário, poemas e contos.</p> <p>Menciona como o jornalista prepara o público escrevendo reportagens sobre Carolina antes da publicação da obra que faria de Carolina uma mulher famosa de uma hora para outra em 1960. Fala do sucesso de venda e tradução.</p> <p>Segundo ela, enquanto fenômeno</p>	<p>levanta-se um grito de indignação. Inicia-se o saneamento das favelas.</p> <p>Há aqui uma revisão histórica e política do momento de lançamento do livro, o qual a resenhista afirma ter sido propício para manifestações sociais, principalmente quando elas vêm de dentro.</p> <p>Passada a fama, Carolina volta as ruas e oferece seu livro aos que caminhavam por ali mas ninguém a conhecia mais. Em 1977 morre desconhecida e pobre.</p> <p>Fala da situação dos filhos e netos que têm a possibilidade de uma vida melhor, de estudar, casar-se e morar em casa de alvenaria, mas não há resquícios mais da vida de fama de Carolina. Também fala da atualidade das descrições de Carolina e apresenta alguns números de desnutridos e de moradores das favelas.</p>
--	--	---	--

		<p>literário, Carolina foi aclamada, honrada e explorada.</p> <p>Menciona a queda de interesse pelo livro depois da 9 edição. A 10ª edição só saiu em 1983 e depois não mais, até hoje.</p> <p>Fala da falta de interesse pelo segundo livro “Casa de alvenaria” onde ela escreve sobre sua experiência entre os ricos e brancos. Mas segundo a articulista o livro não tinha a mesma dramaticidade do primeiro e não satisfazia a sede voyerista dos leitores. No entanto, o livro é segundo ela, tão surpreendente quanto o primeiro.</p> <p>Menciona ainda que antes de morrer ela dá a uma jornalista francesa os manuscritos de um terceiro livro que viria ser lançado primeiramente na França (1982) e depois no Brasil (1986): Diário de Bitita que conta da infância dela em Minas gerais.</p>	
<p>Sonntagsblatt, <b>50 000 in Bretterbuden</b> (50 000 em barracos), Eva Sielaff;</p> <p>Eixo Político-Social</p>	<p>Hamburgo, 08.04.1996</p>	<p>Pra ela o que difere Carolina dos demais da favela é o fato de ela escrever. O resultado dessa escrita, dos cadernos publicados</p>	<p>Assim como as outras resenhas, a articulista se utiliza muito de citações da própria Carolina para descrever a precariedade que</p>

		<p>com ajuda de um jornalista (que ela não cita o nome) é um documento chocante com palavras amargas escritas por uma “negra que teve a sorte de aprender a ler e escrever”. O imenso sucesso do livro tirou Carolina da Favela e o destino dela movimenta mais gente do que as estatísticas. “Por mais absurdo de seja: tem-se a sensação de estar salvando ela da favela quando lemos seu livro”.</p>	<p>cerca Carolina na Favela. Há aqui também uma necessidade de determinar a cor da autora. Descreve a favela e outros bairros de miséria do Brasil, a falta de saneamento básico e a precariedade da moradia em barracos. (...)</p>
<p>Süddeutscher Zeitung, <b>Report aus dem Elend</b> (Relato da miséria), Roland Ziersch; Político-Social e Literário</p>	<p>Munique, 09.09.1996</p>	<p>É num momento (anos 60) de explosão de interesse por questões sociais que um jornalista “se depara com a negra Carolina”, uma escritora amargurada, segundo o articulista, que já havia enviado seus escritos a uma revista norte-americana.</p> <p>Menciona o sucesso do livro, graças ao jornalista que não hesitou em mostrar ao mundo os escritos de Carolina e descreve o conteúdo do livro como uma obra que trata da fome e da miséria e mostra quanto desprezo o ser humano pode aguentar. Menciona os cortes que o</p>	<p>Diferencial nesta resenha é que além de culpar os governantes pelo descaso com os pobres ele também fala das questões de raça envolvidas, resultados da colonização. Fala da visão dos moradores de bairros ricos próximos a favela. Para eles melhor seria que não vivem mais...</p> <p>as explicações que os articulistas buscam para explicar a miséria: comparações com revoluções europeias (proletariado), com a colonização, com características de um povo (os italianos) etc.</p> <p>Faz menção às preocupações com as classes</p>



		<p>jornalista (também aqui sem nome) faz no livro para publicação e a forma de escrita de Carolina, as repetições que, segundo ele, não podem ser colocados na mesma medida de uma prosa artística. No entanto, ele afirma que o jornalista fez certo em não reescrever o texto de Carolina, pois somente assim, pode-se ter “uma imagem da bonita personalidade feminina dela, com todas as fraquezas e fortalezas”. Um diferencial para essa resenha</p>	<p>desprivilegiadas a partir da metade do século XX. Dos governos populistas que aos poucos transformaram os barracos da favela em casas de alvenaria, da mídia que começa cada vez mais a denunciar a precariedade dos bairros de miséria etc.</p>
--	--	--	---